UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

MILENA BORGES DE MORAES

Estudo semântico-lexical do códice oitocentista *Memoria Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso*

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2016

MILENA BORGES DE MORAES

Estudo semântico-lexical do códice oitocentista *Memoria Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Mm827e
e

Moraes, Milena Borges de
Estudo semântico-lexical do códice oitocentista Memoria Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso / Milena Borges de Moraes ; orientador Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida. - São Paulo, 2016.
197 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Manuscrito oitocentista. 2. Léxico. 3. Português falado em Cáceres (MT). 4. Estudo semântico-lexical. 5. Manutenção, desuso e neologismo semântico. I. Santiago-Almeida, Manoel Mourivaldo , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MORAES, Milena Borges de. **Estudo semântico-lexical do códice oitocentista Memoria Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso.** 2016. 197 f.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Aprovada em: 04/03/2016

Banca examinadora:

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - Presidente (FFLCH - USP)

Ieda Maria Alves - Titular (FFLCH - USP)

Vanessa Martins do Monte - Titular (FFLCH - USP)

Leiser Baronas - Titular (USFACar - Externo)

ELias Alves de Andrade - Titular (UFMT - Externo)

Dedico à minha família, em especial, aos meus pais, Antenor e Armelinda; às minhas irmãs, Raqueline, Weina e Fabrícia; e aos meus sobrinhos, Jakeline, Brenna, Jackson, Matheus e Vitória (nascitura), pela segurança, respeito, confiança e torcida incondicional. O apoio e o carinho de vocês revigoraram-me nos momentos difíceis desta trajetória em que me senti frágil e insegura. A vocês, minha gratidão e amor!

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pela generosidade em possibilitar-me a realização de meus propósitos com saúde e sabedoria.

Ao *professor Mourivaldo*, cuja a erudição admiro, pelo profissional e ser humano que é, pela acolhida, confiança e afeto; pelos ensinamentos atentos, pacientes e cuidadosos; inspiração a trilhar o mundo científico da filologia e língua portuguesa.

Ao *professor Roberto*, pela confiança que depositou em mim desde o início da minha formação acadêmica e contribuições feitas a esta pesquisa no exame de qualificação.

À *professora Ieda*, por ter despertado em mim o interesse acadêmico pelo mundo do léxico, dos "deslimites" das palavras; e pela leitura do texto de qualificação e contribuições.

Aos *professores cujas disciplinas cursei* durante o doutorado, pelas preciosas inferências na construção do meu saber.

À *Rejane*, pela amizade acolhedora, paciente e sincera, fortalecida para além do doutorado; e orientações que se estendem desde o início do meu percurso acadêmico.

À *Maristela*, pela amizade, escuta e conselhos.

À *família Pagel*, pelos conselhos e ensinamentos sobre pesquisa de campo; pela dedicação à formatação da minha tese; pelo acolhimento amoroso durante o longo período de pesquisa, muito obrigada.

À *Celciane*, pela atenção e disponibilidade.

À *Eloisa*, pela contribuição valorosa e paciente na formatação da tese que, a meu ver, precisariam de horas para solucionar alguns "probleminhas" que surgiam, e, na opinião dela, necessitavam apenas de dez segundos.

À *professora Vanessa Monte*, pela atenção e contribuição bibliográfica.

Ao *professor João* - curso de História da UNEMAT, pela contribuição bibliográfica.

À *diretora, professores, funcionários e alunos* da escola Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja) Professor Milton Marques Curvo, em Cáceres, que me fizeram uma acolhida calorosa, respeitosa e profissional.

À *Universidade do Estado de Mato Grosso*, pelos três anos de afastamento, o que me permitiu dedicar exclusivamente à pesquisa e à escrita desta tese.

À *FAPEMAT*, ao *Estado de Mato Grosso*, ao *contribuinte/sociedade mato-grossense*, pelo financiamento concedido por meio da bolsa de doutorado para a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço aos *dezesseis informantes* que tão bem me receberam e muito contribuíram para a realização dessa pesquisa, possibilitando-me, ainda, conhecer a língua, cultura, história do povo cacerense.

Retrato do artista quando coisa (Barros, Manoel de. 1998, p. 77)

A menina apareceu grávida de um gavião.
Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.
A mãe disse: Você vai parir uma árvore para a gente comer goiaba nela.
E comeram goiaba.
Naquele tempo de dantes não havia limites para ser.
Se a gente encostava em ser ave ganhava o poder de alçar.
Se a gente falasse a partir de um córrego a gente pegava murmúrios.
Não havia comportamento de estar.
Urubus conversavam auroras.
Pessoas viraram árvores.
Pedras viraram rouxinóis.
Depois veio a ordem das coisas e as pedras têm que rolar seu destino de pedra para o resto dos tempos.
Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas.
As palavras continuam com seus deslimites.

RESUMO

MORAES, Milena Borges de. **Estudo semântico-lexical do códice oitocentista Memoria Sobre o Plano de Guerra Offensiva e Deffensiva da Capitania de Matto Grosso.** 2016. 197 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

Esta tese, com o intuito de contribuir para uma reflexão em torno da história da formação da língua portuguesa no Brasil, propõe como objetivo geral realizar um estudo do léxico no município de Cáceres-MT, tendo como base a discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico de unidades lexicais extraídas de um manuscrito oitocentista. Os objetivos específicos são os seguintes: (i) compreender a história social da Capitania de Mato Grosso e do município de Cáceres, a partir das informações constantes no manuscrito *Memoria*, e aspectos que envolvam as condições de produção do documento e a biografia do autor; (ii) levantar o léxico do manuscrito, com recorte nos substantivos e adjetivos para servir de base na seleção das unidades lexicais a serem testadas *in loco*, e investigar a acepção registrada no documento das unidades lexicais, caracterizando, assim, o léxico do período oitocentista; (iii), fazer um cotejo lexicográfico abrangendo dicionários gerais dos séculos XVIII ao XXI; (iv) testar e identificar, a partir do *corpus* oral constituído por meio de pesquisa de campo na região urbana cacerense, o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico em relação às unidades lexicais e suas respectivas acepções registradas no manuscrito. Dessa forma, toma-se como *corpus* de língua escrita de análise o manuscrito oitocentista *Memoria sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da Capitania de Matto Grosso* e, a partir das unidades lexicais selecionadas e extraídas dele, realizou-se a pesquisa de campo para o recolhimento do *corpus* de língua oral. Antes dessa recolha, tendo como base teórico-metodológica as disciplinas de Dialetologia e de Geolinguística, selecionou-se a localidade (município de Cáceres - MT) e os informantes (total de dezesseis); elaborou-se o questionário semântico-lexical, considerando fundamentalmente a proposta apresentada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001); e realizou-se a pesquisa de campo e as transcrições das entrevistas. Para análise de natureza semântico-lexical dos *corpora*, recorreu aos estudos lexicográficos e lexicológicos. Tomando por base os resultados do estudo realizado, constatou-se que na realidade linguística do informante cacerense encontram-se unidades que já integravam o léxico oitocentista da língua portuguesa escrita no Brasil, ou seja, há uma memória semântico-lexical que se mantém no sistema lexical,

provavelmente, devido às condições sócioculturais do município de Cáceres, Mato Grosso, cuja população, em grande parte, por quase duzentos anos, viveu na área rural. Todavia, vislumbrou-se um certo equilíbrio entre a manutenção do léxico oitocentista sem deixar de lado a inovação e o mecanismo polissêmico constitutivo do léxico.

Palavras-chave: Manuscrito oitocentista. Léxico. Português falado em Cáceres (MT). Estudo semântico-lexical. Manutenção, desuso e neologismo semântico.

ABSTRACT

MORAES, Milena Borges de. **A Lexical-Semantic Study on the Eight-Hundredth Codex *Memoria sobre o plano de Guerra offensive e deffensiva da Capitania de Matto Grosso* [Memoir on the Offensive and Defensive War Plan of Matto Grosso Captainship]** 2016. 197 f. Thesis (Doctoral Studies) – Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo. 2016.

This thesis aims to contribute for a reflection on the history of Brazilian Portuguese language formation by proposing a study on the lexicon in the municipality of Cáceres, State of Mato Grosso, based on a discussion on the maintenance, the tendency to maintain, the disuse, the tendency to disuse and the semantic neologism of lexical units extracted from an eight-hundredth manuscript. The specific goals of the study are the following: (i) understand the social history of the Mato Grosso Captainship and the municipality of Cáceres from the information available in the manuscript *Memoria*, and from aspects involving the conditions of production of the document and the author's biography; (ii) survey the lexicon of the manuscript, taking nouns and adjectives as the basis in the selection of lexical units to be tested *in loco* and investigate the meaning of lexical units registered in the document, thus characterizing the lexicon of the eight-hundredth period; (iii) carry out a lexicographical comparison including general dictionaries from the 18th to 21th centuries; (iv) test and identify, from the oral corpus built through the field work in the urban region of Cáceres, the degree of maintenance, the tendency to maintain, the disuse, the tendency to disuse and the semantic neologism regarding the lexical units and their respective meanings recorded in the manuscript. FFIn In order to achieve these goals, we take the eight-hundredth manuscript *Memoria sobre o plano de Guerra offensive e deffensiva da Capitania de Matto Grosso* [Memoir on the Offensive and Defensive War Plan of Matto Grosso Captainship] as a written language corpus for analysis and from the lexical units extracted and selected from this work we carried out field work to collect an oral language corpus. Before collecting this material, the courses Dialectology and Geolinguistics were used as theoretical and methodological basis for the selection of the site (municipality of Cáceres, State of Mato Grosso) and the informants (a total of sixteen). We then prepared a semantic-lexical questionnaire essentially considering the proposal presented by the National Project Committee (ALiB, 2001) and carried out the field research and the transcription of the interviews. Lexicographical and lexicological studies were used in the analysis of the lexical-semantic nature of the corpora. Building on the results of the study, we found out that the linguistic reality of the Cáceres informant showed units already comprised in the eight-hundredth lexicon of written

Portuguese language in Brazil, that is, there is a semantic-lexical memory remaining in the lexical system, probably due to the sociocultural conditions of the municipality of Cáceres, State of Mato Grosso, where, for almost two hundred years, most of the population lived in the rural area. Nonetheless, a certain balance between the maintenance of the eight-hundredth lexicon was conceived without leaving aside innovation and the polysemic mechanism constituting the lexicon.

Keywords: Eight-hundredth Manuscript. Lexicon. Portuguese spoken in Cáceres (MT). Lexical-semantic study. Maintenance, disuse and semantic neologism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Unidades lexicais: substantivos.....78

Quadro 2 - Unidades lexicais: adjetivos.....78

Quadro 3 - Unidades lexicais selecionadas para análise semântico-lexical: substantivos.....80

Quadro 4 - Unidades lexicais selecionadas para análise semântico-lexical: adjetivos.....81

Quadro 5 - Variáveis: escolaridade, sexo e faixa etária 90

Quadro 6 - Perfil dos informantes entrevistados 90

Quadro 7 - Distribuição das unidades lexicais de acordo com o uso dos informantes 152

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da rede de pontos do Centro-Oeste 21

Figura 2 - Medalha Coronel Ricardo Franco Almeida Serra 27

Figura 3 - Página de rosto do manuscrito *Memoria* 32

Figura 4 - Mapa da América portuguesa antes e depois do Tratado de Madri 38

Figura 5 - Mapa da monção do norte 40

Figura 6 - Mapa das monções do sul 47

Figura 7 - Imagem de Cáceres no século XVIII 70

Figura 8 - Mapa de Cáceres na atualidade 74

GRÁFICO

Gráfico 1 - Distribuição percentual das categorias mobilizadas.....156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**

CAPÍTULO I - *CORPUS* ESCRITO *MEMORIA*: CARACTERÍSTICAS CONSTITUTIVAS **24**

1.1 RICARDO FRANCO: BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA 25

1.2 APONTAMENTOS CODICOLÓGICOS E PALEOGRÁFICOS DO MANUSCRITO 27

1.3 CARACTERÍSTICAS DO(S) GÊNERO(S) 29

1.4 HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA (1700 A 1800), DA CAPITANIA DE MATO GROSSO E DE VILA MARIA DO PARAGUAI NA PERSPECTIVA DO MANUSCRITO *MEMORIA* 33

1.4.1 INTRODUÇÃO **34**

1.4.3 POPULAÇÃO PORTUGUESA, POPULAÇÃO ESPANHOLA E GOVERNO DO PARAGUAI 50

1.4.4 PLANO DE GUERRA **54**

1.4.5 CONCLUSÃO **63**

1.5 VILA MARIA DO PARAGUAI (CÁCERES) 67

CAPÍTULO 2 - CONSTITUIÇÃO E TRATAMENTO DOS *CORPORA* DAS LÍNGUAS ESCRITA E ORAL: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS **75**

2.1 LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DAS UNIDADES LEXICAIS A SEREM TESTADAS *IN LOCO* - *CORPUS* ESCRITO 75

2.2 INSTRUMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO - *CORPUS* ORAL 81

2.2.1 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA **81**

2.2.2 NOTAS SOBRE A LOCALIDADE **86**

2.2.3 QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL **87**

2.2.4 INFORMANTES **89**

2.2.5 PESQUISA DE CAMPO E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS **91**

CAPÍTULO 3 - APONTAMENTOS ANALÍTICOS SEMÂNTICO-LEXICAIS DOS *CORPORA* **92**

3.1 LÉXICO E SEUS DESDOBRAMENTOS 92

3.2 CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL.. 99

3.3 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL 101

3.3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS **101**

3.3.2 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DAS UNIDADES LEXICAIS INVESTIGADAS **102**

CONCLUSÃO **155**

REFERÊNCIAS **160**

ANEXO **168**

ANEXO A - FICHA DO INFORMANTE **168**

APÊNDICE **169**

APÊNDICE A - LISTA COMPLETA DE FORMAS EXTRAÍDAS DO MANUSCRITO *MEMORIA* POR MEIO DO PROGRAMA DE ESTATÍSTICA TEXTUAL "LÉXICO 3". **169**

INTRODUÇÃO

Ancorado no Projeto de Pesquisa *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*[1], que, por sua vez, é parte do *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP, Projeto Caipira 2)[2], bem como faz relação com o projeto *Para a História do Português Brasileiro - MT (PHPB-MT)*[3], cujo objetivo em comum é contribuir para a reflexão em torno da história da formação da língua portuguesa no Brasil, o presente estudo emergiu com o intuito inicial de contribuir sobremodo, por um lado, para fazer avançar as pesquisas que têm o português diacrônico como objeto de estudo, explicitando, no caso específico de Mato Grosso, os componentes sócio-políticos que atuaram na formação histórica da língua portuguesa em uso no Estado, e, especificamente, no município de Cáceres.

Por outro lado, a presente pesquisa, dado o valor histórico e heurístico do manuscrito tratado como *corpus* escrito, poderá servir de subsídio para a explicitação da história política de Mato Grosso, evidenciando aspectos ainda não conhecidos da história mato-grossense. Ademais, poderá se constituir num rico arquivo para a elaboração de cursos de aperfeiçoamento de professores e de material didático a ser utilizado nas escolas de ensino

---

[1]Este projeto, coordenado pelo professor Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, tem por objetivo compreender os processos de manutenção e mudança da língua portuguesa que se expandiu para as regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil, pelos caminhos das águas do rio Tietê, antigo Anhembi, dentre outras vias fluviais e terrestres. Para isso, toma por base aspectos linguísticos materiais de seu funcionamento, bem como de sua história e de seu contexto social, pressupondo que os fenômenos linguísticos são indissociáveis da cultura e do funcionamento social (incluindo aspectos etnográficos e do imaginário) nos quais estão integrados.

[2] O PHPP-Projeto Caipira 2, também coordenado pelo professor Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, é um conjunto articulado de Subprojetos situados na Área da Linguística Histórica do Português e, portanto, na linha de pesquisa Estudos Diacrônicos e Sincrônicos do Português, centrados nos objetivos de (a) coletar, organizar e disponibilizar *corpora* diacrônicos do Português Paulista, de modo a apoiar pesquisas sobre essa variedade; (b) analisar tais *corpora* em três eixos: (i) estudo da variação e mudança gramatical, dos ângulos funcionalista; (ii) estudo da formação das variedades culta e popular e da difusão da popular na região do Médio Tietê, paralelamente ao traçado sócio-histórico do Português Paulista; e (iii) estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual, sob as perspectivas crítico-discursiva e textual-interativa. Assim estruturado, o PHPP pretende promover um diálogo entre teorias linguísticas, indispensáveis nas pesquisas contemporâneas da Linguística Histórica. O projeto constitui-se a partir do chamado Projeto para a História do Português de São Paulo, proposto, organizado e coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, em 1975, na USP. Desde então, o Projeto expandiu-se pelo país, com o envolvimento de equipes regionais, dando origem ao atual Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), de que participam, além de São Paulo, mais 14 Estados. Atualmente, o PHPP conta com auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP e também do CNPq.

[3] Este projeto, coordenado pelo professor Elias Alves de Andrade, está articulado com o projeto temático Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Seu objetivo é o de analisar aspectos linguísticos, históricos e socioculturais que serviram de base para a formação e expansão do português trazido a Mato Grosso pelos bandeirantes paulistas. Tem por objeto material impresso ou manuscrito, antigo ou moderno, produzido em Mato Grosso a partir do século XVIII, pertencente ao Arquivo Público de Mato Grosso, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e demais acervos, civis ou religiosos, assim como em outros acervos no Brasil ou no exterior. Poder-se-á recorrer também, eventualmente, a material oral coletado na região de Cuiabá e Mato Grosso de então, assim como em todo o atual estado de Mato Grosso. Trata-se de projeto interinstitucional desenvolvido entre a UFMT e a UNEMAT.

fundamental e médio do Estado, sobretudo, nas disciplinas de Língua Portuguesa e História, dos pontos de vista intra e extra disciplinarmente.

A escolha, então, do manuscrito oitocentista *Memoria sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da Capitania de Mato Grosso* (*Memoria*) como *corpus* de língua escrita deste trabalho ocorreu devido à relevância histórica e social para o Estado de Mato Grosso, bem como de seu valor linguístico, que se apresenta no âmbito nacional, de modo a constituir-se em um *corpus* que pudesse fornecer elementos do estado do português oitocentista da língua escrita na então Capitania de Mato Grosso, sendo essa não exclusiva do português brasileiro, mas do português escrito no Brasil, e, por hipótese, difundida.

De acordo com Oesterreicher (2012, p. 79), dentre os pontos teórico-metodológicos apresentados que não podem ser ignorados por linguistas interessados numa investigação diacrônica, encontra-se a existência dos manuscritos, pois o não uso deles pode influenciar "de maneira decisiva e fatal os resultados das investigações linguísticas", produzindo "uma imagem incompleta e, por vezes, muito problemática do conjunto de processos comunicativos da época". Nesse sentido, ao trabalharmos com fase pretérita da língua portuguesa, de que não dispomos de gravação nem temos acesso aos falantes, a escrita representa um estado de língua passado. Os manuscritos, por sua vez, como parte da história da humanidade, presentes por muito tempo na esfera particular e na administração pública, considerados então um patrimônio histórico linguístico, um legado que a história deixou, podem ser usados para a busca do conhecimento sobre a história das línguas.

Dessa forma, além de trazer para o presente elementos da história social mato-grossense no final do século XVIII, o manuscrito em estudo representa parte da memória linguística daquela Capitania, importante para o conhecimento do estágio atual da língua portuguesa falada no município de Cáceres, MT, Brasil. Santiago-Almeida (2013, p. 27) observa que as memórias, cultural e linguística, a partir de um olhar cuidadoso, "podem possibilitar a (re)interpretação de conceitos e preconceitos que são, às vezes, ditados como dogmas ou verdades absolutas".

Nesse sentido, a utilização de um manuscrito para realizar um estudo com ênfase no léxico diacrônico centrado na língua escrita no Brasil do final do século XVIII e na língua falada na comunidade de Cáceres, Mato Grosso, século XXI, pode contribuir para a reconstrução histórica e descrição do português em Mato Grosso, a partir do seguinte objetivo geral: realizar um estudo do léxico no município de Cáceres-MT, com base em uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico de unidades lexicais extraídas do manuscrito oitocentista *Memoria*; buscando,

assim, compreender o estado de língua escrita no final do século XVIII e seus ecos na variedade portuguesa falada em Cáceres e, por extensão, no Brasil.

No que diz respeito aos objetivos específicos, trilhamos os seguintes: (i) compreensão da história social do Estado de Mato Grosso e do município de Cáceres, a partir das informações constantes no manuscrito *Memoria*, aspectos que envolvam as condições de produção do testemunho e a biografia de Ricardo Franco; (ii) levantamento do léxico do manuscrito, com recorte nos substantivos e adjetivos, e investigação da acepção registrada no manuscrito das unidades lexicais, caracterizando, assim, o léxico do período oitocentista; (iii) cotejo lexicográfico abrangendo dicionários gerais dos séculos XVIII ao XXI; e (iv) teste/identificação, a partir do *corpus* oral constituído por meio de pesquisa de campo na região urbana cacerense, do grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico em relação às unidades lexicais e suas respectivas acepções registradas no manuscrito *Memoria*.

A partir de uma abordagem semântico-lexical do léxico oitocentista do manuscrito *Memoria*, e em circulação em terras cacerenses desde essa época, conforme nos induz a história social subjacente no manuscrito e do próprio município em estudo, partimos da hipótese de que o léxico, nível linguístico mais transparente da língua, considerado um sistema aberto, mais apto à variação e à mudança, mesmo em seu processo de inovação, conserva muita memória, muita resistência semântico-lexical no contexto de uso dos falantes cacerenses nos dias atuais.

Assim, do ponto de vista da linguística, são pertinentes pesquisas que demonstrem a inovação da língua portuguesa, sendo, no entanto, também preciso observar que há uma memória semântico-lexical que permanece no sistema lexical, provavelmente devido às condições socioculturais, principalmente em regiões interioranas.

De acordo com Cunha (1986), em *Conservação e inovação do português do Brasil*, as condições socioculturais em que se desenvolveu a língua portuguesa no Brasil, principalmente em regiões interioranas, foram mais propícias à conservação ou manutenção do que à renovação de suas formas. Isso devido ao fato de ter

> [...] vivido mais de trezentos anos sem contato duradouro com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, e com pouquíssimas escolas, o Brasil foi alcançando nesse vasto período algumas das etapas que conseqüentemente levam os povos aos estados lingüísticos paralisantes. Esse imobilismo cultural e, conseqüentemente, idiomático é ainda muito sensível nas regiões interioranas, onde continuam a existir populações marginalizadas dos próprios acontecimentos históricos. (CUNHA, 1986, p. 202-203).

Levando-se em conta essa situação linguística descrita por Cunha (1986), no caso de Mato Grosso, as condições socioculturais não eram diferentes daquelas evidenciadas por esse autor, no momento em que oficialmente iniciou a colonização da referida região no início do século XVIII a partir da chegada dos bandeirantes paulistas em busca, em primeiro lugar, de índios que eram vendidos como mão-de-obra escrava e, posteriormente, do ouro.

O significativo aumento na população de Mato Grosso, devido à descoberta do ouro no início do século XVIII, de acordo com Siqueira (2002), provocou a vinda de pessoas de todas as partes do Brasil, todavia, não se sustentando, pois à medida em que ocorreu o enfraquecimento das minas auríferas, o povo foi se dispersando, ocasionando uma certa estagnação, intensificando assim uma condição semelhante a descrita por Cunha (1986).

No que diz respeito à base linguística mato-grossense, foi constituída, em princípio, pela língua portuguesa levada pelos bandeirantes paulistas colonizadores; pela língua portuguesa introduzida pelos sertanistas migrantes; pelas línguas indígenas locais, pertencentes a troncos etnolinguísticos diferentes; pelas línguas trazidas pelos africanos; e pelas variedades existentes nas regiões fronteiriças.

Ainda sobre a questão da conservação ou manutenção de traços antigos da língua portuguesa, é significativo recorrermos aos resultados de observações feitas cientificamente em pesquisas de campo por Santiago-Almeida (2000, 2013) no português da baixada cuiabana. Ao estudar fenômenos do sistema sonoro do português, esse autor constata que o "imobilismo cultural" mencionado por Cunha (1986, p. 203), ainda é favorável para que se encontre nos dias atuais, em regiões do interior brasileiro, como no falar cuiabano, "algumas realizações fonéticas pertencentes a estágios antigos da língua portuguesa – do arcaico ao século XVIII, quase todos comuns também no português popular falado no Brasil" (SANTIAGO-ALMEIDA, 2013 p. 19).

Diante das realizações fonéticas encontradas, Santiago-Almeida (2013, p. 27) ratifica que elas "não podem ser tratadas como processos surgidos exclusivamente em terras brasileiras por conta da sua história social: contexto em que indígenas e africanos falavam o português, introduzindo nele realizações sonoras, lexicais e sintáticas supostamente nunca ditas e ouvidas ou escritas e lidas antes". Essa ratificação remete à ideia simplória e carregada de (pré)conceito que considera negros e índios e seus descendentes como responsáveis pelas variedades ocorridas no português brasileiro.

Dessa forma, acreditamos que a realidade sóciocultural de Mato Grosso ainda pode contribuir para que se encontre no falar cacerense, nos dias atuais, manutenção de unidades lexicais pertencentes a estágio pretérito da língua portuguesa escrita no Brasil.

Propusemos, assim, dar continuidade à discussão sobre a metodologia de coleta de dados que permita vislumbrar ecos da língua portuguesa oitocentista escrita no Brasil e, por sua vez, o caráter conservador e inovador do português brasileiro. Para isso, conforme já explicitado, optamos pelo município de Cáceres, Mato Grosso, para a realização da pesquisa de campo e, consequentemente, local de constituição do *corpus* oral deste estudo.

A escolha do município, para procedermos à investigação de campo, além da razão fundamental de base linguística, fez-se em razão de sua história social e situação geográfica, e por ser um ponto de inquérito selecionado já por Nascentes (1958-1961).

Constatamos que Cáceres faz parte da história social subjacente às condições de produção do manuscrito *Memoria*, no qual há um projeto geopolítico da Coroa Portuguesa de urbanizar o sertão da Capitania de Mato Grosso com a finalidade de permanência, soberania lusa, defesa e expansão de fronteiras territoriais com os espanhóis. Assim, Cáceres foi planejado e criado, em 6 de outubro de 1778, nomeado, em princípio, como Vila Maria do Paraguai, com o referido interesse geopolítico da Coroa em consolidar a fronteira oeste da Capitania de Mato Grosso.

Além da situação geográfica de fronteira, Cáceres se encontra próximo à primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, tornando-se útil também para facilitar a comunicação e estreitar relação comercial entre esse município e Cuiabá.

Por útltimo, alicerçado nos estudos sobre diversidade linguística pensados por Nascentes (1958-1961), que propõe, dentre outros, Cáceres como localidade importante a ser pesquisada na rede de pontos, que este trabalho elegeu a região urbana desse município para a realização da pesquisa de campo. Grande parte da configuração proposta por esse autor foi endossada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). E Cáceres continuou como localidade na rede de pontos, por ser pertinente aos objetivos do Projeto, conforme vislumbrado no mapa a seguir a respeito da rede de pontos do Centro-Oeste, na atualidade.

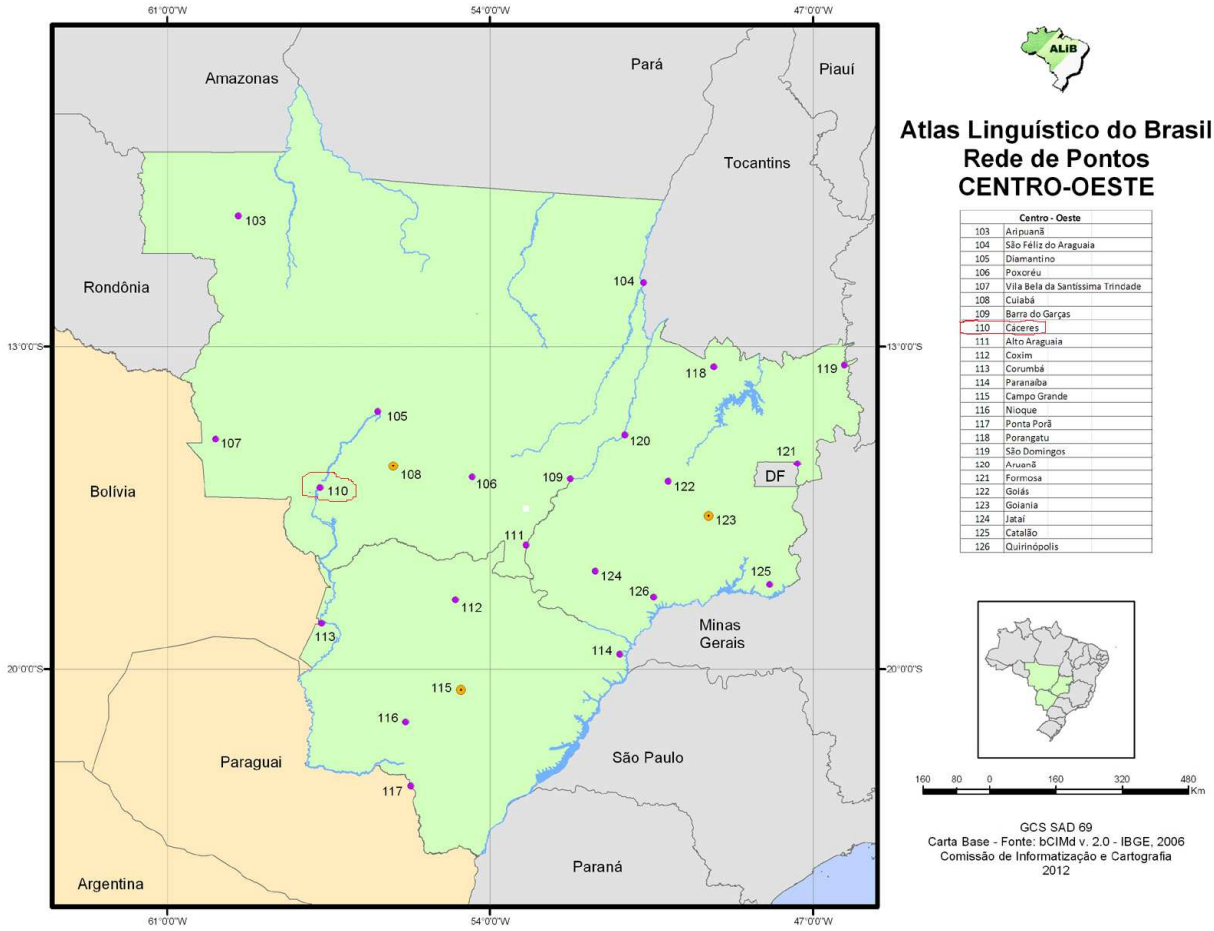

Figura 1: Mapa da rede de pontos do Centro-Oeste
Fonte: http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-centrooeste.jpg. Grifos nossos em vermelho para destacar o município de Cáceres, Mato Grosso.

Em termos teórico-metodológicos para a realização deste estudo, nossa pesquisa é de natureza bibliográfica, documental e de campo, situando-se no viés de investigação da Linguística Histórica, cuja preocupação está voltada aos processos de mudanças das línguas no tempo. E diante dos objetivos propostos em torno de apreender a variedade linguística do português na região oeste de Mato Grosso, Cáceres, mais especificamente no nível semântico-lexical, fez-se necessário dialogarmos com a Dialetologia, e, por extensão, a Geolinguística, e as ciências do léxico, em especial a Lexicologia e a Lexicografia.

A organização estrutural da presente tese, por sua vez, está composta, além da introdução, considerações finais, referências bibliográficas, apêndice e anexo; de três capítulos, cada um tratando, respectivamente, dos seguintes temas:

No Capítulo 1, C*orpus* escrito M*emoria:* características constitutivas, apresentamos, sucintamente, a biografia do autor, Ricardo Franco de Almeida Serra, e descrição do *corpus* escrito de análise, destacando características codicológicas e paleográficas, além do gênero discursivo que o constitui. Também, nesse capítulo, vislumbramos o conteúdo que compõe o

corpus e, sucessivamente, dados sócio-históricos da Colônia (1700 a 1800), da Capitania de Mato Grosso e de Vila Maria do Paraguai[4] subjacentes nele. Conhecermos o manuscrito em questão, o contexto de produção que envolve esse documento, e a região investigada se impõem para que se possa, com maior precisão, compreender as questões de natureza semântico-lexical propostas neste trabalho.

No Capítulo 2, Constituição e tratamento dos *corpora* de línguas escrita e oral: apontamentos teórico-metodológicos, temos a descrição de todo o percurso teórico-metodológico realizado para a constituição dos *corpora* desta pesquisa. Primeiramente, relata-se o procedimento metodológico utilizado para o levantamento e seleção das unidades lexicais e suas respectivas acepções empregadas no manuscrito *Memoria*, constituindo assim o *corpus* de língua escrita que seria testado *in loco.* Inclusive nessa etapa de definição das unidades lexicais que seriam testadas, lançamos mão do uso de duas contraprovas, sendo uma a partir da língua escrita e outra da língua falada. Em seguida, no decorrer do relato do procedimento metodológico adotado na pesquisa de campo, tecemos considerações a respeito da Dialetologia e Geolinguística, principais bases teóricas para a realização dessa etapa.

No Capítulo 3, Apontamentos analíticos semântico-lexicais dos *corpora***,** vislumbramos apontamentos teóricos acerca do léxico, nível linguístico selecionado nesta pesquisa, e alguns conceitos sobre os quais se fundamentam as reflexões presentes na análise dos *corpora.* Além disso, descrevemos os critérios adotados para a definição do que concebemos como manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico, e os procedimentos metodológicos para a realização dos apontamentos semântico-lexicais de análise. Os *corpora* analíticos foram distribuídos em quadros individuais que, por sua vez, estão constituídos com a unidade lexical em análise; a ilustração contextual da definição da unidade lexical por meio de abonação no manuscrito *Memoria;* o registro da acepção buscada; o contexto de utilização das unidades lexicais conhecidas por cada informante; as acepções registradas nos dicionários (a ordem dos dicionários segue o critério cronológico), a saber: *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712 - 1728), de Raphael Bluteau; *Diccionario da Lingua Portugueza* (1813, 2. ed.), de Antonio de Moraes Silva; *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa* (1871 - 1873), de Frei Domingos Vieira; *Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1957, 3. ed.), de

[4] "Villa Maria do Paraguay" foi o nome de criação do atual município de Cáceres, em 1778. Apesar de ter "vila" em seu nome, somente em 1858, Vila Maria do Paraguai foi elevada oficialmente à categoria de vila com o seguinte nome "Vila de São Luis de Cáceres". Em 1874, essa vila foi elevada à categoria de cidade com a denominação "São Luis de Cáceres". A atual denominação, Cáceres, ocorreu em 1938, por meio do Decreto-Lei n. 208, de 26 de outubro de 1938 (MENDES, 2009).

Laudelino Freire; *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975, 1. ed.), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa* (2009), de Antônio Houaiss; e a análise semântico-lexical.

Por fim, reitera-se, nesta tese, que a proposta diretriz que conduziu a pesquisa consistiu em testar um *corpus* de língua escrita, datado de 31 de janeiro de 1800, em um *corpus* atual de língua oral, no âmbito semântico-lexical, cujo método proposto conduziu a pesquisa com unidades lexicais e suas acepções que estavam hipoteticamente em desuso.

CAPÍTULO I - *CORPUS* ESCRITO *MEMORIA*: CARACTERÍSTICAS CONSTITUTIVAS

O *corpus* de língua escrita deste estudo é constituído a partir de unidades lexicais extraídas do manuscrito *Memoria sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da Capitania de Matto Grosso*, edições fac-similar[5] e semidiplomática[6] elaboradas por Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012). O documento foi escrito pelo Tenente-Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, datado de 31 de janeiro de 1800, no Forte Coimbra, Capitania de Mato Grosso, oferecido ao então Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, quem, a rigor, o encomendou.

Este capítulo, por sua vez, vislumbra informações a respeito do *corpus* escrito no que diz respeito às características que envolvem a sua constituição e a sua história social, como: quem escreveu o texto *Memoria*? Qual a configuração material do texto? Em qual gênero encontra-se esse texto e quais as características textuais e discursivas mobilizadas nele? Qual o conteúdo apresentado nesse manuscrito e as informações sócio-históricas nele reveladas, observando-o enquanto um documento que infere sentidos ao tempo histórico do Brasil e da Capitania de Mato Grosso no século XVIII e início do XIX?

Consideramos essas informações imprescindíveis à compreensão da constituição histórica do português na sociedade mato-grossense e, por extensão, no Brasil, no nível linguístico selecionado para estudo na presente pesquisa, a saber: o léxico.

Em face disso, apresentaremos o perfil sócio-cultural do autor intelectual[7], Ricardo Franco; uma revista sumária de informações de natureza paleográfica e codicológica do *corpus* escrito - apenas para situar o documento *Memoria*, pois as informações detalhadas encontram-se em Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012); as características

---

[5] "A edição *fac-similar* [...] baseia-se, em princípio, no *grau zero de mediação*, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização, etc.." (CAMBRAIA, 2005, p. 91).

[6] "A edição diplomática tem-se a primeira forma de mediação efetivamente feita pelo crítico textual, sendo esta, porém, bastante limitada: trata-se, portanto, de um *grau baixo de mediação"*. (CAMBRAIA, 2005, p. 93). Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 37-38), por sua vez, adotam a edição *semidiplomática* "[...] que já representa uma busca de melhoramento do texto, em que se faz apenas o desdobramento das abreviaturas, mas sem o estabelecimento das fronteiras de palavras, quando não há [...] procurando-se preservar o máximo possível as características do documento [...]".

[7] Ricardo Franco é o autor intelectual e não o material do manuscrito *Memoria*, pois o documento em estudo trata-se de uma cópia, conforme atestam Andrade; Santiago-Almeida; Baronas (2012).

mobilizadas no gênero que o constitui, bem como uma breve descrição do conteúdo e informações sócio-históricas nele subjacentes, inclusive da região investigada, Cáceres, Mato Grosso, inserida no contexto do *corpus* escrito, e selecionada para realização da pesquisa de campo deste trabalho.

1.1 RICARDO FRANCO: BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Ricardo Franco de Almeida Serra nasceu em Portugal, em 1748, e após seus primeiros estudos, entrou na carreira militar, onde se tornou engenheiro. Em 1780, esse oficial integrou o Real Corpo de Engenheiros do Rei de Portugal, e devido à assinatura do Tratado de Santo Ildelfonso (1777), as Coroas Ibéricas tiveram que formar uma comissão demarcadora para realizar a demarcação de limites fronteiriços no interior da América do Sul, Brasil Colônia, esse militar foi designado como demarcador dessa comissão, ao lado de Antônio Pires da Silva Pontes, Joaquim José Ferreira e José de Lacerda e Almeida.

Em 1780, Ricardo Franco e os demais membros da comissão demarcadora portuguesa chegaram à América portuguesa por meio do porto de Belém do Pará e, após aguardar, por muitos meses, a chegada da comissão espanhola, que não aparecera para executar a referida tarefa, realizaram "[...] excelentes trabalhos no Pará, Piauí e Maranhão, especialmente no reconhecimento dos rios" (SIQUEIRA, 2002, p. 69).

Após isso, Ricardo Franco chegou a Vila Bela da Santíssima Trindade, em 28 de fevereiro de 1782, e, por ordem do Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, fez um estudo hidrográfico da região do rio Guaporé. Em seguida, realizou uma expedição de Vila Bela da Santíssima Trindade até Nova Coimbra, navegando o rio Paraguai, para conhecer e explorá-lo.

No período de 1780 a 1809[8], Ricardo Franco prestou contribuições no campo da topografia, hidrografia e engenharia, cumprindo a missão de explorar e possibilitar melhores condições de ataque e defesa das fronteiras norte e, principalmente, centro-oeste da Colônia que ainda se encontravam em litígio com a Espanha.

De 1797 até a sua morte, esteve à frente do comando do Forte de Coimbra, atual região de Corumbá, Mato Grosso do Sul. No campo da engenharia, os espaços urbanos criados no período de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, na Capitania de Mato Grosso, contaram com o apoio de engenheiros militares responsáveis pela demarcação de limites, dentre eles, Ricardo Franco de Almeida Serra e Francisco José Lacerda e Almeida.

---

[8] Ricardo Franco faleceu em 21 de janeiro de 1809, ainda no comando do Forte Coimbra, onde foi sepultado.

A partir dessas contribuições, resultaram produções bibliográficas de autoria desse oficial militar, dentre elas, documentação cartográfica, mapa geográfico[9], memórias, pareceres, diários etc. De acordo com Corrêa Filho (1959), diante dos inúmeros trabalhos prestados por esse militar à Capitania de Mato Grosso, "progressivamente foi crescendo o aprêço do Capitão-General por Almeida Serra" (CORRÊA FILHO, 1959, p. 8). Assim, diante dos serviços prestados à Coroa Portuguesa e à admiração por parte do Governador e Capitão-General dessa Capitania, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Ricardo Franco "em resposta à solicitação de 19 de setembro de 1799, redigiu conveniente plano de defesa da Capitania, de acordo com as diretrizes que lhe norteariam a ação em Coimbra" (CORRÊA FILHO, 1959, p. 16), o que resultou no manuscrito *Memoria*.

Na introdução do referido manuscrito, verifica-se a ênfase atribuída pelo próprio Ricardo Franco aos anos de estadia dele na Capitania de Mato Grosso, experiências e contribuições:

> [10]E valendo=me das Noçoens adquiridas pelo| largo espaço de 19. annos de rezidencia nesta Ca=| pitania; empregando muitos delles no reconhe=| cimento, e configuraçaõ dos Rios da Madeira,| Guaporé, Alegre, Barbados, Iaurû, Paragu=| ay, e Cuiaba, assim como na dos terrenos confi=| nantes com as possessoens Espanholas: Fazen=| do de tudo os respectivos e diversos Mappas Geo=| graficos, Diarios, e Partes, como Commandante|| que fui de todas estas diligencias: Eu passo, Ill*ustrissi*mo e E*xcellentiss*imo S*enho*r segundo os meus limitados talentos, a encher da| possivel forma, os essenciaes, e expostos objectos (p. 45-47[11]).

Sobre essas informações fornecidas por Ricardo Franco dele mesmo, Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 416), imbuídos na noção de *ethos* dicursivo[12], chamam a atenção de que "esse tipo de informação sobre a experiência do locutor leva o leitor a construir a imagem de um sujeito que está legitimado a mapear as informações sobre a Capitania de Mato Grosso", cujo propósito é a adesão do leitor ao *ethos* do locutor.

Em relação às produções bibliográficas de Ricardo Franco, Corrêa Filho (1959, p. 16) relaciona as que foram publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro[13], intitulando-as como *monografias geográficas*, a saber: (i) Reflexões sobre a

---

[9]Há alguns mapas de autoria de Ricardo Franco disponíveis na página da Biblioteca Nacional Digital Brasil: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital>.

[10]Todos os excertos do manuscrito *Memoria* que estão transcritos neste trabalho seguem os critérios da edição semidiplomática e estabelecidos no livro de Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012). E mais, a barra vertical (|) indica mudança de linha do manuscrito e a barra vertical dupla (||) indica mudança de fólio no manuscrito.

[11]Em todas as citações de excerto transportado do manuscrito *Memoria* para este trabalho, apresentamos apenas a página em que se encontra o excerto em Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012).

[12]A partir de Maingueneau (1997; 2001; 2005; 2008), concebe-se *ethos* como as imagens de si no discurso. Quando o sujeito produz uma enunciação, contrói uma imagem de si, um ethos, resultado de uma interação de diversos fatores.

[13]Os referidos textos encontram-se disponíveis em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>.

Capitania de Mato Grosso, pelos tenentes-coronéis Joaquim José Ferreira e Ricardo Franco de Almeida Serra - Tomo V; (ii) Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicuru e Guauná, com a descrição de seus usos, religião, estabilidade e costumes (Tomo VII); (iii) Memoria geographica do rio Tapajós formada por combinadas informações que d'elle se adquiriram (Tomo IX); Diário do Rio Madeira (Tomo XX); Diario da diligência ao reconhecimento do Rio Paraguay, desde o lugar do março, na boca do Rio Jauru (Tomo XXV).

Como reconhecimento público do trabalho desse militar, a Secretaria do Ministério da Guerra, em 1962, conferiu à Biblioteca Nacional a medalha comemorativa do "Sesquicentenário da Morte do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra", conforme Figura 2 ilustrativa a seguir. Outro ato político ocorreu a partir do então presidente da República, José Sarney, que sancionou o Decreto N. 94.445, de 12 de junho de 1987, instituindo Ricardo Franco como Patrono do Quadro de Engenheiros Militares do Brasil (BRASIL, 1987).

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA GUERRA
SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA GUERRA
MEDALHA CORONEL
RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA

A SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA GUERRA
CONFERE
à Biblioteca Nacional
a Medalha Cememorativa do Sesquicentenário da Morte do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.
Rio de Janeiro, GB, 1 de Julho de 1962.
Secretario do Ministério da Guerra

Figura 2 - Medalha Coronel Ricardo Franco Almeida Serra
Fonte: http://bndigital.bn.br/acervo-digital

1.2 APONTAMENTOS CODICOLÓGICOS E PALEOGRÁFICOS DO MANUSCRITO

Conforme os manuais de crítica textual, como, por exemplo, o de Cambraia (2005, p. 26), codicologia consiste "no estudo da técnica do livro manuscrito, isto é, do códice". O

suporte material e sua organização interna são os principais aspectos analisados em um estudo dessa perspectiva. É nesse âmbito que se apresenta a descrição sucinta a seguir do suporte em que foi lavrado o manuscrito *Memoria*.

O códice onde se encontra o manuscrito em estudo pertence ao Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), em São Paulo, cujo código de identificação é E011578, composto de 94 fólios, além da capa e contracapa, 3 fólios, considerando-se *recto*(r) e *verso*(v).

O corpo do manuscrito contém 80 fólios, com numeração de páginas de 1 (2r) a 157 (80v), tendo a folha de rosto (1r) o verso (1v) em branco. O número de linhas de cada fólio varia entre 22 e 25, com raras exceções. Os fólios medem 29 cm de altura x 20,6 cm de largura.

No que diz respeito ao suporte material utilizado na constituição dos fólios desse códice, é composto de papel (cartáceo) e cada fólio possui filigrana, indicando a marca do papel, ou seja, o seu fabricante. Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 390) chamam a atenção de que o papel utilizado na constituição do códice foi "provavelmente fabricado na Europa, pois as primeiras fábricas foram instaladas no Brasil, no Rio de Janeiro, apenas após 1808, em razão da vinda da Família Real portuguesa [...]".

A paleografia, por sua vez, de acordo com Cambraia (2005, p. 23), é o "estudo das escritas antigas" e contém, modernamente, finalidade teórica e pragmática. A finalidade teórica "manifesta-se na preocupação em se entender como se construíram sócio-historicamente os sistemas de escrita". Quanto à pragmática, "evidencia-se na capacidade de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado".

Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012), ao efetuarem uma análise de natureza paleográfica do manuscrito em estudo, afirmam que se trata de uma cópia, portanto apógrafo, originalmente escrito por Ricardo Franco. Quanto ao escriba, copista, demonstrou por meio da caligrafia, mãos hábeis, isso devido à "regularidade do padrão da escrita, dentre outras características, mas, sobretudo, pela segurança na inclinação acentuada do texto à direita, demonstrando habilidade e conhecimento caligráfico sedimentado do traçado cursivo" (Andrade; Santiago-Almeida; Baronas, 2012, p. 366), e detentor de uma certa instrução formal.

A escrita empregada foi a humanística cursiva. Sobre esse tipo de escrita, Higounet (2003, p. 144) chama a atenção de que se trata de uma escrita erudita, "suave, traçada com penas pontuadas, fortemente inclinada para a direita (escrita 'pendente'), com todos as letras

de uma mesma palavra unidas [...]". O traçado das letras, por sua vez, maiúsculas e minúsculas, apresenta-se uma forma muito próxima daquela atualmente empregada, o que não apresenta maiores dificuldades de leitura.

No caso das abreviaturas, o documento apresenta um reduzido número, sendo um recurso já pouco usado no século XVIII (Andrade; Santiago-Almeida; Baronas, 2012, p. 371). No desenvolvimento das abreviaturas na edição semidiplomática, inclusive das formas de tratamento que aparecem geralmente abreviadas, Monte (2013, p. 195) ressalta que "a análise paleográfica revela-se, portanto, como importante etapa a ser cumprida quando se edita *corpus* com vistas à publicação de lição conservadora para trabalhos de natureza linguística".

Quanto aos sinais de pontuação utilizados foram: vírgula, ponto parágrafo ou final, ponto e vírgula, pontos de interrogação, exclamação; dois pontos. Os parágrafos apresentam, em geral, extensão longa.

Os aspectos levantados na análise de natureza codicológica e paleográfica permitiram que Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012) elaborassem com fidedignidade a edição semidiplomática ao fac-símile do manuscrito *Memoria*.

1.3 CARACTERÍSTICAS DO(S) GÊNERO(S)

Simões (2007) em sua tese de doutoramento *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro* tece alguns apontamentos acerca da origem e especificidades do gênero memória, a saber: "à medida que se constituía uma nova identidade luso-brasileira, foi preciso registrar a diacronia dos fatos históricos que demarcavam eventos e feitos significativos da história do Brasil. Nesse momento surgem as memórias históricas[14]" (SIMÕES, 2007, p. 202). Acrescenta ainda que as memórias são textos de maior formalidade assim como as cartas da administração privada e as cartas oficiais.

No que diz respeito às peculiaridades do gênero memória, Simões (2007) destaca as seguintes: cumpria uma função político administrativa específica do colonizador, caracterizando-se como gênero intermediário entre a carta e a narrativa histórica; tinha em vista um leitor a quem a obra era oferecida; e era fruto de uma produção mais controlada e passível de revisões, o que o aproxima da norma culta padrão da época.

Em relação ao *corpus* escrito deste trabalho, constatamos algumas das características levantadas por Simões (2007) acerca do gênero *Memória*, embora não possamos restringir a classificação do documento apenas a este gênero, pois simplificaríamos o texto de Ricardo

[14] Simões (2007) utiliza os termos *memória* e *memória histórica* como sinônimos.

Franco e negaríamos, sobretudo, as outras características que o constituem e o tornam um manancial de gêneros. Isso posto, é significativo remetermo-nos à seguinte consideração:

> O trabalho com o manuscrito de Ricardo Franco nos mostra que, para dar conta de um discurso enquanto gênero, é preciso levar em consideração que não basta apenas tratar a materialidade discursiva no âmbito de seus constituintes: estilo verbal, conteúdo temático e estrutura composicional, mas descrever|interpretar que cenografias são mobilizadas para que a cena de enunciação se legitime e legitime o seu enunciador. (ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 418).

Observa-se que Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012), com base na Análise de Discurso de orientação francesa, especialmente nos trabalhos de Maingueneau (1997; 2001; 2005; 2008), ponderam que a análise do manuscrito *Memoria,* enquanto um gênero, requer que levemos em consideração também que um texto implica uma cena de enunciação que, por sua vez, se constitui de três cenas, a saber: cena englobante[15], cena genérica[16] e cenografia[17].

Nesse perspectiva, é possivel asseverar que Ricardo Franco se utiliza de dois tipos de cena englobante em todo o manuscrito, sendo elas o discurso pragmático-administrativo e o discurso geográfico acerca da Capitania de Mato Grosso e de suas fronteiras. No que diz respeito à cena genérica, conforme já ressaltamos, há uma hetereogeneidade de características constituindo o texto de Ricardo Franco, o que nos permite vislumbrar a convergência dos seguintes gêneros: memória, carta, parecer técnico e plano de guerra.

Conforme evidenciada por Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012), são exploradas quatro cenografias em forma de cartografias:

1. cartografia hidrográfica da Capitania de Mato Grosso - "a cenografia adotada [...] detalhadamente municiada de informações - número de quilômetros e graus de latitude e longitude - visa agir sobre o destinatário de forma a construir um efeito de veracidade no discurso" (ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 412).
2. cartografia mineral - "além de construir um efeito de veracidade no discurso, visa construir uma imagem eufórica do objeto cartografado e, dessa forma, influenciar o destinatário da necessidade de, por um lado, defender e, por

---

[15] A cena englobante tem um estatuto pragmático no discurso e se integra em um tipo de discurso, como o publicitário, filosófico, literário, religioso etc.

[16] A cena genérica está associada a um gênero do discurso, a uma “instituição discursiva”, como o editorial, o sermão, o guia turístico etc.

[17] A cenografia não se constrói imposta por um gênero, mas é construída no próprio texto: trata-se da cena apropriada para um determinado discurso, para validá-lo, torná-lo pertinente.

outro, ampliar os limites do domínio português" (ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 413).

3. cartografia demográfica - descreve com detalhes quem são os habitantes que residem no domínio português, Capitania de Mato Grosso, e no espanhol. "Esse tipo de saber é fundamental para elaborar estratégias de guerra que visem derrotar ao inimigo" (ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 415).
4. cartografia bélica - "Nessa cartografia, o sujeito enunciador explicita de forma bastante detalhada ao seu destinatário quais são as deficiências em termos de defesa do inimigo num eventual ataque"(ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 416).

Diante do exposto, a constituição do manuscrito *Memoria* ocorre a partir do discurso pragmático-administrativo e do discurso geográfico; da mobilização de quatro cenografias, a saber: cartografia hidrográfica; cartografia mineral; cartografia demográfica e cartografia bélica; e dos quatro gêneros do discurso, sendo todos convergentes para a manifestação escrita de Ricardo Franco a uma solicitação do então Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso.

Outro aspecto a ser considerado no documento é sobre a modalidade de língua, cujo predomínio seria a padrão da época, conforme o conjunto dos recursos utilizados na composição do texto e os tipos de gêneros que influem no estilo linguístico do autor. Inclusive, à guisa de ilustração, a seguir há o fac-símile da folha de rosto do manuscrito *Memoria*, na qual verifica-se demarcado, já na primeira página, alguns indícios do controle e da formalidade do texto, como o nome do gênero, resumo do assunto principal a ser tratado, o nome do autor antecedido pelo cargo, o nome a quem o documento está oferecido antecedido de formas de tratamento e posteriormente o cargo dele; e, por fim, o local e a data:

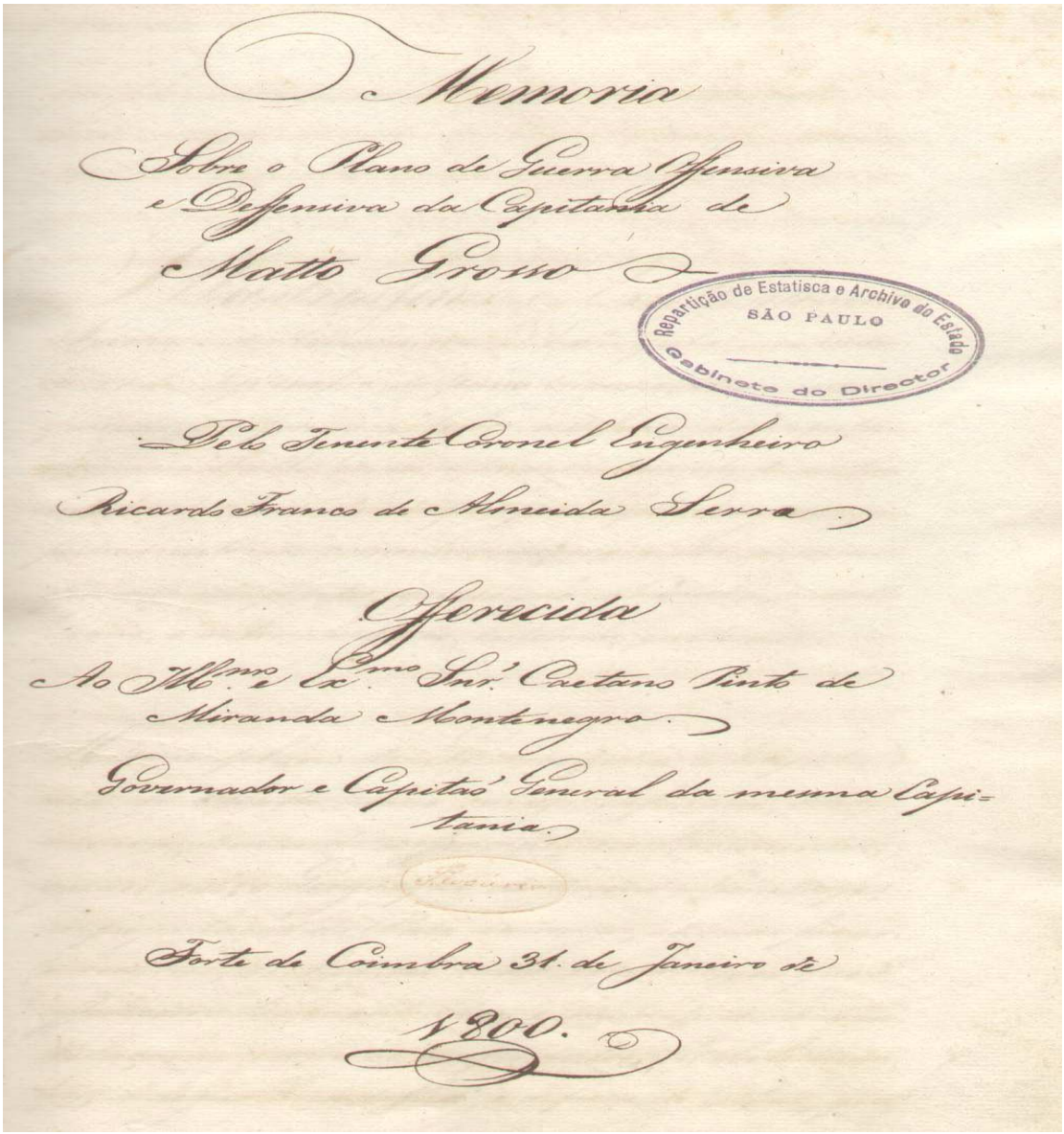
Memoria
Sobre o Plano de Guerra Offensiva
e Defensiva da Capitania de
Matto Grosso
Repartição de Estatisca e Archivo do Estado
SÃO PAULO
Gabinete do Director
Pelo Tenente Coronel Engenheiro
Ricardo Franco de Almeida Serra
Offerecida
Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Caetano Pinto de
Miranda Montenegro
Governador e Capitão General da mesma Capi=
tania
Forte de Coimbra 31. de Janeiro de
1800.

Figura 3 - Página de rosto do manuscrito *Memoria*
Fonte: Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 40)

Destacam-se nessa folha de rosto as marcas linguísticas - formas de tratamento - "Ill*ustrissimo e* Ex*cellentissimo* Sen*hor"*, utilizadas na época para destacar as distinções que mereciam os ocupantes de posições de maior destaque social, como reis, rainhas, príncipes, governadores, entre outros. Essa necessidade de destacar com marcas linguísticas a hierarquia e as classes sociais foi instituída pelas "leis de cortesias" publicadas em 1597 (Filipe II[18]) e 1739 (D. João V[19]) cujo objetivo era o de restringir o uso das formas de tratamento aos grupos

[18] A *Lei sobre os estilos de falar e escrever* (1597) está disponível na página da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), em endereço citado nas Referências.
[19] Não encontramos a versão digitalizada e, por isso, utilizamos para consulta a transcrição realizada por Cintra (1986, p. 112-115), a partir da obra *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, IV, 1745, p. 304-308.

que as mereciam, a saber: "no alto de todos os papéis, que se lhes escreverem, como também nos sobrescritos se ponha, sendo para Grande Eclesiástico, o tratamento de Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, e **sendo para Grande Secular, o de Ilustríssimo e Excelentíssimo**" (1745 apud CINTRA, 1986, p. 112, grifos nossos).

Dessa forma, observa-se que as formas de tratamento desempenham um papel importante na constituição dos convergentes gêneros do manuscrito em estudo, retratando um estado de língua portuguesa padrão da época, bem como as escolhas das formas de tratamento encontradas nele, inclusive nas saudações iniciais e despedida, as quais reforçam o caráter de formalidade linguística e documental. E mais, explicita na materialidade textual os lugares sociais e históricos de quem escreve e o destinatário:

> **Illustrissimo** e **Excellentissimo**| **Senhor**. Manda-me **V*ossa*Ex*cellenci*a** pela sua Ordem| de 19 de Septembro do passado ano, dar o meu| parecer, e informaçaõ, sobre a defensa da Capita=| nia do Matto Grosso [...] (p. 43, grifos nossos). Saudações Iniciais.
>
> Animando prezentemente estes bem es=| perançados principios, hum Excelso e Il=| luminado General que pelos seus paterna=|| es cuidados, indefectivel equidade, e exemplar| desinteresse, anima os seus subditos, que lo=| graõ contentes o premio das virtudes e fadigas| de quem os Governa com justiça e amor.| Coimbra 31 de Janeiro de 1800. = **Illustris=| simo, e Excellentissimo Senhor** Caetano| Pinto de Miranda Montenegro. <<Ricardo Franco de Almeida Serra>> Te=| nente Coronel Engenheiro (p. 345-347, grifos nossos). Despedida.

Observa-se que o contato inicial é feito com formas de tratamento - *Illustrissimo e Excellentissimo*| *Senhor; Vossa Excellencia* - bem como faz menção à obediência que esse texto expressa por meio da declaração de que essa memória representa o cumprimento de uma ordem recebida. Na despedida, primeiramente tece elogios e demonstra subserviência de quem escreve ao destinatário, coloca a data e em seguida, utiliza-se também de formas de tratamento, o nome do destinatário, o nome do autor e seu cargo.

Em suma, as características apresentadas acima em torno da constituição do *corpus* escrito deste estudo permitem-nos conhecer o contexto de produção do manuscrito *Memoria* e aspectos da história social e o conteúdo subjacente nele, que será abordados na próxima seção.

1.4 HISTÓRIA DO BRASIL COLÔNIA (1700 A 1800), DA CAPITANIA DE MATO GROSSO E DE VILA MARIA DO PARAGUAI NA PERSPECTIVA DO MANUSCRITO *MEMORIA*

Adotamos, como desenvolvimento desta seção, a estrutura discriminada no manuscrito *Memoria* a partir de divisões temáticas, conforme explícitado a seguir:

- Introdução (2r-2 a 19 | 2v-2 a 24 | 3r-2 a 4, - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 43-47);
- Noção Geográfica. Rio Madeira; rio Mamoré; rio Guaporé; rio Paraguai (3r-5 a 21 | 29r-2 a 19- ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 47-151);
- População portuguesa; população espanhola; governo do Paraguai (29r-2 a 23 | 32v-2 a 21 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 151-165);
- Plano de guerra (32v-22 a 23 | 67r-2 a 23- ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 165-303);
- Conclusão (67r-24 a 25 | 78r-2 a 10- ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 303-347);

Em seguida, também contextualizaremos sócio-historicamente Vila Maria do Paraguai, entre os séculos XVIII ao XXI, em função de estar inserida no contexto sócio-histórico do manuscrito *Memoria* e ter sido selecionada para a realização da pesquisa de campo proposta neste estudo, atualmente denominada como "Cáceres", para testar a manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico das unidades lexicais extraídas desse manuscrito.

1.4.1 Introdução

Na introdução, Ricardo Franco ressalta primeiramente o motivo que o levou a escrever o documento *Memoria:* uma ordem recebida pelo então Governador e Capitão-General, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 19 de setembro de 1799:

> Illustrissimo e Excellentissimo| Senhor. Manda-me V*ossa*Ex*cellenci*a pela sua Ordem| de 19 de Septembro do passado anno, dar o meu| parecer, e informaçaõ, sobre a defensa da Capita=| nia do Matto Grosso, o mais accomodado a Loca=| lidade do Paiz, tendo por principio, o segurar per=| feitamente as communicaçoens entre as suas| principaes partes, quaes saõ, o Cuiabá, Matto| Grosso, e outros lugares internos, e externos. (p. 43).

O manuscrito *Memoria* foi escrito numa época em que o Brasil ainda era colônia de Portugal, denominada por historiadores como período colonial (1500-1822), no qual o Estado português era um Estado Absolutista, ou seja, teoricamente todos os poderes se concentravam por direito divino na pessoa do rei. Na verdade, para a Coroa, o Estado era um patrimônio Régio e os governantes deveriam ser escolhidos entre os homens leais ao rei (FAUSTO, 1995). No que se refere aos governantes, Dom João III (século XVI) estabeleceu para administração colonial o cargo de governo geral, sendo que o primeiro Governador Geral do

Brasil foi Tomé de Souza (1549), cujo propósito era garantir a posse territorial da nova terra, colonizá-la e organizar as rendas da Coroa.

No que se refere à Capitania de Mato Grosso, no período de datação do manuscrito, encontrava-se sob o comando do Governador e Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, nascido em Lamego, Portugal e formado na Universidade de Direito de Coimbra, assumiu a Capitania no período de 1796 a 1803.

Convém acentuar o que diz Estevão de Mendonça (1919) a respeito do referido Governador Capitão-General e a sua relação com Ricardo Franco:

> [...] *embora doutor, em vez de militar,* a sua acção em Mato-Grosso teve, por circumstancias da occasião, de ser principalmente voltada para assumptos militares, pela necessidade de collocar a capitania em condições de defesa contra os seus confinantes. Nessa conformidade, e na mais chegada harmonia com Ricardo Franco de Almeida Serra, apparelhou o forte de Coimbra para uma resistência vantajosa, fazendo ao mesmo tempo guarnecer a fronteira occidental com a tropa disponivel (MENDONÇA, 1919, p. 263).

A política da Coroa Portuguesa em defender o território já conquistado encontra-se explícita no manuscrito, conforme excerto abaixo:

> Hum plano de Guerra para a Capita=| nia de Matto Grosso, ou seja defensiva, ou of=| fensiva, demanda essenciaes conhecimentos;| quaes saõ, o Geografico, do terreno Limitrofe,| a população do Paiz inimigo, as suas forças,| e recursos, os lugares mais expostos, os que| offerecem livres entradas, e mais proximas cor=| relaçoens entre os confinantes Estabelecimen=| tos, a segurança destes, e a posse de outros, que|| por interesses possaõ compensar a despeza de huma| guerra, que sempre deve ter por objecto algum fim u=| til; naõ só para o estado actual desta Capitania, mas| para a sua futura segurança, e augmento: A qual| confinando com Dominios Espanhoes dez vezes mais| povoados do que ella, cobre o interior do vastissimo| Brazil, guardando nos seus vastos sertoens sabidos| e grandes Thezoiros, e contendo na sua superficie| de quarenta e oito mil legoas quadradas, os nas=| cimentos, e a maior parte do corpo de grandes rios| que com trezentas legoas de curso, vaõ confluir no maximo Rio das Amazonas, e o total de outros| muitos rios, que daõ livre entrada, para o centro| das Capitanias de S*aõ* Paulo, e de Goiaz (p. 43-45).

Nesse excerto, Ricardo Franco além de apresentar um resumo do assunto a ser tratado no manuscrito, no que diz respeito a uma descrição detalhada dos aspectos geográficos, minerais, demográficos e bélicos tanto da Capitania de Mato Grosso como do país limítrofe, Espanha, pensando a Capitania de Mato Grosso a curto, médio e longo prazo, visando a defesa dessa Capitania em um eventual ataque aos espanhóis, também vislumbra o objetivo de aumentar o território mato-grossense, português. Desse modo, justifica-se a exigência de um plano de guerra ofensiva e defensiva da Capitania de Mato Grosso, já que era preciso conhecê-la melhor para agir adequadamente em caso de uma guerra.

Isso posto, remete-nos aos conflitos e às negociações territoriais de dois impérios: Portugal e Espanha, cujo início ocorreu no século XV, motivadas especialmente pelo domínio das rotas de comércio marítimo. Em razão disso, houve necessidade de demarcar as fronteiras

entre as porções espanhola e portuguesa na América Meridional. Para compreender esse processo demarcatório, discorreremos, de forma breve, sobre alguns tratados de limite celebrados entre Portugal e Espanha.

De acordo com historiadores, o processo de demarcação na América teve início com o Tratado de Tordesilhas, um tratado de limite firmado em junho de 1494, que dividiu o mundo americano em duas partes por meio de uma linha imaginária situada a 370 léguas a oeste de Cabo Verde e, por sua vez, dois modos de colonização: português e espanhol. Assim, apenas a região situada a leste dessa linha, que passaria por Belém, no Pará, e por Laguna, em Santa Catarina, pertenceria a Portugal. Diante disso, o oeste da Capitania de Minas Gerais, e as terras de Goiás e Mato Grosso pertenceriam, oficialmente, à Espanha.

Esse tratado não finalizou as discussões entre as Coroas de Portugal e Espanha em torno do traçado desse meridiano de demarcação. Assim, entre 1494 (Tratado de Tordesilhas) e 1750 (Tratado de Madri), essas Coroas tentaram resolver essa questão por meio de negociações diplomáticas. No que se refere à extensão geográfica da Colônia, de acordo com Fausto (1995), desde o início do século XVIII, não se configurava mais com a linha de Tordesilhas. Isso devido à

> [...] expansão das bandeiras paulistas, para o oeste, e dos criadores de gado e forças militares, para o sudoeste, ampliaram de fato as fronteiras do país. O avanço minerador, a partir do século XVIII, deu mais um empurrão, de modo que a fisionomia territorial do Brasil já se aproximava bastante da atual (FAUSTO, 1995, p. 135).

Diante do grande movimento de exploração do interior do Brasil e os interesses da Coroa Portuguesa, o Tratado de Tordesilhas foi violado e Portugal precisava fazer conhecer de direito as novas fronteiras. O Tratado de Madri[20], firmado entre as Coroas Portuguesa e Espanhola em 1750, delimitou as fronteiras a partir de características geográficas (montanhas, rios, depressões, e em sua elaboração prevaleceu o *uti possidetis, ita possideatis* (quem possuiu de fato, deve possuir de direito). O território mato-grossense, por sua vez, passou a ser oficialmente da Coroa Portuguesa a partir do Tratado de Madri. Vale destacar que esse território compreendia os atuais Estados de Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul.

Os pontos-chave contidos nesse tratado compreendiam povoamento, defesa político-territorial, comércio e demarcação. Assim, "a partir desse acordo, destacamentos militares,

---

[20] De acordo com Mendes (2009), o único monumento-símbolo resultante da diplomacia entre os principais paises ibéricos colonialistas, o marco comemorativo do Tratado de Madri, encontra-se na praça Barão de Rio Branco do município de Cáceres - MT, denominado como Marco do Jauru. Símbolo tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

fortificações e povoações foram erigidas com o intuito de garantir a defesa político-territorial e a livre navegação com o Estado do Grão-Pará e Maranhão" (CHAVES, p.19).

Em relação ao território oeste e norte da Colonia Brasil, Siqueira (2002) afirma:

> No tocante à porção Oeste, os limites a serem respeitados teriam os rios como marcos principais. Uma linha reta partiria da barra do rio Jauru (afluente do Paraguai) e atingiria o rio Guaporé, defronte à foz do rio Sararé. Na porção Norte, rezava o Tratado de Madri que uma linha partiria do rio Guaporé em direção ao Mamoré, descendo pelo Madeira, até atingir o rio Japurá. Desse ponto, seguiria em direção às terras que se situavam entre as bacias dos rios Oreno e Amazonas, terminando na faixa litorânea (SIQUEIRA, 2002, p. 50).

No fragmento anterior, Siqueira (2002) ressalta os rios como limites naturais adotados para separar os territórios fronteiriços dos dois soberanos e com isso vai ao encontro da estrutura do manuscrito *Memoria* apresentada por Ricardo Franco, o qual dedica a primeira seção do documento à descrição detalhada dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Paraguai, bem como seus importantes afluentes, isso por entender a importância desses rios no processo demarcatório e bélico da Coroa Lusitana. E mais, ele observa que a Capitania de Mato Grosso contém "os nas=| cimentos, e a maior parte do corpo de grandes rios| que com trezentas legoas de curso, vaõ confluir no maximo Rio das Amazonas, e o total de outros| muitos rios, que daõ livre entrada, para o centro| das Capitanias de S*ão* Paulo, e de Goiaz." (ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 45).

O Tratado de Madri não cessou as controvérsias a respeito das fronteiras do sul entre as Coroas Portuguesa e Espanhola, viabilizando assim, um novo acordo, Tratado do Pardo, datado de 1761, o qual anulou os termos daquele e os trabalhos realizados pelas comissões demarcatórias dele, suspendendo as negociações. Em seguida, em 1777, o Tratado de Santo Ildefonso confirmou, com algumas alterações, os termos do Tratado de Madri.

Ao concluir a parte introdutória do documento, o autor ressalta a sua experiência, legitimando-se como competente para executar a tarefa que lhe foi solicitada, e com isso faz referência à sua experiência enquanto membro de umas das equipes que compunham as "partidas" (comissões). Entre 1750 e 1801, as demarcações ocorriam por meio de comissões criadas pelos tratados de limites assinados por Espanha e Portugal expostos anteriormente. A equipe dessas comissões era composta por profissionais contratados nas áreas de engenharia, cartografia, astronomia e matemática, com o intuito de percorrer as áreas em que tinham fronteiras sigilosas, para então conhecer e demarcar os limites.

O Tratado de Madri foi o primeiro a compor essas comissões. Com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, outras comissões demarcadoras se formaram. A terceira partida, à qual caberia a demarcação de limites fronteiriços no interior da América do Sul,

estava composta, pelo lado português, entre outros, por Francisco José de Lacerda e Almeida, Antonio Pires da Silva Pontes Lemos, Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira. De acordo com Costa (1999), essa comissão realizou o primeiro reconhecimento cartográfico e as medições astronômicas precisas das terras atuais mato-grossenses.

Siqueira (2002, p. 50), por sua vez, ressalta que "as fronteiras do Período Colonial não se restringiam a meros marcos geográficos, mas correspondiam aos limites fixados pela movimentação dos homens no território."

Para melhor compreensão do Brasil "antes" e "depois" do Tratado de Madri, pode-se observar o mapa a seguir:

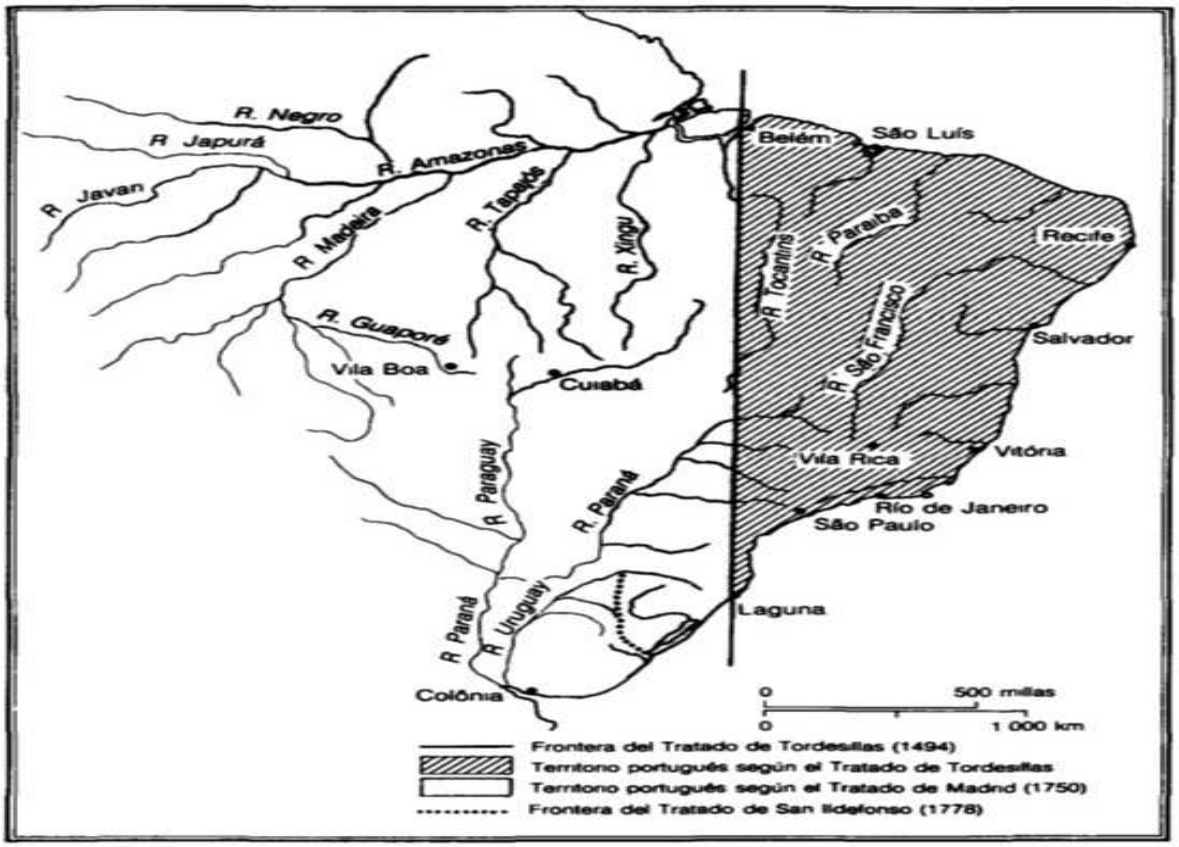

Figura 4 - Mapa da América portuguesa antes e depois do Tratado de Madri
Fonte: http://people.ufpr.br/~lgeraldo|mapas.html

Por fim, após declarar-se legítimo para cumprir o que lhe fora solicitado, Ricardo Franco anuncia que desenvolverá os objetivos propostos, com palavras de falsa modéstia: "Eu passo, Ill*ustrissi*mo eEx*cellentiss*imo| S*enho*r segundo os meus limitados talentos, a encher da| possivel forma, os essenciaes, e expostos objectos" (p. 47).

1.4.2 Noção geográfica sobre os rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Paraguai

Na primeira seção do manuscrito *Memoria*, Ricardo Franco expõe uma descrição detalhada com graus de latitude e longitude sobre a geografia dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Paraguai da Capitania de Mato Grosso e seus principais afluentes, responsáveis, em grande parte, em separar a fronteira dessa Capitania com o domínio espanhol. Além disso, apresenta informações acerca da geografia hidrográfica do domínio Espanhol na América e da população que se encontrava no entorno dos rios mencionados. De acordo com Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 412), trata-se de uma "cartografia hidrográfica da Capitania de Mato Grosso".

Quanto ao primeiro rio descrito, Rio da Madeira, assim o manuscrito o descreve:

> Navegando=se desde a Cidade do Pará 270 le=| goas pelo maximo Rio das Amazonas, se chega| a fóz do Rio da Madeira que lhe entra pela sua margem de Sul, na latitude austral de 3º, e 24.',| e na longitude de 318º e 52.'| Pelo Madeira acima, navegaõ os Botes que| se destinaõ ao Commercio de Matto Grosso, de mil| ate duas mil arrobas de carga, mais 245 legoas| a rumo geral de Sud-Oeste, ate a confluencia que| nelle faz pela Oriental margem o Rio Mamoré,| igualmente grande, e caudalozo (p. 47).

Esse excerto revela a relação entre os rios "das Amazonas", Madeira, Mamoré e Guaporé que contribuíam à navegação e ao abastecimento da Capitania de Mato Grosso. Destaca-se a utilização desses rios para interligar Belém do Pará à Vila Bela da Santíssima Trindade, por meio da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão[21], uma política implementada por Marques de Pombal, a mando da Coroa Portuguesa, como meio de abastecer a então capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, com produtos alimentícios, vestimentas, ferramentas, escravos, medicamentos, etc..

A referida política foi necessária, primeiramente, em decorrência dos problemas de abastecimento, oriundos das dificuldades encontradas pelas monções[22] do Sul (Tietê/Cuiabá) em levar os produtos até a referida capital devido ao acidentado que se entrepunha entre as duas vilas. Em segundo, de acordo com Siqueira (2002, p. 46), a Coroa Portuguesa "[...] tinha interesse em salvaguardar as regiões conquistadas no extremo Oeste, as quais se avizinhavam com o Império Colonial espanhol [...]" e "Por essa aquavia, tornava-se mais fácil o contato direto com Portugal, pois, de Belém, ruma-se ao Oceano Atlântico e, dele, à Europa" (SIQUEIRA, 2002, p. 46).

Para melhor compreensão do trajeto utilizado pela Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, denominado como monção do Norte, a Figura 8 a seguir ilustra-o:

---

[21] Essa companhia teve um curto período, pois foi extinta devido à precoce decadência da mineração na região do Guaporé.

[22] Expedições fluviais que ocorriam no decorrer dos séculos XVIII e XIX entre o interior das capitanias de São Paulo e Mato Grosso, dentre outras regiões, com objetivos diversos.

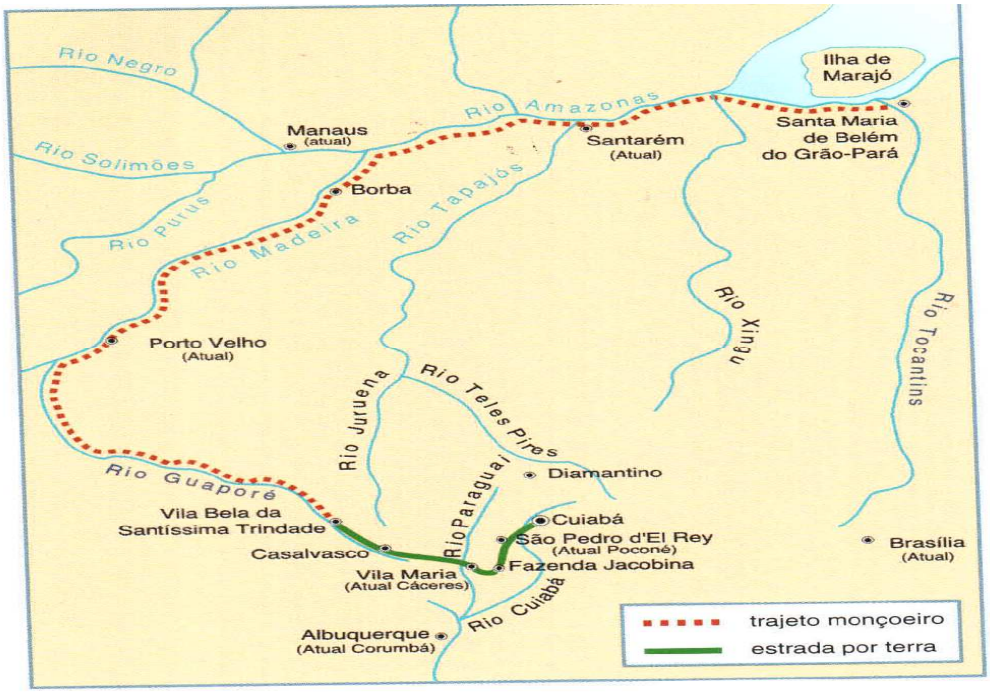

Figura 5 - Mapa da monção do norte
Fonte: Siqueira (2002, p. 46).

Ricardo Franco apresenta o rio Mamoré a partir do percurso que envolvia a ligação de Belém do Pará a Vila Bela da Santíssima Trindade: "Deixando o Madeira, se entra, e navegaõ pelo| Mamoré, quarenta e quatro legoas, a rumo de| Sul, ate a confluencia que nelle faz por Oriente| o Rio Guaporé, na latitude austral de 11.º e 55.',| e na longitude de 312.º e 28 minutos, e meio" (p. 51).

Além disso, o rio Mamoré destacava-se por ter em suas margens a maior parte das Missões[23] que formavam a Província Espanhola de Moxos, dentre elas as de "Exaltaçaõ", "Santa Anna", "Santo Borja", "Reis", "Saõ Pedro" que "[...] he a Capital, e rezidencia do Gover=| no de Moxos (p. 53), "Santo Ignacio" e "Loreto", denominadas de " Missoẽs do Mamoré", bem como o "Povo da Trindade". No que diz respeito ao total de população dessas missões, consta no manuscrito "vinte e quatro mil| Indios de ambos os Sexos, e alguns poucos Es=| panhoes, que lhes servem de Directores, e outros| misteres" (p. 57).

Também contígua à fronteira da Capitania de Mato Grosso com terras de domínio espanhol havia as missões da Província de Chiquitos, com vinte e um mil habitantes, cuja capital era Santa Cruz de la Sierra, a saber: "Conceiçaõ", "Saõ Joaquim", "Santa Anna", "Saõ

[23] As missões consistiam em um conjunto de aldeamentos indígenas fundados pelos Jesuítas, onde organizavam as populações indígenas em torno de um regime que combinava trabalho e religiosidade. Vale destacar que, no período referente ao manuscrito *Memoria*, as Missões não estavam mais sob o controle dos Jesuítas, já expulsos do, território, português e espanhol.

Rafael", "Saõ Miguel", "Santo Ignacio", "Saõ Xavier", "Saõ Jose", "Saõ Joao", "Saõ Thiago" e "Santo Coraçaõ". Essas missões, segundo o manuscrito *Memoria* formavam:

> [...] hu=| ma barreira que cobre por Sul, e por naõ| pequena extençaõ os Estabelecimentos| Portuguezes, adjacentes a Villa Bella:| Assim como a Provincia de Moxos, he| outro terreno, que semelhantemente co=| bre a extrema do Forte do Principe da| Beira, e a navegaçaõ Portugueza do| Guaporé, e Rio da Madeira para a| Cidade do Pará (p. 81).

Além de ilustrar a região da Capitania de Mato Grosso com que essas missões de Moxos e de Chiquitos, de domínio espanhol, faziam fronteira, Ricardo Franco demonstra que elas se encontravam em pontos estratégicos e com características que poderiam oferecer vantagens à Coroa Portuguesa em uma guerra, conforme explícito no excerto a seguir:

> A Provincia de Chiquitos he sau=| davel; tem Gado Vacum e Cavallar, bel=| las terras para cultura, sendo os Indios| que a povoaõ menos habeis do que os| de Moxos. Os Espanhoes tem nestas|| duas Provincias, taõ proximas da extrema Portu=| gueza, grande auxilio, e socorros, para nos faze=| rem vantajozamente a guerra, ou seja pela extre=| midade da fronteira do Forte do Principe da Bei=| ra, ou pelo centro da Raia contiguo a Villa Bel=| la; por que nellas tem Mantimentos, Caval=| gaduras, Gado, Artifices, Gastadores, Remeiros,| e ainda Soldados. E a naõ existirem estas Mis=| soens, faltando lhes as importantes socorros que| ellas fornecem; difficultozamente nos fariaõ a| guerra, pois ficaria entre huma e outra Na=| çaõ, hum espaço de mais de cem legoas em qua=| dro, dezerto, e cheio de embaraços (p. 81-83).

Outro aspecto considerado no manuscrito é a presença de ouro na fronteira da Capitania de Mato Grosso e em domínio espanhol, sendo o primeiro excerto relacionado ao rio Madeira e, o segundo, ao rio Guaporé:

> Hum dos ricos, e auriferos braços do Rio Beny[24],| mais proximo a fronteira Portuguesa, he o Rio Ti=| puani, que lhe entra pela sua Occidental mar=| gem, quatro dias acima da Missaõ de Reis.| Este Rio que pela sua rapida corrente, sobem os| Espanhoes desde a dita Missaõ, em quarenta| dias de trabalhoza navegaçaõ pela fazerem| em Balças ate as Minas, e povo de Tupua=| ni, se desce em sinco. O ouro destas Minas he| grosso, de 23 quilates, e colhido pelos Espanho=| es, naõ com o trevial trabalho das mais Mi=| nas, mas sim escavando a terra, e arêa mo=| vedissa daquelle lugar ate a flor d'agoa, que| verte tanto, que difficulta maior trabalho; [...] (p. 49).

> Sendo em fim as Minas dos Guarajuz, hum| lugar importante de que se deverá lançar a maõ| na primeira circunstancia favoravel, para com| elle, na margem opposta do Guaporé, a respei=| to do Forte do Principe, e destacamento das Pedras,| se segurar a interessante, e privativa posse de| ambas as margens deste rio, que ficará inter=| rompida logo que os Espanhoes se estabeleçaõ nes=| tas Minas, de cujo ouro tem Matto Grosso a| maior carencia (p. 67).

---

[24] O Rio chamado da Madeira pelos Portugue=| zes, he navegado, e conhecido pelos Espanhoes, des=| ta juncçaõ para cima com o nome de Beny,| por todo o resto da sua extensaõ de 250 legoas| ate as suas remotas fontes nas Serras dos An=| des; contiguas á Cidade de la Paz, por que passa| huma das suas origens [...]" (p. 47-49).

Esse cenário explica a necessidade da Coroa Portuguesa em defender os limites do domínio português e expandi-lo, de preferência em áreas auríferas. E, mais do que isso, demonstra uma deliberada política de conquista de territórios por parte da Coroa Portuguesa, inclusive de áreas de soberania duvidosa ou indefinida, conforme ratificado no excerto a seguir sob a alegação de que, em decorrência de lacunas deixadas pelo Tratado Preliminar de Limites[25], há algumas áreas comuns a Portugal e Espanha:

> Os Espanhoes Senhores privativos do Rio Ba=| ures, podem navegando ate frontearem estas| Minas, chegarem a ellas, pois o Baures lhe| passa a Poente na distancia de dez ou doze| legoas, suposto que este espaço seja em parte pan=| tanozo: Estabelecidos nellas, naõ só deixaraõ| de se quererem communicar com a Provincia| de Moxos, navegando grande parte do Gua=| poré, para entrarem pelos Rios Baures, Ito=| namas, e Mamoré, que ainda naõ viraõ; mas| pertenderaõ que este largo espaço seja commum| a ambas as Nasçoens pelo direito de espectati=| va que parece dar-lhe o Tratado Preliminar| de limites, que só será valido, quando depois| de reconhecidos estes terrenos, e combinadas a| posse, direito, e mutuos interesses de cada Na=|| çaõ lançarem as duas Cortes hum Tratado Difi=| nitivo: mas estes fronteiros vizinhos querem seja| já antecipadamente terminante em tudo quant=| to he a seu favor (p. 65-67).

Observa-se nesse excerto uma menção a um possível "Tratado Definitivo", cujas vantagens sobressaiam aos espanhóis: "estes fronteiros vizinhos querem seja já antecipadamente terminante em tudo quantto he a seu favor" (p. 67). Por hipótese, podemos dizer que Ricardo Franco refere-se ao contexto histórico em que Portugal encontrava-se, ou seja, ameaçado pela invasão de tropas francesas estacionadas na fronteira. Isso resultou, em 1801, no Tratado de Badajoz, celebrado na cidade espanhola de Badajoz entre Portugal (sob coação), por uma parte, e a Espanha e a França coligadas, pela outra.

Por meio desse tratado, cujos termos eram bastante severos com Portugal, estabelecia que se fechassem os portos de todos os domínios portugueses às embarcações da Grã-Bretanha (art. II); fossem indenizados, de imediato, todos os danos e prejuízos causados durante o conflito pelas embarcações da Grã-Bretanha ou pelos súditos de Portugal, assim como, dadas as justas satisfações pelas presas feitas ilegalmente pela Espanha, antes do conflito, com infrações do território ou debaixo do tiro de canhão das fortalezas dos domínios portugueses (art. V). No entanto, as cedências portuguesas não foram suficientes para evitar a Guerra Peninsular, que eclodiu em 1807. Nessa ocasião, a corte portuguesa se viu obrigada a se retirar de seu país e se refugiar no Brasil e, no dia 1 de maio de 1808, declarou nulo o Tratado de Badajoz.

Dito isso, voltemos ao rio Guaporé, do qual faz-se necessário dizer que, devido à escassez de ouro na região cuiabana e à fiscalização abusiva e política tributária do

---

[25] Tratado Preliminar de Limites diz respeito ao Tratado de Santo Ildefonso.

Governador Capitão-General da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes[26], suscitou o anseio de novos achados e o deslocamento de muitos mineradores para o oeste da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Essas novas minas foram encontradas nos ribeirões Sarará e Galera, afluentes do rio Guaporé.

Quanto ao povoamento dessa região foi de extrema importância à Coroa Portuguesa, porque se tratava de zona fronteiriça com os domínios espanhóis. Sobre esse processo de deslocamento, Siqueira (2002, p. 40) afirma que "a movimentação da fronteira humana terminou por fixar limites geográficos, pois a ocupação desses territórios deu garantia de sua posse a Portugal".

Outro dado importante sobre a região do Guaporé diz respeito à denominação Mato Grosso, que, em princípio, referia-se apenas à região como um distrito, o que Ricardo Franco ressalta na seção que versa sobre o "plano de guerra": "A porçaõ da Capitania do Matto Grosso, a que| propriamente se deve este nome, he desde o Rio| Iaurû, ate o Guaporé, continuando por toda a ex=| tensaõ deste Rio, ate as mais inferiores Cachoeiras|| do Madeira, o que formando hum vasto Paiz| limitrofe com Dominios Espanhoes [...]" (p. 283-285).

Sobre essa questão toponímica, Costa e Silva (2000) explica sua origem afirmando que, para chegar ao rio Galera, no Vale do Guaporé, onde se encontrava novo veio aurífero, os mineiros se depararam com uma mata espessa, formada de grossas e altas árvores. Impressionados com o porte das árvores, o emaranhado da vegetação que dificultava a penetração e a exuberância da floresta, denominaram a região de Mato Grosso.

Depreende-se que o nome Mato Grosso é originário de uma grande extensão de matos virgens de arvoredo muito alto e espesso, quase impenetrável, localizado nas margens do rio Galera, percorrido pela primeira vez, em 1734, pelos irmãos Paes de Barros, os quais na busca de índios Parecis, descobriram ouro.

As minas de Mato Grosso e o rio Guaporé passaram a assumir papel político de interesse crucial para a Metrópole, que se apressou em criar uma capitania para administrar de perto os interesses da coroa sobre as minas descobertas, bem como expandir e defender as terras da fronteira oeste da Colônia. Assim, em 1748, D. João V criou oficialmente a Capitania de Mato Grosso e ordenou o estabelecimento de sua capital às margens do rio Guaporé. A fim de administrar essa região promissora, a rainha D. Maria Ana de Áustria,

---

[26] Em 1722, por provisão Régia, a região de Cuiabá foi elevada à categoria de distrito da Capitania de São Paulo e o então Governador, Rodrigo Cesar de Menezes, foi enviado àquela região, pela Coroa Portuguesa, para estabelecer o controle administrativo-fiscal da extração aurífera, entrada de mercadorias e saída do ouro.

mulher de D. João V, nomeou Antônio Rolim de Moura, por decreto de 26 de julho de 1748, Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso.

Rolim de Moura, seguindo as determinações recebidas da rainha de Portugal, fixou a sede da Capitania de Mato Grosso no Vale do Guaporé, por meio da criação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1752, fronteira natural com as terras da Espanha. O crescimento dessa vila foi gradativo e teve como maior fator de sua composição étnica os negros escravos, para trabalhar nas minas e na agricultura, comando político e militar da Capitania de Mato Grosso; e migrantes de toda a Colônia.

Ricardo Franco faz menção a então capital da Capitania de Mato Grosso:

> Villa Bella, Capital do Governo de| Matto Grosso existe na Oriental margem do Rio| Guaporé, na latitude austral de 15 graos, e na lon-| gitude de 317.º e 52.' distante em linha recta cen-| to e dez legoas do Forte do Principe da Beira, e 190| segundo a nevegaçaõ do Rio, e com a mesma| 211 da confluencia do Guaporé com o Mamoré;| assim como 255 legoas distante pela dita na-| vegaçaõ, ate a juncçaõ do mesmo Mamoré com o Madeira. (p. 69-71).

No entanto, Vila Bela da Santíssima Trindade é descrita no documento como "incapaz de cultura, por allagado| todos os annos pela cheia, e trasbordamento| do Rio, sendo por esta circunstancia aquellas| terras da indispensavel necessidade" (p. 73), motivos de sua decadência ao final do século XVIII, juntamente com a escassez do ouro.

No que diz respeito ao rio Paraguai, Ricardo Franco inicia a sua descrição ressaltando o rio Iaurû, "o mais Occidental, e superior| braço do Paraguai" (p. 85), sua foz serviu como marco de limites no processo de demarcação ocorrido em 1754, porém, apesar de constar no décimo Artigo do "Tratado Preliminar[27]", de 1777, que devia continuar a fronteira em linha reta, da foz desse rio até a margem do Guaporé, devendo assim, ser privativo do domínio português, isso não ocorreu, pois há uma incoerência nesse mesmo artigo por constar uma linha reta que devia cortar parte do rio Iaurû e com isso uma das suas margens ficava em domínio espanhol.

Ainda em relação a essa contraditória linha, considerada por Ricardo Franco como "inadmissível linha", se levada em consideração, daria vantagens à Coroa Espanhola, que passaria a ter domínio de "grande parte da Estrada geral entre| Cuiabá, e Matto Grosso, assim como naõ pe=| quena porçaõ do Rio Guaporé, da boca do Sararé para cima" (p. 87).

Diante dessa perspectiva, podemos observar que as disputas de terras fronteiriças entre as Coroas Ibéricas eram fomentadas para além das questões econômicas, dentre outras questões, por equívocos e contradições subjacentes nos Tratados de Limites.

---

[27] Diz respeito ao Tratado de Santo Ildefonso.

Prosseguindo, Ricardo Franco descreve o rio Paraguai e exalta os seus diversos rios afluentes:

> O Famozo Rio Paraguai, tendo os seus Di=| amantinos, e auriferos nascimentos pela latitu=| de de 13 graos, corre delles directamente a Sul,| recebendo nas primeiras oitenta legoas da sua| extensaõ, e por ambas as margens, muitos, e naõ| pequenos Rios ate a foz do Rio Iaurû; a qual| he hum ponto importante para fechar a| sua placida navegaçaõ delle para cima, em| que apenas há o único Estabelecimento de|| Villa Maria, na margem Oriental do Para=| guai, sete legoas a Norte da boca do Iaurû. (p. 91-93).

Ainda nesse campo, Ricardo Franco ressalta a estreita relação entre o rio Paraguai e outros rios importantes para a Capitania de Mato Grosso, como o São Lourenço e o Cuiabá:

> Da boca da Gaiba principia a ser Montu=| ozo o lado Occidental do Paraguai, e navegadas| sete legoas, desagoa na opposta margem oRio| de S*aõ* Lourenço, na latitude de 17º e 55.' Rio de| grande extensaõ, e que tem as suas origens na| estrada geral de Goiaz para o Cuiabá.| Pelo Rio de S*aõ* Lourenço se navegaõ 26 le=| goas por ele acima, ate a confluencia que nel=| le faz, pela margem Occidental, o Rio Cuiabá| pelo qual navegadas mais quazi setenta le=| goas, se chega a Villa do Cuiaba, situada na| margem de Leste deste Rio na latitude de| 15º e 36', e na longitude de 321º, e 35'. Esta| Villa está no centro de extensos cultivados,| Minas eCampos, 96 legoas a Nascente de| Villa Bella. (p. 95).

É necessário retomar, para melhor compreender a relação entre esses rios e a sua importância à Capitania de Mato Grosso, bem como a relação desta pesquisa com o "Projeto de História do Português Paulista, a criação do povoamento "Arraial do Cuiabá" às margens do rio Cuiabá. De acordo com Costa (1999), após os bandeirantes paulistas, liderados por Raposo Tavares, avançarem e destruírem Guaíra e Itatim, a região da bacia do Alto Paraguai passou a ser frequentada por paulistas que buscavam escravizar índios, mão de obra importante para as Capitanias e, posteriormente, ouro. Com esses objetivos, Pascoal Moreira Cabral, saindo de São Paulo, subiu os rios do Alto Paraguai e encontrou ouro junto a um afluente do rio Cuiabá, chamado de Coxipó-Mirim, impulsionando assim a criação de um núcleo de povoamento em 1719.

De acordo com Siqueira (2002), a terra em Mato Grosso ganhou estatuto de existência por meio da Ata de Fundação do "Arraial do Cuiabá", formulada em 8 de abril de 1719, e valeu como documento fundador das minas mato-grossenses, devendo a partir de então, seguir administrativamente os preceitos e determinações legais da Coroa Portuguesa.

Em face disso, em 1722, por provisão Régia, Cuiabá, arraial, foi elevada à categoria de distrito da Capitania de São Paulo. E, para iniciar o controle administrativo-fiscal da extração aurífera, entrada de mercadorias e saída do ouro desse Arraial, a Coroa Portuguesa enviou o Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, que desembarcou no porto de Cuiabá, em novembro de 1726. Já "em 1º de janeiro

de 1727, elevou Cuiabá à categoria de vila, intitulando-a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá." (SIQUEIRA, 2002, p. 37).

A ação dos bandeirantes paulistas promoveu a expansão da fronteira oeste da Colônia para dentro dos domínios da Espanha, definidos pelo Tratado de Tordesilhas (1494). De acordo com relatos históricos, a região oeste já era habitada por índios, habitantes originais do território mato-grossense e já tinha sido percorrida inúmeras vezes pelos espanhóis e jesuítas desde o século XVI, mas a preocupação dos espanhóis, especificamente, era manter caminho e colonos na região das minas de prata do Peru.

A colonização da Capitania de Mato Grosso no século XVIII significou uma mudança radical na estrutura social e econômica da Colônia e também da Metrópole, isso devido à descoberta das primeiras jazidas de ouro, juntamente com Minas Gerais e Goiás. Esse fato provocou a vinda de pessoas de todas as partes da Metrópole e das Capitanias vizinhas em busca do ouro.

Prosseguindo, o rio Taquari cuja boca principal fica "na Oriental margem do Paraguai, e na latitude de 19.º e 15.'" (p. 107), é apresentado por Ricardo Franco a partir das seguintes considerações:

> A navegaçaõ do Rio Taquari, he de grande| importancia para a Capitania de Matto| Grosso, e de urgente necessidade para forne=| cer todos os generos grossos de grande pezo, e| volume, para a Villa, e Minas do Cuiabá,| que só em Canoas lhe podem chegar, por| mais commodos preços; generos que pela| via de terra de quinhentas legoas de mar=| cha; talvez se possaõ taõ bem conduzir,| mas fazendo tal despeza, que os subiria| a hum extraordinario valor muito alem| daquelle [...] (p. 107).

Enfatizando essa utilidade expressa no excerto precedente sobre o rio Taquari à capitania de Mato Grosso, inclusive por questões econômicas, Ricardo Franco descreve dois trajetos fluviais bastante utilizados de São Paulo a Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade:

> Esta necessaria carreira consiste em desce=| rem desde S*aõ* Paulo, O Rio Tieté, ate a sua| foz no Paraná; descerem parte deste, ate a| bôca do Rio Pardo que desagoa na opposta,| e Occidental margem; subir o Rio Pardo| ate a sua Origem; varar della as Canoas| por terra, para a Fazenda de Camapuaã;| descer o pequeno Rio deste nome, e o Cochim,| em que ele entra, ate a sua foz no Taqua=| ri, e navegar por este abaixo a sahir no| Paraguai; em fim remontando o Paraguai| se entra delle no de S*aõ* Lourenço, e deste no| Cuiaba ate a Villa deste nome, navegaçaõ| de quasi seis centas legoas, e em que se pas=|saõ 113. Cachoeiras. (p. 109).
>
> Porem no tempo da innundaçaõ do Pa=| raguai já quatro dias superior a fóz do Ta=| quari, atravessaõ as Canoas estes allagados| campos, e segundo o estado da cheia vaõ sa=| hir ao Paragua-mirim, aos Rios de S*aõ*| Lourenço, e Cuiaba, indiferentemente|| muito acima de suas barras, cortando ainda| delles para sahirem doze legoas abaixo daSer=| ra do Escalvado, quando se destinaõ para Villa| Bella pelo Rio Iaurû. (p. 109-111).

Os rios mencionados nesses dois trajetos serviram primeiramente de caminho para os bandeirantes paulistas avançarem para o oeste da Colônia no início do século XVI e, posteriormente, após descobertas as minas do Cuiabá, no início do século XVIII, transformaram-se em caminhos constitutivos das monções do sul, trajetos fluviais que saíam de terras paulistas pelo rio Tietê com a finalidade de abastecer as minas de Cuiabá e outras encontradas ao longo do século XVIII, escoar a riqueza, transportar negociantes, mineradores, representantes da Coroa Portuguesa, dentre outros "que se deixassem seduzir pela miragem do enriquecimento fácil. [...] Passou, então, a existir um surto migratório para o oeste, transformando os rios pantaneiros em caminhos das Monções" (COSTA, 1999, p. 181).

A título de ilustração e melhor visualização dos trajetos das monções do sul, observa-se a seguir uma figura apresentada por Siqueira (2002):

Figura 6 - Mapa das monções do sul
Fonte: Siqueira (2002, p. 34).

A propósito do rio Miranda, considerando-o como outro braço da direita, ou de sul do rio Paraguai, Ricardo Franco faz as seguintes observações:

> [...] pelo qual com mais sinco dias| de navegaçaõ, se chega ao novo Prezidio de Mi=| randa que V*ossa* Ex*cellenci*a com sabia providencia man=| dou fundar em 1797, para segurança daquel=| la importante e larga fronteira, invadida com| maõ armada, naquelle, e no antecedente an=| no pelos Espanhoes em numero de sete centos (p. 113).

Um aspecto a ser considerado no fragmento anterior diz respeito ao "Prezidio de Miranda", construído estrategicamente com o intuito de assegurar uma importante barreira entre os portugueses e os índios Uaicurûs e Payaguâs e "[...] cortar de hum golpe as clandestinas pertençoẽs| do fronteiro Governo Espanhol do Paraguai [...]" (p. 129), bem como

"[...] subi<s>tituir a| inservivel, arruinada, e indefeza Estacada de| Coimbra [...] (p. 129). O Presídio de Miranda ficava a "30 legoas do de Coimbra, quazi a rumo de Sul" (p. 115).

Podemos constatar que Ricardo Franco tece uma comparação entre os presídios de Coimbra e de Miranda, e considera este melhor que aquele, já que foi construído "[...] em um lugar muito menos dominado, e mais forte| por natureza, e que flanqueando dobrada ex=| tensaõ do Paraguai, domina as suas lateraes| planicies" (p. 131). No que diz respeito à estrutura arquitetônica do presídio de Miranda, o manuscrito afirma:

> Tem as suas muralhas des palmos de grosso,| e de quinze, ate vinte e sinco palmos de alto,| sobre desigual terreno, e aspera subida; pelos| dous lados edificados sobre o angulo recto, que| este Monte faz no Paraguai, he huma ro=| cha cortada a prumo, e pelos outros dous mais| praticaveis, cercado por hum escavado recinto| de aspera penedia, na aspera escarpa, e desci=| da deste ingreme Monte; (p. 131).

No que tange ao "Prezidio de Coimbra", fundado em 1775, foi considerado, em princípio, o "mais austral Estabelecimento Portuguez" (p. 121), pois predispunha de vantagens que eram favoráveis para a Coroa Lusitana defender-se e atacar em um conflito, tais como: por estar "situado na Occiden=| tal margem do Paraguai, naõ só baliza, e fe=| cha a antiga posse Portugueza de ambas as| margens deste grande Rio, mas cobre; guarda,| e defende as bocas, e navegaçaõ dos dous Rios| Mondego, e Taquari" (p. 123), bem como podia

> [...] cohibir os insultos, e atro=|cidades que os Indios Uaicurûs, e Payaguâs,| cometiaõ cada dia contra os Portuguezes de que| mataraõ alguns mil. A fortificaçaõ de Co=| imbra consistia em huma simples Estacada|| bastante para conter aquellas inimigas Tribus q*ue*| occupavaõ hum grande espaço do Paraguai, en=| tre Portuguezes, e Espanhoẽs" (p. 127-129).

As informações tratadas acerca desses presídios conduz-nos ao acontecimento histórico de que, enquanto as duas Coroas Ibéricas negociavam, entre meados do século XVIII e o fim, para demarcar as fronteiras das terras das coroas Portuguesa e Espanhola na América, a ocupação portuguesa na área pantaneira ocorria por meio da criação de postos militares, como o Presídio de Coimbra[28] (1775); o Forte do Príncipe da Beira (iniciado em 1776, considerado concluído em 1783); o Presídio de Miranda[29] (1797); bem como a Vila Maria do Paraguai (1778), atual cidade de Cáceres-MT; e a Povoação de Albuquerque (1778), atual cidade de Corumbá-MS, além de a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá (1727). De acordo com Costa (1999, p. 56), "estes núcleos garantiriam a efetiva incorporação do Pantanal às terras portuguesas, depois brasileiras".

Apesar de essas negociações terem ocorrido no século XVIII, apenas no início do século XIX, ao celebrar o Tratado de Badajós (1801), demarcaram-se efetivamente os limites

---

[28] Presídio de Coimbra, também denominado como "Forte de Coimbra" ou "Presídio de Nova Coimbra".
[29] Presídio de Miranda, também denominado como "Forte de Miranda".

entre os territórios coloniais de Portugal e Espanha na América do Sul. Esse acontecimento corrobora para que entendamos a terminologia utilizada por Ricardo Franco ao remeter-se ao tratado de limites, anterior a 1801, como "Tratado preliminar". No *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa* (2009), de Antônio Houaiss, há a seguinte acepção para "preliminar": "que antecede (o principal); prévio, preambular, introdutório". Nessa esteira, a Coroa Portuguesa, compreendendo os tratados de limite como "preliminares", continuou com sua política de expansão e na reconfiguração político-territorial da América portuguesa até que o "Tratado Definitivo" fosse assinado.

O excerto precedente deixa transparecer ainda os confrontos violentos entre índios e portugueses, fato muito presente no processo de colonização das Américas. A resistência dos índios Uaicurûs e Paiaguás, e dos demais indígenas à dominação portuguesa, ocorreu em decorrência de os colonizadores quererem transformá-los em mão-de-obra escrava e, sobretudo, de se apossar dos territórios indígenas. De acordo com Siqueira (2002, p. 63), "na legislação portuguesa, a questão indígena era contraditória, pois ora os índios eram considerados súditos do rei, ora bárbaros".

Ricardo Franco descreve também alguns "Fortes" de domínio espanhol, existentes às margens do rio Paraguai, a exemplo de o "Forte Espanhol de Borbon", "situado no cume de hum pequeno Morro, na margem Occidental do Paraguai" (p. 133), nele havendo à época setenta homens, onze peças de artilharias, "segundo informaõ os Portuguezes que alli tem hido" (p. 133).

Outro forte de domínio espanhol mencionado é o "Forte de São Carlos", que ficava às margens do rio Apa e possuía pequenas peças de artilharia e menos guarnição que o "Forte Espanhol de Borbon". Abaixo desse rio, "desagoa na mesma Oriental margem do Paraguai o Rio Aquidavan [...]" (p. 137) e ao sul dele, "está sobre a margem Oriental do Pa=| raguai, Villa Real, fundada pelos Espanho=| es no anno de 1777. Tem hum Fortim, na| frente do Rio, alguma Artilharia miuda;| constando a sua populaçaõ, segundo informaõ| os Uaicurûs, de quatro centas pessoas, ou pou=| co mais" (p. 139).

De acordo com o manuscrito, a fundação de "Villa Real" (1777), "Forte Espanhol de Borbon" (1792) e "Forte de São Carlos" (1793) tratou-se de uma violação dos "mais solemnes ajustes" (p. 141), por parte dos espanhóis, em relação aos Tratados de Limite de 1750 a 1777, ou seja, Tratado de Madri e Tratado de Santo Ildefonso, respectivamente.

Em seguida, Ricardo Franco refere-se à "Cidade de Assumpçaõ Capital do Governo do Paraguai" (p. 141), abaixo de "Villa Real"; à "Villa de Curuguati, 50 legoas de caminho da Assumpçaõ a rumo de No<r>d-Este; e vinte legoas distante, e a Sul da evacuada Praça do

Iguatemy" (p. 143). Ainda menciona a "Cidade de Correntes", "Santa Luzia", "Santa Fé", e as províncias: "Tucuman" e "Chaco, ou Provincia de Yapislaga", de domínio espanhol.

Acerca do rio Paraná, a sua relação com os rios Paraguai e da Prata, o manuscrito afirma:

> [...] dal se agoas, e quatro centas legoas de curso, tendo as suas| afastadas e amplas fontes em Minas Geraes, e no cen=| tro do Brazil; conflue com o Paraguai, pela lati=| tude de 27.º e 25.' formando a uniaõ destes dous gran=| des Rios desta sua confluencia para baixo, hum| só Canal de grande fundo, e larguissimo leito, em| que o famozo Paraguai perde o nome, e toma o de| Rio da Prata. (p. 145).

A propósito do Rio da Prata, especificamente dos largos terrenos de sua ocidental margem, de acordo com o documento, "[...] formaõ varias Provincias, e Gover=| nos. A mais vizinha a Buenos Aires, e| que se estende para Occidente, he a Provincia de| Cordova, aonde vivem muitos Portuguezes esta=| belecidos, huns aprezionados na Colonia do Sa=| cramento, e outros a buscar fortuna [...]" (p. 147).

Por fim, Ricardo Franco ressalta que a descrição realizada em torno dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Paraguai, envolvendo a Capitania de Mato Grosso e os governos espanhóis, não podia "[...] deixar de ser extensa, para comprehen=| der, ainda que concizamente taõ multiplicados,| e relativos lugares importantes, e Limitrofes." (p. 151).

Os habitantes que estavam expostos nas margens dos rios acima mencionados eram de origens diferentes, sendo que, do lado espanhol, havia índios (eram a grande maioria) e "[...] alguns poucos Es=| panhoes, que lhes servem de Directores, e outros| misteres [...]" (p. 57); e do lado da português, havia portugueses, índios, escravos negros, mineiros de diversas regiões da Colônia instalados ao entorno do rio Guaporé, entre outros, muitos dos quais utilizavam-se dos rios enquanto canais de comunicação para vender o que era produzido naquelas terras, comunicarem-se, guerrearem, explorarem. Na verdade, os rios também eram considerados como mediadores do contato linguístico entre esses povos.

1.4.3 População portuguesa, população espanhola e governo do Paraguai

Na seção sobre população, Ricardo Franco apresenta o número de habitantes da Capitania de Mato Grosso, o de domínio espanhol e o do Paraguai, com ênfase no número de homens que poderiam atuar em uma eventual guerra, tanto em prol da Coroa Portuguesa quanto da Coroa Espanhola, além de preocupar-se com os recursos de que a Capitania de Mato Grosso precisaria. Esses dados expostos nos auxiliam no entendimento da constituição de bases humana e linguística brasileira do século XVIII, na referida Capitania.

Observa-se a descrição da população da Capitania de Mato Grosso no manuscrito *Memoria*:

> A Populaçaõ da Capitania de Matto Grosso| anda por vinte e quatro mil almas; dezoito mil,| com curta diferença, na Villa do Cuiaba, e seus|| adjacentes Arraiaes, e seis mil similhantemente | em Villa Bella, Capital deste Governo General,| e comparando esta populaçaõ com huma que te= nho do anno de 1787, entaõ mais diminuta, rezulta|
> Escravos de ambos os Sexos..... 11:664.
> Mulheres de todas as idades..... 6:088.
> Velhos de sincoenta annos para cima..... 884.
> Rapazes de 1 ate 15 annos..... 2:616.
> Homens de 16 ate 50 annos..... 2:748.
> Soma..... 24:000. (p.151-153).

Nesse excerto, é possível constatar que dos 24000 habitantes, 2748 são homens entre 16 a 50 anos que poderiam atuar em uma possível guerra, os que estavam empregados no serviço público, sendo eles:

> [...] administraçaõ da Justiça, eFa=| zenda, e Altar; os Mineiros, Lavradores, Fazen=| deiros, e Comerciantes; assim como Feitores, Cai=| xeiros, Pilotos, Remeiros, e mais empregos anne=| xos a cada huma destas Classes, a que ainda se| derem ajuntar Carpinteiros, Ferreiros, e outros| officios mecanicos (p. 153).

Sendo assim, os homens "capazes de pegar em armas" (p. 151), totalizavam 1500 que, estrategicamente seriam distribuídos pelos lugares considerados mais importantes e expostos da extensa fronteira, a saber: "Forte de Principe; Villa Bella, Coimbra, e| Miranda" (p. 155).

Os recursos de que a Capitania de Mato Grosso precisaria para sustentar uma guerra poderiam ser provenientes das Capitanias: "Graõ Pará" e "Goiaz". No caso da primeira, havia alguns empecilhos, devido ao número reduzido de população e a impossibilidade de se enviar tropa. Além disso, essa Capitania era confinada com franceses e holandeses que muitas vezes apoiavam a Espanha em guerras. A Capitania de "Goiaz", apesar de ser a "mais prom=| pta, e naturalmente deve socorrer esta sua| vizinha, e exposta Capitania, tanto em gente,| para o que he assaz povoada, como em maior| quantidade de ouro, recurso indispensavel, e| nervo principal da guerra"(p. 157), recusava-se a prestar auxílio devido a uma "oculta fatalidade" (p. 157).

A população espanhola, das províncias mais vizinhas com a Capitania de Mato Grosso, de acordo com o manuscrito, registrava um total de 120000 habitantes, sem contar com os 25000 habitantes da "Cidade de Chuquisaca, ou de la Plata" (p. 159), que, por sua vez, já havia auxiliado duas vezes os espanhóis com tropa para atacar a "Fortaleza da Conceiçaõ no Guaporé" (p. 161).

Por sua vez, a população do "Governo do Paraguai", chegava a um total de 113 mil habitantes. A propósito da participação em conflitos bélicos,

> Ella mandou tres| mil homens do socorro para Buenos Aires| na guerra em que se enlaçou Espanha con=| tra a Inglaterra pelos annos de 1780 quando| auxiliou os Americanos Inglezes sublevados|| e fazendo a guerra a sua Capital, e mesma Naçaõ.| Os recursos deste Governo, como lhe podem vir do| porto Maritimo de Buenos Aires, seraõ sempre| faceis, e os precizos conduzidos nas suas grandes| Embarcaçoẽs podendo ainda ser auxiliado este Go=| verno pelo de Tucuman, e pelo do Paraná. (p. 161-163).

A respeito da aparente desvantagem da Capitania de Mato Grosso frente aos espanhóis, em relação ao número de habitantes, Ricardo Franco assegura:

> Pelo que o total da Populaçaõ de todas estas Pro=| vincias Espanholas, confinantes com a Capitania| do Matto Grosso, e todas subalternas do Vice Rei de| Buenos Aires, corresponde a duzentos e quarenta| mil habitantes. E como nellas os Escravos| saõ raros, e numerosas as Povoaçoens de Indios| substituindo huns por outros, rezulta pela pro=| porçaõ da Capitania do Matto Grosso:
> Indios de ambos os Sexos..... 116:640.
> Mulheres de todas as idades..... 60:880.
> Velhos de 50 annos para cima..... 8:840.
> Rapazes de 1. ate 15 annos..... 26:160.
> Homens de 16 ate 50 annos..... 27:480.
> Soma total..... 240:000. (p. 163).

Ricardo Franco considera que o número de 27480 homens da Província Espanhola, entre 16 a 50 anos, aptos para lutarem em guerra contra a Coroa Portuguesa, por um lado, não se configurava desproporcional ao número de homens existentes na Capitania de Mato Grosso, 1500; por outro, faz a ressalva de que milhares de índios poderiam ajudar na guerra aos espanhóis, já que dos onze mil escravos, poucos eram de confiança, isso porque consideravam seus senhores como inimigos e buscavam meios para a liberdade que almejavam.

Ao remeter-se aos escravos negros e seus desejos de liberdade, e que "buscaõ logo| que achaõ meios de a conseguir" (p. 165), Ricardo Franco refere-se aos quilombos, em que "se refugiava uma população variada - negra, índia e branca pobre - que, fugindo à opressão sofrida, optavam por viver livremente" (SIQUEIRA, 2002, p. 122). Em Mato Grosso, bem como em todo o Brasil, houve inúmeros quilombos, sendo, de acordo com Siqueira (2002, p. 122-123), o mais famoso em Mato Grosso o do "**Piolho** ou **Quariterê,** situado na região do Guaporé, próximo ao rio Piolho, erguido entre os anos de 1770/1771".

No caso dos índios no domínio espanhol, apesar de ser um número considerável, não oferecia vantagem aos espanhóis, pois eram imprevisíveis em razão do modo de vida a que estavam acostumados no seu dia a dia:

> [...] saudozos sempre da livre pos=| se com que as frescas sombra dos ferteis Bos=| ques da Zona torrida, e no regaço da indo=| lente preguiça, gozaraõ por tantos seculos os| mesmos vastissimos, e ricos Sertoens, e terrenos,| que hoje pelo direito

> da força dominaõ os| Espanhoes, fazendo esta perda, que olhem com| concentrada antipatia, a estes seus oppressores,| os quaes lhe deixaraõ huma apparente liber=| dade, com vizos de real Captiveiro. (p. 165).

Segundo os dados apresentados no manuscrito *Memoria*, quase 50% da população da Capitania de Mato Grosso, no final do século XVIII, era composta por negros. Fausto (1995, p. 135), por sua vez, pondera que "não há números confiáveis sobre a população do Brasil no fim do período colonial. As contagens mandadas realizar pela Coroa excluíam com freqüência os menores de sete anos, os índios e algumas vezes até os escravos."

Ainda nesse campo de constituição da população mato-grossense no período Colonial, Siqueira (2002), em seu Capítulo 10 intitulado "Panorama sociocultural - A sociedade colonial", observa que a sociedade mato-grossense era composta por várias camadas sociais, dividindo-as em "homens livres" e "escravos". Quanto aos "homens livres", compreendiam as Elites, a Camada Média, os Homens Livres pobres. As Elites eram compostas pelos fazendeiros, grandes comerciantes, burocratas do Estado; a Camada Média "por profissionais liberais, baixo clero, professores, funcionários públicos, militares, ambos de médio posto e pequenos comerciantes." (SIQUEIRA, 2002, p. 58); já a categoria Homens Livres e Pobres, era composta por militares de baixa ou nenhuma patente, mineiros, pequenos agricultores e soldados "oriundos das famílias de poucas posses" (SIQUEIRA, 2002, p. 59).

No que concerne aos "escravos", Siqueira (2002, p. 59) afirma que "constituíam uma significativa parcela da sociedade mato-grossense. Era essa camada social composta de negros africanos ou seus descendentes e pelos índios, conhecidos como 'negros da terra'."

Assim, pode-se afirmar que o português, o índio, o negro escravo e os migrantes constituíram, durante o período colonial, as bases humana e linguística mato-grossense. Ademais, no que diz respeito à região de Cuiabá, e por extensão a região de Cáceres, conviveram, "em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos". (DETTONI, 2003, p. 197).

No início do século XVIII, houve um significativo aumento na população de Mato Grosso devido à descoberta do ouro. No entanto, à medida em que ocorreu o enfraquecimento das minas auríferas, o povo foi se dispersando, ocasionando uma certa estagnação, o que dificultou os interesses da Coroa Portuguesa, inclusive a manutenção da política de conquistas e defesa, conforme apresentado no manuscrito *Memoria*, ficando um número

pequeno de população na Capitania de Mato Grosso no final do século XVIII, o que preocupava os governantes.

1.4.4 Plano de guerra

Na seção intitulada "Plano de Guerra", Ricardo Franco relata de forma detalhada quais as deficiências em termos de defesa do território da Coroa Espanhola, num eventual ataque, bem como as suas vantagens que deveriam ser observadas. A partir disso e de pontos estratégicos, vantajosos da Capitania de Mato Grosso, muito bem valorizados, apresenta-se o plano de guerra, tendo como ponto de partida três locais que fazem fronteira com o domínio espanhol, por serem os mais estratégicos e importantes dessa Capitania, ou seja, ideais para possibilitarem que a guerra ocorra de forma ofensiva e|ou defensiva, "se naõ| no todo, na maior parte deve ser offensiva" (p. 175).

As três parciais fronteiras, divididas nas proximidades dos vizinhos espanhóis, são relatadas no excerto:

> A primeira o **Forte do Principe da Bei=| ra**, na extremidade de Norte, e de Poente, a| que corresponde a Provincia Espanhola de Moxos.| A segunda, **Villa Bella** no centro da| Raia, circundada, e extremando por Sul| com o Governo de Chiquitos.| A terceira, e mais austral, **Coimbra**, con=| finante com o Governo Espanhol do Paragu=| ai. (p. 167, grifos nossos).

De acordo com o manuscrito *Memoria*, esses três pontos, "distantes entre si centos de legoas de hum in=| culto, e naõ trilhado sertaõ, coberto em| parte de densa Mattaria, e em parte| de pantanozos espaços" (p. 175), não podiam ficar desguarnecidos, precisando assim de forças possíveis para a sua segurança, de modo a criar obstáculos aos propósitos ameaçadores do inimigo, bem como evitar que esse, por ter forças superiores, se apropriasse de algum desses lugares.

Na verdade, a estratégia proposta por Ricardo Franco é a de que "concentrando-se as| Tropas em lugares fortes por natureza, nos| quaes podendo poucos rezistir a muitos, equi=| libre esta ventagem a desigualdade das Tro=| pas, e se cance ao inimigo com surprezas| de viveres, marchas indirectas, e combates de| pequeno e avançados Corpos" (p. 173).

No que concerne à primeira fronteira, o "Forte do Príncipe da Beira", apresentava-se como ponto positivo à Coroa Portuguesa por sua sólida construção, sendo:

> [...] amplo| quadrado Fortificado segundo as regras, e constru=| ido com solidas muralhas; Forte, que no centro| da America, se pode conciderar como huma Pra=| ça Real, que os Espanhoes de Santa Cruz naõ po=| deraõ vantajoza, e regularmente sitiar, por lhes| faltar Artilharia grossa de Bater, a qual lhe| naõ pode chegar dos seus portos Maritimos, a| os ingremes cumes das altas Francos dos Andes,| em que estaõ situadas aquellas Cidades (p. 177).

De todo modo, era preciso não possibilitar que os espanhóis efetuassem um ataque contra esse forte, mas se isso chegasse a ocorrer, dever-se-ia evitar que

> [...] desçaõ o Rio Ma=| moré, cuja juncçaõ com o Guaporé, está 21 le=| goas abaixo do Forte do Principe, entrem del=| le no grande Madeira, aonde Estabeleci=| dos na Cachoeira deste nome, consigaõ com| isto, naõ só estenderem o todo daquella Pro=| vincia, e Rios, mas cortarem a urgente com=| municaçaõ, entre as Capitanias do Matto| Grosso, e Gram Pará, taõ necessaria no tem=| po da paz, e indispensavel no da Guerra,| pois só esta Carreira, e navegaçaõ pode| fornecer Artilharia e mais generos de ma=| ior volume, e pezo para o dito Forte, Villa| Bella, e toda a Capitania. (p. 179).

No entanto, diante do pequeno número de habitantes, falta de artilharia, "pois a que tem he pouca, e insigni=| ficante" (p. 183), era preciso que os portugueses usassem a seu favor algumas vantagens que a Província de Moxos lhes oferecia e, com isso, propusessem uma guerra ofensiva. No que concerne às vantagens, tratava-se da pouca habilidade com o manuseio de canoas por parte dos espanhóis, que precisavam delas para se deslocarem de Santa Cruz de la Sierra para a Província de Moxos, sendo suas canoas inferiores aos botes portugueses. Nessa esteira, "Esta superioridade dos nossos Botes armados| em guerra, para o que serve, e he propria a nossa| miuda artilharia, nos franqueaõ todas as| Missoẽs de Moxos pelos Rios Madeira, Ma=| moré, Itonamas, e Baures" (p. 185).

Ademais, se os espanhóis reconhecessem que não teriam força e artilharia suficiente para atacarem o "Forte do Principe da Beira", limitando-se a uma guerra defensiva para a fazerem mais ofensiva pela outra fronteira de "Villa Bella", os portugueses deveriam "fazer da Provincia de Moxos, o Theatro| de huma activa guerra offensiva, como vou de=| monstrando" (p.191). E mais, "naõ só se deve fazer a guerra| ofensiva=mente, e vigoroza pela Provincia de| Moxos, mas constituir a sua adquisiçaõ, hum| constante objecto, e plano para se unir ao Domi=| nio Portuguez (p. 199). Isso demonstra, sobretudo, uma estratégia militar para melhor controlar e expandir o território português.

Nessa perspectiva, implicava aos espanhóis chamarem à Província de Moxos todas as tropas que conseguissem ajuntar na cidade de Santa Cruz de la Sierra e das suas vizinhas terras e cidades. Com isso,

> [...] ficará dessipado qualquer| projecto, e attaque, que premeditem, pela fron=| teira de Villa Bella; objecto só por si bastan=| te para se fazer com util segurança, e ma=| iores ventagens, da Provincia de Moxos; o|| Theatro de huma feliz guerra offensiva; Provin=| cia que os Espanhoes defenderaõ a todo o custo, tan=| to pelo seu interesse, e portas que ella abre para| o Dominio Portuguez, das Capitanias do Matto| Grosso, e Gram Pará, e possessoẽs dos Rios Ma=| moré, e da Madeira; como por serem estas mes=| mas portas; outras tantas, e faceis entradas, que| os Portuguezes tem para vantajozamente os| attacarem. (p. 199-201).

Diante dessa conjuntura, a "Segunda Fronteira de Villa Bella" teria vantagens diante do número reduzido de vizinhos espanhóis para defender a Província de Chiquitos e fronteira,

pois "[...] a pezar da maior populaçaõ da Cidade| de Santa Cruz, e das mais terras suas vizi=| nhas naõ poderá formar dous Corpos de Tro=| pas temiveis para offensivamente manobrar| em cada huma destas duas Fronteiras" (p. 213).

Quanto ao percurso dos espanhóis de Santa Cruz de la Sierra ao centro da sua Província de Chiquitos, demorariam oito dias a cavalo. Ricardo Franco ressalta que o "Corpo de Cavalaria" (p. 201) pertencente aos espanhóis levaria vantagem sob a pequena quantidade de cavalos que a Capitania de Mato Grosso tinha. Porém, da Província de Chiquitos à fronteira de Vila Bela, os percursos existentes eram compostos de elementos que inviabilizavam a passagem do inimigo espanhol, sendo eles: terras pantanosas e alagadas que "só| na força das secas praticavel" (p. 205), bem como o mato fechado e unido, "terreno desigual, apertado, e coberto de| Arvoredo" (p. 205).

Por esses motivos, nesses pontos na fronteira de Vila Bela, o ideal era que ocorresse a guerra defensiva. Já no caso de "Cazal Vasco", Ricardo Franco destaca que só seria possível salvá-la, se houvesse uma guerra ofensiva.

No que tange à "Terceira Fronteira de Coimbra", Ricardo Franco pondera que

> As vantagens que a natural situaçaõ Geo=| grafica da extrema da Capitania do Mat=| to Grosso, offerece aos Portuguezes pelos Rios| Baures, Itonamas, Guaporé, Mamoré, e| da Madeira sobre o Governo Espanhol da| Provincia de Moxos, a qual facilmente se| pode invadir, e com utilidade conservar: Saõ| equivalente as mesmas que os Espanho=| es podem conseguir pela larga fronteira| do Paraguai; e talvez com maior interesse,| e menos difficuldade, para esta confinan=| te Naçaõ. (p. 215).

No fragmento anterior, a Espanha sobressai positivamente acerca da fronteira do rio Paraguai, isso devido à vantagem, entre outras, de poderem navegar de Buenos Aires pelo rio Paraguai em barcos maiores do que os botes do Guaporé e as pequenas canoas que os portugueses utilizavam para navegar nesse rio, e nos rios Iarû, Cuiabá, Taquari e Mondego, sendo que, nesses quatro últimos, devido às suas características, não admitiam que as canoas fossem maiores.

Os espanhóis podiam transportar artilharia em grande quantidade nesses grandes barcos e, por meio dos extensos campos de ambas as margens do Paraguai, transportavam tropas, cavalgaduras e gado, facilitando assim que o ataque ao "Prezidio de Coimbra" ocorresse por água e terra e, no caso do "Prezidio de Miranda", por terra em qualquer estação do ano.

Em termos de desvantagens à Coroa Portuguesa, em caso de perda dessa fronteira de Coimbra aos espanhóis, Ricardo Franco ressalta algumas, a saber:

- os espanhóis interceptariam a navegação dos rios Mondego e Taquari e, consequentemente, o comércio de São Paulo para a "Villa do Cuiabá", necessário para abastecer com mantimentos os presídios de Coimbra e Miranda;
- a povoação de Albuquerque, "ainda que se figura hum lugar mais forte| por natureza" (p. 219), seria dos espanhóis;
- ao dominarem os rios Mondego e Taquari, os espanhóis teriam a navegação livre de todo o rio Paraguai, "[...] abrindo-lhes pelas Lagoas Mandi=| oré, Gaiba, e Uberava, uteis communicaçoẽs| para a Provincia de Chiquitos, estrada|| breve, e commoda para Santa Cruz, e della pa=| ra o Potosi, e mais centro do Perû, com immen=| sa utilidade do seu Comercio [...]" (p. 221-223);
- os espanhóis expandiriam os seus domínios, cumprindo a ordem que receberam ao fundarem o Forte de Borbon, em 1792, na margem ocidental do Paraguai, "[...] senhorian=| do-se logo da posse de ambas as margens do Para=| guai, e da sua navegaçaõ; e naõ deixando com| violento despotismo passar mais os Portuguezes da=| quelle Forte para baixo [...]" (p. 227).

Ricardo Franco chama a atenção para o fato de que os governos espanhóis não poderiam fortalecer com igualdade toda a fronteira do rio Paraguai, pois tinham que defender as outras duas fronteiras. Sendo assim, "tudo evidentemente demonstra que só a| guerra defensiva he a mais propria, e segura,| para a conservaçaõ desta importante fronteira." (p. 229). No entanto, para isso, deveria ter em cada um dos presídios de Coimbra e Miranda, "mantimento pa=| ra seis mezes, Gente escolhida, e boas Espingar=| das; visto a Artilharia que tem ser insignifi=| cante por pouca, e nem cursar ate a opposta| margem do Paraguai; quando a do inimigo,| e ainda a de Borbon de alcance maior, pode| offender, sem ser offendido" (2012, p. 229).

Em termos de aliados para efetuar essa guerra defensiva, Ricardo Franco menciona os "Indios Uaicuruz" que acompanhavam os portugueses, porém faz a seguinte ressalva:

> Os Indios Uaicuruz, julgo que só nos podem| ajudar nas incursoens que se possaõ fazer no Paiz | inimigo, e nunca em Campanha aberta, ou na| valoroza defensiva sendo nella timidos. Elles| com o certo risco de hum só homem nada empre=| hendem, sendo só a rapacidade, e a traiçaõ, quan=| to lhe inspiraõ os seus inveterados costumes;| amigos pelo interesse, e inimigos occultos pela| sua natural inconstancia, e sempre ingratos, e| barbaros principios. (p. 239).

Devido aos confrontos entre índios e portugueses desde o início da colonização do território oeste da Colônia, conforme já explicitamos, a Coroa Lusitana não os considerava dignos de confiança, inclusive, conforme já dito, Ricardo Franco não os inclui na soma total da população da Capitania de Mato Grosso no final do século XVIII.

Outro aspecto a ser considerado em relação aos índios, de forma positiva desta vez à Coroa Portuguesa, é o de que os espanhóis os temiam, pois "pouco affei=| çoados lhe saõ estes altivos Indios, que mais de| huma vez tem recebido duro castigo das suas atro=| cidades" (p. 239). Sendo assim, os índios eram úteis aos portugueses em uma guerra cuja finalidade fosse a de invadir e lutar contra os espanhóis, desde que estivessem acompanhados por portugueses:

> [...] que os animem, avivando-lhe| a seu antigo rancor, e sofrendo-lhe os seus dia=| rios incommodos, pelo pozitivo interesse de naõ| augmentar o numero dos inimigos no tempo da| guerra, e no da paz poupar as muitas vidas, e|| traiçoẽs, que cada anno cometiaõ sobre os Portugueses| por toda a extensaõ dos Rios Paraguai, Cuiabá, e| Iaurú. Esta inspirada animozidade evitará| tambem a reconciliaçaõ que os Espanhoes effi=| cazmente solicitaõ fazer com elles, convidando os| para as suas antigas moradas, que lhe saõ taõ | proximas. (p. 239-241).

A Capitania de São Paulo, por sua vez, também foi mencionada como suporte para a Cora Portuguesa, para defender e fazer a segurança da Capitania de Mato Grosso pela importante fronteira do rio Paraguai, "naõ só a pode facil, e util=| mente auxiliar a Capitania de S*aõ* Paulo de| numeroza populaçaõ, mas fazer mudar o| semelhante da guerra."(p. 245).

No que se refere ao "mudar o| semelhante da guerra", o auxílio dos portugueses do "Igatimy" fariam com que o inimigo espanhol dividisse suas forças para atacar os três estabelecimentos: presídios de Coimbra e de Miranda, e "Igatimy", além de aumentar a despesa em "muniçoẽs de bôca, e guerra,| e outros preparos annexos a guerra offensi=| va" (p. 247). Com isso, os portugueses das Capitanias de São Paulo e de Mato Grosso agiriam conjuntamente nesses três estabelecimentos, auxiliando em "projectadas acçoẽs,| para assim previnir, e obstar os intentos| Espanhoes; tudo pode concorrer para hu=| ma ditoza guerra, que derramará o susto| e a incerteza no Governo do Paraguai" (p. 247).

Ricardo Franco também sugere que a Capitania de São Paulo "Villa de Curityba assaz povoada, e aonde con=| correm grande numero de Cavalgaduras;| pode acompanhando as margens do Rio taõ=| bem chamado de Curityba, ou Iguaçu, fa=| zer a guerra do Governo do Paraguai [...]" (p. 247). O referido rio, correndo dessa vila de nascente a poente, entra na margem oriental do rio Paraná, e nessa margem há trinta e dois povos que formam uma Província espanhola, mas "[...] pouco saõ temiveis por se=| rem povoados por Indios, ficando todos| expostos áquella entrada" (p. 251).

Por último, Ricardo Franco ressalta as vantagens da terceira fronteira da Capitania de Mato Grosso, do lado do rio Paraguai, de modo que ela sobressai às demais fronteiras, conforme explícito no excerto a seguir:

> [...] mereceo| mais detalhada combinaçaõ, por ser a que| confina com mais populozos Dominios Es=| panhoes, e por todas as faces mais exposta| e naõ menos

> importante, do que as outras| duas, de Villa Bella, e do Forte do Prin=| cipe da Beira. Ella franquea amplas| entradas para o rico centro desta Capita=| nia, e de todo o Brazil; e mostra a esta|| vizinha Naçaõ lugares importantes, para hu=| ma proxima, e util communicaçaõ, pela Pro=| vincia de Chiquitos, com o opulento Perû, fa=| cilitada desde Buenos Aires, por huma naõ| interrompida, breve, e segura navegaçaõ, a qual| lhe facilita igualmente os meios para huma| vantajoza Guerra offensiva, e para no tempo| da paz exportarem todos os dons da agricul=| tura, e fazerem hum lucrativo Comercio:| Vantagens que naõ concorrem de forma| alguma nas outras duas Fronteiras [...] (p. 253-255).

Após descrever o plano de guerra ofensiva e defensiva a partir de três pontos estratégicos da Capitania de Mato Grosso, Ricardo Franco destaca que discorrerá o seu imparcial parecer sobre a defesa e segurança dessa Capitania. Para isso, primeiramente, reforça as razões pelas quais considera a terceira fronteira de Coimbra a mais forte e defensível a favor da Capitania de Mato Grosso: "A poziçaõ local de Nova Coimbra he por| muitas faces a mais propria para cobrir a fron=| teira do Matto Grosso; e Cuiabá pelas agoas do| Paraguai; e em todo o cazo preferivel ás Ser=| ras do Corumbá, ou da Povoaçaõ de Albuquer=| que." (p. 257).

E mais, destaca que os espanhóis estavam avançando de modo ambicioso em territórios os quais os portugueses julgavam ser sempre seus. Nessa esteira, não podia reduzir Coimbra a "huma simples Atalaia" (p. 259), pois isso seria o mesmo que recusar e atender os desejos dos espanhóis, ou seja, entregar-lhes "as bocas e posse dos Rios Monde=| go, e Taquari" (p. 259) que esse presídio cobre e fecha, comprometendo assim os socorros e comércio vindos da Capitania de São Paulo à Capitania de Mato Grosso.

Em seguida, cita a necessidade de existência das atividades de criação de gado e agricultura nos estabelecimentos do rio Paraguai. No caso das "fazendas de Gado" (p. 269), são consideradas úteis "tanto para| fartura no tempo da paz, como de urgente|| socorro no da guerra; devendo existir em passagens| que estes Prezidios cubraõ e guardem dos roubos dos| Indios que os cercaõ, e a que não possa chegar fa=| cilmente o inimigo" (p. 269-271). Além disso, essas fazendas, juntamente com as do "Igatimy", são um indispensável auxílio na falta de outro municiamento.

Já a agricultura devia ser praticada nos matos da Povoação de Albuquerque e do Presídio de Miranda como um meio para aumentar sua população. Em outros termos, a Real Fazenda, para incentivar isso, podia pagar os mantimentos com um preço maior do que na Vila de Cuiabá, o que não causaria danos àquela, pois, ao contabilizar o custo dos mantimentos transportados da Vila de Cuiabá a esses estabelecimentos e o custo de tudo que envolvia esse transporte, ficaria quase o mesmo valor.

O maior preço dos produtos agrícolas nesta fronteira corroboraria também para atrair "homens de Escravaturas" (p. 275) que instalariam engenho, o que resultaria em maior concorrência e interesse dos cultivadores, restando as penúrias da fome, "sendo a falta de mantimen=| tos o inimigo mais temivel, e o que muitas| vezes vence as mais expugnaveis Praças" (p. 275).

No que tange à "agricultura em Minas" (p. 275) na Capitania de Mato Grosso, há uma

> [...] progressaõ inversa, isto he, quando as| Minas estaõ afluentes, a maior parte da| Escravatura, se emprega nellas, com o que| faltando braços na cultura, sobem de va=| lor os seus productos, equilibrando-se assim os lu=| cros de huma e outra classe, e pelo contrario enfra=| quecendo a extracçaõ do ouro, rebaixa o preço dos| mantimentos por crescerem os braços na agricul=| tura, atrasando-se mutuamente em forçados em=| penhos Mineiros e Cultivadores, por que os di=| zimos, as despezas Eclesiasticas, o vestuario, fer=| ramentas, e mais generos para manter estas| fabricas, e sua Escravatura, naõ descem de va=| lor, antes ordinariamente sobem pela menor| concorrencia de Comerciantes, e maior demora| em vender as suas Carregaçoẽs, e nas respecti=| vas cobranças. (p. 277).

Isso evidencia que o enfraquecimento da extração do ouro causava prejuízos, inclusive à Coroa Portuguesa que precisava dos impostos oriundos das minas para custear suas despesas, dentre elas as com a Igreja. Siqueira (2002, p. 70) observa que "a Coroa Portuguesa manteve, durante o Período Colonial, uma estreita relação com a Igreja Católica". Nesse sentido, o rei de Portugal, a partir do padroado real, ficou com o direito de recolher o tributo devido pelos súditos da Igreja, conhecido como dízimo, porém tinha a incumbência de remunerar o clero e construir e zelar pela conservação dos edifícios destinados ao culto.

Em relação à questão das minas auríferas, Ricardo Franco conclui que "Finalmente em Minas a abun=|| dancia de ouro atrahe a eles o Comercio, anima| a agricultura, e povoa as terras: A sua fal=| ta diminue a populaçaõ, desfalece a cultura, e| afasta o Comercio. (p. 277-279).

Ricardo Franco tece ainda considerações a respeito das condições auríferas e geográficas do distrito de Mato Grosso. Em relação à primeira, afirma que os sinais de ouro ainda não eram constantes e havia um agravante, a dificuldade de comunicação entre esse distrito e Vila Bela, inclusive por meio do rio Verde "[...] que apenas tem agoa para canoas menores, e 26 trabalhozas Cachoeiras que se devem passar" (p. 279).

No que tange às condições geográficas, toda a extensão do Rio Guaporé e de seus confluentes encontrava-se "[...] doen=| tio, em consequencia dos seus allagadiços vapo=| res, e densidade dos seus amplissimos mattos, fo=| lhas e troncos cahidos, ervas aquaticas, e mil| insectos mortos; o que tudo fermentado pelo ni=| mio calor da Zona torrida, e por huma cons=| tante humidade" (p. 281). No entanto, era possível que essas "qualidades mortiferas"

(p. 283) melhorassem por meio de prática de agricultura, maior quantidade de gado e "pelos fogos, e abati=|| dos Bosques" (p. 281-283) durante diversos anos.

Posto isso, Ricardo Franco afirma que a gravidade das moléstias não eram razões para abandonar essas terras, e cita o exemplo da persistência da Coroa Portuguesa e não abandono de lugares que apresentavam também qualidades mortíferas, como Cabo Verde, Angola, Moçambique e outras Colônias da África. Além do mais, ao contrário desses lugares, "[...] Matto Grosso, segundo informaõ| os homens que vivem nelle ha trinta e qua=| renta annos, tem melhorado na gravidade das| molestias" (p. 283).

Ricardo Franco refere-se ainda aos governadores que antecederam o então governador, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, e as condições socioeconômicas em que a Capitania de Mato Grosso se encontrava a partir de sua criação oficial em 1748. A respeito da criação dessa Capitania, considerou "[...] objecto| digno das providentes vistas da Corte de Lisboa,| que a constituhio em Capitania General; con=| fiando este importante Estabelecimento ao| Ex*cellentissi*mo Conde de Azambuja [...]" (p. 285).

Assim, apresentou primeiramente o lusitano D. Antônio Rolim de Moura (Conde de Azambuja) e os destaques de seu governo - 1751 a 1765, como o aumento, ainda que vagarosamente, da população; pagamento do ouro de Mato Grosso à Coroa por apenas meio quinto; e auxílio anual de dez arrobas de ouro feito pela Capitania de Goiás, que cobria:

> [...] as despezas marciaes| desta Fronteira unicamente as da Fortaleza| da Conceiçaõ (hoje Forte do Principe) investi=| da pelos Espanhoes na guerra de 1762 com| forças superiores, as que tinha naquella For=| taleza o Conde de Azambuja, que a pezar| desta desigualdade mandou por terra atta=| car a Estacada Espanhola, em quanto elle| lhe fazia frente pelo Rio. Esta espediçaõ| emprehendida com assaz valor, teve melho=|| res principios do que fins. (p. 285-287).

Outro governante mencionado foi João Pedro da Camara (1765 - 1769), o qual teve que enfrentar também os espanhóis, que, em 1766, colocaram-se às margens do rio Guaporé, fronteira ao Forte da Conceição, "[...] com semblante de hum pozitivo| attaque, retirando-se intempestivamente, em| ordenada marcha, nos fins de Outubro do| mesmo anno [...]" (p. 287). Essa retirada "intempetivamente" ocorreu em decorrência da exigência mútua entre as Coroas Ibéricas de que se cumprisse o Tratado de Paz, assinado em Paris em 1762.

Ricardo Franco menciona o governante Luiz Pinto de Souza Coutinho (1769 - 1772) e ressalta que encontrou a "[...] Real Fazenda des=| ta Capitania empenhada em sete centos mil| cruzados, e a Praça de Villa Bella devendo| as dos Portos Maritimos mais de hum Mi=| lhaõ" (p. 291), mas conseguiu extinguir muitas dessas dívidas, resultantes das duas guerras ocorridas nos governos anteriores.

O sucessor desse governante foi Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1772 - 1789), durante cujo governo de dezessete anos, ocorre a construção do "Forte do Principe da Beira", que substituiu a "Fortaleza de Conceiçaõ" e fortaleceu a fronteira com a "Provincia Espanhola de Moxos", e a fundação de

> [...] Coimbra, Albuquerque,| Villa Maria[30], e Cazal Vazco, todos importantes| lugares pela sua situaçaõ. O Commercio no| seu tempo floreceo, retirando se delle para Por=| tugal, e outras partes, muitos homens ricos.| Abrio-se a communicaçaõ da Provincia de| Chiquitos com Villa Bella, taõ pouco distan=| tes entre si. (p. 293).

Outro aspecto a ser considerado no governo de Luiz de Albuquerque:

> Pelos annos de 1777 por Ordem do Ministro| de Estado, e Prezidente do Erario o Ex*cellentissi*mo Marquez de| Angeja[31] se quartou o annual subsidio, com que a| Capitania de Goiaz soccorria a de Matto Grosso; escre=| vendo ao Matto Grosso que devendo as Colonias com=| tribuir para a Capital suprisse a industria: o|| que faltasse para a despeza. (p. 293-295).

O corte do auxílio em ouro que a Capitania de Goiás cedia a Mato Grosso, "naõ fez naquelle tempo sensi=| vel falta a Matto Grosso" (p. 297), pois recebia em troca 50 mil cruzados anuais, o que supria com as seguintes despesas: "[...] Demarcaçaõ de Limi=| tes, as quaes sendo modicas, pela auzencia dos| Espanhoes, o resto foi suprindo as novas despe=| zas da Capitania: beneficio, que durou ate| os fins de 1789, em que se suspendeo com as di=| ligencias das Demarcaçoens este socorro [...]" (p. 297).

No ano de 1789, tomou "[...] posse do Governo o Ex*cellentissi*mo| S*enho*r Joaõ de Albuquerque, a quem a entregou| seu Irmaõ, com os novos, e fronteiros Estabele=| cimentos" (p. 297). Esse governante presenciou vários protestos dos espanhóis na fronteira do rio Paraguai, cujo intuito era o "[...] de fundarem o| Forte de Borbon, e o de Saõ Carlos, e derramarem| pelos terrenos da Oriental margem do Paraguai| novos Estabelecimentos como fizeraõ" (p. 297).

Devido a isso, houve gastos excedentes pois foi necessário "[...] reforçar a guarniçaõ de Coimbra com| novas Tropas pagas, e naõ pequeno numero de| Auxiliares, o que occazionou pelo espaço de dous | annos, extraordinarias despezas, e empenhos" (p. 297). Além disso, "acresceraõ as da Expediçaõ Filozofica, e de|| História Natural[32], que julgo custou huns qua=| renta e tantos mil cruzados" (p. 297-299).

---

[30] Diz respeito à Vila Maria do Paraguai, atual município de Cáceres.

[31] Marquês de Angeja é um título nobiliárquico de juro e herdado com honras de parente criado por D. João V de Portugal. Em 1777, esse título pertencia a D. Pedro José de Noronha (1771-1804).

[32] Essas expedições tratavam-se de comissões científicas compostas por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, cujo objetivo era o de estudar as variedades de espécies existentes nos reinos animal, vegetal e mineral. Esse estudo era dirigido e financiado pela Coroa Portuguesa no século XVIII.

Em face dessa perspectiva ilustrada, Ricardo Franco pontua que o então Governador, Caetano Pinto, encontrou a Capitania de Mato Grosso empenhada, mas não com excesso. E mais, fez um alerta sobre os movimentos que estavam ocorrendo, mundialmente, em decorrência da Revolução Francesa "[...] que tem atenuado todas as Naçoẽs,| brotou nella a influencia dos Marciaes movimen=| tos que cobrem a superficie da terra sendo con=| sequentemente indispensavel guarnecer, e pôr| no possivel pé respeitavel, cada huma das tres | distantes fronteiras da vastissima extrema desta| Capitania [...]" (p. 299).

Ao se referir a esses movimentos, Ricardo Franco faz alusão à crise do regime colonial nas últimas décadas do século XVIII, que se caracterizava por diversas transformações no mundo ocidental, incitadas pelas novas ideias do chamado "pensamento ilustrado" - o Iluminismo no século XVIII, o qual representou um importante movimento intelectual e, consequentemente, significativas transformações no campo cultural europeu, pois tinha como ponto o princípio da razão e da investigação como fontes do conhecimento, opondo-se ao absolutismo monárquico, o mercantilismo, os privilégios da nobreza e o poder do clero, o que deu origem às várias correntes do liberalismo. Esse movimento instigou inclusive a queda do regime de monarquia absoluta imperante na Europa desde o início do século XVI. Dentre as transformações que essas ideias provocaram, estão aquelas que incitavam movimentos em prol da extinção da escravatura e, no Brasil, não era diferente, apesar de a extinção da escravatura só ter ocorrido em 1888.

Em relação ao auxílio financeiro recebido nos primeiros anos da fundação da Capitania de Mato Grosso, conforme apresentado, foi proveniente da Capitania de Goiás, primeiramente em ouro e depois em dinheiro. No entanto, ao perder esse auxílio e enfrentar dois movimentos de guerra, que duraram alguns meses, a situação ficou precária. Além disso, em decorrência da decadência das minas, a crescente despesa de novos lugares fronteiriços e o dobro de tropa para guarnecer esses lugares, houve atraso e empenho da Capitania de Mato Grosso, provocando falta de recursos para suprir suas pequenas despesas e atrativos para que novos colonos a povoassem.

1.4.5 Conclusão

Na conclusão do documento *Memoria*, Ricardo Franco tece ainda algumas sugestões à Coroa Portuguesa, visando ao fortalecimento da Capitania de Mato Grosso e meios para economizar nas despesas.

A primeira sugestão é a de que a Coroa Portuguesa investisse na Capitania de Mato Grosso, assim como já fazia com importantes "Praças da Raya Portuguesa" (p. 305), pois aquela Capitania era:

> [...] igual=| mente chave, e segurança das Capitanias in=| ternas do Brazil, e por guardar no seu cen=| tro sabidos, e vedados Thezouros, abertos á| vizinha Naçaõ Espanhola, cuja posse lhe| daria incalculaveis vantagens. E alem dis=| to, aquellas Praças de Portugal naõ daõ es=| peranças de augmentar os seus reditos; e Mat=| to Grosso pode compensar todas as despezas, de| que tem sido susceptivel desde a sua funda=| çaõ, logo que abrindo-se os seus Diamanti=| nos e Auriferos Thezouros, se augmente| com elles a sua diminuta populaçaõ, os seus| dizimos, entradas, quintos, e mais Reais direi=| tos. (p. 305).

Nesse excerto, é possível observar que essa Capitania representava, no olhar dos lusitanos, uma guardiã das fronteiras com a Espanha e um lugar com inúmeras minas diamantinas e auríferas a serem descobertas, o que garantiria os "Reais direitos".

No que se refere à sugestão apontada como mais pertinente para o sustento de Mato Grosso, sem sobrecarregar a Coroa Portuguesa, como a transferência de Vila Bela para Vila de Cuiabá de todo o Estado maior, os Generais, os Soldados Dragões Pedestres, Oficiais e os da Casa da Intedência e Fundição, bem como os Oficiais de Justiça e Fazenda, por considerar mais barato viver em Vila de Cuiabá, Ricardo Franco a considerou "[...] meio despido de equidade, incompa=| tivel com a razaõ destributiva, e perigoza| submergindo talvez no ultimo periodo da| decadencia á Villa Bella, e a toda a| sua adjacente, e importante fronteira, taõ imedi=| ata com os Dominios Espanhoes" (p. 307).

Diante desse posicionamento, Ricardo Franco discorre sobre alguns exemplos com o objetivo de demonstrar que o modo como estava configurada a Capitania de Mato Grosso, não era a causa "dos empenhos da Real Fazen=| da" (p. 309). Por exemplo,

> [...] os Soldados, os quaes| vivendo na maior parte destacados nas parcia=| es partes do todo da Capitania, recebem nellas| os seus municiamentos que lhes dá S*ua* Mages=| tade, não influindo nelles o seu maior ou| menor preço. Nem o valor destes mantimen=| tos he taõ ecessivo em Matto Grosso, que pos=| as ser a cauza dos empenhos da Real Fazen=| da. (p. 309).

Nessa esteira, o valor das despesas era o mesmo, independentemente do local, não justificando, diante dessa "igualdade destributiva" (p. 315), que os soldos[33] tivessem diferentes tarifas na mesma Capitania já "que em qualquer parte que| estejaõ destacados, suprem as suas precizoens pelo mês=| mo custo" (p. 319). Salienta ainda que isso "[...] seria talvez| perigozo, e hum estimulo para dezerçoens,| que quando estes homens querem raras ve=| zes se evitaõ, por abranger esta vil fermen=| taçaõ aos mesmos Cabos das Rondas de que| se faz confiança como mais de huma vez| tem succedido nesta Capitania [...]" (p. 315).

---

[33]Diz respeito ao "vencimento de militares de qualquer posto ou graduação" (HOUAISS, 2009).

Após ilustrar essa situação, Ricardo Franco sugere que se efetivasse a mudança do Estado maior para a Vila de Cuiabá, Vila Bela ficaria

> [...] en=| tregue aos seus poucos, e diminutos fundos,|| seria despovoar a Capital da Capitania do| Matto Grosso, e conduzir para a sua ultima de=| cadencia este importante ponto médeo da fron=| teira Portugueza, a mais proxima aos Domi=| nios povoados Espanhoes da Provincia de| Chiquitos: ponto, de que prompta e igual=| mente podem emanar no mais breve tem=| po as providencias, e socorros para as duas| extremidades de Guaporé, e Paraguai. (p. 321-323).

A referida situação de calamidade prevista para Vila Bela se deve ao fato de parte da receita desse lugar girar em torno dos ordenados e soldos dos funcionários da Coroa, o que influenciava na abertura e manutenção do comércio e cultivadores.

Outra questão contraditória aos interesses da Coroa seria a concentração das forças militares na Vila de Cuiabá, para, a partir desse lugar, acudir as fronteiras, sendo que essas ficariam desprotegidas por não poderem contar com as guarnições dos três estratégicos "Departamentos, o Forte do Princi=| pe, Villa Bella, e Paraguai, cujas guar=| niçoens por mais numerozas que possaõ ser| á proporçaõ daquelle diminuto todo seraõ| sempre poucas" (p. 325). Nesse sentido, ressalta que "só desguarnecen=| do estes importantes lugares, para reunir| nelle os seus indispensaveis defensores, se| fará aquelle ponto de uniaõ inutilmente| respeitavel" (p. 327).

Por último, confiante na melhoria da Capitania de Mato Grosso, inclusive que "prospere em abundantes, e ricas Mi=|| nas, que lhe augmentem com maior populaçaõ| hum mais amplo commercio, e os redditos publi=| cos" (p. 331), Ricardo Franco tece algumas breves observações.

A primeira observação refere-se às minas do Coxipó, próximas à Vila de Cuiabá, e as do alto Paraguai "cujos limites, e extensaõ ainda se| naõ conhecem" (p. 333). A extração de riqueza dessas minas teria como consequência "em poucos annos augmentará concidera=| velmente a preciza populaçaõ da Capita=| nia; e os dizimos, e mais rendimentos Re=| aes; fazendo se assim pelo acrescimo de| forças, e fundos proprios, respeitavel á con=| finante Naçaõ Espanhola." (p. 335).

Isso implicaria que Vila Bela e seus arraiais ficassem mais pobres, decadentes e despovoados, porque "os seus Mineiros que vi=| vem em hum paiz doentio com as suas fabri=| cas em notoria decadencia, devem igualmente| participar dos beneficios das Regias, e novas| faculdades que naõ abrem Tezouros aos de| fora, para vedalos a os de Caza" (p. 335).

Sobre esse cenário crítico de Vila Bela, Ricardo Franco pondera que há "dous Esteios, em que| firmando a sua duraçaõ evite maior ruina" (p. 337). Sendo o primeiro, que Vila Bela continue "a ser a| Capital do Governo, para que a Rezidencia dos| Ex*cellentissi*mos

Generaes, a do Estado Mayor, e Officiaes da| Fazenda, e Guerra, fazendo os seus mais effec=| tivos moradores, e gastando nella os seus or=| denados, e soldos a façaõ subsitir." (p. 337).

Já o segundo meio para uma possível recuperação de Vila Bela,

> [...] e talvez mais importante he ser Villa| Bella o centro da maior parte do Comercio| para a Capitania, conduzido do posto Ma=| ritimo, e Cidade do Pará. O que felizmente| se vai conseguir pelas sabias Provindencias | de S*ua* Magestade, e Estabelecimentos que| manda fundar no Rio da Madeira, me=| lhorando quanto possivel for, as suas Cacho=| eiras grandes pela sua natural construcçaõ| e pelo maior volume, e pezo das agoas deste| grande Rio. (p. 337).

Na verdade, esse último projeto é, segundo Ricardo Franco, útil não só para Vila Bela, como para toda a Capitania de Mato Grosso, pois, a partir daquela, pode "exportar facilmente o| Comercio para grande parte da Capitania,| tendo para o alto, e aurifero Paraguai tres| diversas vias" (p. 339).

Após expor detalhadamente sobre essas três vias, Ricardo Franco ratifica que

> [...] todos estes accontecimentos con=| correm para a prosperidade da Capitania do| Matto Grosso, abrindo ella os seus Conhecidos| Thezouros, e outros ainda ignorados, augmen=| tando consequentemente a sua populaçaõ, co=| mercio, e Finanças ficará com esta mais so=| lida consistencia, proporcionalmente fortifi=| cada no todo, e nas suas partes; eem lugar de| temer ao inimigo, ser-lhe temivel, e respei=| tavel ate o centro do populozo Perú com| quem taõ proximamente confina. (p. 345).

Observa-se que a preocupação em torno das minas auríferas e o aumento da população é decorrente da necessidade em recuperar a condição econômica de Portugal a partir da organização político administrativa da sua possessão americana e, para isso, elenca inúmeras medidas no decorrer do texto, a saber: delimitação|consolidação das fronteiras com os domínios espanhóis, controle dos rios existentes na capitania de Mato Grosso, isso por meio de criação de povoamentos, construção de fortalezas e instalação das bases administrativas compostas de representantes do poder régio, que servia de elo entre a Coroa e seus súditos luso-brasileiros e, maior controle das riquezas existentes.

Diante dessa conjuntura apresentada pelo manuscrito e o contexto histórico em que se encontrava a Capitania de Mato Grosso ao final do século XVIII, observamos um retrato de dificuldades oriundas de alguns fatos, a saber, a colonização dessa Capitania significou muito social e economicamente à colônia brasileira e também à Metrópole devido à exploração das minas de ouro, mas a partir do enfraquecimento dessas minas, houve diversas complicações, dentre elas, a escassez de recursos econômicos e do número de população, o que prejudicou os interesses da Coroa, conforme dito por Ricardo Franco; a distância do litoral; isolamento comercial; carência de uma atividade econômica lucrativa.

Do ponto de vista político, em Portugal, de acordo com Fávero (1996), durante o reinado de D. João V (1707-1750), houve crescimento do absolutismo monárquico e hegemonia eclesiástica sobre a sociedade civil. Esse último fato enfraqueceu o poder real, no final deste reinado, no que diz respeito à autoridade real. O rei sucessor, D José I (1750-1777), diante desse cenário e de interesses políticos, nomeou Sebastião José de Carvalho (Marquês de Pombal), primeiro-ministro, e esse desencadeou sérias reformas à luz do Iluminismo com o objetivo de reerguer Portugal da difícil situação em que se encontrava. Dentre as reformas, a promulgação de uma lei em 1759, pela qual os Jesuítas foram expulsos da Metrópole e de suas Colônias, quebrando, assim, o monopólio do ensino, até então concedido à Companhia de Jesus. A partir disso, buscou-se estruturar um novo sistema de educação pública para substituir o dos Jesuítas.

Na Colônia, essa reforma resultou na implantação de uma política linguística, impondo o uso do português e priorizando o ensino da gramática portuguesa. No caso da Capitania de Mato Grosso, em virtude da sua colonização ocorrer apenas no início do século XVIII, suas condições socioculturais eram diferentes das demais capitanias no que se refere aos núcleos culturais de importância e ao número de escolas.

Por fim, as informações descritas detalhadamente a respeito dos espaços geográficos, auríferos, demográficos e bélicos tanto da Capitania de Mato Grosso quanto do país limítrofe, Espanha, são importantes para a análise semântico-lexical que nos propusemos a fazer neste estudo, a partir de substantivos e adjetivos utilizados por Ricardo Franco no manuscrito *Memoria*.

1.5 VILA MARIA DO PARAGUAI (CÁCERES)

Nesta seção, teceremos alguns apontamentos sócio-históricos a respeito do município de Cáceres compreendendo os séculos XVIII ao XXI, por serem imprescindíveis à compreensão do léxico que caracteriza o português falado nesse município e a reflexão em torno da história da formação da língua portuguesa no Brasil.

Vila Maria do Paraguai, "[...] na margem Oriental do Para-| guai, sete legoas a Norte da boca do Iaurû" (14v- 2 a 4), conforme explicitado no documento *Memoria* à seção "Plano de Guerra", integrava um projeto político, administrativo, econômico e populacional da Coroa Portuguesa, cuja finalidade específica era legitimar espaços na região da fronteira oeste e defendê-los. Inclusive, reza na Ata de fundação dessa vila que ela deveria "resultar grande utilidade ao real serviço e commodidade publica".

Além desse motivo de fundação de Vila Maria do Paraguai, Mendes (2009, p. 30) pontua outros, a saber: abrir um caminho navegável para a cidade de São Paulo; "fertilidade do solo regado por abundantes águas e cheio de pastagens, o que era bom prenúncio de riqueza e prosperidades agrícolas"; facilitar a comunicação e estreitar relação comercial entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Assim, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, 4º Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso, em nome do poder que detinha na colônia, emitiu ordem para fundar em 6 de Outubro de 1778, na localidade que atualmente é Cáceres, um povoado nomeado de *Vila Maria do Paraguay*. A título de ilustração e, principalmente, pela precisão de dados e detalhes que rememoram a singularidade desse povoado, segue abaixo a Ata de fundação de Vila Maria do Paraguai:

> Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1778, aos 6 dias do mez de outubro do dito anno, n'este districto do rio Paraguay e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia a Cuyabá desde Villa Bella, sendo presente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do Rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado a este dito lugar por ordem do Ilmo. e Exm. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com effeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, comprehendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o número de 78 indivíduos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o outro número das mais pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 indivíduos de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade – Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e commodidade publica; e porque supposto o plano do terreno para a dita Villa se acha com alguma disposição para continuar a fundar-se com regularidade: comtudo, como alguns dos alinhamentos não estão conformes ao projecto da boa policia, como deveria ser, determinou elle, dito Tenente, a todos os moradores, em nome de S. Ex., que deixando de fazer mais algum beneficio a varias cabanas existentes, só n'ellas assistem em quanto se fabricavam casas no novo arruamento, que lhe fica prescrito e balisado por elle, Tenente, com marcos sólidos de páo de lei, sendo obrigados a não excederem nem diminuírem a dita construção na altura de 14 palmos de pé direito na frente de todas as casa que se levantarem e 24 palmos de altura no cume; outrossim, determinou que precisamente chamariam para regular os ditos pés direitos ao carpinteiro João Martins Dias, e na falta d'este outro algum intelligente no officio, afim de conservar sem discrepancia, segundo o risco, a largura de 60 palmos de ruas que estão assignadas por elle, dito Tenente; cujas actualmente demarcadas e abalisadas terão os seguintes nome, a saber: a primeira, contando do norte, rua d'Albuquerque, a immediata, para o sul, rua de Mello, as quais ambas vão desembocar na praça e cada uma d'ellas faz face a mesma do norte e do sul, assim como também as travessas de 30 palmos, que dividem os quartéis das ditas ruas, e se denominarão estas travessas, a primeira, contando do poente para o nascente, travessa do Pinto, e a que se segue, contando também para o nascente travessa do Rego, e no alto da praça da mesma banda do nascente cuja frente fica riscada entre as ruas e travessas ditas com 360 palmos cujo numero tem também as mais quadras, poderão os moradores erigir a sua igreja por ficar a porta principal d'ella para o poente, como o determinam os rituaes; e o mais terreno d'esta frente da praça por agora se não ocuparia em casas, deixando-o livre para as do conselho e cadeia, quando se deverem fabricar. Cada morada dos ditos povoadores não terá mais de 100 palmos de comprimento para quintal, que lhes ficam

> determinados para o centro de cada um dos quartéis. O que tudo assim executado pelo dito Tenente de Dragões na presença de todos os moradores, mandou a mim Domingos Ferreira da Costa, fiel d'este registro, que, servindo de escrivão, fizesse este termo para constar do referido, o qual assignou com as testemunhas seguintes: [...].
> (Termo de Fundação de Vila Maria. Documentos Avulsos sobre Mato Grosso. caixa18, n. 1162. Microficha 273 NDIHR|FUFMT, grifos nossos).

É possível constatar nessa ata que o número de moradores existente na Vila Maria do Paraguai, no momento de sua fundação, era de 161 indivíduos, sendo eles constituídos, predominantemente, de índios castelhanos da Província de Chiquitos. Diante disso, Luiz de Albuquerque, em carta datada de 20 de novembro de 1778, comunica oficialmente ao Reino a fundação da Vila Maria, e solicita que envie "um certo número de famílias brancas para ajudar o povoamento da terra, pois, diz o Governador, os índios selvagens são inconstantíssimos, ferozes e indomáveis, ou de uma indolência e preguiça sem exemplo, preferindo continuar vagando livremente pelas matas" (MENDES, 1992, p.4).

Moraes (2003, p. 35) afirma que, na região onde foi edificada Vila Maria do Paraguai, já existia um sítio. Em 1772, o antecessor de Luiz de Albuquerque, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, havia fundado um Registro no local em que a estrada de Cuiabá e Vila Bela atravessava o Paraguai, "a fim de contabilizar o ouro que por ali passava e evitar defraudações do meio quinto, de que estavam isentos os moradores de Vila Bela, sediando no local um pequeno destacamento militar e uma fazenda de gado bastante povoada". Esse sítio tornou-se um dos mais importantes estabelecimentos agropastoris da Província, conhecida atualmente como fazenda Jacobina. Esse local concentrou inúmeros moradores, dentre eles, centenas de escravos para os trabalhos da fazenda. Segundo Mendes (2009, p. 31), "Jacobina é contemporânea da fundação de Cáceres. Já em 1786, Leonardo tinha roça no local, conforme registrou Ricardo Franco que por ali passou de regresso de Cuiabá à Vila-Bela, donde saíra em missão exploradora".

No campo demográfico, observa-se que esse povoado era constituído de índios, negros escravos e colonizadores europeus, espanhóis e portugueses, agregando a essa população, no início do século XIX, "os missionários (padres e freiras) de origem francesa, que viriam a representar importante papel na formação escolar do segmento mais abastado da população" (BISINOTO, 2000, p. 18).

À guisa de ilustração, a seguir há uma representação visual de Cáceres no século XVIII:

Figura 7 - Imagem de Cáceres no século XVIII
Fonte: Siqueira (2002, p. 75)

Ao prosseguir nosso percurso histórico a respeito do município de Cáceres, destacaremos alguns fatos que consideramos singulares na formação e transformação da população desse município.

A Guerra do Paraguai, por exemplo, foi um conflito armado internacional ocorrido na América do Sul entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. A invasão em território brasileiro por tropas paraguaias ocorreu primeiramente na Província de Mato Grosso e, depois, na do Rio Grande do Sul. Após o fim dessa Guerra em 1870, houve a abertura da navegação do rio Paraguai e, a partir disso, mudanças consideráveis ocorreram na antiga povoação de Vila Maria do Paraguai, a saber: maior circulação de mercadorias e pessoas provenientes de outras lugares do mundo, transformando dessa forma o modo de vida dos citadinos e suas práticas sociais. O rio Paraguai tornou-se a principal via de escoamento dos produtos das atividades econômicas e dinâmica populacional da época, bem como um meio de comunicação com o mundo exterior, até a instalação em Cáceres, pelo Marechal Cândido Rondon, de uma linha telegráfica.

Ainda no século XIX, iniciou-se a indústria extrativista em Cáceres e crescimento da pecuária. Esse cenário econômico foi intensificado nas primeiras décadas do século XX, quando Cáceres foi considerada uma das mais importantes cidades de Mato Grosso, e chegou a ser considerada a terceira praça comercial do Estado, especializada na exportação de produtos extrativistas e na criação e aproveitamento de gado bovino. Esse contexto sócio econômico atraiu inúmeros trabalhadores para atuarem nas matas de extração da poaia e da borracha, bem como nas grandes fazendas situadas no município, culminando, assim, no progresso dessa povoação e intensificação do aumento da população (CHAVES; ARRUDA, 2011).

No entanto, Cáceres teve seu potencial econômico reduzido e, atualmente, tem investido no turismo por meio da exploração das belezas naturais do município e da pesca no rio Paraguai. Inclusive é realizado anualmente, há mais de três décadas, um evento de repercussão nacional e internacional que atrai milhares de pessoas de toda parte do país e do exterior, o Festival Internacional da Pesca.

Outro fator que interfere na economia, bem como na cultura e educação desse município foi a implementação do ensino superior em Cáceres em 1978, a saber: Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC), que se transformou na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). De acordo com Zattar (2008, p. 18), a história dessa criação ancora-se em duas imagens que projetam a trajetória dessa instituição: "[...] a de sua origem, constituída pela necessidade de formação de recursos humanos para atuar no magistério de 1º e 2º graus nas escolas de Cáceres e Região; e a de sua institucionalização, determinada sócio-politicamente, no ano em que se comemorava o bicentenário da cidade."

Atualmente, o Campus da UNEMAT em Cáceres oferece treze cursos de graduação, sendo seis bacharelados: Agronomia, Ciências Contábeis, Computação, Direito, Enfermagem e Medicina; e sete licenciaturas: Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Ciências Biológicas e Educação Física. Conta ainda com três programas de pós-graduação em nível de mestrado em: Educação; Ciências Ambientais; Linguística, transformando esse município em uma cidade universitária. Ademais, como política de expansão e fortalecimento dessa instituição, encontram-se no interior de Mato Grosso diversos núcleos pedagógicos e treze *Campi* Universitários.

Outro acontecimento refere-se à construção da ponte Ponce de Arruda, atualmente denominada de ponte Marechal Rondon, na BR 070 (Cuiabá- Cáceres), que corta o perímetro urbano de Cáceres, sobre o rio Paraguai, que desempenhou a importante função de facilitar o escoamento da produção e o trânsito migratório, intensificado em Mato Grosso durante a segunda metade do século XX, a partir da política de incentivo *Marcha para o Oeste* promovida pelo governo Vargas desde os anos quarenta. Em Cáceres esse fenômeno migratório se intensificou com bastante expressão entre as décadas de 1960 e 1970, conforme dados apresentados em quadro demonstrativo comparativo a seguir por Mendes (2009):

MUNICÍPIO E DISTRITO		POPULAÇÃO RECENSEADA			
	EM 1960	EM 1970			
		Total	URBANA	SUBURBANA	RURAL
CÁCERES	28.078	86.552	17.131	-	69.421
Cáceres (1)	24.160	56.522	16.467	-	40.050
Porto Esperidião (1)	3.918	30.030	664	-	29.399
(1) Distrito					

(MENDES, 2009, p. 195)

Mendes (2009) ressalta ainda, a partir desses dados, que o município de Cáceres foi o que apresentou maior índice de crescimento no Estado de Mato Grosso nesse período, e foi classificado como em terceiro lugar entre os mais populosos do Estado de Mato Grosso no século XX, "só é superado pelos municípios de Campo Grande e Cuiabá que apresentam 143.271 e 103.427 habitantes respectivamente" (MENDES, 2009, p. 195).

Esses dados comparados aos apresentados por Ricardo Franco na Seção 1.4.3, p. 41, *População portuguesa, população espanhola e governo do Paraguai*, nos quais o número total da população da capitania de Mato Grosso, em 1800, era de 24 (vinte e quatro) mil pessoas, "negros escravos, mulheres, velhos, rapazes, homens", e com o número de 161 habitantes expressos na Ata de fundação do município de Cáceres em 1778, observa-se que quase dois séculos depois, o número de habitantes nesse município foi ampliado de forma expressiva e por extensão o de Mato Grosso, contribuindo assim para a diversidade da população cacerense atual.

De acordo com os dados do senso realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município de Cáceres possuía, em 2010, 87.942 habitantes, sendo 11.374 residentes na zona rural e 76.568 na urbana. Esses dados evidenciam que o ritmo de crescimento em termos de número de habitantes foi lento, porém em termos de migração foi bastante expressivo, pois ao compararmos os dados apresentados acima por Mendes (2009), constataremos que dos 86.552 habitantes de Cáceres, em 1970, 69.421 residiam na zona rural, ou seja, houve uma inversão de habitantes entre as áreas rural e urbana.

Sobre a questão demográfica rural e urbana no Brasil, Cunha (1986, p. 203) afirma que

> Na segunda metade do século XIX, o Brasil, que fora até então um vasto país rural, com um opressivo e inevitável domínio do campo e de seus modelos socioculturais sobre a vida pública e particular, começa a sentir o depauperamento do patriarcalismo campesino e a ver surgimento de uma nova força, a do patriarcalismo urbano. A cidade passa então a influir normativamente na vida do país, e o faz num

> crescendo vertiginoso pelo aparecimento do fenômeno da megalópole e dos poderosos meio de comunicação, como o rádio e a televisão. Em poucos anos altera-se completamente a geografia humana e urbana brasileira, com a fundação de novas cidades e o crescimento desmesurado de outras.

Observa-se que o "patriarcalismo urbano" em Cáceres pode ter ocorrido após o ano de 1970, conforme dados apresentados anteriormente, em decorrência, provavelmente, das condições sócio-histórica de Mato Grosso, como o fato de ter sido colonizado após mais de dois séculos da chegada da Coroa Portuguesa no Brasil. Essa realidade demográfica em torno de Cáceres favorece a nossa hipótese inicial de que o léxico oitocentista está propício à manutenção no uso corrente do informante cacerense.

No cenário geográfico, Cáceres encontra-se, aproximadamente, a oitenta quilômetros da linha divisória que separa o Brasil da Bolívia e, por ser área de fronteira, desde o século XVIII, se instalaram organizações das forças armadas, o que tornou a região altamente militarizada. Esse município sedia órgãos representantes das forças de segurança, a saber: Polícia Federal; Polícia Militar; Polícia Civil; Corpo de Bombeiros; Marinha; Exército Nacional; Grupo Especial de Fronteira (GeFron), os quais possibilitam a vinda de migrantes das mais diferentes regiões do país.

Em termos de território, a seguir encontra-se uma imagem ilustrativa da atual situação geográfica do município de Cáceres.

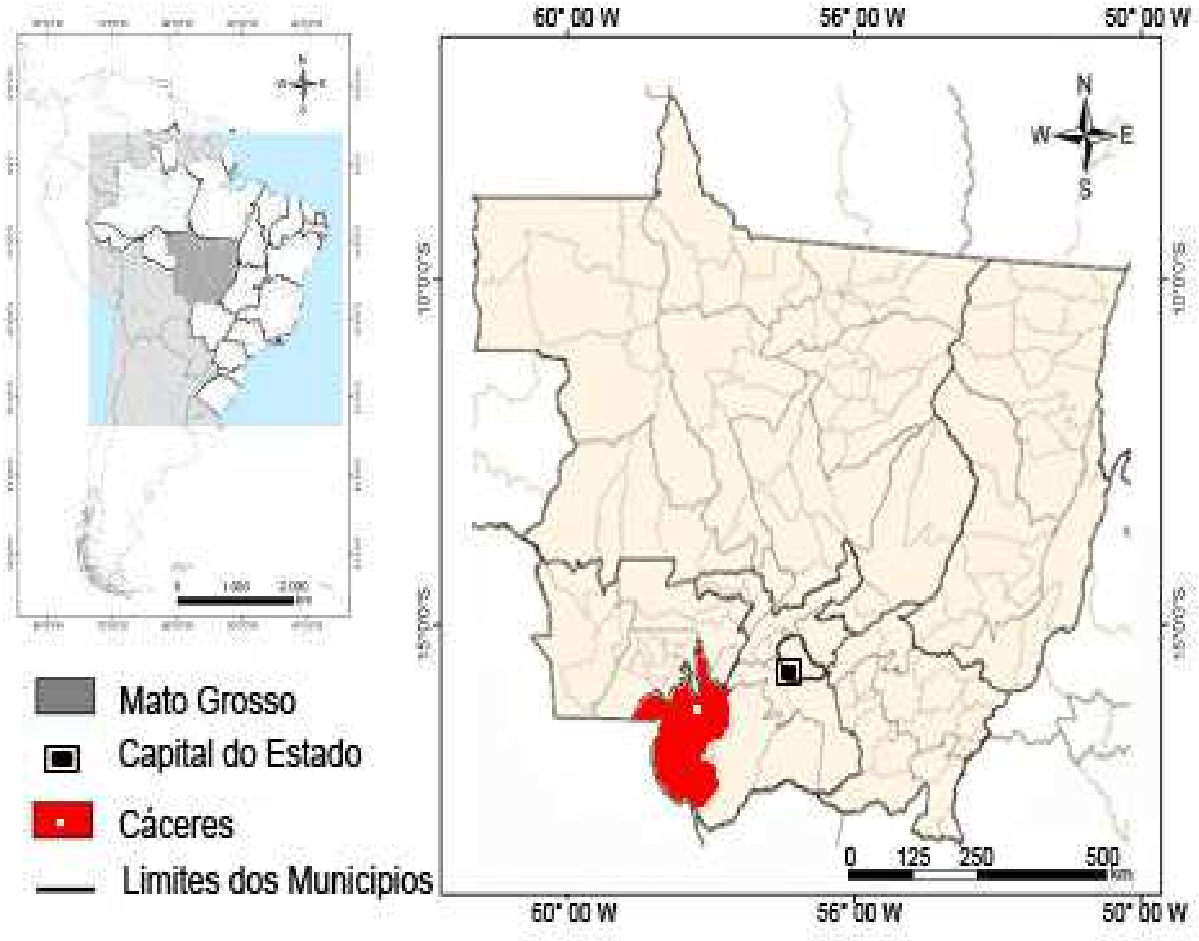

Figura 8 - Mapa de Cáceres na atualidade
Fonte: elaborado por Marcos Pagel

Assim, Cáceres possui uma história eminentemente plural, cercada de diferentes povos que vieram de distintos lugares do Brasil e do mundo e, considerar os fatos mencionados anteriormente, é importante para a compreensão do processo de urbanização nessa região do país, que, por sua vez, auxilia na interpretação dos dados desta pesquisa afim de verificar se favorece ou desfavorece à manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e|ou neologismo semântico das unidades lexicais extraídas do manuscrito oitocentista *Memoria.*

CAPÍTULO 2 - CONSTITUIÇÃO E TRATAMENTO DOS *CORPORA* DAS LÍNGUAS ESCRITA E ORAL: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em função de este trabalho propor um estudo semântico-lexical a partir de um *corpus* de língua escrita, constituído por unidades lexicais extraídas do manuscrito oitocentista *Memoria*, e um *corpus* de língua oral, constituído a partir de pesquisa de campo que testou as referidas unidades lexicais e suas acepções, conforme constam no manuscrito, com a comunidade de Cáceres, Mato Grosso, discorreremos no presente capítulo sobre o procedimento teórico-metodológico utilizado para a constituição desses dois *corpora*.

2.1 LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DAS UNIDADES LEXICAIS A SEREM TESTADAS *IN LOCO* - *CORPUS* ESCRITO

Para a realização do levantamento das unidades lexicais presentes no manuscrito *Memoria* e posterior seleção das que seriam testadas *in loco*, para assim constituir o *corpus* escrito deste estudo, mobilizamos o Programa de Estatística Textual "Léxico 3", edição 2001, desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Sourbonne Nouvelle-Paris 3. As diferentes versões desse programa podem ser encontradas gratuitamente na página: <http://www.cavi.univparis3.fr|llpga|ilpga|tal|lexico www/lexico3.htm>. Tal programa, assim como outros, exige uma preparação, um balizamento do texto a ser tratado a partir dessa ferramenta, para que aquele possa ser reconhecido e lido. Com esse programa, então, realizamos o tratamento do *corpus* escrito, como análise da frequência; contagem; agrupamentos de unidades lexicais e localização das abonações usadas nestas.

Após submeter-se, portanto, o manuscrito, editado em formato "Word", ao programa "Léxico 3", foi gerada uma lista de 4209 "formas", cada uma delas contendo o número de frequência no texto, totalizando assim 25379 formas (Apêndice A). Tais formas consistiam todas as ocorrências delimitadas por dois espaços brancos, podendo ser palavras, números e sinais de pontuação.

Cumprida essa etapa preliminar, foi feito, manualmente, o reconhecimento e o inventário das unidades lexicais substantivo e adjetivo de acordo com o uso no manuscrito, separando-as da totalidade das formas (25379), chegando-se ao número de 9053 substantivos e adjetivos (Apêndice A - formas em destaque), o que corresponde quase 40% das formas totais do texto. Optou-se por não separar substantivo e adjetivo, nessa soma total, devido ao comportamento sintático-semântico de algumas unidades lexicais possibilitar que ora assumam a função de substantivo ora de adjetivo.

Para a identificação das unidades lexicais (substantivos e adjetivos), utilizou-se os critérios abordados por Biderman (1978), que admite os critérios sintáticos e semânticos como aqueles que melhor servem a esse propósito. Ao tratar a classe nominal, essa estudiosa pondera que a descrição mais antiga das classes de palavras remonta a Dionísio de Trácia (séc. I A.C.), e que esse gramático grego assim como os gramáticos latinos que o sucederam até a Idade Média reuniram substantivos e adjetivos em uma só classe, a dos nomes. Os gramáticos latinos na Idade Média, por sua vez, distinguiram dentro da classe nominal os nomes substantivos e os nomes adjetivos.

De acordo com Biderman (1978, p. 200), "a linha divisória entre o substantivo e o adjetivo é de natureza sintática, acrescida de características semânticas [...]". Além disso, afirma que ambos são marcados, na língua portuguesa, "pelas mesmas categorias de gênero e número, ao nível paradigmático, sendo obrigatória a concordância entre ambos no plano sintagmático" (p. 204).

Dito isso, passemos ao conceito de substantivo e adjetivo apresentado por Biderman (1978). O substantivo é a classe de palavra que nomeia a realidade por excelência, e essa característica o individualiza entre as demais classes, justamente no plano semântico. No aspecto sintático, essa classe de palavras "exerce primacialmente a função de sujeito de uma proposição, ou seja: é a parte da oração à qual se atribui uma predicação. Ele pode exercer, secundariamente, a função de complemento objeto dos verbos de predicação incompleta. Por tal razão, o substantivo constitui uma classe categorizada de modo especial dentro do léxico de uma língua" (BIDERMAN, 1978, p. 200).

Quanto ao adjetivo, Biderman (1978, p. 206) conceitua-o a partir da afirmação de que ele "precisa de um suporte substantivo sintagmaticamente, se estiver sendo empregado na sua função própria. A concordância com o substantivo que lhe serve de suporte constitui um índice dessa incidência". Considera o adjetivo incidente do substantivo.

Essa questão de o adjetivo ser concebido a partir da sua relação de dependência com o substantivo, ganha endosso na afirmativa de Bechara (2006, p. 142) que, além do critério sintático, acrescenta o semântico para definir adjetivo: "é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado".

Por fim, Biderman (1978) ressalta o substantivo, o adjetivo e o verbo como classes abertas no interior do Léxico, a facilidade dessas classes em poder transitar de uma língua para outra e o fato de serem as principais responsáveis pela expansão do léxico.

Nessa perspectiva, encontra-se a opção pelos substantivos e adjetivos na composição do *corpus*, em detrimento das demais classes de palavras. Além dessa questão conceitual, um outro aspecto também influenciou nessa opção, trata-se da natureza descrita do manuscrito que apresenta uma alta ocorrência de substantivos e adjetivos, na descrição e caracterização dos lugares, rios, povos, animais, riquezas minerais, entre outros que poderiam auxiliar a Coroa Portuguesa na delimitação|consolidação das fronteiras da Capitania de Mato Grosso com os domínios espanhóis.

Com isso, os substantivos e os adjetivos utilizados por Ricardo Franco oferecem elementos para a reflexão pretendida em torno da história da formação da língua portuguesa no Brasil, e em Mato Grosso, tendo como objetivo central um estudo do léxico no município de Cáceres-MT.

Após a realização desses procedimentos, o próximo passo consistiu na seleção das unidades lexicais (substantivos e adjetivos) a serem testadas *in loco.* O critério utilizado para o recorte inicial das quarenta e seis unidades foi o fato de a forma ou acepção empregada no contexto do manuscrito *Memoria* não ser de uso comum, considerando o estado de língua atual, e, hipoteticamente, estariam em desuso. Assim, em um universo de 9053 substantivos e adjetivos, selecionamos manualmente 45 (quarenta e cinco), sendo 27 (vinte e sete) substantivos e 18 (dezoito) adjetivos considerados relevantes ao propósito do presente estudo e não pertencentes a um campo do saber específico, como a militar, por exemplo. Os campos dos saberes são mobilizados nas respostas dos informantes da pesquisa de campo e variam de acordo com as variáveis sociais particulares de cada um.

As 46 (quarenta e seis) unidades lexicais selecionadas podem ser visualizadas no Quadro 1 (substantivos) e no Quadro 2 (adjetivos) abaixo, a partir do seguinte procedimento metodológico que norteou a organização deles: os lemas[34] em ordem alfabética, negritados, de acordo com a ortografia contemporânea, forma masculina e singular, a sua frequência total no documento, entre parênteses, seguidos de sua forma conforme encontrada no texto, quando for o caso, e a frequência parcial que indica a quantidade de vezes que cada unidade lexical aparece no documento, com base na sua ocorrência, também entre parênteses.

alma (12); almas (12)
animosidade (1); annimozidade (1)
avidez (1)
besta (4); bestas (4)
brecha (1)

[34] Lema, baseado em Biderman (1984), constitui a entrada canônica da unidade lexical no dicionário.

brio (1)
carreira (8)
corrupção (1); corrupçaõ (1)
cultura (9)
deserção (1); deserçoens (1)
embaraço (5); embaraços (5)
embuste (1)
emolumento (1); emolumentos (1)
faculdade (2); faculdade (1); faculdades (1)
fartura (1)
gastador (1); gastadores (1)
intento (4); intento (2); intentos (2)
mantimento (15); mantimentos (15)
moléstia (5); molestias (5)
ordenado (4); ordenados (4)
padrasto (1)
penúria (1); penurias (1)
rapacidade (1)
rebate (1); rebate (1)
rédito (2); redittos (1); reditos (1)
sítio (2); sitios (2)
viso (1); vizos (1)
Total: 27

Quadro 1- Unidades lexicais: substantivos

abjeto (1); abjeta (1)
altivo (2); altivos (2)
avultado (3), avultadas (3)
cálido (1); calida (1)
cômodo (6);commodo (3); commodos (3)
copioso (2); copiosa (1); copiozas (1)
ditoso (1); ditoza (1)
excelso (1)
fastidioso (1); fastidiozo (1)
inveterado (1); inveterados (1)
lastimoso (2); lastimoza (2)
miúdo (2); miuda (2)
modico (3); modicas (2); modico (1)
pingue (1)
plácido (2); placida (2)
providente (2);providentes (2)
pusilânime (1); pussilanimes (1)
vigoroso (6); vigoroza (6)
Total: 18

Quadro 2 - Unidades lexicais: adjetivos

Devido à complexidade que se mostrou ao realizar essa tarefa de seleção, e por julgarmos procedente e importante o uso de contraprova para chegarmos às unidades lexicais definitivas que seriam utilizadas em pesquisa *in loco* com falantes do município de Cáceres (MT), buscamos testar o critério utilizado previamente por meio da seguinte contraprova: verificar se as 46 (quarenta e seis) unidades lexicais são recorrentes ou não em textos divulgados, no mês de março de 2014, em dois jornais *online* localizados no município de Cáceres (MT), a saber: jornal Correio Cacerense e jornal Oeste, nos seguintes endereços eletrônicos respectivamente http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/ e http://www.jornaloeste.com.br/.

O uso de textos publicados em jornais *online* como contraprova ocorreu devido ao fato de que os meios de comunicação terem, normalmente, por um lado o objetivo de apresentar o que é novo, novidade, notícia; por outro, os assuntos abordados são diversificados, além da relativa facilidade em acessar os textos.

No jornal Correio Cacerense, analisamos os textos publicados na coluna intitulada *Opinião - café da manhã* e encontramos as unidades lexicais *corrupção, cultura e carreira*, com acepção diferente da apresentada no documento *Memoria.* No jornal Oeste, por sua vez, analisamos a coluna intitulada *Direto da fonte* e os comentários que há abaixo dos textos postados. Nesse jornal, há recorrência das unidades lexicais *animosidade* (com acepção igual a do manuscrito) e *corrupção* (com acepção diferente).

A realização dessa contraprova mostrou que a grande maioria das unidades lexicais previamente selecionadas não são recorrentes na língua escrita, e quando são, ocorrem com acepção diferente da apresentada no manuscrito.

A contraprova, todavia, mostrou-se ainda ineficiente para definirmos as unidades lexicais para estudo *in loco*. Dessa forma, decidimos por entrevistar um informante da faixa etária 1 (18-30) e outro da faixa etária 2 (50-65 anos ou acima), ambos natural e residente no município de Cáceres (MT), bem como filho de pais pertencentes a essa mesma comunidade linguística[35], a partir da seguinte pergunta: você conhece a palavra...?, para verificar se conhecem as unidades lexicais selecionadas.

O informante da faixa etária 1, 18 anos, estudante - ensino médio; bem como o da faixa etária 2, empregada doméstica aposentada, 58 anos, disseram conhecer as seguintes unidades lexicais*: besta; brecha; brio; deserção; miúdo, vigoroso.* Diante dessa configuração, nossa hipótese é a de que as unidades lexicais desconhecidas pelos entrevistados, e não

[35] Conforme metodologia adotada pelo Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), a qual será explanada na próxima seção.

recorrentes nos jornais, bem como as conhecidas com sentido diferente do manuscrito, em princípio, estão em desuso ou são neologismo semântico, e para verificar se mantêm ou não, selecionamo-nas para serem testadas como estão na comunidade de Cáceres (MT). Dentre as 45 (quarenta e cinco) unidades lexicais apresentadas anteriormente, selecionamos para o presente estudo 39 (trinta e nove), sendo 23 (vinte e três) substantivos e 16 (dezesseis) adjetivos que podem ser visualizadas nos Quadros 3 e 4 abaixo, os quais seguem os mesmos critérios metodológicos que nortearam a organização dos Quadros 1 e 2 deste trabalho.

alma (12); almas (12)
animosidade (1); annimozidade (1)
avidez (1)
carreira (8)
corrupção (1); corrupçaõ (1)
cultura (9)
embaraço (5); embaraços (5)
embuste (1)
emolumento (1); emolumentos (1)
faculdade (2); faculdade (1); faculdades (1)
fartura (1)
gastador (1); gastadores (1)
intento (4); intento (2); intentos (2)
mantimento (15); mantimentos (15)
moléstia (5); molestias (5)
ordenado (4); ordenados (4)
padrasto (1)
penúria (1); penurias (1)
rapacidade (1)
rebate (1); rebate (1)
rédito (2); redittos (1); reditos (1)
sítio (2); sitios (2)
viso (1); vizos (1)
Total: 23

Quadro 3 - Unidades lexicais selecionadas para análise semântico-lexical: substantivos

abjeto (1); abjeta (1)
altivo (2); altivos (2)
avultado (3), avultadas (3)
cálido (1); calida (1)
cômodo (6);commodo (3); commodos (3)
copioso (2); copiosa (1); copiozas (1)
ditoso (1); ditoza (1)
excelso (1)
fastidioso (1); fastidiozo (1)
inveterado (1); inveterados (1)
lastimoso (2); lastimoza (2)
módico (3); modicas (2); modico (1)

pingue (1)
plácido (2); placida (2)
providente (2);providentes (2)
pusilânime (1); pussilanimes (1)
Total: 16

Quadro 4 - Unidades lexicais selecionadas para análise semântico-lexical: adjetivos

Selecionadas as trinta e nove unidades lexicais que, em princípio, estão em desuso, mas correntes no manuscrito, ou seja, no período final do século XVIII configurava-se como uma palavra em uso, provavelmente, pois não há registros orais de falantes à época, a próxima etapa consiste em apresentar os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para realização da pesquisa de campo, cujo objetivo é o de configurar como as unidades estão hoje na comunidade de Cáceres (MT).

2.2 INSTRUMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO - *CORPUS* ORAL

Para a realização da pesquisa de campo pretendida nesta tese tivemos como principal pressuposto teórico-metodológico a Geolinguística contemporânea, como saber/fazer que se origina da Dialetologia, constitui-se no estudo da variação diatópica e utiliza-se da pesquisa de campo, *in loco*, em uma rede de pontos em um determinado espaço, para descrição da realidade linguística. Esse diálogo entre Geolinguística e Dialetologia, por sua vez, pode contribuir para que o modo como se investiga os fatos da língua portuguesa no município de Cáceres (MT) seja fundamentado, criterioso e cauteloso desde a seleção da localidade e dos informantes, à elaboração e à aplicação do questionário, possibilitando assim buscar dados linguísticos que tracem o perfil do português do Brasil.

Apresentaremos a seguir alguns apontamentos teóricos acerca dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil, bem como as etapas realizadas, como o processo metodológico deste estudo, a saber: localidade; questionário semântico-lexical; informantes; pesquisa de campo e transcrições das entrevistas**.**

2.2.1 Dialetologia e geolinguística

Para obter-se um real conhecimento de um grupo humano além de pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vivem, é imprescindível "observar a forma particular de ele representar a realidade que o circula" (BRANDÃO, 1991, p. 6), ou seja, a língua, a qual tem sido estudada de diversos ângulos teóricos. Interessa-nos também neste trabalho os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia acerca da Língua Portuguesa

no Brasil, cuja preocupação está pautada há algum tempo com a diversidade linguística existente no país, em virtude da sua extensão territorial e das influências linguísticas recebidas em detrimento do processo de povoamento e colonização a que foi submetido, bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior.

De acordo com Cardoso (2010, p. 15), a dialetologia "é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica." Para isso, essa disciplina estabeleceu-se a partir de uma complexa metodologia de trabalho em campo, precisa e estruturada, visando a busca do registro dos dados linguísticos orais.

Ferreira e Cardoso (1994), por sua vez, chamam a atenção para o processo de dialetação no Brasil que vem, gradativamente, instalando-se a partir de uma precisa e estruturada metodologia de trabalho, mostrando como proceder para buscar, na sua verdadeira fonte, os dados linguísticos que traçam o perfil do português do Brasil. Em se tratando da pesquisa dialetal, há um *antes* (fase de preparação), um *durante* (fase de execução) e um *depois* (fase de análise). “É preciso definir o *antes*, ter coragem para o durante, paciência e gosto para o depois” (p. 9). Nesse viés, ao definir o *antes* novas indagações põem-se ao pesquisador: “a quem perguntar (os informantes), o que perguntar (o questionário), onde perguntar (as localidades) e quem perguntar (o inquiridor)” (p. 9).

Ainda que algumas das etapas já foram revisadas e modificadas, é importante conhecer como foram pensadas inicialmente, até mesmo para compreender os critérios da pesquisa dialetal atual. Na verdade, o estudo dialetológico, no Brasil, tem-se aprimorado com metodologias que contribuam para a elaboração não só de atlas por meio de descrições criteriosas, mas também de análise e interpretação de fatos linguísticos com maior propriedade.

Seguindo esse raciocínio, são notórias as três diferentes fases para a história dos estudos dialetais no Brasil apresentadas por Ferreira e Cardoso (1994). Sendo a primeira fase, entre os anos de 1826 a 1920, em que foram desenvolvidos vários trabalhos relacionados, principalmente, ao estudo do léxico e suas especificidades no português do Brasil. Esses estudos originaram numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais.

A segunda fase, 1920 a 1952, inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se estende até 1952, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em território brasileiro. Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que o tratamento acerca dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a

que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra de Amadeu Amaral um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

No que se refere à terceira fase, de 1952 a 1996, é marcada pela implementação dos estudos de geografia linguística no Brasil e produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática. Ao exporem a terceira fase, Ferreira e Cardoso (1994) destacam quatro grandes pioneiros que contribuíram aos estudos dialetológicos no Brasil, no que se referem à defesa do estudo dialetal e à implantação dos estudos de geografia linguística, a saber: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 (BRASIL, 1952), também marcou essa fase, pois definia as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. No entanto, apesar da promulgação dessa Lei, só em 1996 houve a implantação do Projeto ALiB. Uma nova visão se introduziu na abordagem dos fenômenos da variação linguística no país.

Sobre a importância da geografia linguística, Brandão (1991, 23-24) ressalta que trata-se de um

> [...] método por excelência da dialectologia - para o conhecimento das peculiaridades da língua portuguesa, que no Novo Mundo, falava por novas gentes, entrechocando-se com outras línguas, espelhando novas experiências, enriqueceu-se, renovou-se, ganhou e resguardou formas e sons que permitem a cada brasileiro inserir-se num universo maior - o da comunidade lusofônica - sem, no entanto, deixarem de garantir-lhe identidade cultural própria, enfim, essa tão fascinante singularidade que, hoje, mais do que nunca, se começa a descobrir e a respeitar.

Diante do surgimento do Projeto ALiB na última década do século XX, Isquerdo (2004, p. 391) propõe o acréscimo da quarta fase, que tem início com o nascedouro desse Projeto:

> [...] esse projeto representa um divisor de águas na pesquisa geolinguística e dialetológica no Brasil, uma vez que a concretização de um projeto nacional que se propõe a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um atlas nacional e que, pela sua abrangência e pela dimensão espacial dos que o dirigem, agrega pesquisadores fixados nas diferentes regiões brasileiras veio trazer novo e significativo impulso para pesquisas na área.

O Projeto ALiB firmou-se como um projeto de caráter nacional, pela sua abrangência e distribuição espacial dos que o dirigem, por ocasião do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia|Instituto de Letras, que reuniu pesquisadores no campo da Dialetologia, contando com a presença de todos os autores de atlas linguísticos até àquela época já publicados - os atlas (pela ordem de publicação) da Bahia (Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB, 1963), Minas

Gerais (Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG, 1977), Paraíba (Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB, 1984), Sergipe (Atlas Linguístico de Sergipe - ALS, 1987) e Paraná (Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, 1994), de pesquisadores que iniciavam a elaboração de Atlas linguísticos regionais, e de professores interessados na pesquisa dialetal. Desde então, instituiu-se um Comitê Nacional - "órgão que dirige e coordena todas as atividades do Projeto ALiB. Seus membros representam os atlas regionais já publicados e os atlas em andamento no Brasil"[36].

O Projeto ALiB propõe entre os seus objetivos, definir parâmetros e instrumentos para a descrição da realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

Para isso, foi selecionada uma rede de 250 (duzentos e cinquenta) localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões, devendo ser registrados 1.100 (mil e cem) informantes distribuídos pelos dois sexos, de duas faixas etárias e de dois níveis de escolaridade. A recolha de dados se processa mediante a aplicação de questionários específicos, com gravação integral das entrevistas. Os questionários linguísticos estão estruturados do seguinte modo: Questionário Fonético-Fonológico - QFF (perguntas 1 a 159), Questionário Semântico-Lexical - QSL (perguntas 1 a 202), Questionário Morfossintático - QSM (perguntas 1 a 49), além de questões de prosódia e de pragmática, de temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

No que concerne à história da Dialetologia com os estudos de Geografia Linguística, teve marco Gilliéron, com o Atlas Linguistique de la France (1902-1910), e tem revelado, no curso do tempo, diferentes procedimentos metodológicos. Quanto à natureza da área investigada, a Geolinguística produziu, inicialmente, atlas nacionais, dos quais o Atlas de Gilliéron é o primeiro exemplo, a que se seguiram atlas regionais, como os de que dispomos em relação ao Brasil, atlas continental, dentre outros.

Em relação ao tipo de dados, a Geolinguística, "como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem, porém, descurar do aspecto multidimensional de que se reveste o ato de fala e de cuja consideração, no mundo atual, não se pode eximir (CARDOSO, 2001, p. 42).

---

[36] Disponível em: <https:||twiki.ufba.br|twiki|bin|view|Alib|ComiteNacional>.

Pode-se inferir que a Geolinguística, Dialetologia, apesar de continuar considerando a variação diatópica como primordial, não se exime de considerar "fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala" (CARDOSO, 2010, p. 25). A metodologia do Projeto ALiB, por sua vez, orientou-se a partir dessa concepção e acresceu fatores de natureza social, beneficiando, assim, das contribuições teóricas da Sociolinguística. Variáveis como idade, sexo, escolaridade se juntam à variável geográfica.

Sobre a inclusão dessas variáveis nos estudos dialetógicos, Brandão (1991, p. 26) já as defendia "a fim de que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos", bem como "elas se mostram de particular importância para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações." (p. 31).

Brandão (1991, p. 12) ressalta ainda que "mas é certo, por outro lado, que os princípios da geografia lingüística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução". É de consenso que entre a Dialetologia e a Sociolinguística há objetivos convergentes, "ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas" (CARDOSO, 2010, p. 25). No entanto, apesar de o enfoque diatópico e sociolinguístico se fazer presente em ambas, cada uma delas atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. Nestes termos, Cardoso faz a seguinte ressalva:

> Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A **dialetologia**, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A **sociolinguística**, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p. 26, grifos nossos).

O desenvolvimento do Projeto ALiB, por sua vez, permitiu a construção de uma metodologia pautada pelos princípios de uma Geolinguística, juntando-se a visão diatópica à visão sociolinguística, assegurando-se, assim, que os resultados venham a fornecer um amplo retrato do português brasileiro.

Assim, considerando que Cardoso (2010) chama a atenção de que a rede de pontos, bem como os informantes e os questionários, é um tripé básico que fundamenta a pesquisa de

cunho dialetal e os pressupostos teórico-metodológicos do Projeto ALiB, o processo metodológico deste estudo encontra-se dividido em etapas, a saber: localidade; questionário semântico-lexical; informantes; pesquisa de campo e transcrições das entrevistas**,** como se relata sucintamente a seguir.

2.2.2 Notas sobre a localidade

Em relação à definição da área/localidade submetida à investigação dialetal neste trabalho por meio de entrevista, optou-se pelo município de Cáceres, Mato Grosso, circunscrita à sua área urbana[37], região que tem relação com o *corpus* escrito *Memoria*. De acordo com Cardoso (2010, p. 89), "pode-se estabelecer como lócus da pesquisa uma única localidade, um estado, uma região, um país, um continente [...]". A definição por esse município também teve como norte Cardoso (2010), a qual pondera que a definição da área/localidade precisa ocorrer em detrimento do espaço ou das características linguísticas, bem como de considerar um conjunto de caracteres que a demarcam e a de outras áreas, como a situação geográfica; a história da área; o tipo de povoamento que nela se processou; a situação econômica; o grau de isolamento da área; dentre outros.

No que concerne aos aspectos a serem considerados na busca do conhecimento da área a ser pesquisada, já explicitados no Capítulo 1 deste trabalho, seguiu-se os apontamentos de Cardoso conforme segue abaixo:

> a) a história da área, a começar de sua fundação e das diferentes etapas que caracterizam o seu desenvolvimento;
> b) o grau de isolamento da área [...];
> c) a antiguidade da região, que definirá a que estágio do processo de povoamento do território se prende;
> d) a natureza do desenvolvimento econômico que fornecerá a posição da localidade na região, conceituando-a como mais destacadamente difusora ou receptora das mudanças, embora se saiba que toda área é, em parte, centro de produção e de recepção de transformações [...]. (CARDOSO, 2010, p. 90).

Em termos de localização, o município de Cáceres encontra-se no sudoeste do Estado de Mato Grosso, distante 210 Km de Cuiabá, capital do Estado, e a 90 Km da fronteira com a Bolívia. É banhado pelo Rio Paraguai e se localiza na cabeceira do Pantanal mato-grossense. Está na área de jurisdição da Amazônia Legal (Lei n. 5 .173 de 27/10/66). É constituído pelos seguintes distritos: Caramujo, Horizonte D'Oeste, Vila Aparecida e Vila Sadia; e seus municípios limítrofes são: ao Norte, Mirassol d'Oeste, Lambari, Barra do Bugres, e Porto Estrela; ao Nordeste, Nossa Senhora do Livramento; a seste e sudeste, Poconé; ao sul, Poconé

[37]Diante do deslocamento tardio da população cacerense do espaço rural para o urbano, conforme explicitado no Capítulo 1, optamos pelo urbano para verificar se essa questão influenciou/a na conservação do léxico.

e Corumbá-MS; a oeste, Porto Esperidião. A noroeste e a sudeste também faz limite com a República da Bolívia. Os habitantes naturais desse município são denominados cacerenses. A principal forma de acesso a esse município é a BR 070 (Cuiabá-Cáceres), a qual corta o perímetro urbano deste, e o rio Paraguai.

De acordo com os dados do censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Cáceres possui 87.942 habitantes, sendo 44.098 homens e 43.840 mulheres, numa área territorial de 24.351,408 Km²; e a densidade demográfica é de 3,61 habitantes por quilômetro quadrado.

É nesse cenário, bem como o que foi explícitado no Capítulo 1 deste trabalho, seção 1.5, que habitam os indivíduos entrevistados da localidade demarcada para esta pesquisa, seguindo os princípios geolinguísticos em que o espaço geográfico exibe a singularidade de cada terra, demonstrando a variedade que a língua assume de uma região para outra, "como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história" (CARDOSO, 2010, p. 15).

2.2.3 Questionário semântico-lexical

A presente pesquisa utilizou-se do instrumento da coleta *in loco* do *corpus* oral por meio de questionário, aplicado em uma entrevista semiestruturada para informantes pré-selecionados. Para isso, elaboramos um questionário linguístico previamente estabelecido, o qual teve como suporte teórico-metodológico a proposta apresentada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB em *Atlas Linguístico do Brasil*. *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

O fato de ter um questionário previamente estabelecido imprimiu uma certa uniformidade ao conjunto da pesquisa. No entanto, conforme salienta Santos (2006, p. 83), "fatores contextuais e interacionais acabam modificando o padrão inicial" e isso não se configura como um problema, mas como possibilidade de exame da riqueza da variação diatópica, bem como alguns elementos da manifestação presentes na relação intersubjetiva.

Sobre o dado a ser recolhido na pesquisa, Cardoso (2010) pondera que há vários tipos de questionário linguístico que se organizam com vistas ao tipo de dado, a saber, fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático discursivo, metalinguístico.

Considerando o objetivo da pesquisa em apurar dados de natureza semântico-lexical a respeito de unidades lexicais extraídas do manuscrito oitocentista e das respectivas acepções

delas registradas no referido documento, de modo a verificar o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico no âmbito do léxico na região de Cáceres, Mato Grosso, na atualidade, optou-se pelo enfoque semasiológico[38], afim de apreender os significados possíveis que possam ser trazidos pelo informante a um determinado significante.

Diante dessa conjuntura, e devido ao fato de o léxico só poder ser adequadamente interpretado quando inserido em um contexto de uso, o levantamento de dados orais ocorreu a partir de um questionário semântico-lexical que consiste em um conjunto de questões elaboradas para verificar se os informantes hoje reconhecem o léxico do documento datado de 1800 e em que contexto de uso, conforme explícito abaixo:

- A questão número 1, *você conhece a palavra...?,* teve a função de apresentar ao informante a unidade lexical previamente selecionada para este estudo e conferir se ele conhecia-a;
- Se o informante conhecia a unidade, prosseguíamos com a questão número 2, a saber: *você usa essa palavra?* cujo propósito era o de verificar se a unidade lexical em questão é de uso comum do informante ou não;
- Em seguida apresentávamos a questão número 3, *qual sentido você atribui a essa palavra quando a usa;* e se o informante apresentasse dificuldade para atribuir sentido à palavra, líamos um trecho em que a unidade lexical está empregada no manuscrito *Memoria* e perguntávamos: *você conhece esse sentido?* (questão número 4). As questões 3 e 4 tiveram a função de instigar o informante a usar a unidade lexical dentro de um contexto.
- A questão número 5, *já leu essa palavra em algum lugar ou ouviu de alguém?,* foi utilizada na entrevista nos casos em que o informante dizia não conhecer a unidade em questão. O informante também foi instigado com a abonação no manuscrito *Memoria* da unidade lexical em questão. Buscou-se provocá-la com o objetivo de ratificar a condição da unidade lexical no que concerne à manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso ou neologismo semântico.

---

[38] Segundo Biderman (1984, p. 143), "A *semasiologia* é uma área da Semântica que estuda os significados e a sua estruturação interna, a partir dos signos lingüísticos (das palavras). Divide-se assim o signo lingüístico nas suas duas faces - significante e significado. O método semasiológico considera os significantes para indagar sobre os significados, ou investigar o fenômeno da significação. O contrário da *semasiologia* é a onomasiologia, que parte da significação em busca da designação lingüística dos conceitos ou objetos considerados".

2.2.4 Informantes[39]

A metodologia adotada pelo Projeto ALiB, em consonância com a Geolinguística, a Dialetologia, apesar de continuar considerando a variação diatópica como primordial no exame do fenômeno linguístico, acresceu à variável geográfica as variáveis idade, sexo, escolaridade. Os procedimentos que utilizamos para a seleção dos informantes, indivíduos que responderam ao questionário e forneceram dados que constituíram o *corpus* oral deste estudo, lançam mão dessas variáveis de natureza social e geográfica de modo a ter uma representatividade entre os informantes da comunidade cacerense.

Assim, no que se refere ao número e ao perfil dos informantes, adotou-se os seguintes critérios:

1. Estabeleceu-se o número de entrevistados em dezesseis, sendo oito homens e oito mulheres; distribuição equitativa entre duas faixas etárias (faixa 1: 18-30 e faixa 2: 50-65 anos ou acima), contemplando ambos os sexos masculino e feminino;
2. no que concerne à escolaridade, optou-se investigar informantes com diferentes níveis de escolaridade (completos ou incompletos), contemplando desde as primeiras e últimas séries do ensino fundamental, definidas como "primeiras séries: 1ª a 4ª" e "últimas séries: 5ª a 8ª", ensino médio e ensino superior;
3. a questão da naturalidade dos informantes, optou-se por aqueles que nasceram na localidade em questão, e, preferencialmente, eram filhos de pais também nascidos na região pesquisada; se casado, o cônjuge deveria ser também da localidade;
4. no quesito profissão, aquela que não requeria do profissional constante deslocamento para outras localidades.

No Quadro 5, a seguir, pode-se visualizar uma amostragem de como ficaram definidos os dezesseis entrevistados a partir das variáveis sociais: sexo, escolaridade e faixa etária.

[39] A opção pelo termo "informante" ocorreu por nos reportarmos Cardoso (2010).

Escolaridade		**Primeiras Séries (1ª a 4ª) do Ensino Fundamental**		**Ensino Fundamental últimas séries (5ª a 8ª)**		**Ensino Médio**		**Ensino Superior**	
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F
Faixa etária dos informantes	F1	18 - 30 (dois informantes)		18 - 30 (dois informantes)		18 - 30 (dois informantes)		18 - 30 (dois informantes)	
	F2	50 - 65 (dois informantes)		50 - 65 (dois informantes)		50 - 65 (dois informantes)		50 - 65 (dois informantes)	
Total de informantes: 16									

Quadro 5 - Variáveis: escolaridade, sexo e faixa etária

Em termos de convenções, adotaram-se as seguintes: para manter sigilo sobre a verdadeira identificação dos sujeitos entrevistados, optou-se por substituir o nome por siglas. Para tanto, valeu-se das iniciais do nome, prenome e sobrenome e acresceu *M* para a entrevistada do sexo feminino, e *H*, para o entrevistado do sexo masculino. E mais, adotou-se *F1* e *F2* para as faixas etárias 1 e 2 respectivamente; e *EP* (primeiras séries - 1ª a 4ª - do ensino fundamental), *EF* (ensino fundamental últimas séries - 5ª a 8ª), *EM* (ensino médio), *ES* (ensino superior), *C* (completo), *I* (incompleto).

Faixa Etária	Nome	Sexo	Escolaridade	Idade	Informante
F1	C.R.G.	Masculino	E. Primário|I	18	F1-H-EP
F1	C.F.P.C.	Feminino	E. Primário|I	21	F1-M-EP
F1	J.L.R.	Masculino	E. Fundamental|I	30	F1-H-EF
F1	H.G.G.	Feminino	E. Fundamental|I	30	F1-M-EF
F1	M.S.M.S.L.	Masculino	E. Médio|I	18	F1-H-EM
F1	F.S.	Feminino	E. Médio|C	24	F1-M-EM
F1	V.E.L.	Masculino	E. Superior|C	22	F1-H-ES
F1	E.F.M.M.	Feminino	E. Superior|C	27	F1-M-ES
F2	J.B.P.M.	Masculino	E. Primário|C	53	F2-H-EP
F2	L.M.A.	Feminino	E. Primário|I	50	F2-M-EP
F2	G.R.O.	Masculino	E. Fundamental|C	50	F2-H-EF
F2	M.A.C.	Feminino	E. Fundamental|I	58	F2-M-EF
F2	B.A.S.	Masculino	E. Médio|C	62	F2-H-EM
F2	A.P.S.M.	Feminino	E. Médio|C	50	F2-M-EM
F2	J.A.G.	Masculino	E. Superior|C	50	F2-H-ES
F2	Z.S.B.	feminino	E. Superior|C	57	F2-M-ES

Quadro 6 - Perfil dos informantes entrevistados

Cabe ainda informar que para a seleção desses informantes contamos com a colaboração de pessoas da comunidade local que exerceram o papel de intermediários, identificando possíveis informantes e sobretudo funcionando como elo de aproximação entre

esses e a pesquisadora, fato esse de extrema relevância para a realização da pesquisa. Também tivemos a colaboração significativa de uma diretora de escola pública em Cáceres, a qual autorizou fazermos uma triagem do perfil dos informantes que precisávamos junto aos professores, e a realização da entrevista no interior da escola.

No que concerne ao registro dos dados dos informantes, seguiu-se o modelo de ficha adotado pelo Projeto ALiB (Anexo A), cujo objetivo foi o de documentar as informações pessoais do informante.

2.2.5 Pesquisa de campo e transcrições das entrevistas

Após elaboração do questionário semântico-lexical e a seleção dos informantes, realizou-se a pesquisa de campo, entrevistas com os dezesseis informantes selecionados, no período de maio a julho de 2014.

As entrevistas foram registradas|gravadas em áudio; aconteceram na residência dos entrevistados ou escola em que estudavam, e foram realizadas por esta pesquisadora. Ao final de cada entrevista, fez-se a transcrição grafemática, que consiste na reprodução por escrito das entrevistas feitas na pesquisa de campo, utilizando-se dos critérios de transcrição propostos pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, conforme apresentado por Santos (2003).

Realizada a pesquisa de campo, 16 entrevistas, e transcrição dos dados orais, destacou-se as unidades lexicais e a acepção atribuída a elas para, em seguida, submetê-las a um tratamento analítico a partir dos objetivos deste estudo. Assim, no capítulo seguinte será apresentada a base teórica que subsidiou a análise e os resultados analíticos alcançados de natureza semântico-lexical.

CAPÍTULO 3 - APONTAMENTOS ANALÍTICOS SEMÂNTICO-LEXICAIS DOS *CORPORA*

Neste capítulo apresentaremos os apontamentos semântico-lexicais analíticos das unidades lexicais extraídas do *corpus* de língua escrita *Memória* e testadas i*n loco* com informantes do município de Cáceres, Mato Grosso, *corpus* de língua oral, conforme procedimento metodológico exposto no Capítulo anterior, 2. Antes, porém, teceremos alguns apontamentos teóricos acerca do léxico, nível linguístico selecionado nesta pesquisa, bem como alguns conceitos sobre os quais se fundamentam as reflexões presentes na análise dos *corpora*. Também descreveremos os critérios adotados para a definição do que concebemos como manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico, bem como os procedimentos metodológicos para a realização dos apontamentos semântico-lexicais de análise.

3.1 LÉXICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O homem utiliza a língua, desde o início de sua história, para interagir em seu ambiente de modo a comunicar-se, transmitir conhecimentos, costumes, bem como nomear a realidade onde se insere, etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo, devido ao fato de que nomear é, para o homem, uma necessidade de organização e de orientação. De acordo com Biderman (1998a), esse processo de nomeação ocorre por meio de atos sucessivos de percepção da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos que reportam ao universo referencial, e gera um dos níveis das línguas naturais: o léxico.

Dessa forma, o léxico é um nível linguístico que armazena as experiências humanas sociais e culturais, e considerado um patrimônio de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, constituindo-se um tesouro cultural. E como tal, possibilita-nos a observar a leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e a manutenção de parte da sua memória sócio-cultural e linguístico-cultural, além de permitir o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em Cáceres, Mato Grosso, e, por extensão, no português brasileiro.

Benveniste (2006) reconheceu que o léxico é o nível linguístico em que a relação língua|sociedade é mais evidente, e para analisar esse nível é necessário inseri-lo em seu contexto de utilização, afinal a língua precisa ser examinada em relação à sua realidade social:

> Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista [do vocabulário] só adquirem seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. Existe aí

> um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar prudentemente. O estado da sociedade numa época dada não aparece refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. [...] O que se chama polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação. (BENVENISTE, 2006, p. 100).

Como somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura por meio do tempo, o léxico de uma língua é um sistema aberto e dinâmico, sendo assim, recria constantemente a realidade de acordo com as modificações e inovações da sociedade, funcionando como o "pulmão das línguas", conforme afirma Krieger (2010, p. 170).

No que diz respeito aos membros da sociedade, Biderman (1978, p. 138) considera-os como "sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua". Além disso, pondera que o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa durante a vida toda desses sujeitos-agentes.

O léxico, por sua vez, é compreendido neste trabalho como o "conjunto abstrato das unidades lexicais da língua" (BIDERMAN, 1999, p. 88) e "constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo" (BIDERMAN, 2001, p. 13). Desenvolver um estudo semântico-lexical de unidades lexicais, todavia, remete-nos à problemática conceituação linguística de *palavra* haja vista a impossibilidade de se chegar a uma definição de valor absoluto. Biderman (1999, p. 81), face ao problema existente em relação ao conceito linguístico de palavra, pondera que não é "possível definir a palavra de modo universal" e a identificação de uma unidade léxica só pode ocorrer ao delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua.

Biderman (1999) apresenta três critérios a partir dos quais podemos proceder para delimitar a *palavra*, a saber, critério fonológico, critério morfossintático e critério semântico. A autora considera todos os critérios relevantes, no entanto, faz uma ressalva ao terceiro critério como decisório na delimitação e identificação da palavra:

> [...] a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra. (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Na presente pesquisa adotamos a terminologia *unidade lexical*, conforme já explícito desde o início da escrita desta tese, para referir-se à "unidade semântica mínima do discurso",

ou seja, a palavra. A seleção lexical ocorreu especificamente com as unidades lexicais simples[40].

Sobre o aspecto singular do léxico em expandir-se, alterar-se e, às vezes, contrair-se, Biderman (1978, p. 139) faz a seguinte afirmação:

> As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Pode-se inferir que o léxico de uma língua é um dos componentes linguísticos mais afetados pela característica fundamental da linguagem humana, a variação. A mudança traduz-se basicamente, no caso do léxico, ao desuso de unidades lexicais, e à criação de novas designações ou à atribuição de novos semas para palavras já existentes, os neologismos, configurando-se como inovação e enriquecimento do léxico da língua.

Diante dessa perspectiva, o acervo lexical da língua portuguesa, assim como o das demais línguas vivas, renova-se constantemente por meio do processo de criação lexical, denominado como *neologia*, e a nova palavra, resultante desse processo, denominado *neologismo* (ALVES, 2007). O neologismo pode ser uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua.

No que diz respeito ao surgimento do neologismo, pode ocorrer a partir de um caráter intencional, de efeito lúdico ou expressivo de um texto, mais empregado no âmbito literário e publicitário; ou, sobretudo, vinculado ao caráter social da linguagem, em que os falantes de uma língua, devido à necessidade de nomeação ou de um fato social, político, um desenvolvimento científico e tecnológico em um determinado momento da história da sociedade, requerem a criação de uma nova unidade lexical (ALVES, 2012).

Em termos de formação do neologismo, os mecanismos usados contemporaneamente no português brasileiro, de acordo com Alves (2007, p. 86), "são os mesmos que serviram para o desenvolvimento da língua portuguesa no decorrer do tempo: recursos autóctones, sobretudo a derivação e a composição, como também os recebidos de outros sistemas lingüísticos, os empréstimos" (ALVES, 2007, p. 86). Desse ponto de vista, a autora classifica os processos de formação lexical em:

---

[40] Compreende-se unidades lexicais simples neste trabalho a partir da classificação acerca de lexia proposta por Pottier (1974, p. 266): "La lexie simple correspond au « mot » traditionnel dans de nombreux cas: chaise, pour, mangeait, la". Ou seja, a simples "corresponde à <<palavra>> tradicional em muitos casos" (tradução nossa). A lexia simples consistem em uma sequência gráfica, de um único lexema.

1. As unidades lexicais criadas por meio de mecanismos do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico, são denominadas como: *Neologismo fonológico* (criação onomatopaica; recursos fonológicos); *Neologismo morfológico* (neologismos formados por derivação prefixal; neologismos formados por derivação sufixal; neologismos formados por composição; composição sintagmática; composição por siglas ou acronímica); *neologismo sintático; Conversão; e Outros processos* (truncação; palavra-valise; reduplicação; derivação regressiva)*;*

2. A atribuição de um novo significado a uma unidade lexical já existente na língua, representando a relação entre semântica e neologia, denomina-se *Neologismo semântico.* Esse tipo de neologismo também é denominado como conceptual por Biderman (1978) e Alves (2007);

Em outras palavras, os neologismos semânticos são criados na língua sem que ocorra mudança formal em unidades lexicais já existentes, ou seja, reutilização de unidades com significados novos. E mais, “o neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica” (ALVES, 2007, p. 62). A expansão de sentidos de uma unidade lexical pode ocorrer por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, dentre outros. Na verdade, "de monossêmica, a unidade léxica torna-se polissêmica"(ALVES, 2007, p. 67).

Esse tipo de neologismo preferencialmente interessa-nos neste trabalho, devido ao recorte de análise selecionado.

3. A importação de unidades lexicais de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua, trata-se do *Neologismo por empréstimo*. Mattoso Câmara em *História e estrutura da língua portuguesa*, 1976, ressalta que a língua portuguesa aumenta seu patrimônio lexical por meio de empréstimos íntimos – de substrato (línguas ibéricas pré-românicas), de superstrato (elementos germânicos) e de adstrato (elementos árabes, africanismos e tupinismos) – e culturais (sobretudo elementos do provençal, do francês, do italiano e, mais contemporaneamente, do inglês).

Alves (2007, p. 6) endossa que esse tipo de neologismo tem ocorrido desde o início da formação do português brasileiro, por meio de “empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos [...] e empréstimos culturais, frutos de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades [...]".

Sablayrolles (2013, p. 18, tradução nossa), por sua vez, pondera que "o neologismo é facilmente definido como qualquer inovação em relação ao conhecimento lexical integrado

com um falante nativo, mas não é um conjunto homogêneo estável, a identificação de neologismos continua sendo delicada"[41].

Essa preocupação de delimitação de uma unidade lexical em torno de seu caráter neológico ou não neológico é legítima entre diversos estudiosos devido ao fato de não ser uma tarefa fácil. Diante dessa realidade, diferentes parâmetros têm sido criados para identificação de neologismos, dentre eles, os apresentados por Cabré (1993, p. 445) a partir de aspectos de natureza temporal, lexicográfica, instabilidade e psicológica:

1. uma unidade lexical pode ser considerada neológica se tiver surgido em um período recente (critério de natureza temporal);
2. uma unidade lexical será neológica se ainda não estiver registrada nos dicionários de língua (critério de natureza lexicográfica);
3. uma unidade lexical será neológica se apresentar traços de instabilidade formal (fonética, morfológica, gráfica) ou semântico (critério de natureza instabilidade sistemática);
4. uma unidade lexical é neológica se os falantes de uma comunidade linguística a percebem como uma palavra nova (critério de natureza psicológica).

Dentre os critérios mencionados por Cabré (1993), utilizamos o critério de exclusão lexicográfico, que consiste em verificar a presença ou a ausência da unidade lexical, bem como sua acepção, em duas obras lexicográficas, conforme tratado na seção 3.2 deste trabalho. O critério lexicográfico tem sido o mais usado entre aqueles que trabalham com neologismos lexicais, devido ao fato de ser considerado o menos subjetivo.

Como se observa, o dicionário é um instrumento importante para as pesquisas que envolvem o estudo do léxico. Alves (2007, p. 85) pondera que "apesar das arbitrariedades manifestadas pelos dicionários, eles simbolizam o parâmetro, o meio pelo qual decidimos se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua".

Nesse sentido, a inserção de uma unidade lexical com sua respectiva acepção, bem como os significados que vão-se acrescentando, pelo processo de neologia semântica, a uma unidade já existente, só são considerados como parte integrante do sistema linguístico, se estiverem registrados em um dicionário geral de língua.

Além de atuar como um instrumento legitimado para atestar uma unidade como parte integrante do sistema linguístico, Biderman (1978, p. 166) ressalta que "como depositário

---

[41] "la néologie se définit facilement comme toute innovation par rapport au savoir lexical intégré d'un locuteur natif, mais celui-ci n'étant pas un ensemble homogène stable, l'identification des néologismes reste délicate" (SABLAYROLLES, 2013, p. 18).

físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva, às vezes, por séculos". E mais, considera o dicionário um objeto cultural relevante à sociedade contemporânea, e deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua.

Outra perspectiva a respeito do dicionário é a de Auroux (2009). Na visão desse autor, a produção de dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo na base da tradição greco-latina, não apenas dos vernáculos europeus, tendo como ponto de inflexão o Renascimento europeu, foi um processo de gramatização que mudou profundamente "a comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento|dominação sobre as outras culturas do planeta. Trata-se propriamente de uma revolução tecnológica" (AUROUX, 2009, p. 9) de grande importância para a história da humanidade.

O processo de gramatização é entendido como aquele que "conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário" (Auroux, 2009, p. 65). Desse ponto de vista, a gramática e o dicionário não são vistos como simples descrições da linguagem, são concebidos também como instrumentos linguísticos. E mais, o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas.

A criatividade lexical de caráter semântico que envolve novos significados para unidades lexicais já existentes, por sua vez, reflete a característica intrínseca e necessária da língua, a saber, a polissemia. O termo *polissemia* foi criado no século XIX por Michel Bréal (1992), para designar a multiplicação de significado a que uma palavra está sujeita:

> À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a *polissemia.* Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social (BRÉAL, 1992, p. 103).

Bréal (1992) pondera que a polissemia é uma vantagem e não um defeito da linguagem que impediria o funcionamento dela, sendo que a situação de uso e o contexto impedem que os múltiplos sentidos de uma palavra resultem em um mal entendido.

Ullmann (1973) também considera a polissemia uma realidade necessária da língua, bem como um dos fatores que mais contribuem para a economia dos sistemas linguísticos:

> [...] longe de ser um defeito da língua, a polissemia é uma condição essencial da sua eficiência. Se não fosse possível atribuir diversos sentidos a uma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória: teríamos que possuir termos separados para cada tema concebível sobre o qual quiséssemos falar. A polissemia é um factor inapreciável de economia e flexibilidade da língua. (ULLMANN, 1973, p. 347).

Dentre os processos semânticos que são geradores de polissemia, Ullmann (1973) apresenta cinco, a saber: (i) mudanças de aplicação - "as palavras têm um certo número de aspectos diferentes, de acordo com o contexto em que são usadas" (p. 331); (ii) especialização do significado - "a mesma palavra pode adquirir um certo número de sentidos especializados, dos quais um só será aplicável em determinado meio" (p. 334); (iii) linguagem figurada - "uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original" (p. 336); (iv) homónimos reiterpretados - "quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos" (p. 340); (v) influência estrangeira|empréstimo semântico - "algumas vezes, o sentido importado abolirá completamente o antigo" (p. 341-342).

Além da polissemia, Ullmann (1973, p. 364-365) trata da homonímia, e a considera "muito menos comum e complexa que a polissemia, embora os seus efeitos possam ser igualmente graves e até mais dramáticos". Em relação aos possíveis processos geradores da homonímia, menciona três, a saber: (i) convergência fonética; (ii) divergência semântica; (iii) influência estrangeira.

Sendo assim, a polissemia e a homonímia são tratadas como dois tipos de ambiguidade distintos pelo referido autor, cuja questão principal de se observar é o modo como surgem e o efeito que tem na língua. Além disso, considera que os seguintes aspectos diferem esses dois tipos: a polissemia tem vantagens positivas em relação à homonímia devido ao fato de que é inconcebível uma língua sem a polissemia, diferentemente da homonímia, que, na opinião do autor, seria mais eficiente a não existência; ressalta também a superioridade de frequência na língua da polissemia.

Nessa perspectiva, o estudo da polissemia requer necessariamente a distinção dessa com a homonímia, todavia, não é uma tarefa fácil e precisa, pois, conforme afirma Viaro (2011, p. 195), há "homônimos de difícil ou de impossível etimologia" , o que nos impossibilita de precisar alguns casos.

Viaro (2011, p. 192), ao tratar a homonímia e a polissemia, afirma que o termo *homonímia* "aparece já em Aristóteles (século IV a.C em suas Categorias) ao referir-se à multiplicidade de referências que uma palavra pode conter". E mais, a partir da convicção teórica de que "distinguir homonímia de polissemia requer investigação etimológica" (VIARO, 2011, p. 194), considera que "dados dois vocábulos X e Y quaisquer com mesmo significante, mas com diferente significado, X é homônimo de Y se tem étimo distinto, ao

passo que são aspectos distintivos de um mesmo vocàbulo polissêmico se remetem a uma só origem" (p. 192).

No presente trabalho, ao realizar análise semântio-lexical, sobretudo ao mobilizar a categoria analítica *neologismo semântico*, é necessário realizar a distinção entre polissemia e homonímia, e dentre os critérios existentes, utilizamos o etimológico. Dessa forma, compreendemos *polissemia* quando a mesma palavra apresenta vários sentidos; enquanto que a homonímia, é quando duas ou mais palavras, com a mesma grafia e|ou a pronúncia, provêm de origens diferentes e apresentam sentidos também diferentes.

3.2 CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL

Considerando que uma ocorrência natural e prevista nos padrões de estruturação léxica das línguas vivas, traduzida basicamente a dois aspectos; por um lado, algumas unidades lexicais obsoletas caem em desuso; por outro, novas unidades vão surgindo no léxico ou ainda novos sentidos são atribuídos a unidades já existentes por meio do processo polissêmico; vislumbraremos a análise semântico-lexical abaixo com vistas a verificar os graus de manutenção, deuso e neologismo semântico de substantivos e adjetivos e suas respectivas acepções registradas no manuscrito *Memoria* e testados em pesquisa de campo na região urbana cacerense.

Para isso, elaboramos quatro categorias de acordo com os objetivos propostos neste trabalho, sendo uma delas divididas em duas subcategorias, conforme relação descrita abaixo. A elaboração das categorias ocorreu a partir de critérios distintos que pudessem auxiliar na compreensão, classificação e análise das unidades lexicais, a saber:

1 Manutenção

1.1 Manutenção semântico-lexical - Considerou-se grau de manutenção de determinada unidade lexical quando ocorreu o reconhecimento da forma e da acepção buscada entre a maioria dos informantes da pesquisa.

1.2 Manutenção da forma e desuso semântico - ocorre o reconhecimento apenas da forma com acepção diferente da buscada, entre a maioria dos informantes da pesquisa.

2 Tendência à manutenção e tendência ao desuso - A diferença entre tendência à manutenção e tendência ao desuso está no número de ocorrências quanto ao reconhecimento da unidade lexical e da acepção buscada, e no fator social faixa etária[42]. Dessa forma,

[42] Conforme apontado pela Dialetologia, a faixa etária é um dos fatores sociais que podem determinar e modificar os usos linguísticos de um comunidade de fala.

classifica-se como tendência à manutenção se houver maior reconhecimento na faixa etária um, e se ocorrer o inverso, ou seja, o reconhecimento deter-se em maior quantidade entre os informantes da faixa etária dois, classifica-se como tendência ao desuso, ou os casos em que os informantes informarem que conhecem a unidade lexical e|ou acepção em estudo mas não a usa.

3 Desuso semântico-lexical - considera-se a unidade lexical que não for reconhecida por nenhum informante, bem como a acepção buscada, e que essa não se configure como neologismo semântico.

4 Neologismo semântico - Nos casos em que o informante conhece a unidade lexical com significado distinto da acepção buscada e, atestada por meio de *corpus* de exclusão que não há registro da acepção atribuída pelo informante até o início do século seguinte de escrita|datação do manuscrito *Memoria*, e não se tratar de uma homonímia, considera-se neologismo semântico.

Antes de averiguarmos o caráter neológico semântico de uma unidade lexical fizemos a seguinte reflexão: trata-se de uma mesma palavra que seu caráter polissêmico permitiu agregar novos significados, ao longo da sua história, ou temos o caso de duas palavras ou mais distintas que não tem nada em comum do ponto de vista etimológico, ou seja, dois pares de unidades homônimas?

Feita essa reflexão, recorremos ao princípio lexicográfico para realizar a investigação etimológica da unidade. Desta forma, consultamos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1996), de Antônio Geraldo da Cunha, e se constatássemos que a unidade não se tratava de uma homonímia, então prosseguíamos a sua investigação neológica. De acordo com Viaro (2011, p. 192) a distinção entre homonímia e polissemia "é particularmente útil na lexicografia: ao elaborarem dicionários, os homônimos devem ser verbetes independentes, ao passo que a polissemia de um vocábulo se reflete nas acepções de um mesmo verbete".

Para estabelecer finalmente o estatuto neológico semântico da unidade lexical, neste estudo, adotou-se novamente como princípio metodológico o critério lexicográfico, partindo de um *corpus* de exclusão, composto por dois dicionários, a saber, *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712 - 1728), de Raphael Bluteau; e *Diccionario da Lingua Portugueza* (1813, 2. ed.), de Antonio de Moraes Silva. Dessa forma, para o reconhecimento neste estudo de um neologismo semântico, utilizou-se o critério do não-registro da acepção emitida pelo informante e diferente da acepção buscada, oriunda de uma unidade lexical polissêmica, nos dicionários de Bluteau (1712 - 1728) e de Morais Silva (1813). Hipotetizamos com isso que a

acepção emitida pelo informante seja fruto de um processo de expansão semântica que a unidade lexical sofreu após a escrita|datação do manuscrito *Memoria*, configurando-se assim como fruto de um neologismo semântico.

3.3 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL

3.3.1 Procedimentos metodológicos adotados

1. Para facilitar o trabalho e a análise das trinta e nove unidades lexicais, criamos um quadro para cada uma delas de modo a nos fornecer informações individuais, sendo apresentados primeiramente os substantivos e depois os adjetivos em ordem alfabética, com os seguintes destaques: (i) a unidade lexical lematizada, grafada em negrito e minúsculo, a sua frequência total em parênteses, as suas variantes, e a frequência parcial destas entre parênteses. (ii) a ilustração contextual da definição da unidade lexical por meio de abonação no manuscrito *Memoria* (constam a unidade lexical em estudo destacada, e *recto* ou verso do fólio e indicação da linha em que se encontra a unidade, bem como a referência em que se encontra a edição semidiplomática utilizada); (iii) o registro da acepção buscada; (iv) o contexto de uso das unidades lexicais conhecidas por cada informante; (v) as acepções registradas nos dicionários (a ordem dos dicionários segue o critério cronológico); (vi) e a análise semântico-lexical;

2. para o recorte de análise foram consideradas todas as respostas de um mesmo informante, porém transcrito apenas o que dizia respeito ao reconhecimento da unidade lexical e contexto de uso da unidade;

3. os dicionários gerais representativos de diferentes fases da língua portuguesa selecionados para este estudo, devidamente identificados na organização sequencial dos apontamentos semântico-lexicais de análise deste estudo, são:

Autor	**Ano**	**Título**
Bluteau	1712 - 1728	*Vocabulario Portuguez e Latino*
Morais Silva	1813, 2. ed.	*Diccionario da Lingua Portugueza*
Vieira	1871 - 1873	*Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*
Freire	1957, 3. ed.	*Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*
Ferreira	1975, 1. ed.	*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*
Houaiss	2009	*Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*

A seleção dos dicionários ocorreu pelo valor acadêmico, histórico e referência lexicográfica-padrão que representam na sociedade brasileira, e pela possibilidade de se trabalhar com obras lexicográficas pertencentes às várias fases da língua portuguesa,

compreendendo desde o século XVIII (século em que foi datado o manuscrito *Memoria*) até o século XXI (século em que foi realizada a pesquisa *in loco*).

Ao consultar os dicionários selecionados neste estudo tivemos o objetivo de verificar se a unidade lexical encontra-se registrada, sobretudo, com o mesmo valor semântico da acepção do *corpus* escrito e|ou com o valor do *corpus* oral, possibilitando apreender o desenvolvimento polissêmico da unidade. Além de outras informações relevantes que contribuiram para a realização da análise semântico-lexical;

4. das acepções registradas pelos lexicógrafos quanto à unidade lexical analisada foram transcritas apenas a acepção sinonímica[43] com as acepções buscadas. Nos casos em que as acepções empregadas|conhecidas pelos informantes de Cáceres for divergente à acepção buscada, também transcreve-se do dicionário, se esse tiver registrada, a acepção empregada|conhecida pelo informante.

3.3.2 Análise semântico-lexical das unidades lexicais investigadas

SUBSTANTIVOS

alma (12); almas (12)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"A Populaçaõ da Capitania de Matto Grosso| anda por vinte e quatro mil **almas**; dezoito mil,| com curta diferença, na Villa do Cuiaba, e seus|| adjacentes Arraiaes, e seis mil similhantemente | em Villa Bella, Capital deste Governo General,| e comparando esta populaçaõ com huma que te= nho do anno de 1787, entaõ mais diminuta, rezulta| Escravos de ambos os Sexos..... 11:664. Mulheres de todas as idades..... 6:088. Velhos de sincoenta annos para cima..... 884. Rapazes de 1 ate 15 annos..... 2:616. Homens de 16 ate 50 annos..... 2:748. Soma..... 24:000. (29r-21 a 23 | 29v-2 a 11 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 151-153, grifo nosso).
Acepção buscada	Habitante
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Já ouvi falar mas não uso. Alma do tipo alma da gente assim, sentido alma da gente mesmo. F1-H-EF: Conheço. Não uso. Alma que conheço é no sentido de quando a pessoa morre fica aquela alma. F1-M-EF: Uso quando eu preciso. Assim quando é um falecido, há uma alma, descansou a alma em paz. F1-H-EM: Conheço. Uso não muito, mas sim. No sentido da pessoa, do que ela é, se ela é uma pessoa de alma boa ou ruim. F1-M-EM: Não uso muito. Normalmente quando se refere à alma das pessoas que já faleceu muito tempo. Minha família todo dia de finado acostuma ir no cemitério fazer aquela oração, ai fala que tem que tá indo rezar pras almas, daí refere a essas pessoas mortas de alma que precisam de oração. F1-H-ES: Uso só em conversa mesmo, em igreja, para proteger a parte espiritual, essas coisas... mas se falar em outro sentido dá também de um nome de uma pessoa, nome próprio.

[43] Neste estudo compreende-se a sinonímia como equivalência de sentido entre duas ou mais palavras.

	F1-M-ES: Conheço e uso. No sentido mais religioso mesmo, de algo que está além da vida, do corpo. F2-H-EP: Alma, mais ou menos eu conheço. Alma... uso... eu tenho alma. Estou de alma lavada, alma no sentido de espírito. F2-M-EP: Conheço e uso. Conversando com uma pessoa, eu falo... essa pessoa não tem alma, não tem sentimento. Eu uso ela assim, ainda ontem eu falei assim. F2-H-EF: Conheço e uso. É igual a pessoa fala, é minha alma, dentro de mim tem ela. F2-M-EF: Hoje não uso porque aquele tempo falava uma alma perdida, talvez escutava algum barulho assim falava... deve ser alguma alma perdida. F2-H-EM: Alma... olha sinceramente não sei definir direito, mas conheço. Pelo que eu vejo falar, alma é uma... não sei se é como um espírito, é isso mesmo que a gente tem? Uso nesse sentido, é uma coisa que a gente não vê mas existe. F2-M-EM: Conheço. Uso pouco. Tipo assim... uma pessoa morreu, vai pro céu, a alma dele foi pro céu. F2-H-ES: Conheço. Uso. Alma a gente usa mais na questão quando está falando da religião, que a gente usa muito... de alma... acho que é nesse sentido... alma, espírito. F2-M-ES: Conheço. Uso. Alma pra nós, eu sou católica né, tudo envolvia desde a época dos meus pais que hoje são falecidos, desde eu pequena que entendo, hoje é a missa em função das almas, almas do purgatório. Inclusive hoje é 16 de julho, dia de nossa Senhora do Carmo. Minha mãe era devota de nossa senhora do Carmo, ela falava que era ela quem protege as almas do purgatório. Você está entendendo? Fui criada nesse sentido, alma perdida, pena no mundo porque morreu e devia.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** ALMA. (Geralmente fallando) Forma substancial, principio da vida, & primeira perfeição do corpo natural. Alma racional, Alma do homem, Alma humana. Mais amplamente a alma humana he huma substancia espiritual invisivel [...], immortal. Alma. Pessoa *Homo, inis.* **Morais Silva (1813):** ALMA. A substância espiritual. Almas do outro mundo: o espirito dos finados. Almas; por pessoas. **Vieira (1871-1874): ALMA,** s. f. (Do latim anima). Em Philosophia, diz-se particularmente do principio da vida humana; para os espiritualistas é uma emanação essencial da divindade. Em Theologia, **alma** é uma substancia participante da razão, incorporea, immaterial, invisivel, accommodada a reger o corpo, semelhante a Deus, creada d'elle do nada para os bens eternos. **Almas,** absolutamente, significa pessoas ou consciencias. **Freire (1957): ALMA, S. f.** Conjunto de fenômenos psíquicos relativos ao sentimento, à inteligência e à vontade. 4. Teol. Substância incorpórea, imaterial, invisível, criada por Deus à sua semelhança. 9. Índole, gênio, caráter. 17. Pessoa, indivíduo. **Ferreira (1975): alma**. [Do lat. anima] 3. Princípio espiritual do homem concebido como separável do corpo e imortal; 6. Pop. Espírito desencarnado; 8. Sentimento, generosidade, coração; 12. Pessoa, indivíduo. **Houaiss (2009): alma** d*atação:* sXIII **3** Rubrica: religião. parte imaterial do homem, dotada de existência individual, e que subsiste após a morte do corpo; espírito; **5** natureza moral e emocional de uma pessoa ou de um grupo; índole, caráter; **9** propensão piedosa; generosidade, caridade; **10** ser humano; pessoa.

Na ilustração contextual da definição da unidade lexical *alma,* por meio de abonação no manuscrito *Memoria,* pode-se inferir que ela se refere aos indivíduos considerados como habitantes da Capitania de Mato Grosso. Dessa forma, a acepção atribuída à *alma* no documento está associada aos deveres inerentes à condição de habitante.

A unidade *alma* com o sentido de "habitante" não foi reconhecida por nenhum informante. A maioria dos informantes (seis da faixa etária 1 e oito da faixa etária 2)

reconheceu a unidade lexical com o sentido de espírito. Apenas o informante F1-H-EM conhece e usa *alma* "no sentido da pessoa, do que ela é, se ela é uma pessoa de alma boa ou ruim", ou seja, como natureza moral de uma pessoa; e o informante F1-H-ES que além de conhecer o sentido de *alma* como espírito, declarou que "se falar em outro sentido dá também de um nome de uma pessoa, nome próprio". Em relação ao registro da acepção investigada e das acepções proferidas pelos informantes nos dicionários pesquisados, exceto a como nome próprio, as demais acepções foram registradas por Bluteau, Morais Silva, Vieira, Freire, Ferreira e Houaiss.

Exceto um informante (F1-H-EP) disse não conhecer a unidade *alma*, os demais informantes, doze disseram conhecer e usá-la (F1-M-EF, F1-H-EM, F1-M-EM, F1-H-ES, F1-M-ES, F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-H-EM, F2-M-EM, F2-H-ES, F2-M-ES), enquanto três declararam conhecer mas não a usam (F1-M-EP, F1-H-EF, F2-M-EF).

Levando em consideração a não ocorrência da acepção investigada nas respostas dos informantes, a unidade lexical *alma*, no contexto de fala do cacerense, revela um caso de **manutenção da forma e desuso semântico.**

animosidade (1); annimozidade (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Podendo se deste centro das nossas forças acudir com promp=|tidaõ a os lugares mais expostos, por dis=|tarem apenas de dez ate vinte legoas da Capitania do Matto Grosso, a qual se deve salvar| e defender com todo o valor, e risco dissipan=|do com sensíveis golpes toda a **annimozi=|dade**, que os Espanhoes possaõ ter por es=||ta fronteira" (43r-17 a 24 | 43v-2 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 207-209, grifo nosso).
Acepção buscada	ânimo; coragem; ousadia
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não agora, mas acho que já ouvi falar. As pessoas estavam conversando, os vizinhos no final de tarde. Não lembro do sentido. F1-H-EM: Não conheço, mas vem na minha cabeça que é de ânimo, sei lá. Não uso. F1-M-EM: Não conheço. F1-H-ES: Nunca ouvi. F1-M-ES: Não conheço e nem uso. F2-H-EP: Os antigos que falavam. Não sei o que significa isso ai. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Animosidade não é da palavra ânimo? Uso e muito. Eu sou animado, trabalho na escola, tem coragem para trabalhar. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Eu já ouvi, mas não uso. Eu acredito que animosidade venha do ânimo, a pessoa que tem disposição. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Já ouvi. De ânimo... é isso... mas eu não uso... já ouvi muitas pessoas usarem, mas eu não uso. F2-M-ES: Eu conheço ela não muito utilizada. Eu já ouvi animosidade no sentido de ânimo. Só isso, eu não aplico essa palavra, eu já ouvi.
Acepções registradas	**Bluteau (1712-1728):** ANIMOSIDADE. Insolencia.

no dicionário	**Morais Silva (1813):** ANIMOSIDADE. Grandeza de animo, esforço. **Vieira (1871-1874): ANIMOSIDÁDE,** s. f. No sentido antigo, e tomado á boa parte, esforço, valor, ousadía, arrojamento. **Freire (1957): ANIMOSIDADE,** s. f. Lat. *animisitas; animositatem.* Gal. || 3. Grandeza de ânimo. || 4. Ousadia. || 6. *Ant.* Coragem, denôdo, arrôjo. **Ferreira (1975): animosidade.** Não registrou acepção sinonímica. **Houaiss (2009): animosidade** Datação: 1548. 1 disposição ou determinação diante de obstáculos, perigos; audácia, coragem, ousadia.

Dentre os dezesseis informantes, nove não reconheceram a unidade lexical *animosidade*, sendo seis deles da faixa etária 1 (F1-H-EP; F1-M-EP; F1-H-EF; F1-M-EM; F1-H-ES; F1-M-ES) e três da faixa 2 (F2-M-EP; F2-M-EF; F2-M-EM). O reconhecimento da unidade com acepção pesquisada ocorreu por cinco informantes (F1-H-EM; F2-H-EF; F2-H-EM; F2-H-ES; F2-M-ES) e entre eles, apenas o informante F2-H-EF confirmou o uso da unidade. Os informantes F1-M-EF e F2-H-EP não souberam atribuir sentido à unidade.

Consta o registro da unidade e da acepção buscada, 'ânimo; coragem; ousadia', em todas as obras lexicográficas pesquisadas.

Analisando o contexto de uso de *animosidade*, observa-se que há baixa produtividade na fala dos informantes, principalmente os da faixa etária 1, sendo que apenas um informante declarou usar a unidade. Dessa forma, *animosidade* apresenta **tendência ao desuso.**

avidez (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Esta mudança alem das expressadas razoẽs,| ainda se faz urgente a beneficio dos mes=| mos Soldados; por que no Forte do Prin=| cipe, Villa Bella, Cazal Vasco, e Albu=| querque, tomaõ pela duraçaõ dos seus Des=| tacamentos taes ligaçoens com as mulhere=| res destes lugares que se arruinaõ ordina=| riamente com ellas, e afrouxaõ no ser=| viço, e que da mesma forma lhe succede, | com lastimoza magoa, com as Indias || (70v-16 a 25) em Coimbra, e Miranda, e talvez com ma=| ior danno pela insaciavel **avidez** destes ex=| pertissimos, e simulados Barbaros deman=| dando o respeito, e dever da Religiaõ de pedir| a mesma mudança" (71r-2 a 6, grifo nosso, ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 319).
Acepção buscada	desejo ardente; voracidade
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Avidez nunca ouvi. F1-M-EP: Avidez... não... nem ouvi não. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Já ouvi as pessoas antigas, mas falar o que era. Não uso. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Se eu não me engano já li um poema do Manoel de Barros que tem essa palavra avidez, só que eu não lembro o sentido que estava no poema. F2-H-EP: Cada uma mais difícil que a outra. Não conheço. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Avidez, eu acho que é ... eu acredito que é uma pessoa atenta, uma pessoa ... não estou sabendo definir direito. F2-M-EM: Não conhece.

	F2-H-ES: Avidez de pessoa rápida. Não uso essa palavra, já escutei. F2-M-ES: Já ouvi. O conhecimento que eu tenho dela é ávido, claro, coisa que dá pra você visualizar bem, entender, compreender, às vezes você coloca assim uma palavra quer explicar melhor, está com uma avidez tremenda. Está claro tá todo mundo sabendo. Não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** Não há registro. **Morais Silva (1813):** Não há registro. **Vieira (1871-1874): AVIDEZ, s. f.** (Do latim *aviditas*.) Soffreguidão exaggerada de appettite ou desejo; grande cubiça; voracidade, ancia de ter ou gozar. **Freire (1957): AVIDEZ,** s. f. De ávido + ez. Desejo intenso; cobiça, sofrequidão. **Ferreira (1975): Avidez.** Desejo ardente, imoderado, veemente, de alguma coisa. **Houaiss (2009): avidez** Datação: 1836 2 desejo inflamado, intenso. **3** estado de sofreguidão, de ansiedade gerado por alguma expectativa.

Analisando o contexto de uso de *avidez*, constata-se que os cinco informantes (F1-M-EF; F1-M-ES; F2-H-EM; F2-H-ES; F2-M-ES) que reconheceram a unidade por ter ouvido ou lido, declararam não a usar e nenhum deles apresentou a acepção em estudo.

No que diz respeito ao registro da unidade nas obras lexicográficas pesquisadas, verifica-se que somente nas obras de Bluteau e Morais Silva não há o registro.

Sendo assim, os dados analisados sugerem que *avidez* é um caso de **desuso semântico-lexical** entre os informantes cacerenses.

carreira (8)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Esta necessaria carreira consiste em desce=| rem desde S*aõ* Paulo, O Rio Tieté, ate a sua foz no Paraná" (18v-4 a 6 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 109, grifo nosso).
Acepção buscada	caminho, trajeto.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Carreira já vi. Falo. Quando eu trabalhava eu contava as carreiras com os tijolinhos que eu fazia. F1-M-EP: Carreira artística, carreira de serviço, carreira assim. Uso. F1-H-EF: Carreira é quando você pega uma carreira, pega uma coisa. Assim às vezes a gente fala, só fala, não que usa, seguir a carreira alguma profissão. F1-M-EF: Carreira sim. Você tem que estudar, ter uma carreira, uso assim e já ouvi bastante assim. F1-H-EM: Conheço. A profissão da pessoa que ela escolheu ser. F1-M-EM: Existe a carreira profissional. Uso. F1-H-ES: Uso porque quando eu falo bastante assim... eu também vejo como dois sentidos... uma na forma de fama, busca na vida pessoal, profissão, e não sei se é também como forma de carreira de hoje como corrida de cavalo... vai ter uma carreira lá no sítio, essas coisas. Meu avô fala até hoje carreira no sentido de caminho, mas eu não uso nesse sentido. F1-M-ES: Uso, por exemplo no sentido profissional e no sentido ah fulano deu uma carreira ai, de correr. F2-H-EP: Carreira... eu uso muito. Fulano deu uma carreira num lugar plano, puxa mas deu uma carreira hoje, correu, estou cansado. F2-M-EP: Não soube responder. F2-H-EF: Conheço. Tem vários sentidos. Lembro mais ou menos, tem tipo o pessoal está seguindo uma carreira, correr também vem da palavra carreira. Eu uso. F2-M-EF: Carreira é assim uma pessoa que tem uma profissão, ele tem uma carreira boa. Hoje muitas vezes a gente usa pra falar ele seguiu essa carreira. F2-H-EM: Carreira também pra mim tem dois: tem a carreira de correr e tem a carreira de, por exemplo, você coloca várias coisinhas uma atrás da outra é uma carreira, uma carreirinha. Então eu uso nesses dois sentidos: uma quando a pessoa

	corre e outra quando você em filera as coisas uma atrás da outra. F2-M-EM: Conheço. Sentido pra profissão. F2-H-ES: Carreira é de correr... será que é isso? A criança está correndo... vai na carreira. Não uso. F2-M-ES: Carreira eu usei na época que eu era jovem, que eu trabalhava, carreira profissional. Hoje eu uso esporadicamente, eu usava muito.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau** (1712-1728): CARREIRA. Espaço de chão destinado para correr a pé, ou a cavallo. O movimento de quem corre certo espaço de lugar. **Morais Silva** (1813): CARREIRA. O lugar por onde se corre a pé, ou a cavallo. §. Via, caminho, meyo de fazer alguma coisa. §. Estrada. **Vieira (1871-1874): CARRÉIRA**, s. f. Caminho de carro. Correr carreira d'uma extremidadeá outra. Fileira, ala, série. O curso da vida, o tempo durante o qual se exerce um cargo, um emprego, etc. Profissão, emprego, estado, estudo. **Freire (1957): CARREIRA,** s. f. Corrida veloz. || 5. Curso, trajetória. || 6. Caminho determinado que seguem os barcos, cavalgaduras, aeroplanos, ou quaisquer outros veículos [...]. || 11. Fileira || 13. Profissão em que pode haver melhoria ou retrocesso. **Ferreira** (1975): [Do lat. vul. *carraria*, i. e., 'via carrari 'caminho de carro'] 1. Corrida veloz; correria; 2. Caminho, estrada; 6. Fileira, fila; 8. modo de vida; profissão, atividade. **Houaiss** (2009): **carreira** Datação: 1278. 1 estrada estreita; caminho; 5 corrida veloz; 6 fila, fileira; 7 qualquer profissão, esp. a que oferece oportunidades de progresso ou em que há promoção hierárquica.

Analisando as respostas dos informantes cacerenses, constatamos que a unidade lexical *carreira* foi reconhecida por quinze informantes, dos quais apenas F2-H-ES disse não a usar. O único informante que não soube responder foi F2-M-EP.

Com relação à acepção em estudo, 'caminho, trajeto', apenas o informante F1-H-ES informa recordar-se de uma pessoa idosa usá-la, a saber, 'meu avô fala até hoje carreira no sentido de caminho, mas eu não uso nesse sentido' e acresce que usa *carreira* para se referir à 'profissão' e à 'corrida de cavalo'. Cinco informantes (F1-M-ES, F2-H-EP, F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) atribuem à *carreira* o sentido vinculado ao verbo correr. Entre esses cinco informantes, F1-M-ES e F2-H-EF, além do sentido de 'correr', empregam também o sentido de 'profissão'; e F2-H-EM emprega o sentido de 'fileira' à unidade lexical *carreira* sendo possível. F1-H-EP também utiliza a unidade no sentido de 'fileira'. Outra acepção empregada por onze informantes à *carreira* foi a de 'profissão', com predominância de uso entre os da faixa etária 1.

Verifica-se que *carreira* é bastante frequente nas respostas dos cacerenses e ao expressarem-se em relação à unidade dentro de um contexto, vislumbram sentidos correspondentes ao que se compreendem modernamente acerca da unidade, bem como o processo polissêmico pelo qual *carreira* vai atingindo a partir da necessidade dos informantes, sendo um da faixa etária 1 e outro da faixa etária 2, conforme expresso nas respostas a seguir: F1-H-ES: "Uso porque quando eu falo bastante assim... eu também vejo como dois sentidos... uma na forma de fama, busca na vida pessoal, profissão, e não sei se é também como forma de carreira de hoje como corrida de cavalo... vai ter uma carreira lá no

sítio, essas coisas. Meu avô fala até hoje carreira no sentido de caminho, mas eu não uso nesse sentido"; e F2-H-EM: "[...] tem a carreira de correr e tem a carreira de, por exemplo, você coloca várias coisinhas uma atrás da outra é uma carreira, uma carreirinha".

Todos os lexicógrafos registram a entrada *carreira*, bem como a acepção buscada. No que diz respeito às acepções utilizadas pelos informantes no sentido de corrida veloz; profissão; fila|fileira; e do verbo correr, apenas os dicionários consultados mais antigo, Bluteau e Morais Silva, não registram 'profissão e fila|fileira'.

Diante desses dados lexicográficos apresentados, podemos observar diacronicamente a introdução da acepção correspondente à informada pelos informantes em obra lexicográfica, a saber, profissão e fileira, a partir do dicionário de Vieira. Isso implica, de acordo com o critério estabelecido para compreensão e análise das unidades lexicais em estudo, um caso de **neologismo semântico,** já que houve o emprego da unidade *carreira* por quase noventa por cento dos informantes cacerenses com acepções diferentes da buscada, e não registradas nas obras lexicográficas de Bluteau e Morais Silva, demonstrando assim a inovação lexical da língua a partir da manutenção da forma *carreira* acrescida de significados novos.

corrupção (1); corrupçaõ (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"A Provincia de Moxos, he por nimiamente| calida, e humida, sugeita a febres intermitentes, e podres, e á molestia chamada corrupçaõ, do=| enças que os Espanhoes de Santa Cruz, Cocha=| bamba, e Chuquisaca, raras vezes padecem e| naõ sabem curar, e naquellas Missoens fa=| zem sobre elles mortaes estragos. Estes homens| costumados ás sadias, e ainda nevadas Serras| dos Andes, tem o maior horror ás perigosas mo=| lestias da Provincia de Moxos, que sepulta| muitos delles. Os Portuguezes pelo contr=| rario, naõ só estaõ costumados a estas enfermida=| des que annualmente sofrem em Matto Grosso;| mas as sabem curar, e com as mesmas sexoes| quando naõ saõ grandes trabalhaõ; o que he| já huma vantagem decedida a favor dos Portuguezes". (39v-2 a 18 - ANDRADE, SANTIAGO-ALMEIDA, BARONAS, 2012, p.193, grifo nosso).
Acepção buscada	tipo de patologia
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Corrupção, nunca ouvi fala não. F1-M-EP: Corrupção tipo desses eleitor. Corrupção uso sim. Tipo uma pessoa querendo ah tipo comprar uma pessoa uma coisa que eles não podem fazer e fazem... roubar, comprar as pessoa pra ter o que eles tem, hoje em dia eles compram, roubam. F1-H-EF: Eu já ouvi falar dessa palavra. Eu não uso não. Corrupção é mais é política, essas coisas, o pessoal fala na televisão. F1-M-EF: Quem não conhece né. Com certeza uso quando é preciso. Nas eleições quando bate de porta em porta já começa a corrupção. F1-H-EM: Conheço. Sentido político, na maioria das vezes. Uso normalmente quando uma pessoa é líder de uma coisa e ela não está fazendo corretamente, ela é corrupta né. F1-M-EM: Conheço muito. Uso direto. Quando a gente conversa, direto na faculdade agente trabalha com texto, artigo, referente à corrupção para você ler, debater em sala de aula, direto tem. A corrupção na política, nos dias atuais.

	F1-H-ES: Corrupção eu já ouvi falar... assisti jornal. Assim de falar muito assim eu não uso, só em conversas quando tem assunto de política. Corrupção no caso pra é... uma coisa não legal, contra a lei, a jurisdição. F1-M-ES: Conheço. Uso. No sentido de mais de política, de você deixar ser corrompido. F2-H-EP: Corrupção sim, quase todo mundo usa. Lá no congresso está cheio disso aí. F2-M-EP: Essa é difícil. Não uso, mas já ouvi só. F2-H-EF: Conheço. Eu não uso. Isso é mais na política né. F2-M-EF: Corrupção... é esses que vive roubando né, vereador que entra pra ganhar e depois não faz nada. Não porque a gente quase que não usa. Não uso, só escuto. F2-H-EM: Eu acho que é... eu uso, eu acho que corrupção é da família de pegar, fazer coisa ilícita, pegar coisas que não é dele, é um crime meio institucionalizado, que as pessoas pegam aproveitando do cargo, da condição que ela tem, ela usa aquilo ali, é um crime, não é correto. F2-M-EM: Corrupção conheço. Não uso. Mas vejo muito na televisão. Mais é pros governantes, né, os políticos. F2-H-ES: Uso muito... muito... demais em sala de aula. No sentido de roubo, passar o outro pra trás, levar vantagem... corrupção... pegar dinheiro de outros, de bem público, dinheiro público. F2-M-ES: Essa é atual né. Antigamente eu não tinha conhecimento de corrupção, porque eu venho de uma família rural e no rural esses termos não se via, e a gora parece que está no auge a corrupção virou hoje. Hoje eu uso, mas não uso tanto como ouço muito. E compreendo no sentido de alguém que trapaceia, alguém que rouba, que faz esquemas, políticos principalmente.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** CORRUPC, AM. Suspençaõ do concurso conservativo, & introducçaõ de qualidades alterantes, & destructivas. *Corruptio, onis.* **Morais Silva (1813):** CORRUPÇÃO. O estado da coisa corrupta, ou corrompida. §. Prevaricação. **Vieira (1871-1874): CORRUPÇÃO,** s. f. (Do latim *corruptione*). Acção pela qual uma cousa se corrompe. **Freire (1957): CORRUÇÃO,** ou **CORRUPÇÃO,** s. f. Lat. *corruptio; corruptionem.* Ação ou efeito de corromper. ‖ 3. Suborno, sedução. **CORRUÇÃO,** s. f. Espécie de diarréia freqüente entre os negros; maculo. **Ferreira (1975): Corrupção.** S. f. Corrução. **Corrução.** [Var. de corrupção < lat. *corruptione.*] 1. Ato ou efeito de corromper; 2. Devassidão, depravação, perversão; 3. Suborno, peita. **Houaiss (2009): corrupção** Datação: 1344. 3 Derivação: sentido figurado. depravação de hábitos, costumes etc.; devassidão; 4 ato ou efeito de subornar uma ou mais pessoas em causa própria ou alheia, ger. com oferecimento de dinheiro; suborno; 5 uso de meios ilegais para apropriar-se de informações privilegiadas, em benefício próprio. Sinônimo|variante: corrumpimento, corrução.

Os informantes cacerenses ao serem indagados sobre a unidade *corrupção*, verifica-se que quase todos reconheceram-na, com exceção do informante da faixa etária 1, homem, ensino primário incompleto - F1-H-EP. Em relação à acepção buscada, 'tipo de patologia', apenas a informante da faixa etária 2, mulher, ensino primário incompleto - F2-M-EP, não soube responder o sentido da unidade. Os demais catorze informantes reconheceram a unidade com acepção diferente da apresentada no manuscrito *Memoria.*

A unidade encontra-se registrada em todas as obras lexicográficas estudadas. Observa-se que apenas a obra de Freire registra a acepção em estudo, 'tipo de patologia', conforme encontrada no manuscrito, e a de Houaiss que faz remissão ao sentido de corrompimento do corpo, a saber: "deterioração, decomposição física de algo". No que diz

respeito ao valor semântico da acepção atribuída pela maioria dos informantes cacerenses, referente ao 'ato de corromper algo considerado moral, legal', encontra-se registrado em todas as obras.

Observa-se ainda o registro de *corrupção* e *corrução* nas obras de Freire, Ferreira, século XX, e na de Houaiss, século XXI, como variantes sinônimas.

Diante dos dados analisados, *corrupção* é uma unidade comum no vocabulário dos informantes cacerenses, de uma maneira geral, assim como nas obras lexicográficas de língua portuguesa pesquisadas. Dessa forma, o contexto de uso dos informantes cacerenses sugere a **manutenção da forma e desuso semântico** da acepção investigada. A manutenção da forma da unidade com o sentido corromper e seus desdobramentos polissêmicos ilustra uma transferência do valor semântico do rompimento da ordem do biológico para o das leis, da moralidade.

cultura (9)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"A Provincia de Chiquitos he sau=| davel; tem Gado Vacum e Cavallar, bel=| las terras para **cultura**, sendo os Indios| que a povoaõ menos habeis do que os| de Moxos" (11v-23 a 27 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 81, grifo nosso).
Acepção buscada	cultivo; plantação
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Cultura eu conheço como negócio de trabalho, né, cultura de desenho, cultura pra mim é assim, nunca liguei pra esse negócio tal de cultura não. Eu uso. F1-H-EF: Conheço. Cultura eu não uso não. Eu já esqueci o nome desse negócio ai, como se usa ela. F1-M-EF: Cultura nossa. Uso em casa mesmo quando faz uma comida é cultura nossa. F1-H-EM: Conheço. No sentido de olhar alguém, como ela é, do que ela gosta de fazer, a cultura dela. F1-M-EM: Conheço. Uso. Cultura assim desde aqui da cidade, agente tem uma cultura como o cururu, não sei se você já ouviu falar. A cultura de Mato Grosso, as comidas regionais também vem da cultura, carne com arroz e banana é cultura mato-grossense. F1-H-ES: Uso bastante nas aulas de artes. Cultura são... falo sempre pros meus alunos são sempre vestígios de antepassado... sempre tem um costume, e vai passando de geração pra geração. F1-M-ES: Uso. Cultura assim no sentido de ... como que vou explicar o sentido de cultura... eu conheço ela no sentido assim de aprendizado, costume, tanto costume familiar e também cultura no sentido da sociedade tem. No sentido de plantação já ouvi mas não uso nesse sentido. F2-H-EP: Cultura, isso aí é moderno, né. Cultura... aqui estou procurando cultura, voltei a estudar. Eu uso. F2-M-EP: Conheço, mas não uso, muito difícil. F2-H-EF: Conheço muito. Cultura de tudo, cultura de Cáceres. F2-M-EF: Cultura é... cultura é pra quem mora no sítio é cultura, cultura... um lugar de cultura, prantio. Não uso, hoje acabou. F2-H-EM: Cultura eu uso, não sei se uso certo, mas cultura eu acredito que é conhecimento, é pessoa que... são conhecimento não só do momento, é conhecimento

	desde mais pra trás, por exempro, vamos supor que nós temos aqui em MT a cultura do cantar cururu, é uma cultura que ela vem de geração a geração. Está acabando, mas ela sempre teve. F2-M-EM: Conheço. Às vezes uso. Cultura é cultura de um povo, cultura é conhecimento F2-H-ES: Cultura... educação... conheço, uso. Na cultura de um povo, do dia a dia. No sentido de plantação já ouvi... já... já, mas não uso nesse sentido. F2-M-ES: Agora cultura eu ouço, já ouvi, acho interessante. Cultura pra mim é uma ... é algo que você carrega desde o seu antepassado e você adquiriu de berço e você leva adiante. Isso é cultura, é assim um conhecimento muito forte que contribui para formação do indivíduo, seja pro coletivo, a cultura é uma contribuição, é um legado. No sentido de plantação já, meu pai já trabalhou com a cultura, meu marido hoje meche um pouco com isso. Nesse sentido eu uso pouco, mas ele fala: a cultura tá boa, a cultura não sei de quê produziu, por viver em meio rural que meche mais nisso aí, isso é muito comum.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** CULTURA. O modo, a arte, a acçaõ de cultivar a terra. A cultura das artes. A cultura das sciencias. **Morais Silva (1813):** CULTÚRA. s. f. O modo, e arte, o trabalho de cultivar a terra. §. A cultura das boas artes. §. A cultura do estilo. **Vieira (1871-1874): CULTÚRA,** s. f. Trabalho da terra, conjuncto das operações proprias para obter do sólo os vegetaes de que o homem e os animaes domesticos têm precisão. Figuradamente: A cultura das letras, das sciencias, das bellas-artes. Instrucção, educação. **Freire (1957): CULTURA,** s. f. Lat. *cultura.* Ação ou maneira de cultivar a terra ou certas plantas. ‖ 6. Estudo, aplicação do espírito a uma cousa. ‖ 8. Estado de quem tem desenvolvimento intelectual. ‖ 10. Adiantamento, civilização. **Ferreira (1975, p. 409): Cultura**. [do lat. *cultura*] S. f. 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. Cultivo. 3. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização. **Houaiss (2009): cultura.** Datação: sXV. 1 Rubrica: agricultura. ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavra, cultivo; 4 cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social; 5 Rubrica: antropologia. conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social.

Analisando o contexto de uso, verifica-se que quase todos os informantes empregam a unidade *cultura* no seu cotidiano, com diversos sentidos de manifestação, a saber: trabalho; desenho; comida regional; dança cururu; artes; costume que é transmitido de 'geração a geração'; costume familiar e da sociedade; plantação; erudição; cultura local; plantio; conhecimento; educação; cultura de um povo, do dia a dia; 'algo que você carrega desde o seu antepassado e você adquiriu de berço e você leva adiante. Isso é cultura, é assim um conhecimento muito forte que contribui para formação do indivíduo, seja pro coletivo, a cultura é uma contribuição, é um legado'. Com exceção do informante F1-H-EP que declarou não conhecer a unidade e os informantes F2-M-EP e F1-H-EF que não souberam dizer o sentido dela.

Nota-se que apenas três informantes F1-M-ES, F2-M-EF, F2-M-ES empregam a unidade *cultura* no sentido de 'cultivo, plantação', evidenciando, assim, o sentido documentado no corpus escrito. Os outros 12 informantes empregaram a unidade com outro significado, bem como F1-M-ES e F2-M-ES que também utilizaram a acepção em estudo.

Os lexicógrafos registram, dentre diversas designações, a acepção em estudo e utilizada por três informantes, e as manifestadas pela maioria dos informantes.

A realidade linguística acerca de *cultura* entre os informantes cacerenses apresenta indícios de **manutenção da forma e desuso semântico.**

embaraço (5); embaraços (5)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	" [...] naõ havendo ainda opozitivo| conhecimento das difficuldades, e **embaraços|** que pode offerecer a navegaçaõ do Tapajoz, e| os trajetos de terra para os ditos lugares" (77r-9 a 12 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 343, grifo nosso).
Acepção buscada	complicação, obstáculo
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Embaraço já. Falo. Quando eu vou, por exemplo quando a gente vai pesca num rio embaraça a linha fala embaraço, enrolou. F1-M-EP: Não sei o que é isso não. Pra mim a pessoa tá fudido. F1-H-EF: Só ouvi falar, o pessoal falar, mas nunca usei. Embaraçado é quando embaraçava algum fio, uma corda, essas coisas, a turma falava. F1-M-EF: Embaraço de uma bagunça, aquele embaraço. Eu uso. F1-H-EM: Não uso, mas já ouvi. De uma coisa está embaraçada, camiseta está embaraçada. F1-M-EM: Vem de algo embaraçoso. Às vezes uso para o que não ta certo, confundido. F1-H-ES: Embaraço já ouvi falar também. Não uso. Se fala pra mim embaraço é uma coisa que tá bagunçado... isso que eu entendo. F1-M-ES: Embaraço já ouvi no sentido do verbo embaraçar, de confuso. Não não uso. F2-H-EP: Todos nós falamos. Uma coisa que você teve e não deu muito certo, embaraçou, embaraçado com o que fiz, aconteceu. F2-M-EP: Difícil eu usar ela. Eu penso que ela é muito embaraçada, está com a vida embaraçada, complicada. F2-H-EF: Conheço. Tipo quando está embaraçado alguma coisa, bagunçado. Igual quando a gente vai pescar ás vezes a linha enrola, daí a linha embaraçou tudo que. Uso nesse sentido. F2-M-EF: Bom... ouvi eu já ouvi, mas não sei o que é. Não uso. F2-H-EM: Embaraço eu vou definir no português, porque se você fosse uma espanhola e perguntar para mim, eu ia definir com outro sentido. Mas embaraço pra mim que é uma coisa meia amarrada, meia peiada, meia enrolada, meia complicada. Uso. F2-M-EM: Conheço, não uso. Embaraço é mais assim... é um novelo de linha está embaraçado, está embaraço. Enrolado. F2-H-ES: Conheço. A pessoa está embaraçada, tá com um problema e não sabe como resolver. Eu uso. F2-M-ES: Embaraço eu já ouvi bastante, esse até eu utilizo, estou meio embaraçada nesse assunto, não consigo desliar. Minha mãe tecia, ela falava: desembaraça essa linha aqui. Também nesse sentido. Eu uso até hoje.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** EMBARAÇO. Obstaculo no caminho, na casa. Perturbação do animo. **Morais Silva (1813):** EMBARÁÇO. O enleyo, atallio, que causa o baraço. §. fig. Impedimento, obstaculo, difficuldade, que estorva, e detèm, ou atalha a operação, seja fisico, ou moral. **Vieira (1871-1874): EMBARAÇO**, s. m. Estorvo, obstaculo em um caminho, rua, via, etc. - Figuramente: Enredo, confusão de cousas difficeis d'aclarar, de pôr em ordem. - Difficuldade, impedimento. - Termo Familiar. - Principiou o seu embaraço, diz-se da mulher que entrou no periodo da gravidez.

	Freire (1957): EMBARAÇO, s. m. Cast. *embarazo.* Obstáculo, impedimento, dificuldade que estorva e detém. || 2. Pertubação do ânimo, hesitação. || 5. Gravidez. **Ferreira (1975): Embaraço.** [Dev. de embaraçar.] S. m. 1. Impedimento, obstáculo, estorvo, dificuldade. 2. Pertubação, atrapalhação. 3. V. *gravidez.* **Houaiss (2009): embaraço** Datação: 1556 **1** m.q. **EMBARAÇAMENTO; 2** qualquer fato ou coisa que dificulta ou impede; dificuldade, complicação, atrapalhação; **3** Estatística: pouco usado. m.q. **GRAVIDEZ** (obst).

Compreende-se que a unidade lexical *embaraço* é utilizada no manuscrito com o sentido de complicação, obstáculo para se referir à complexidade subjacente na ação que teria que realizar em vias fluvial e terrestre.

No que tange à ocorrência de *embaraço* no *corpus* oral, verifica-se que foi reconhecida por quinze informantes, sendo que nove informantes declararam conhecer e usá-la (F1-H-EP, F1-M-EF, F1-M-EM, F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-H-EM, F2-H-ES, F2-M-ES); seis disseram conhecer mas não a usam (F1-H-EF, F1-H-EM, F1-H-ES, F1-M-ES, F2-M-EF, F2-M-EM); e apenas um informante, F1-M-EP, disse não conhecer a unidade.

Em relação à acepção buscada, dentre os que disseram conhecer a unidade lexical *embaraço,* apenas o informante F2-M-EF não soube informar o seu sentido, os demais informantes contextualizam o uso da unidade, relacionando-a à questão de bagunça; confusão; algo que não deu certo; complicação, obstáculo de uma situação e|ou objeto, a partir do seu universo social e cultura, concernente à atividade de pesca, prática essa ainda muito comum na vida cotidiana do cacerense, tanto da faixa etária 1 quanto da faixa etária 2, conforme explícito no contexto de fala do informante F1-H-EP, por exemplo: 'Quando eu vou, por exemplo quando a gente vai pesca num rio embaraça a linha fala embaraço, enrolou'; bem como à questão da atividade de tecer fios, por exemplo: F2-M-EM: 'Embaraço é mais assim... é um novelo de linha está embaraçado, está embaraço. Enrolado'; F2-M-ES: 'Embaraço eu já ouvi bastante, esse até eu utilizo, estou meio embaraçada nesse assunto, não consigo desliar. Minha mãe tecia, ela falava: desembaraça essa linha aqui'.

O cotejo de *embaraço* em obras lexicográficas, por sua vez, demonstra o registro de *embaraço* com a mesma acepção documentada no *corpus* escrito, 'complicação, obstáculo', e apresentada no contexto de uso dos informantes.

Nota-se, então, que o sentido de embaraço enquanto 'qualquer fato ou coisa que dificulta ou impede, conforme acepção apresentada por Houaiss, é recuperado em todos os outros sentidos atribuidos pelos informantes e, por isso, há indicação de um quadro de **manutenção semântico-lexical** da unidade lexical *embaraço.*

embuste (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] manchando muitas vezes a honrada conducta| das pessoas imparciaes, e dos mesmos Comman=| dantes, submergindo a verdade nos insondaveis| abismos do **embuste**, e da inalicia" (71r-11 a 14 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 319, grifo nosso).
Acepção buscada	mentira
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Embuste... embuste... sei não. Nóis usamos o popular craro mentira, mas como isso aqui não. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Acho que já ouvi essa palavra no sentido de trapaça, acho que alguma coisa assim. Não é uma palavra estranha. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Eu não lembro do sentido, já escutei falar. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Embute que engaveta que coloca dentro, esse aí a gente até vê, mas eu não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** EMBUSTE. Engano artificioso, mentira nociva. **Morais Silva (1813):** EMBUSTE. Mentira artificiosa para enganar, e enredar, por palavras, ou com obras tambem. **Vieira (1871-1874): EMBUSTE,** s. m. Mentira disfarçada com artificio para enganar, illudir. **Freire (1957): EMBUSTE, s.** m. Fr. *embûche.* Mentira tificiosa; patranha; velhacada, ardil para ganar e enredar. **Ferreira (1975): Embuste.** Mentira. artificiosa; impostura, ardil, engano, intrujice, embustice, embusteirice. **Houaiss (2009): embuste**. Datação: 1649. mentira ardilosa; logro, embustice, embusteirice.
Observa-se que há reconhecimento da unidade lexical *embuste* no contexto de fala dos entrevistados de Cáceres por apenas dois informantes F1-M-ES e F2-H-EF, no entanto, com acepção avessa à buscada. O informante F2-M-ES reconheceu a unidade confundindo-a com o verbo *embutir:* "Embute que engaveta que coloca dentro, esse aí a gente até vê, mas eu não uso". Consta o registro de *embuste* e da acepção em estudo 'mentira' em todas obras lexicográficas pesquisadas. Com base nos dados analisados pode-se inferir que a unidade lexical *embuste* trata-se de um caso de **desuso semântico-lexical.**	

emolumento (1); emolumentos (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] alem destes com=|| modos, tem o dito Governo emolumentos que| avultaõ, pelos seus riquissimos Contratos de| Estradas, Dizimos, etecetera (68r-25 | 68v-2 a 4 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 307, grifo nosso).

Acepção buscada	gratificação; lucro eventual
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Já vi, mas não sei pra que usa isso ai. F1-M-EF: Acho que eu já li, agora que eu voltei a estudar. Mas eu não lembro do significado. Fiquei 20 anos parada. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Emolumento não é costume, mas pra mim parece que é uma certa quantidade de coisas, mas eu não utilizo e nem ouço. Já ouvi isso quando eu trabalhava no cartório.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** EMOLUMENTO. Lucro. Proveito. **Morais Silva (1813):** EMOLUMÈNTO, s. m. Lucro, proveito. **Vieira (1871-1874): EMOLUMENTO**, s. m. Lucro, proveito, utilidade que casual que se tira d'algum emprego ou cargo. **Freire (1957): EMOLUMENTO**, S. m. Lat. emolumentum. Retribuição, ganho, proveito. ‖ 2. Gratificação. ‖ 3. Lucro eventual, além do rendimento habitual. **Ferreira (1975): Emolumento.** [Do lat. emolumentu.] 1. Lucro, proveito. 2. Retribuição, gratificação. **Houaiss (2009): emolumento** Datação: sXV 1 aquilo que se ganha; vantagem, lucro.

Emolumento foi apresentada no documento como 'gratificação; lucro eventual'. Ao ser testada com os dezesseis entrevistados, a maioria disse desconhecer a referida unidade, com exceção dos informantes F1-H-EF e F1-M-EF que disseram conhecê-la, mas não sabiam o significado, e F2-M-ES que a conhece, mas com acepção diferente da buscada, além disso, declara não a usar.

Embora a unidade *emolumento* com a acepção buscada encontra-se registrada em todas as obras lexicograficas consultadas, o fato de não ser reconhecida por treze informantes e não ser usada pelos três que a reconheceram com acepção diferente da buscada, configura-se um caso de **desuso semântico-lexical.**

faculdade (2); faculdade (1); faculdades (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"As Minas do Coxipó taõ proximas da Vil=| la do Cuiabá, contem segundo o conceito geral| hum grande Thezouro: Sendo naõ menos ricas| e incomparavelmente mais amplas, as do alto| Paraguai, cujos lemites, e extensaõ ainda se| naõ conhecem. A **faculdade** de extrahir as| riquezas destas ate agora vedadas minas, cujo| indeterminado ambito póde comprehender [...]" (74v-15 a 22 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 333, grifo nosso).
Acepção buscada	direito, permissão
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Já vi fala também. Faculdade... falo né quando a gente vê a faculdade a gente fala a lá a faculdade. F1-M-EP: Faculdade pra mim é uma pessoa que termina os estudo pra fazer

	faculdade pra ser alguém. Eh uso. F1-H-EF: Faculdade eu uso. Quando você está terminando os estudos, vai fazer uma faculdade. F1-M-EF: Faculdade sim. Eu sempre falo pros meus filhos, tem que estudar, fazer uma faculdade, ser alguém na vida. F1-H-EM: Conheço. Sentido de escola, pós escola. F1-M-EM: Faculdade sim, direto. Uso. Faculdade existe em tudo para mim. Eu morava no sítio até os meus 13 anos, concrui o ensino fundamental lá, e vim pra cá. Meus pais falo assim, não como eles só têm o ensino fundamental, ele disse: não, vou dar a chance para vocês de irem, concruirem o ensino médio e entrarem na faculdade. F1-H-ES: Faculdade já. Uso só quando falo pros alunos vem fala de curso pra mim, faculdade é universidade relacionada a ensino. F1-M-ES: Faculdade conheço. Conhecimento, no sentido de saber e também já usei no sentido de ser facultativo. F2-H-EP: Faculdade sim. Faculdade é onde tem ensino superior. F2-M-EP: Conheço assim das pessoas falarem. Uso assim para minha menina: viu tem que estudar, para chegar lá, fazer uma faculdade. Eu uso assim, nesse sentido. F2-H-EF: Conheço. Igual se Deus quiser eu consigo chegar nela. F2-M-EF: Faculdade... será que eu já vi... a escola, faculdade né. É que minha filha fez faculdade de matemática, ela dá aula. F2-H-EM: Eu conheço ela em dois sentidos. A faculdade onde é ensino, uma universidade, e tem a faculdade mental, fulano não está com suas faculdades corretas. E tem a faculdade de aprendizagem. F2-M-EM: Uso um pouco né. É quando a pessoa presta o vestibular e vai fazer a faculdade. F2-H-ES: Faculdade, fazer uma faculdade hoje, estudar, chegar numa universidade... mas era usado antigamente como faculdade mentais...ah a pessoa não está na sua faculdade mental boa. Mas hoje só uso no sentido de estudo. F2-M-ES: Faculdade eu vejo em dois sentidos. A faculdade o local onde você faculta os estudos e outra é a faculdade mental. Ah a gente vê esse termo sempre em: ele não tava em sua sadia faculdade mental, quer dizer, estava meio ruim da mente e faculdade local de ensino. Eu uso mais a faculdade de estudo.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** FACULDADE. (Termo Forense) Poder, & direyto, que huma pessoa tem para fazer alguma coisa. Faculdades, tambem se chamaõ as partes, que compoem o corpo de huma Universidade. **Morais Silva (1813):** FACULDADE. Poder, potencia de fazer alguma coisa, fisica, ou moral. O corpo dos Doutores em alguma faculdade. **Vieira (1871-1874): FACULDADE,** s. f. Poder, potencia. O corpo de doutores ou professores em alguma sciencia, nas universidades. Licença, permissão. **Freire (1957): FACULDADE,** s. f. Lat. *facultas; facultatem.* Poder, meio ou direito de fazer alguma cousa. ‖ 6. Capacidade, talento. ‖ 10. A corporação dos lentes encarregados do ensino superior de uma ciência. ‖ 11. Estabelecimento onde se ensina essa ciência. **Ferreira (1975): Faculdade.** 1. Poder, natural ou adquirido, de fazer alguma coisa; capacidade. 3. Direito, privilégio. 9. Escola superior (estabelecimento isolado ou unidade de um conjunto universitário). **Houaiss (2009): faculdade** Datação: sXV 1 possibilidade, natural ou adquirida, de fazer algo; capacidade; 3 licença ou permissão que se dá a alguém; 7 instituição de ensino superior (isolada ou integrante de uma universidade).

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *faculdade* na fala dos informantes, observa-se ser bastante produtiva, tendo em vista que todos os informantes da pesquisa reconheceram-na e produziram sentidos correspondentes a 'estabelecimento de ensino'. Além desse sentido, quatro informantes também utilizaram a unidade com a acepção de 'facultativo', 'faculdade mental'. A acepção em estudo 'direito, permissão', por

sua vez, não foi utilizada por nenhum informante.

Entre as diversas acepções registradas pelos lexicógrafos, encontram-se a acepção em estudo e as utilizadas pelos informantes.

Dessa forma, a frequência de uso entre os informantes de *faculdade* revela a **manutenção da forma e desuso semântico.** A produtividade em torno da unidade, como 'estabelecimento de ensino', evidencia que, como Cáceres tornou-se um polo universitário, a partir da existência da Universidade do Estado de Mato Grosso há 35 anos no município, bem como do Instituto Federal de Mato Grosso, e de intituições de ensino superior privadas; *faculdade* é uma unidade lexical de grande circulação entre os habitantes por vislumbrar uma perspectiva de melhoria na vida deles e de seus, por exemplo: F1-M-EF: "Eu sempre falo pros meus filhos, tem que estudar, fazer uma faculdade, ser alguém na vida"; F1-M-EM: "Faculdade existe em tudo para mim. Eu morava no sítio até os meus 13 anos, concrui o ensino fundamental lá, e vim pra cá. Meus pais falo assim, não como eles só têm o ensino fundamental, ele disse: não, vou dar a chance para vocês de irem, concruirem o ensino médio e entrarem na faculdade".

fartura (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"As fazendas de Gado nestes estabeleci=| mentos do Paraguai, como V*ossa* E*xcellenci*a já tem de=| terminado saõ utilissimas tanto para| **fartura** no tempo da paz, como de urgente|| soccorro no da guerra" (58v-21 a 24 | 59r-2 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 2619-271, grifo nosso).
Acepção buscada	saciar a fome; alimentar; o que basta
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Fartura... já vi fala. Eu mesmo não chego usa não, minha vó fala fartura quando farta as coisa ela fala farta outra farta fartura, tá fartando as coisa ela fala. F1-M-EP: Fartura é tipo assim você compra tipo assim compra pra não falta... compra as coisas dentro da sua casa... faz uma compra boa, compra pra não falta, pra dá, isso pra mim é fartura. Uso. F1-H-EF: Fartura também já ouvi. Hoje eu não uso, mas os meus pais falavam fartura quando tinha fartura de compras, essas coisas. F1-M-EF: Fartura sempre usou na nossa casa e sempre teve graças a Deus, comida a gente sempre plantou pra gente comer, ter. Uso até hoje lá em casa. F1-H-EM: Conheço. Uso não muito mas sim. Sentido de bastante coisa, farta. F1-M-EM: Fartura acho que vem de algo que tem bastante, não falta. Mãe usa bastante, ah lá tem fartura, tem várias coisas. Mãe usa, eu não. F1-H-ES: Fartura já também. Raramente uso em conversa... principalmente com meus avós, minha avó principalmente... naquela época não faltava, tinha muita fartura, a gente plantava, não faltava nada... saia pro campo e voltava com um monte de comida. F1-M-ES: Conheço. Quase não uso não, mas eu conheço no sentido de abundância, farto, ser bastante. F2-H-EP: Sim, o cacerense usa muito. Lá tem uma fartura só. Fartura de alimento, várias coisas. F2-M-EP: Eu conheço ela assim, a pessoa que tem. Uso de vez em quando, é difícil. Que tem, não tá faltando, tem bastante. F2-H-EF: Fartura também conheço. Graças a Deus lá em casa tem fartura. Fartura de

	comer, beber. F2-M-EF: Fartura a gente utiliza assim uma coisa que se planta e colhe bastante, tem fartura, assim que a gente entendia. Uso de vez em quando a gente fala né... bom que tem fartura. F2-H-EM: Eu sei, é abundância, é coisa farta, bastante. Uso, uso. F2-M-EM: Conheço. Pouco, mas uso. Fartura vamos dizer assim é... como que eu vou colocar... uma pessoa tem bens, não, não é bens, é mais para alimentação... é para alimentação, pessoa tem fartura, tem condições. F2-H-ES: Também conheço. Uso... e agora nós lá no campo fala muito, nossa essa região aqui tem uma grande fartura. Ainda falamos isso. Há uns anos atrás já ouvi mais, hoje ouço menos... diz se produz mais, não falamos tem muita fartura. F2-M-ES: Fartura eu conheço, eu uso. Fartura a mesa farta de comida, fartura de gente, fartura de não sei o que, quando tem bastante coisa, aí é fartura pra nós.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** FARTURA. Fartúra. O fartar. Abundância. **Morais Silva (1813):** FARTÚRA, s. f. No proprio, he recheio usa-se no fig. o que basta, abundancia, copia com que não se sente falta: v. g. fartura a mantimentos. **Vieira (1871-1874): FARTURA,** s. f. Abundância de alimento. -- Saciedade, desafogo; goso completo, satisfação perfeita de algum desejo ou appetite. **Freire (1957): FARTURA,** s. f. Lat. *fartura*. Estado de farto. ‖ 3. Abundância, grande quantidade. **Ferreira (1975):** 1. Estado de farto. 2. Grande quantidade; abundância. **Houaiss (2009): fartura** Datação: sXIV 1 estado de farto; 2 quantidade mais do que suficiente; abundância; 2.1 abundância de comestíveis ou provisões.

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *fartura* pelos informantes cacerenses, constata-se ser bastante produtiva, sendo que todos eles reconheceram-na. No que diz respeito à acepção em estudo, 'saciar a fome; alimentar; o que basta', sete informantes (F1-H-EP; F1-M-EP; F1-M-EF; F1-H-ES; F2-M-EP; F2-H-EF; F2-M-EM) produziram sentidos equivalentes a ela; e nove informantes atribuira sentido de 'abundância' à unidade. Entre esses informantes, apenas três disseram conhecer e não a usar (F1-H-EP, F1-H-EF, F1-M-EM), mas declararam conviver com pessoas (pais, avós) que a usam.

Todos os lexicógrafos registram a entrada *fartura* com as designações: "abundância", "fartura a mantimentos"e "estado de farto", o que comunga com a acepção buscada e as apresentadas pelos dezesseis informantes.

Levando em consideração os dados analisados, há indícios de **tendência à manutenção semântico-lexical** da unidade lexical *fartura*, bem como a acepção de 'abundância' correlacionada também com a unidade, pelos informantes.

gastador (2); gastadores (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"As duas Provincias Espanholas de| Chiquitos, e Moxos habitadas por quarenta| e quatro mil Indios, naõ saõ as que com suas| proprias forças nos haõ de fazer a guerra;| podendo-se conciderar como huns depositos| em que os Espanhoes achaõ Cavalgadu=| ras, Gados, Mantimentos, **Gastadores,** Re=‖ meiros, e pode ser alguns soldados" (35r-18 a 24 e 35v-2 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 175-177, grifo nosso).
Acepção buscada	roçador de mato
Acepção(ões) conhecida(s) pelos	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: É gastar... pessoa consumista que consome muito... que gasta muito... isso

informantes	ai é comigo mesmo. F1-H-EF: A gente usa quando a pessoa gasta demais. F1-M-EF: Conheço. Uso. Sentido de gastar... fora do controle. F1-H-EM: Uso no sentido da pessoa gastar o dinheiro dela, alguma coisa assim. F1-M-EM: Uma pessoa compulsiva que gasta muito, não tem pranejamento. Eu era assim, graças a Deus agora parei. F1-H-ES: Assim não sou de usar mas eu porque eu ficava lá no bar do meu avô e sempre falava, ouvia a conversa pessoa que gasta, gasta de mais, compra, paga. F1-M-ES: Conheço no sentido de gastar muito. Quase não uso. F2-H-EP: Gastador vem de gastar, pessoa que gasta muito, que não tem limite, gasta acima daquilo. Eu uso. F2-M-EP: Pessoa que gasta muito, às vezes nem sabe com que. Uso. F2-H-EF: Conheço. Não eu uso. Igual carro, esse carro é gastador, moto. F2-M-EF: Gastador... não é uma pessoa que gasta muito. Sempre a gente usa pra fala... para que não seja tão gastador assim. F2-H-EM: Gastador eu acho que é uma pessoa que gasta muito, que não controla as coisas direito, não vai gastando as coisas direitos, não sei. F2-M-EM: Uso às vezes. Quando a pessoa gasta de mais né. F2-H-ES: Gastador sim... quem gasta muito. Uso. F2-M-ES: Minha mãe sempre falava que era de gastar, quem gasta, não sabe segurar, pega um dinheirinho e vai e gasta. Inclusive eu, minha mãe me enquadrava.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** GASTADOR. O que faz muytos gastos, sem proposito. Aquele, que no ezercito, & nosa ssedios trabalha com enxada, em alhanar caminhos, abrir trincheiras, fazer fossos, & outras obras militares. **Morais Silva (1813):** GASTADOR. Pessoa que despende com largueza; gente de serviço que trabalha na fortificação, cavando, trazendo achegas; no entulhar fossos. **Vieira (1871-1874): GASTADOR,** A, adj. (Do thema gasta, de gastar, com o sufixo <<dór>>). Pessoa que gasta, que consome. Gente de serviço que trabalha na fortificação, cavando, trazendo achegas; que se ocupa no atulhar fossos, fazer remoções de materiaes, etc. **Freire (1957): GASTADOR**, s. m. O que gasta. ‖ 2. O que gasta com desperdício; perdulário, dissipador. ‖ 4. Roçador de mato **Ferreira (1975): Gastador.** Que, ou aquele que gasta. **Houaiss (2009): gastador**. Datação: sXIV. 1 que ou aquele que gasta; 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou aquele que gasta excessivamente; esbanjador, perdulário; 3 Rubrica: termo militar. que ou o que limpa mato virgem para abrir passagem à tropa (diz-se de soldado). 5 Derivação: por extensão de sentido. roçador de mato.

Dentre os dezesseis informantes da pesquisa, apenas um (F1-H-EP) não reconheceu a unidade lexical. Os demais informantes, todos confirmaram conhecer e usá-la com a acepção de 'o que gasta excessivamente; consumista'.

Os lexicógrafos pesquisados, com exceção de Ferreira, registram a acepção buscada. No que tange ao sentido atribuído à unidade pelos informantes, 'o que gasta excessivamente; consumista', há registro em todas as obras lexicográficas.

Considerando a alta produtividade na fala dos informantes, quase 100%, de reconhecimento e uso da unidade com acepção diferente da acepção documentada no *corpus* escrito, porém resgistrada em obra lexicográfica desde o século XVIII, conforme registro presente em Bluteau, infere-se que *gastador* seja um caso de **manutenção da forma e desuso semântico** da acepção buscada.

intento (4); intento (2); intentos (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"E supondo com effeito, aos Espanhoes pos=| tados defronte do Forte do Principe, no| positivo **intento** de hum attaque real" (38v-13 a 15 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 189, grifo nosso).
Acepção buscada	intenção, propósito
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Eu já ouvi essa palavra mas não uso. Já ouvi mas nunca busquei o sentido dela. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Intento, acho que é aquilo que você queria fazer, pretendia fazer, era um desejo momentâneo, tentou até involuntariamente. Uso. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Aquela pessoa meio desligada, mas eu não utilizo.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** INTENTO. O que se traz no pensamento, com intençaõ de o executar. **Morais Silva (1813):** INTÈNTO. Aquillo em que se cuida, medita; o que se traz no pensamento, a fim de se executar; projeto. §. O que se deseja. **Vieira (1871-1874): INTENTO -** S. m. Intenção, propósito. **Freire (1957): INTENTO**, s. m. Tensão, intensão, projeto. ‖ 2. Fim, propósito. **Ferreira (1975): Intento.** [Do lat. *intentu.*] 1. Plano, desígnio, projeto, inteção. **Houaiss (2009): intento.** Datação: sXV. 1 aquilo que se pretende fazer; desígnio, intenção, propósito, objetivo.

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *intento* verifica-se que, dos dezesseis informantes, somente três reconheceram-na, a saber, F1-M-ES - "Eu já ouvi essa palavra mas não uso. Já ouvi mas nunca busquei o sentido dela"; F2-H-EM - "Intento, acho que é aquilo que você queria fazer, pretendia fazer, era um desejo momentâneo, tentou até involuntariamente. Uso"; F2-M-ES - "Aquela pessoa meio desligada, mas eu não utilizo".

Sobre o registro de *intento* nas obras lexicográficas pesquisadas, constata-se que todas a registram com a acepção buscada 'intenção, propósito', e não trazem o registro da acepção apresentada pela informante F2-M-ES.

Considerando que apenas três informantes reconheceram a unidade lexical *intento* e que só um deles, da faixa etária 2, disse usá-la com a acepção em estudo, pressupõe-se que seja um caso de **tendência ao desuso**.

mantimento (17); mantimentos (15); mantimento (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Devendo para ella ter cada hum dos Prezidi=| os de Coimbra, e de Miranda **mantimento** pa=| ra seis mezes, Gente escolhida, e boas Espingar=| das" (48v-12 a 15 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 229, grifo nosso).
Acepção buscada	alimento para sustento próprio
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Mantimento... também não ouvi fala não. F1-M-EP: Mantimento... do tipo de casa ... mantimento que você compra as coisa pra mante uma casa... eu uso assim... tipo assim eu tenho que compra o mantimento de casa, tem que compra o que come, o que vesti, essas coisas assim, pra mim é isso. F1-H-EF: Mantimento eu já ouvi falar. Eu não uso, mas o pessoal usava né. É muito mantimento, é alimentação. F1-M-EF: Conheço. Assim de mantimento, de comida, uso. F1-H-EM: Conheço. Depósito, uma coisa assim, um mantimento, como depósito de alguma coisa. F1-M-EM: Acho que é alimento, os antigos falavam, mantimento que é alimento. Não uso, mas já ouvi vários, o pessoal antigo, meu tio do sítio direto fala. F1-H-ES: Já ouvi, mantimento acho que é de supremento, comida. Às vezes uso, mas é raro, em explicação de aula. F1-M-ES: Mantimento já ouvi. Não uso. No sentido de alimento, armazenar. F2-H-EP: Talvez tenha outro sentido para você, para nós mantimento é o que a gente come, alimento do dia a dia. Eu uso. F2-M-EP: Conheço como mercadoria. Uso. F2-H-EF: Já ouvi falar. Lá em casa tem, eu uso. Mantimento... antigamente o pessoal usava muito essa palavra, eu ouvia falar. Um ex sogro meu falava: lá em casa tem muito mantimento, no sentido dele era arroz, feijão, esses negócios, mas hoje em dia não. Não, eu uso alimento mesmo. F2-M-EF: Mantimento é assim... que a gente conhecia é por o que a gente colhia na roça, milho, arroz, feijão. Também não uso, hoje falo alimento. F2-H-EM: Mantimento... eu acho que é arroz, feijão, essa coisas...., uso muito raramente mas a gente ainda usa, antigamente a gente falava que ia na cidade comprar mantimento, para manter, coisas para prover a necessidade das pessoas. F2-M-EM: Mantimento já. Às vezes uso. Alimento é... mais assim pra gênero, pra alimentação. F2-H-ES: Mantimento já ouvi muito, mas não é usado no dia a dia nosso, mantimento... usado mais... lembro muito do meu avô falando disso, de que ele recebia muito mantimento da morraria, ele tinha um mercado, era um posto de venda e o mantimento vinha tudo da morraria pra ele. Não uso. F2-M-ES: Mantimento é a produção de alimento. Não uso mas já ouvi muito. Quando a gente era criança que ia no bulicho que tinha bulicho antigamente, aí vinha e chegou mantimento, tinha os mercados locais, local aqui de Cáceres, o mercadão de Cuiabá, aó chegava os tropeiros com mantimento.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** MANTIMENTO, ou mantimentos. Alimentos necessários para o sustento da vida. **Morais Silva (1813):** MANTIMÈNTO, s. m. Os comeres, víveres, vitualhas, alimento. **Vieira (1871-1874)**: **MANTIMENTO,** s. f. Provisão de viveres, alimento, victualhas. **Freire (1957): MANTIMENTO,** s. m. De *manter* + *mento.* Alimento, víveres; o que é necessário para a alimentação de alguém. **Ferreira (1975): Mantimento.** [Do arc. **manteimento* < *mantiimento.*] 1. Ato de manter-se. **Houaiss (2009): mantimento** *Datação:* 1365 **1** conjunto de gêneros alimentícios; víveres (freq. us. no pl.); **2** m.q. ***manutenção*** ('despesa'); **4** ação de manter(-se).
Analisando o contexto de utilização da unidade lexical *mantimento* nas respostas dos informantes de Cáceres, constatamos que com exceção de um informante (F1-H-EP), os demais informantes reconheceram-na com o mesmo sentido documentado no *corpus*	

escrito, de 'alimento para sustento próprio'. Apenas o informante F1-H-EM associou *mantimento* com o sentido de "depósito de alguma coisa", ou seja, com a prática de "armazenar" alimentos. Com relação à acepção em estudo, encontra-se registrada na obras lexicográficas de Bluteau, Morais Silva, Vieira, Freire e Houaiss. Ferreira registra a entrada *mantimento* com acepção relacionada apenas à ação que remete ao verbo "manter-se".

Apesar de sete informantes (F1-H-EF, F1-M-EM, F1-M-ES, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-ES, F2-M-ES) declararem conhecer mas não usar a unidade lexical *mantimento,* o fato de o contexto de uso vislumbrar indícios da circulação dela no convívio dos informantes cacerense por parte de familiares, por exemplo, o informante F1-M-EM disse: 'Acho que é alimento, os antigos falavam, mantimento que é alimento. Não uso, mas já ouvi vários, o pessoal antigo, meu tio do sítio direto fala'; supõe-se que seja um caso de **tendência à manutenção** semântico-lexical. Nota-se ainda que há uma variante concorrente, a saber, *alimento*, empregada pelos informantes como sinônimo de *mantimento.*

moléstia (5); molestias (5)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] razaõ, por que os Es=| panhoes encaminharaõ sempre os seus atta=| ques à fronteira do Forte do Principe da Bei=| ra, a pezar do horror que tem as **molestias** da| Provincia de Moxos" (44r-19 a 23 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 211, grifo nosso).
Acepção buscada	doença; enfermidade
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Quando está com alguma coisa no corpo, está com moléstia, no sentido de doença. De vez em quando uso. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Moléstia já ouvi em alguns textos quando... não lembro em que texto, mas já ouvi, agora só não lembro o significado dela. Acho que foi no sentido de doença. Não uso. F1-M-ES: Moléstia já ouvi, mas não uso, no sentido de doença. Até hoje acho que usa, você vê em documentos essa palavra moléstia. Meu irmão mesmo que trabalha na área de saúde de vez em quando usa moléstia. F2-H-EP: Moléstia é doença. O pessoal tem muitos que ainda falam: bateu uma moléstia lá na minha roça que acabou com a plantação. F2-M-EP: Moléstia é quando a pessoa está doente. As pessoas de antigamente que usam, usavam essa palavra. Eu não uso. F2-H-EF: Moléstia é uma doença né. Não uso mais doença, mas já ouvi muito falar isso ai. F2-M-EF: Moléstia é... assim antigamente usava assim falava uma doença falava moléstia né. Eu escutava minha mãe fala muito, moléstia, fulano está com moléstia, algum significado de doença. Não uso, eu ouvi minha mãe, hoje fala diferente. F2-H-EM: Moléstia eu acredito que é doença, enfermidade. Uso, é uma palavra que eu ainda uso porque eu sei bem que ela é relacionada à enfermidade. F2-M-EM: Moléstia já. Não uso. É doença.

	F2-H-ES: É doença. Não... hoje não uso. F2-M-ES: Moléstia é doença, os antigos, só que hoje você não vê mais falar moléstia. Não uso. Falar moléstia dá a impressão pra mim que na época... está com uma moléstia brava, não falava nem o nome. Era lepra. Não falavam nem o nome da doença.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** MOLÊSTIA. Enfado. Pena do animo. Inquietaçaõ. **Morais Silva (1813):** MOLÉSTIA, s. f. Enfado, incommodo, trabalho do corpo, e do animo; doença. **Vieira (1871-1874): MOLESTIA,** s. f. Enfado, consumição, inquietação. -- Doença, mal, morbo, enfermidade. **Freire (1957): MOLÉSTIA,** s. f. Lat. *molestia.* Estado penoso; incômodo físico ou moral; mal-estar, inquietação. ‖ 3. *Pop.* Qualquer doença de caráter grave ou impressionante. **Ferreira (1975): Moléstia.** [Do lat. *molestia*] 1. Incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal. 2. Doença das plantas ou dos animais. **Houaiss (2009): moléstia**. Datação: sXV. 1 disfunção orgânica, ger. manifestada por uma série de sintomas; mal, doença, enfermidade.

Ao verificarmos o contexto de uso da unidade lexical *moléstia* notamos que dos dezesseis informantes entrevistados, três reconhecem e utilizam-na em seu contexto de fala (um da faixa etária I: F1-M-EF | dois da faixa etária II: F2-H-EP, F2-H-EM); enquanto oito informantes disseram conhecê-la mas não a usam (dois da faixa etária I: F1-H-ES, F1-M-ES | seis da faixa etária II: F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES, F2-M-ES). Dentre esses informantes, todos usam e|ou conhecem *moléstia* no sentido de "doença, enfermidade", evidenciando a acepção buscada e apresentada no manuscrito. Que disseram não conhecer a forma lexical *moléstia* foram cinco informantes, sendo todos da faixa etária I, a saber: F1-H-EP, F1-M-EP, F1-H-EF, F1-H-EM, F1-M-EM. Entre as obras lexicográficas consultadas, em todas constam o registro da entrada *moléstia* e com a acepção buscada.

Dessa forma, ao evidenciarmos que dos onze informantes que reconheceram a forma e a acepção buscada, oito disseram não usar a forma, e a maioria faz correlação da acepção buscada acerca de *moléstia* com outra unidade lexical mais usada, *doença*, presumi-se que seja um caso de **tendência ao desuso** da forma e manutenção semântica, já que os dados apontam indícios de favorecimento da variante lexical *doença* em detrimento da unidade *moléstia.*

ordenado (4); ordenados (4)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Em fim se em alguns dos ditos Officios hou=| ver o abuzo, de ficarem como serventuarios, as| pessoas que os occupavaõ, só com parte dos| seus **ordenados**, distribuindo o resto a outras| estranhas maõs; esta dependencia occulta| (se a houve) foi hum enorme abuzo que| naõ serve de regra para a bem **ordenada** ar-| monia da sociedade, e destroi a independen-| cia, e applicaçaõ, com que devem servir os| Officiaes da Fazenda sem receberem outros equivalentes." (71v-8 a 17 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 321, grifos nossos).
Acepção buscada	salário; remuneração

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Ordenar é tipo ordenar as coisas... tipo ordenar tudo num lugar pra ficar tudo ordenadinho. Eu uso. F1-H-EF: Ordenado, já li essa palavra. Não lembro o sentido. Ordenado não uso. F1-M-EF: Ordenado é quando alguma coisa de ordem ou quando você está fazendo alguma coisa e tem que ser em ordem, ordenado. Uso. F1-H-EM: Já ouvi, no sentido de ordem. F1-M-EM: Ah ordenado é que vem de salário, pagamento. Uso, na faculdade que ordenado na contabilidade é débito ou crédito o salário a pagar, daí a gente associa com dinheiro. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Já ouvi no sentido de ordem, ordenado a realizar tal coisa. Mas não uso. F2-H-EP: Ordenado... tem como salário, meu ordenado não deu para fazer a compra do mês. F2-M-EP: Eu conheço assim como pagamento. De primeiro as pessoas falavam: meu ordenado é tanto. Não uso. F2-H-EF: Eu uso. Ordenado mesmo é salário, meu salário é um ordenado. F2-M-EF: Ordenado... de primeiro eu entendia assim... trabalhava e recebia um ordenado. Não uso. Receber o salário né. F2-H-EM: Ordenado muito pouco eu uso, porque hoje ordenado virou salário, provento, soldo. F2-M-EM: Já ouvi, não uso. Mais pra salário né. F2-H-ES: Ordenado... salário. Não... usamos hoje salário, subsídio. F2-M-ES: Ordenado eu já ouvi muito, vou receber meu ordenado antigamente, mas hoje não se fala. Ordenado tem duplo sentido. O cara é ordenado para fazer o serviço, fulano quem recebeu uma ordem pra fazer.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** ORDENÀDO, fallando em Leys, Decretos, ou outra cousa semelhante. *Constitutus, o institutus, a, um. Vid. Ordenar.* Ordenado, que se dà a alguem para seu sustento. Que se dava aos Soldados, que traziaõ certidões do General, de ter servido bem a Republica na guerra. *Beneficium,ii.* **Morais Silva (1813):** ORDENÁDO, s. m. O mantimento, ou salario certo, e determinado. ORDENÁDO, p. pass. de Ordenar. Posto em ordem. Estabelecido, constituído. Ordenado a algum serviço. **Vieira (1871-1874):** ORDENÁDO, s. m. O mantimento, ou salario certo, e determinado. ORDENÁDO, p. pass. de Ordenar. Posto em ordem. Estabelecido, constituído. Ordenado a algum serviço. **Freire (1957): ORDENADO,** adj. P. p. de ordenar. Pôsto por ordem. ‖ 2. Disposto, preceituado. ORDENADO, s. m. Aquilo que se paga periòdicamente por um serviço efetivo. **Ferreira (1975): Ordenado.** 1. Posto em ordem; arranjado, arrumado, disposto. 3. Posto em ordem; classificado, numerado. 5. Vencimento dum funcionário, ou empregado qualquer, pago periodicamente. **Houaiss (2009): ordenado** Datação: sXIII. Adjetivo 1 colocado em ordem; arranjado, arrumado, disposto; 4 que foi determinado, preceituado. Substantivo masculino 6 paga periódica de servidor público ou empregado; salário.

Observa-se no contexto de abonação do manuscrito que a unidade lexical *ordenado* é usada ora com a função de substantivo, para se referir ao salário; remuneração das pessoas; ora com a função de adjetivo indicando a condição da "harmonia da sociedade", ou seja, organizada, colocada em ordem. Na pesquisa proposta, buscou-se invetigar junto aos informantes cacerenses a acepção referente ao substantivo, a saber 'salário, remuneração'.

Dos dezesseis entrevistados, seis informantes disseram conhecer e usar a unidade

lexical *ordenado* (F1-M-EP, F1-M-EF, F1-M-EM, F2-H-EP, F2-H-EF, F2-H-EM); oito informantes reconheceram-na porém disseram que não a usam (F1-H-EF, F1-H-EM, F1-M-ES, F2-M-EP, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES, F2-M-ES); dois informantes afirmaram não conhecer a referida unidade (F1-H-EP, F1-H-ES).

No que diz respeito à acepção buscada (salário; remuneração), todos os informantes da faixa etária 2 reconheceram e estabeleceram-na uma relação sinonímica com os substantivos *salário, pagamento, provento, soldo, subsídio,* vislumbrando variantes concorrentes. Na faixa etária 1 há o reconhecimento da acepção buscada apenas pelo informante (F1-M-EM): "Ah ordenado é que vem de salário, pagamento. Uso, na faculdade que ordenado na contabilidade é débito ou crédito o salário a pagar, daí a gente associa com dinheiro". Verifica-se que o uso de *ordenado* pelo informante está intimanente relacionado ao universo acadêmico em que se encontra, ou seja, acadêmico do segundo semestre do curso de graduação em Ciências Contábeis, o que, por hipótese, mantém-se na área contábil a unidade *ordenado* e a acepção buscada.

Outro fato no *corpus* oral vislumbra o uso corrente de *ordenado* com sentidos diferentes da acepção buscada. Observa-se que os informantes a seguir utilizaram *ordenado* no sentido de 'colocar em ordem|organizar': F1-M-EP - "Ordenar é tipo ordenar as coisas... tipo ordenar tudo num lugar pra ficar tudo ordenadinho"; F1-M-EF - "Ordenado é quando alguma coisa de ordem ou quando você está fazendo alguma coisa e tem que ser em ordem, ordenado". Quanto aos informantes F1-M-ES - "no sentido de ordem, ordenado a realizar tal coisa"; e F2-M-ES[44] - "Ordenado tem duplo sentido. O cara é ordenado para fazer o serviço, fulano quem recebeu uma ordem pra fazer" empregaram no sentido de 'dar e receber uma ordem'. O informante F1-H-EM ao dizer que usa a unidade "no sentido de ordem" e não explicar, apresenta uma ambiguidade, ou seja, tanto pode ser no sentido de 'colocar em ordem' quanto no de 'dar e receber uma ordem'.

No cotejo lexicográfico verifica-se o registro do verbete *ordenado* em todos os dicionários pesquisados, e, no que concerne às acepções 'salário, remuneração' (acepção buscada); 'colocar em ordem|organizar' (acepção também presente no manuscrito); 'dar e receber uma ordem', não há registro apenas dessa última nas obras lexicográficas de Vieira e Ferreira.

O uso de *ordenado* como *salário* por um informante da faixa etária 1 devido a sua

[44] Neste caso, o informante F2-M-ES foi citado duas vezes porque atribuiu duas acepções diferentes à unidade lexical *ordenado,* sendo uma a buscada e a outra no sentido de 'dar e receber uma ordem' .

área acadêmica de atuação enquanto aluno, bem como por todos os informantes da faixa etária 2 que vislumbram indícios de como eles usam a palavra a partir de diversos sinônimos, variantes, aponta para um quadro de **tendência à manutenção.**

padrasto (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Coimbra por ser hum posto isulado,| e hum monte alto, e agudo, formado naõ| só por pedras seixozas, derramadas varia=| mente sobre hum solido Montuozo de pe=| dra calcaria, na maior parte pelo menos| taõ cortado a prumo, como as Serras do Cu=| rumbá, povoado por densa Mattaria ate| o seu cume que lhe fica a **Padrasto**, mas| naõ temivel, pois facilmente se defende| o seu accesso" (55v-11 a 20 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 257, grifo nosso).
Acepção buscada	lugar alto; monte
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Padrasto já. Uso. Não soube responder o sentido. F1-M-EP: Padrasto eu uso como... madrasta que eu uso. F1-H-EF: Conheço porque eu sou padrasto. Para mim é uma pessoa que cria os filhos dos outro, é chamado de padrasto. F1-M-EF: De vez em quando uso em certas ocasião. Quando cria um filho de outro pai, quando a mãe casa com um homem que não é o pai dos filhos, é o padrasto. F1-H-EM: Conheço. Sentido de segundo pai da pessoa. F1-M-EM: Como se fosse pai de criação que a gente usa. Eu uso. F1-H-ES: Padrasto já. Marido da minha mãe, um pai meio torto. F1-M-ES: Uso até padrasto. No sentido de pai de criação. F2-H-EP: Padrasto é o segundo pai. A gente usa muito. F2-M-EP: Também não uso, mas conheço. É a pessoa que mora com a mãe do filho. F2-H-EF: Eu mesmo tenho um padrasto. Meu pai faleceu já tem tempo. F2-M-EF: Padrasto é as pessoas que não vive com o pai legítimo, vive com o padrasto. Esse a gente usa. F2-H-EM: Padrasto acho que é eu já fui e ainda sou, padrasto é filho da minha esposa, não, eu que sou padrasto do filho da minha esposa. Eu uso essa palavra. F2-M-EM: Conheço. Não uso. Padrasto serve pra pai. F2-H-ES: Usamos como substituição do pai, a mãe casou e já tinha um filho, esse marido dela será o padrasto dessa criança. F2-M-ES: Padrasto é bem conhecido, eu uso. Mas não gosto porque sou madrasta e não gosto que fala. Eu já ouvi muito, mas não gosto.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PADRASTO. O segundo marido, que em razão dos filhos do primeyro matrimonio, que se chamão enteados, se chama padrasto, por succeder ao pay. Monte, collina, ou qualquer lugar alto, donde se póde assentar a artelharia do inimigo, para bater a fortaleza, ou Cidade descortinada, & dominada do dito lugar. **Morais Silva (1813):** PADRÁSTO. O que casa com a viuva se diz padrasto a respeito dos filhos, que ella teve do outro marido. §. Monte, collina. **Vieira (1871-1874): PADRASTO,** s. m. Diz-se a respeito dos filhos, que teve de outro marido aquella viuva, com que o padrasto casou. -- Monte, edificio que sobreleva, e fica superior a valle. **Freire (1957): PADRASTO,** s. m. Lat. *padraster.* Diz-se do indivíduo em relação aos filhos de sua mulher, havidos de matrimônio anterior. **PADRASTO,** s. m. Monte sobranceiro em qualquer sítio. || 2. *Lus.* Arcobotante, gigante, contraforte. **Ferreira (1975): Padrasto¹.** [Do lat. *padrastu, pejorativo de pater,* 'pai'] Indivíduo que ocupa o lugar de pai em relação aos filhos que sua mulher teve de casamento anterior. **Padrasto ².** [Alter. de *pedrasto < pedra.] Monte, colina ou construção que domina um terreno. **Houaiss (2009): padrasto.** Datação: sXIII. homem em relação aos filhos anteriores da mulher com quem passa a constituir sociedade conjugal.
Dos dezesseis informantes, todos reconheceram a unidade lexical *padrasto*, porém	

com a acepção diferente da buscada. Apenas um informante (F1-H-EP) declarou conhecer e usá-la, mas não soube contextualizar o uso. E dois (F2-M-EM, F2-M-EP) reconheceram a unidade, mas disseram não a usar.

As obras lexicográficas pesquisadas apresentam acepção igual a em estudo, 'lugar alto, monte', e a acepção vislumbrada no contexto de ulitização do informante da pesquisa, 'indivíduo que ocupa o lugar de pai em relação aos filhos que sua mulher teve de relacionamento anterior'; exceto a do século XXI, de Houaiss, que registra apenas a acepção dada pelos informantes.

Padrasto com o sentido de 'lugar alto, monte', não se encontra na linguagem dos informantes cacerenses, dessa forma, supõe tratar-se de uma unidade com **manutenção da forma e desuso semântico**. As obras lexicográficas atestam o desuso da acepção em estudo quando há registro dela só até o século XX.

Verifica-se ainda, no contexto de uso, que os informantes revelam, pelo léxico, aspectos sobre a vida social que os circundam no dia a dia, a saber, F1-H-EF: "Conheço porque eu sou padrasto"; F1-H-ES: "Padrasto já. Marido da minha mãe, um pai meio torto"; F2-H-EM: "Padrasto acho que é eu já fui e ainda sou, padrasto é filho da minha esposa, não, eu que sou padrasto do filho da minha esposa". Além disso, mantém-se o significado do século XIII, conforme atesta Houaiss ao datar a unidade *padrasto* e a acepção atribuida pelos informantes: "**padrasto.** Datação: sXIII. homem em relação aos filhos anteriores da mulher com quem passa a constituir sociedade conjugal".

penúria (1); penurias (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] e naõ| se recear mais que o inimigo, aprehendendo=| os socorros vindos do Cuiabá, vença pelas| **penurias** da fome, o que naõ conseguiria pelos| esforços do valor, sendo a falta de mantimen=| tos o inimigo mais temivel, e o que muitas| vezes vence as mais expugnaveis Praças" (60r-17 a 23 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 275, grifo nosso).
Acepção buscada	extrema pobreza; miséria
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Eu já ouvi. Não uso. Não soube responder o sentido. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Já ouvi, mas não sei o significado. Não uso. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Penúria já ouvi falar mas não sei o significado. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece.

	F2-H-EM: Penúria... está meio difícil, mas conheço, já ouvi muito. Eu uso, só não sei se quando eu uso, eu uso certo, porque muito raramente quando eu vejo uma pessoa numa situação muito degradante eu falo que ela está num estado de penúria, estado de pobreza, bem humilde bem, além do normal. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Conheço. Não uso, muito difícil. Penúria quando a pessoa está sofrendo, acho que é um sofrimento... tá numa penúria, eu acho que é isso. F2-M-ES: Penúria é algo que dá pena. Tem dois sentidos também. Tem uma coisa que está sofrida, pobreza, acho que vem da pobreza, mas que alguém que está cumprindo uma pena está sofrendo lá na cadeia. Também já ouvi isso, mas não apliquei, não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PENÛRIA. He palavra latina, derivada de *Penu,* que vale o mesmo que *despensa*. Toma-se por falta do necessario, pobreza, indigencia, pouco provimento. **Morais Silva (1813):** PENÚRIA. Falta do necessario, indigencia, mingoa. **Vieira (1871-1874): PENÚRIA,** s. f. Falta do necessario, mingua. **Freire (1957): PENÚRIA,** s. f. Lat. *penuria.* Miséria extrema; privação do que é necessário; pobreza. **Ferreira (1975): Penúria.** [Do lat. *penuria.*] 1. Pobreza extrema; indigência, miséria; 2. Privação do necessário, escassez, falta, pobreza. **Houaiss (2009): penúria** Datação: 1660 1 estado de extrema pobreza; miséria; 2 privação ou ausência daquilo que é necessário; escassez, pobreza.

Entre os dezesseis informantes entrevistados, seis da faixa etária 1 e quatro da faixa 2 não reconheceram a unidade lexical *penúria* (F1-H-EP; F1-M-EP; F1-H-EF; F1-H-ES; F1-M-ES; F1-H-EM; F2-M-EP; F2-H-EF; F2-M-EF; F2-M-EM). Os outros seis informantes reconheceram-na, mas só um afirmou usá-la; e no que tange à acepção em estudo, 'extrema pobreza; miséria', três informantes (F2-H-EM; F2-H-ES; F2-M-ES) apresentaram-na no contexto de uso deles; e três não souberam explanar o significado. Todos os lexicógrafos registram a entrada *penúria* e a acepção buscada.

Desse modo, a baixa produtividade semântico-lexical da unidade *penúria* na fala dos entrevistados, principalmente entre os da faixa etária 1, configura-a como um caso de **tendência ao desuso.**

rapacidade (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Elles| com o certo risco de hum só homem nada empre=|hendem, sendo só a **rapacidade**, e a traiçaõ, quan=| to lhe inspiraõ os seus inveterados costumes" (51r-9 a 12 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 239, grifo nosso).
Acepção buscada	hábito de roubar
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece.

	F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não, eu já ouvi mas nem achei que estava certo. Mas já ouvi há muito tempo uma senhora que falava assim: quando fulano, ela se referia ao marido, era formoso, estava na flor da rapacidade. Eu acho que na flor da juventude e como juventude e rapaz. Mas nunca apliquei.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** RAPACIDADE. Inclinação, ou costume de roubar, propensaõ a tomar o alheyo. **Morais Silva (1813):** RAPACIDÁDE. Inclinação, ou costume de tomar, e roubar. **Vieira (1871-1874): RAPACIDADE,** s. f. Avidez de se assenhorear do bem d'outrem. **Freire (1957): RAPACIDADE,** s. f. Lat. *rapacitas; rapacitatem.* Qualidade do que é rapace. || 2. Tendência para roubar ou hábito de roubar. **Ferreira (1975): Rapacidade.** [Do lat. rapacitate.] Qualidade de rapace (1); tendência para o roubo, ou hábito de roubar. **Houaiss (2009): rapacidade.** Datação: 1692. 1 qualidade de rapace; 2 característica de quem tem propensão a ou costume de roubar.

Dos dezesseis entrevistados, apenas o informante F2-M-ES reconheceu ter ouvido *rapacidade* e no seguinte contexto de uso: "já ouvi há muito tempo uma senhora que falava assim: quando fulano, ela se referia ao marido, era formoso, estava na flor da rapacidade. Eu acho que na flor da juventude e como juventude e rapaz. Mas nunca apliquei".

As obras lexicográficas pesquisadas registram *rapacidade* somente com a acepção em estudo, sendo diversa à acepção usada pelo informante.

Considerando os dados apresentados, conclui-se que *rapacidade* seja um caso de **desuso semântico-lexical.**

rebate (1); rebates (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Os signaes a maneira dos Indios, consistem| em fogos; e como as largas campanhas do| Paraguai estaõ diariamente ardendo, seriaõ| estes signaes sempre equivocos, e huns **reba=| tes** falsos, e ainda que fossem praticaveis| de Coimbra ate Albuquerque seriaõ repetidis=| simos os lugares em que se acendessem [...]" (57r-6 a 12 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 263, grifo nosso).
Acepção buscada	anúncio, aviso, sinal
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Rebate já. Assim quando a gente vai ta trabalhando por exemplo de oleiro a gente vai amassar o barro pra fazer ele a gente fala rebater ele, tirar dum lugar e rebater em outro lugar. F1-M-EP: Talvez eu conheça como outra palavra. Já vi já anúncio essas coisas, mas rebate não. F1-H-EF: Rebate já ouvi falar, quando rebate um trem. Eu usava, mas hoje eu parei com isso. Rebater uma bola, quando a gente era criança a gente falava. F1-M-EF: Rebate... quando é um jogo de empurra, rebate. Uso de vez em quando uso, de rebater alguma coisa. F1-H-EM: Conheço no sentido de quando você taca uma coisa em uma pessoa e ela rebate, tipo taca de volta. F1-M-EM: Rebate... assim eu já ouvi, acho que vem algo de rebater. Uso às vezes. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Rebate já ouvi muito, mas to meio perdido no significado. É igualzinho o

	pessoal que fala uma coisa a pessoa rebate. Rebateu uma questão, uso. F2-M-EP: É de gado né. Pra mim que é assim... rebate de gado, vou fazer um rebate de gado, não é? Já ouvi assim, mas não uso. F2-H-EF: Já ouvi, mas não lembro do sentido. F2-M-EF: Rebate eu já ouvi fala... arguém que... meu marido mesmo chegava e dizia deixa eu tomar um golinho para rebater a canseira. Não uso. F2-H-EM: Rebate eu acho que é rebater, é tentar evitar alguma coisa, que está vindo e você tem que sair fora. Eu uso essa palavra. F2-M-EM: Já ouvi. Não, não uso. Mais em jogo, discurso. F2-H-ES: Rebater, retrucar, responder. Uso. F2-M-ES: Já usei, mas hoje não. Rebater... um começar a discutir e você fala um termo e eu falo outro, rebatendo, tipo discutindo, dando resposta.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** REBÂTE. O sinal, que se faz com gritos, ou finos, ou instrumentos de guerra para ajuntar gente, tomar as armas. Rebate falso. *Inanis ad arma clamor, ou conclamatio.* **Morais Silva (1813):** REBÁTE. Sinal com sino, caixa, grito, ou appelido da vinda, ou irrupção, ou ataque do inimigo. §. Rebate falso, o que se toca antes de vir o inimigo, para ver se todos acodem com diligencia, e boa ordem aos postos. **Vieira (1871-1874): REBATE,** s. m. -- noticia. -- Rebate falso; o que se toca antes de vir o inimigo, para vêr se todos acodem com diligencia e boa ordem aos pontos. -- Signal com sino, caixa, grito a apellido da vinda, ou irrupção, ou subito ataque do inimigo. **Freire (1939-1944): REBATE,** s. m. De *rebater.* Ato ou efeito de rebater. || 3. O grito, chamamento ou sinal com que se avisa do aparecimento ou ataque do inimigo. || 8. Anúncio, prenúncio, ameaço. REBATE FALSO, s. m. Falsa notícia. **Ferreira (1975): Rebate.** 1. Ato ou efeito de rebater; rebatimento. 4. Chamamento ou sinal para avisar um acontecimento repentino e perigoso. 5 Anúncio, prenúncio. ♦ **Rebate falso.** Sinal ou notícia falsa de um acontecimento esperado. **Houaiss (2009): [1]rebate**. Datação: sXV. 2 chamamento ou sinal com que se alerta sobre ataque do inimigo; 2 chamamento ou sinal com que se alerta sobre ataque do inimigo; 5 anúncio, prenúncio. **[2]rebate.** Datação: 1563. ato ou efeito de rebater; rebatida, rebatimento. *Locuções.* **r. falso** falso sinal de um acontecimento esperado

Observa-se que, no contexto de abonação no manuscrito, *rebate* é mobilizado para caracterizar um tipo de sinal de caráter enganoso realizado pelos índios, e, apesar de todos os dicionários pesquisados apresentarem a locução *rebate falso,* realizou-se a pesquisa de campo somente com a unidade simples *rebate.* Isso por entender que o sentido produzido em torno da unidade, no documento em estudo, não é resultado de uma integração semântica entre as unidades *rebate* e *falso,* não prejudicando, então, a decomposição realizada entre as unidades. A partir dessa conjuntura, os informantes cacerenses foram indagados somente a respeito da unidade *rebate.*

De acordo com o contexto de uso da unidade lexical *rebate,* observamos que sete informantes (F1-H-EP, F1-M-EF, F1-H-EM, F1-M-EM, F2-H-EP, F2-H-EM, F2-H-ES) reconheceram e usam-na; cinco informantes (F1-H-EF, F2-M-EP, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-M-ES) disseram conhecer mas não a usam; três (F1-M-EP, F1-H-ES, F1-M-ES) não a reconheceram; e um informante (F2-H-EF) reconheceu-a mas não soube responder sobre o sentido dela.

Rebate apresenta-se bastante produtiva na fala dos entrevistados, mas com o

sentido que remete aos desdobramentos semânticos do verbo *rebater*, a saber, "contestar", "retrucar", "rebate de gado", "combater", "deter". Nota-se que os entrevistados depreendem o sentido de *rebate* inserindo-o em um contexto a partir do universo deles, a saber, "Assim quando a gente vai ta trabalhando por exemplo de oleiro a gente vai amassar o barro pra fazer ele a gente fala rebater ele, tirar dum lugar e rebater em outro lugar" (F1-H-EP); "Pra mim que é assim... rebate de gado, vou fazer um rebate de gado, não é? Já ouvi assim, mas não uso" (F2-M-EP); "meu marido mesmo chegava e dizia deixa eu tomar um golinho para rebater a canseira" (F2-M-EF); "Rebater... um começar a discutir e você fala um termo e eu falo outro, rebatendo, tipo discutindo, dando resposta" (F2-M-ES).

Em relação ao registro de *rebate* na obras lexicográficas pesquisadas, constata-se o registro dela em todas as obras com a acepção buscada. No entanto, apenas os dicionários de Freire, Ferreira e Houaiss evidenciam as mesmas acepções em uso pelos informantes que remetem ao verbo 'rebater'.

Nota-se, então, que a unidade lexical *rebate* no sentido de "sinal de alarme, anúncio, aviso" presente no corpus escrito deste trabalho encontra-se em desuso. O que mantém em uso nas falas dos informantes cacerenses é a forma lexical rebate com outro sentido. Assim, pressume-se que seja um caso de **manutenção da forma e desuso semântico.**

rédito (2); redittos (1); reditos (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Porem logo que esta Capitania melhore| do estado, e prospere em abundantes, e ricas Mi=|| nas, que lhe augmentem com maior populaçaõ | hum mais amplo commercio, e os **redditos** publi=| cos" (74r-23 e 24 | 74v-2 a 4 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 331-333, grifo nosso).
Acepção buscada	Rendimento
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** RÊDITO Rendimento. **Morais Silva (1813):** RÉDDITO, s. m. Renda. Lucro do dinheiro.

	Vieira (1871-1874): Não há registro. **Freire (1957): RÉDITO,** s. m. Lat. *reditus.* 2. Rendimento, lucro, produto. **Ferreira (1975):** [Do lat. *redditu, 'restituído'*.] 1. Lucro, ganho. **Houaiss (2009): rédito.** Datação: 1609. 2 qualquer vantagem material que se pode tirar de alguma coisa; lucro.

Constata-se, diante dos dados apresentados, que a unidade lexical *rédito* não apresentou nenhuma ocorrência no contexto de fala dos informantes entrevistados de Cáceres. O registro da forma e da acepção buscada, portanto, encontra-se apenas nas obras lexicográficas consultadas e no documento *Memoria*, configurando dessa forma, um caso de **desuso semântico-lexical.**

sítio (2); sitios (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] expondo-se| as contingencias de hum duvidozo successo,| de que o ameaça a natural fortaleza do Paiz,| o respeita, perde soldados que a guerra con=| some, nas molestias, deserçoens, **sitios**, e pe=| quenos Combates, vendo-se muitas vezes obri=| gado a abandonar o mesmo Paiz, que devas=| tou, temendo finalmente o dividir se, por que| neste cazo pode ser batido com iguaes, e naõ| afadigadas tropas" (34v-11 a 20 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 173, grifo nosso).
Acepção buscada	perseguição
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Falo né... eu vou lá naquele sítio... sítio fazenda não é, sítio é um sítio pequeno, quando é grande é uma fazenda. F1-M-EP: Sítio pra mim é uma fazendinha pequena... não é uma fazenda mas é uma coisa pequena, imitando uma fazenda só que ela é menor. Vejo uma fazenda pequena pra mim é sítio ou chácara. F1-H-EF: Quando quer ir pra algum lugar fora da cidade, trabalhar no sítio. F1-M-EF: Essa aí é conhecida. Uso. Igual meu sogro tem sítio, direto nós estamos indo para o sítio passar o dia. F1-H-EM: Um lugar rural. F1-M-EM: Vem de fazenda, de chácara. Uso. F1-H-ES: Sítio é... pra falar relacionado a campo, mato, vida de fazendeiro, uma fazenda pequena. F1-M-ES: Uso, meu pai mesmo tem, no sentido de pequena propriedade. F2-H-EP: Sítio...se for o que estou pensando sim. Tem sítio que o pessoal mora, tem estado de sítio. F2-M-EP: Ainda essa semana usei com meu netinho para tentar ensinar: o sítio da minha vó vai lá... ela mora no sítio. No sentido de fazenda. F2-H-EF: Sítio já porque eu morei no sítio. Para nós era muita fartura, tudo que nós queria assim de legume, frutas essas coisas a gente tinha. F2-M-EF: Sítio é onde eu sempre... meu pai tinha um sítio que a gente nasceu e criou lá... ( ) nasceu, criou, trabalhando lá. F2-H-EM: Sítio eu conheço também com dois sentidos. Tem o sítio como uma chácara, onde a pessoa compra um pedaço de terra que não é uma fazenda, não é uma cidade, mas é um lugar. E tem o sítio do Estado que é quando tá com algum problema no país, decreta estado sítio no município, no país. F2-M-EM: Às vezes eu uso. Sítio é...a pessoa que mora na zona rural. F2-H-ES: Sítio a gente conhece como um sítio, eu tenho uma pequena propriedade, onde eu tiro a minha alimentação, o meu dia a dia. F2-M-ES: Sítio é o lugar que situa alguém, moradia na zona rural e que pra nós morarmos no sítio, é um local rural mas não é uma fazenda porque o espaço é pequeno.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** SITIO. Espaço de terra descuberto. **Morais Silva (1813):** SÍTIO, s. m. Espaço de terra descoberto, o chão apto para nelle se levantarem edificios. Uma habitação rustica.

	Vieira (1871-1874): SITIO, s. m. Espaço de terra descoberto, o chão apto para n'elle se levantarem edificios. **Freire (1957): SÍTIO,** s. m. Lat. *situs.* ‖ 4. Moradia rural; pequena roça; habitação rústica com uma pequena granja, quinta. **Ferreira (1975): Sítio[1].** 2. Chão descoberto; espaço de terra; terreno. 4. Lugar assinalado por acontecimento notável. 6. Bras. Estabelecimento agrícola de pequena lavoura. 7. Fazendola. 8. Moradia rural, ou chácara na imediações da cidade. **Sítio[2].** Ato ou efeito de sitiar. **Houaiss (2009): [1]sítio** Datação: sXV. 2 lugar, local; 4 qualquer pequena área específica de um país, região ou cidade; localidade, aldeia, povoação; 5 Regionalismo: Brasil. pequena propriedade agrícola; fazendola, chácara. **[2]sítio.** Datação: 1720. 1 ato ou efeito de sitiar; assédio, cerco; 2 Derivação: sentido figurado. insistência impertinente; assédio, perseguição

Todos os informantes da pesquisa reconheceram a unidade lexical *sítio* e usam-na com o sentido de 'pequena propriedade rural', e vislumbraram indícios do contexto rural ainda muito presente na vida do cacerense, seja porque já moraram, frequentam, usufruem do que é produzido no espaço do sítio ou trabalham nele.

A acepção buscada, 'perseguição', só é registrada por Houaiss. Nota-se que ao apresentar duas entradas para o verbete *sítio*, Houaiss classifica-o como homonímia. A primeira entrada refere-se à acepção emitida pelos informantes e considerada a mais antiga na língua potuguesa, século XV. A segunda entrada traz a datação de 1720 e a rubrica 'derivação: sentido figurado' para descrever a acepção 'perseguição'. A acepção emitida pelos informantes, por sua vez, consta registrada em todos os dicionários pesquisados.

Tais dados apontam para um quadro de **manutenção da forma e desuso semântico.**

Viso (1); vizos (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"He igualmente certa a natural inconstan=| cia dos Indios, saudozos sempre da livre pos=| se com que as frescas sombra dos ferteis Bosques da Zona torrida, e no regaço da indo=| lente preguiça, gozaraõ por tantos seculos os| mesmos vastissimos, e ricos Sertoens, e terrenos,| que hoje pelo direito da força dominaõ os| Espanhoes, fazendo esta perda, que olhem com| concentrada antipatia, a estes seus oppressores,| os quaes lhe deixaraõ huma apparente liber=| dade, com **vizos** de real Captiveiro" (32v-8 a 18 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 165, grifo nosso).
Acepção buscada	semblante, vestígio
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Já li essa palavra mas nunca usei ela. Não sei o sentido. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Viso acho que vem de visão ou aviso. Aviso ou tipo uma visão, algo assim. Uso. F1-H-ES: Uso não muito... não, só tem pra mim o sentido de ver de visão, visão do futuro. F1-M-ES: No sentido de visar alguma coisa. Eu quase não uso. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece.

	F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Viso eu já vi viso de visão. Deixa aí que eu viso isso, só nesse sentido.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** VISO. Vista. Olhos. [...] quase o mesmo que semelhança. **Morais Silva (1813):** VÍSO, s. m. Vista. Vulto; semblante. **Vieira (1871-1874): VISO,** s. m. Vista. - Vulto, physionomia, semblante. **Freire (1957): VISO,** s. m. Lat. *visum. Ant.* A vista; o órgão visual. ‖ 3. Sinal, vestígio, indício. **Ferreira (1975): Viso.** 2. Indício, vestígio, vislumbre. **Houaiss (2009): viso.** Datação: 1188-1230. 1 modo de apresentar-se; aparência, aspecto, fisionomia; 2 sinal ou resquício que deixa entrever algo; vestígio, vislumbre; 7 Diacronismo: obsoleto. o órgão da visão, a vista

Dos dezesseis infomantes da pesquisa, apenas cinco reconheceram a unidade lexical (F1-H-EF; F1-M-EM; F1-H-ES; F1-M-ES; F2-M-ES), sendo que só o informante (F1-M-EM) apresentou a acepção buscada em contexto de uso e declarou usá-la. Os outros quatro informantes declararam "nunca usei ela"; "uso não muito"; "quase não uso"; "eu já vi"; e vislumbraram o sentido de 'visão', 'visar'.

Entre as obras lexicográficas, somente Bluteau não registrou a acepção buscada 'semblante, vestígio'. Observa-se entre as acepções registradas por Houaiss a seguinte rubrica "Diacronismo: obsoleto. o órgão da visão, a vista". Tal informação vai ao encontro da baixa produtividade de *viso* no sentido de visão entre os informantes.

Sendo assim, supõe tratar-se de uma unidade lexical em **desuso semântico-lexical** entre os informantes cacerenses.

ADJETIVOS

Abjeto (1); abjecta (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Os poucos povoadores da Povoaçaõ de Albu=| querque foraõ sempre da gente mais **abjecta**| da Villa do Cuiabá, e daquella que pela| sua desordenada vida, a policia da Europa| manda recolher nas cazas da Correcçaõ" (58v-16 a 20 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 269, grifo nosso).
Acepção buscada	que não é nobre, despresível, miserável
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece.

	F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** Não há registro. **Morais Silva (1813):** ABJÉCTO, adj. Vil, baixo, despresível. **Vieira (1871-1874): ABJECTO,** adj. Do latim *abjectus.* Ignobil, asqueroso, immundo. Quasi sempre empregada no sentido moral. **Freire (1957): ABJETO, ou ABJECTO,** adj. Lat. *abjectus.* Digno de ser desprezado, ignominioso, vil, baixo, servil, asqueroso, ignóbil, miserável. **Ferreira (1975): Abjeto.** [Do lat. *abjectu*] 1. Imundo, desprezível, vil, baixo, ignóbil. **Houaiss (2009): abjeto.** Datação: sXV. que ou o que é desprezível, baixo, ignóbil

A unidade lexical *abjeto* não foi reconhecida por nenhum dos informantes entrevistados. No que diz respeito ao registro de *abjeto* pelos lexicógrafos pesquisados, verifica-se que, com exceção de Bluteau, os demais registram-na com o mesmo sentido da acepção em estudo 'que não é nobre, despresível, miserável'.

Assim, como não há registro da unidade lexical *abjeto* no contexto oral dos informantes cacerenses, configura-se um caso de **desuso semântico-lexical.**

altivo (2); altivos (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Os Espanhoes os temem,| e como despendem pouco com elles, pouco affei=| çoados lhe saõ estes **altivos** Indios, que mais de| huma vez tem recebido duro castigo das suas atro=| cidades" (51r-15 a 19 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 239, grifo nosso).
Acepção buscada	arrogante, intolerante
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Altivo nem sei o que qui é. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: É uma pessoa que conversa bastante. Uso às vezes sim. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Altivo... acho que se eu não me engano foi na faculdade que eu ouvi essa palavra, mas... eu não lembro o que é exatamente. Mas eu não uso. F1-M-ES: Altivo já ouvi essa palavra. Parece que no sentido de uma pessoa alegre, pessoa altiva. Não uso. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Eu já ouvi essa palavra muito, mas não uso. Não lembro do significado. F2-M-EM: Já ouvi. Não uso. Altivo pra doença. F2-H-ES: Altivo eu já ouvi. Não... não uso. Altivo... uma pessoa altiva, alegre. F2-M-ES: Altivo é aquela pessoa interessante, esperta que desenvolve. Não uso, esporadicamente, esporadicamente eu ouço, acho que eu lido muito com pessoas simples que não adianta ficar procurando termo que eu ouvi uma vez que nem eu sei o que estou falando.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** ALTIVO. Altîvo. Soberbo, Orgulhoso. Soberano, Brioso. **Morais Silva (1813):** ALTÍVO, adj. fig. Suberbo, brioso, orgulhoso. **Vieira (1871-1874): ALTIVO,** adj. Alto, arrogante, soberbo, orgulhoso, impetuoso, indomavel. **Freire (1957): ALTIVO,** adj. De *alto + ivo.* 4. Orgulhoso, arrogante.

	Ferreira (1975): Altivo. 3. Arrogante, orgulhoso, presunçoso. **Houaiss (2009): altivo**. Datação: sXV. 4 dominado pela arrogância, pela soberba; intolerante, presunçoso.

Dos dezesseis entrevistados, nenhum informante utilizou *altivo* com a acepção empregada no *corpus* de língua escrita, 'arrogante, intolerante'. Houve o reconhecimento da unidade por alguns informantes com as seguintes peculiaridades: (i) reconheceu a unidade com outra acepção mas não a usa ou 'às vezes': F1-M-EF; F2-M-EM; F2-H-ES; F2-M-ES; (ii) já ouviu a unidade mas não soube informar a acepção ou não tem certeza da acepção, e não a usa: F1-H-ES; F1-M-ES; F2-H-EM.

O registro do verbete *altivo* com a acepção em estudo encontra-se em todas as obras lexicográficas pesquisadas.

Analisando os dados em questão, constatou-se que a unidade lexical *altivo* e acepção buscada não faz parte do contexto de fala dos entrevistados de Cáceres, inferindo, dessa forma, tratar-se de um caso de **tendência ao desuso**.

avultado (3), avultadas (3)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Estas **avultadas** despezas em| novos, e indispensaveis Estabelecimentos, basta=| vaõ, e saõ a cauza proxima, e fizica do atra=| zamento, e empenho de huma Capitania [...]" (67r-4 a 7 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 303, grifo nosso).
Acepção buscada	grande, volumoso
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Já ouvi falar no sentido de bastante, muita coisa, grandeza. Não uso. F2-H-EP: Avultado... eu já ouvi, mas o significado não. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Eu acho que deve ser, imagino que é abastado, abundante. Eu não uso essa palavra. Já ouvi falar, se eu for falar, vou dizer abundante, abastado. Avultado era usado mais pelos meus antepassados, meus avós, meus pais. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Avultado é aquele a mais. Não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** Não há registro. **Morais Silva (1813):** AVULTÁDO, p. pass. de Avultar.Coisa que tem volume grande. **Vieira (1871-1874): AVULTADO,** adj. p. Corpulento, que tem grande vulto; augmentado, grande, consideravel. **Freire (1957): AVULTADO,** adj. P. p. de *avultar.* 3. Volumoso, corpulento. **Ferreira (1975): Avultado.** 2. Intensificado, aumentado. 3. Grande, volumoso, considerável, avultoso, avultante.

	Houaiss (2009): avultado. Datação: 1553. que avulta. 1 que faz grande volume; 2 que aumentou; que se intensificou; grande, avultante.

Três informantes disseram conhecer a unidade *avultado* com a acepção buscada mas não a usa, a saber: F1-M-ES, "Já ouvi falar no sentido de bastante, muita coisa, grandeza. Não uso"; F2-H-EM, "Eu acho que deve ser, imagino que é abastado, abundante. Eu não uso essa palavra. Já ouvi falar, se eu for falar, vou dizer abundante, abastado. **Avultado era usado mais pelos meus antepassados, meus avós, meus pais"** (esse trecho em destaque do F2-H-EM vislumbra indícios de que *avultado* era usado pelos ascendentes); F2-M-ES, "Avultado é aquele a mais. Não uso". O informante 'F2-H-EP' reconheceu a unidade, mas não soube dizer o significado dela: "já ouvi, mas o significado não".

Não se encontra registro da unidade entre os lexicógrafos apenas em Bluteau e Morais Silva.

Observando os dados apresentados a respeito de *avultado*, presume-se tratar-se de uma unidade lexical com **tendência ao desuso.**

cálido (1); calida (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"A Provincia de Moxos, he por nimiamente| **calida**, e humida, sugeita a febres intermitentes,| e podres [...]" (39v-2 a 4 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 193, grifo nosso).
Acepção buscada	Quente
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Cálido, aquela pessoa que quase não fala. Aquela é a pessoa calada. F1-H-EM: No sentido da pessoa é calada, quieta. F1-M-EM: Não me recordo, mas não me é estranha. Agora me recordo, já ouvi essa palavra, mas foi no não ... não tem aquele negócio da grobo rural, de negócio de fazenda, acho que foi ai, nesse sentido [quente]. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Cálido eu já ouvi essa palavra em leitura, mas eu nunca busquei o sentido. Não lembro, mas pode ser [o sentido que se encontra no manuscrito] porque vi em documento histórico essa palavra, quando está estudando a história de Mato Grosso. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** CALIDO, Câlido. Vid. Quente. **Morais Silva (1813):** CÁLIDO, adj. Quente. **Vieira (1871-1874): CÁLLIDO,** adj. Não há registro da acepção buscada. **Freire (1957): CÁLIDO,** adj. Lat. *calidus.* Quente **Ferreira (1975):Cálido[1].** [Do lat. *calidu*] 1. Quente. **Cunha (1982): cálido[1]** adj. 'quente'. **Houaiss (2009): [2]cálido**. Datação: 1651. 1 que tem temperatura alta, que tem calor;

	quente.

Observa-se, pelo contexto de fala dos entrevistados, que a unidade lexical *cálido* foi reconhecida somente por dois informantes (F1-M-EM; F1-M-EM) que, em princípio não se lembravam do sentido em que a tinham ouvido, mas ao serem instigados por meio da questão número quatro do questionário semântico-lexical que, primeiramente, apresentava a leitura de um trecho em que a palavra está empregada no manuscrito *Memoria*, para posteriormente perguntar: *você conhece esse sentido?;* disseram que "acho que foi ai, nesse sentido"; "mas pode ser".

O contexto de uso dos informantes F1-M-EF e F1-H-EM respectivamente, a saber, "Cálido, aquela pessoa que quase não fala. Aquela é a pessoa calada"; "No sentido da pessoa é calada, quieta", indica que houve emprego de *cálido* com a definição de 'pessoa calada', ou seja, confundiu a unidade lexical *cálido* com a *calado.*

Com exceção de Vieira, os demais lexicógrafos registram *cálido* com a mesma acepção em estudo 'quente'.

Em suma, os dados apresentados indicam que *cálido* é um caso de **desuso semântico-lexical** entre os informantes cacerense, pois a maioria não reconheceu a unidade e a acepção buscada, e os que reconheceram, por um lado, não tinham certeza quanto à acepção, por outro confundiram *cálido* com *calado.*

cômodo (8); commodo (3); commodos (3); commoda (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"A navegaçaõ do Rio Taquari, he de grande| importancia para a Capitania de Matto| Grosso, e de urgente necessidade para forne=| cer todos os generos grossos de grande pezo, e| volume, para a Villa, e Minas do Cuiabá,| que só em Canoas lhe podem chegar, por| mais **commodos** preços; generos que pela| via de terra de quinhetas legoas de mar=| cha; talvez se possaõ taõ bem conduzir, mas fazendo tal despeza, que os subiria a hum extraordinario valor muito alem daquelle [...]" (18r-7 a 18 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 107, grifo nosso).
Acepção buscada	melhor, vantajoso, útil
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Cômodo já. É difícil usa mas quando uso cômodo... cômodo não lembro. F1-M-EP: Tem vários sentidos de cômodo né... cômodo eu uso quando a pessoa incomoda... tipo assim. F1-H-EF: Hoje eu não uso cômodo não, não uso não, já ouvi falar. Para mim é uma pessoa acomodada. F1-M-EF: Cômodo de casa. Uso. F1-H-EM: Quando ela [pessoa] é folgada, geralmente as pessoas falam nesse sentido. F1-M-EM: Cômodo... uma pessoa acomodada, sossegada. Uso. F1-H-ES: Não... não muito [usa]. Eu vejo como dois sentidos... cômodo de parte de casa, cômodo da casa lá, ou se o cara tiver muito acomodado, pessoa espaçosa. F1-M-ES: Cômodo já ouvi essa palavra. No Sentido de acessório e cômodo de casa. Uso nos dois sentidos. F2-H-EP: Cômodo os antigos falam é um quarto, um cômodo. Não uso. F2-M-EP: Cômodo que eu entendo é parte da casa. Não uso, mas conheço ela como assim.

	F2-H-EF: Cômodo usa muito aqui em residência, as partes, os cômodos, mas agora não fala mais, já ouvi fala muito. F2-M-EF: Cômodo é assim... a pessoa que vamos supor que vai aumentar a casa... vai fazer mais um cômodo. Às vezes a gente fala né... fazer um cômodo. F2-H-EM: Cômodo... eu acho que é um estado sossegado, tranquilo, não sei, mais confortável. Eu uso assim... se eu vejo uma pessoa que não tem preocupação nenhuma, é uma pessoa comodada. F2-M-EM: Não, eu não uso, mas já usei. Assim pra quarto né, peça. F2-H-ES: Cômodo é as pessoas acomodadas, ah você é muito cômodo... não acomodado...Cômodo não é parte de casa? Uso cômodo... quantos cômodos... mas já não é tanto quanto a gente falava quando era criança. Hoje já fala quantas partes da casa. F2-M-ES: Cômodo esse já ouvi, é acomodado, eu já até usei mas hoje não uso mais. E lá em casa tinha um móvel chamado cômoda.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** COMMODO. Cómmodo. Substantivo. Meyo facil para alguma coisa. Utilidade. Proveito. Adjetivo. Estar commodo. Ter com que passar commodamente a vida. Aquelle, que em tudo busca suas commodidades. **Morais Silva (1813):** CÓMMODO, adj. Apto; Pelo meyo mais commodo; i. é, facil, e sem trabalho. § Homem commodo; o que busca a sua commodidade; accomodado **Vieira (1871-1874): CÓMMODO,** adj. Que se presta ao uso requerido. -- De caracter facil e que não importuna os outros. -- Homem commodo. **Freire (1957): CÔMODO, ou COMODO,** adj. Lat. *commodus.* Que se presta convenientemente ao uso a que é destinado; próprio, adequado. ‖ 3. Favorável. **CÔMODO,** s. m. Comodidade, bem-estar. ‖ 5. Aposento de uma casa; quarto, alcova. **Ferreira (1975): Cômodo.** [Do lat. *commodu*] 2. Adequado, favorável. 3. Tranquilo, calmo. 5. Acomodações. 6. Aposento. **Houaiss (2009): cômodo**. Datação: 1582. □ adjetivo 2 adequado, conveniente, útil, proveitoso; 3 calmo, sossegado, tranquilo. □ substantivo masculino 6 Regionalismo: Brasil. cada um dos compartimentos que constituem uma casa ou apartamento; aposento.

Os dezesseis informantes cacerenses disseram conhecer a unidade lexical *cômodo*, dentre eles, apenas um não soube responder a respeito do sentido (F1-H-EP), e seis informantes informaram não a usar, sendo que os demais informantes, nove no total, disseram conhecer e usá-la.

Com relação à acepção buscada, nenhum informante empregou-a. Os informantes cacerenses ao empregarem a unidade *cômodo* dentro de um contexto, vislumbraram o caráter polissêmico dela, a saber, (i) sete informantes utilizaram *cômodo* no sentido de "cada um dos compartimentos que constituem uma casa" (F1-M-EF, F1-M-ES, F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM); (ii) cinco utilizaram a unidade para qualificar uma pessoa como 'folgada', 'acomodada', 'sossegada', 'espaçosa', 'aquela que incomoda' (F1-H-EF, F1-H-EM, F1-M-EM, F2-H-EM, F2-M-ES); (iii) dois informantes empregaram os dois referidos sentidos à *cômodo* - F1-H-ES: 'Eu vejo como dois sentidos... cômodo de parte de casa, cômodo da casa lá, ou se o cara tiver muito acomodado, pessoa espaçosa', e F2-H-ES: 'Cômodo é as pessoas acomodadas, ah você é muito cômodo... não acomodado...Cômodo não é parte de casa? Uso cômodo... quantos cômodos... mas já não é tanto quanto a gente falava quando era criança. Hoje já fala quantas partes da casa'; (iv) dois informantes já mencionados anteriormente, F1-M-ES e F2-M-ES, também atribuiram sentido de 'peça de

mobiliário' à cômodo. Na verdade verifica-se que os informantes confundem *cômodo* com o substantivo feminino *cômoda*;

Em consulta aos dicionários encontramos a entrada *cômodo* em todos eles e com designações semelhantes à acepção buscada. No que diz respeito aos sentidos produzidos pelos informantes acerca de *cômodo,* e diferentes da acepção em estudo, não há registro em nenhuma obra lexicográfica consultada da acepção que qualifica uma pessoa como 'folgada', 'acomodada', 'sossegada', 'espaçosa', 'aquela que incomoda' com tom pejorativo. Verifica-se que Morais Silva apresenta 'homem commodo' como aquele 'que busca a sua commodidade; accomodado'; em Vieira, Ferreira e Houaiss encontram-se acepções como 'aquele (homem cômodo) que não importuna os outros', 'calmo, tranquilo, sossegado', ou seja, não fazem alusão negativa como vislumbrou o contexto de uso dos informantes da pesquisa.

A acepção 'cada um dos compartimentos que constituem uma casa' encontra-se registro somente nas obras lexicográficas de Freire, Ferreira e Houaiss. Houaiss, por sua vez, destaca, por meio de rubrica, que essa acepção é um 'regionalismo' brasileiro.

Os dados supracitados sugerem que a unidade lexical *cômodo* sofreu historicamente uma extensão de sentido, vislumbrada nas acepções de uso dos informantes e registradas nas obras lexicográficas a partir de Freire, caracterizando o que categoriza-se, neste estudo, como **neologismo semântico,** processo semântico gerador de polissemia e exemplo da produtividade lexical.

copioso (2); copiosa (1); copiozas (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Estas campanhas formaõ| hum quadrado de 14 legoas de lado, ellas| fazem com os Campos de Villa Bella, hu=| ma allagaçaõ geral no tempo das agoas,| e quando estas saõ **copiozas** dificultaõ a pas=| sagem a qualquer corpo de Tropas, de Ja=| neiro ate Junho" (10r-21 a 27 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 75, grifo nosso).
Acepção buscada	Abundante

cepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Copioso eu já li essa palavra já. Copioso não uso. Copioso é uma pessoa que copia as coisas dos outros. F1-M-EF: De vez em quando sim eu falo. Querer uma coisa igual, copiando, copiar de alguém. F1-H-EM: Quando eu faço alguma coisa e a outra vem e faz igual no sentido de copiar. F1-M-EM: Copioso eu acho que vem de copiar, será? Uso. F1-H-ES: Usar eu não uso mas eu vi quando eu estudava, o pessoal falava fulano é copioso demais, só de copiar. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não, não uso. já ouvi a pessoa falar: aquela moça chorava copiosamente. Só se eu fosse usar só nesse sentido. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Copioso... nossa esse menino é copioso... copioso já ouvi, mas não estou lembrado. Copioso aqui pra nós é ... esse menino é muito dengoso, entendeu? Pra nós não é nesse sentido, mas é muito tempo atrás que a gente ouvia isso... esse menino é muito copioso, que tem que ficar meio ressabiado com ele e tal. F2-M-ES: Copioso é de copiar, é a pessoa que imita, de imitar. Não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** COPIOSO, copiôso. Abundante. Numeroso. **Morais Silva (1813):** COPIÒSO, adj. Abundante, numeroso. **Vieira (1871-1874): COPIOÔSO,** adj. Abundante, numeroso. **Freire (1957): COPIOSO,** adj. Lat. *copiosus.* De que há cópia, abundante. ‖ 2. Grande, extenso. **Ferreira (1975): Copioso.** [Do lat. *copiosu*] 1. De que há cópia (5), abundante. 2. Grande, extenso. **Houaiss (2009): copioso.** Datação: sXV. 1 em que há abundância, cópia; farto, numeroso, profuso . 2 extenso, longo

Verifica-se que 50% dos entrevistados (F1-H-EP; F1-M-EP; F1-M-ES; F2-H-EP; F2-M-EP; F2-H-EF; F2-M-EF; F2-M-EM) não reconheceram a unidade lexical *copioso.* Os outros 50% que a reconheceram, apenas um informante (F2-H-EM) utilizou-a no contexto de fala dele a acepção em estudo: "já ouvi a pessoa falar: aquela moça chorava copiosamente", e os demais informaram o significado da unidade vinculando-o ao adjetivo 'dengoso' ou à 'ação de copiar', a saber, F2-H-ES: "Copioso aqui pra nós é... esse menino é muito dengoso; F1-H-EF - "Copioso é uma pessoa que copia as coisas dos outros; F1-M-EF: "Querer uma coisa igual, copiando, copiar de alguém"; F1-H-EM: "Quando eu faço alguma coisa e a outra vem e faz igual no sentido de copiar"; F1-M-EM: "Copioso eu acho que vem de copiar"; F1-H-ES: "o pessoal falava fulano é copioso demais, só de copiar"; F2-M-ES: "Copioso é de copiar, é a pessoa que imita, de imitar".

Quanto ao uso, dois informantes afirmaram que usam a unidade; quatro disseram não a usar; um informante apresentou indícios de que a usa esporadicamente (F1-M-EF - "De vez em quando sim eu falo"); e o outro de que ela é antiga e não a usa atualmente (F2-

H-ES: "mas é muito tempo atrás que a gente ouvia isso").

Todos os lexicógrafos pesquisados registram a unidade e a acepção investigada, exceto as acepções empregadas pelos informantes. Verifica-se nas obras de Freire, Ferreira e Houaiss a unidade 'cópia', no entanto com sentido de 'abundante'.

Constata-se, então, que a transformação semântica operada em *copioso*, unidade datada do século XV, conforme apresenta Houaiss, vislumbra indícios de inovação, e, de acordo com os critérios adotados neste trabalho, trata-se de um **neologismo semântico**.

ditoso (1); ditoza (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] tudo pode concorrer para hu=| ma **ditoza** guerra, que derramará o susto| e a incerteza no Governo do Paraguai" (53r-20 a 22 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 247, grifo nosso).
Acepção buscada	feliz, venturoso
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Ditoso acho que já. Não uso... vejo como uma pessoa autoritária, uma pessoa que dá as ordens que fala demais. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Eu já ouvi mas não estou lembrado.Acho que não uso. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Ditoso... ditoso também. Nesse sentido... fala demais... cheguei chegando. Não uso. F2-M-ES: Ditoso é aquela pessoa que tem o benefício de ditosa sorte, boa sorte talvez, feliz sorte. Eu já ouvi, só que não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** DITOSO. Venturoso. **Morais Silva (1813):** DITÓSO, adj. Venturoso, afortunado. **Vieira (1871-1874): DITÒSO,** adj. (De dito, com o suffixo <<ôso>>). Venturoso, feliz, prospero, que causa ou traz felicidade. **Freire (1957): DITOSO,** adj. feliz, venturoso. || 2. Próspero. **Ferreira (1975): Ditoso.** Que tem dita; feliz, venturoso. **Houaiss (2009): ditoso.** Datação: sXV. que tem boa dita; venturoso, feliz, afortunado.

A entrada *ditoso* encontra-se registrada pelos lexicógrafos estudados com o mesmo significado documentado no *corpus* escrito: 'feliz, venturoso'. Essa mesma acepção foi vislumbrada no contexto de fala de um único informante F2-M-ES, mas declarou não usar a unidade: "Ditoso é aquela pessoa que tem o benefício de ditosa sorte, boa sorte talvez, feliz sorte. Eu já ouvi, só que não uso". Três informantes reconheceram-na mas com acepção diferente ou não se lembravam do sentido e não a usam também: F1-H-ES; F2-H-EF; F2-H-

ES.

Considerando que *Ditoso* foi reconhecido por quatro informantes, mas todos disseram não a usar, e que apenas um deles conhece o mesmo sentido da acepção buscada, conjectura-se tratar-se de um caso de **tendência ao desuso** semântico-lexical**.**

excelso (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Este **excelso** General extinguio muitas das di=| vidas passivas da Real Fazenda" (64r-13 a 15 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 291, grifo nosso).
Acepção buscada	ilustre; sublime
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Excelso... já ouvi fala só que é nome de pessoa. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não, não sei o que é. Lá em SP tinha uma rádio que chamava excelso, mas eu não conheço. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Excelso... excelso no canto da igreja, mas excelso elevado, exclamar. Não uso... a gente nos cantos da igreja... que é exaltando Maria, Deus. F2-M-ES: Excelso é mais ou menos aqui pra nós como uma coisa quase excelente. Mas eu não sei. Eu não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** EXCELSO. Alto. Sublime. **Morais Silva (1813):** EXCÈLSO, adj. Alto. elevado, sublime. **Vieira (1871-1874): EXCELSO,** adj. Sublime, Alto. **Freire (1957): EXCELSO,** adj. Lat. *excelsus.*Alto, elevado. || 3. Magnificente, maravilhoso, portentoso. **Ferreira (1975): Excelso.** [Do lat. excelsu] 1. Alto, elevado; sublime. 2. Excelente, admirável. **Houaiss (2009): excelso.** Datação: sXV. 2 que se distingue por seu brilhantismo, por qualidades dignas de louvor; ilustre, egrégio. 3 que é admirável, excelente.

A unidade lexical *excelso* foi classificada por dois informantes (F1-H-EP, F2-H-EM) como 'nome', sendo nome de pessoa e nome de lugar, e as respostas deles sugerem que eles só ouviram-na, ou seja, não a usam. Somente dois informantes (F2-H-ES, F2-M-ES) respectivamente reconheceram *excelso* com o sentido da acepção em estudo, 'ilustre, sublime', a saber: "Excelso... excelso no canto da igreja, mas excelso elevado, exclamar. Não uso... a gente nos cantos da igreja... que é exaltando Maria, Deus"; "Excelso é mais ou menos aqui pra nós como uma coisa quase excelente. Mas eu não sei. Eu não uso". No entanto, declaram não usar a unidade, ou seja, só a ouviram. Os lexicógrafos registram a

entrada *excelso* com a mesma acepção em estudo.

Os dados analisados, então, apresentam indícios de que há t**endência ao desuso** da unidade lexical *excelso* na comunidade de Cáceres.

fastidioso (1); fastidiozo (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] e em qualquer destes| departamentos alguma fazenda que apare=| ce em maõ| particular, he carissima, e por| não ser **fastidiozo,** naõ faço huma enumera=| çaõ de cada huma" (69v-16 a 20 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 313, grifo nosso).
Acepção buscada	enfadonho, maçante
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Que é intendiante será? Não, a gente fala intendiante, está cansativa, mas não fastidiosa. Essa palavra nunca ouvi. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Minha avó falava... que minha avó era boliviana... assim que ela falava... uma coisa que ela não gostava ela falava assim. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Fastidioso é aquele que tem alguma coisa que tá ruim, que tá ... Eu uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** FASTIDIOSO. Fastidioso. Enfadonho, molesto. **Morais Silva (1813):** FASTIDIÒSO, adj. Que causa fastio; tedioso; molesto, enfadonho. **Vieira (1871-1874): FASTIDIOSO,** adj. Que causa fastio; enfadonho, importuno. **Freire (1957): FASTIDIOSO,** adj. Lat. *fastidiosus.* Que produz fastio ou tédio; enfadonho. || 2. Impertinente. **Ferreira (1975): Fastidioso.** [Do lat. fastidiosu.] 1. Que produz fastio; tedioso, enfadonho. **Houaiss (2009): fastidioso**. Datação: 1548. 1 que causa fastio; enfadonho, maçante

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *fastidioso* entre os dezesseis informantes da pesquisa, observa-se que treze deles não a reconheceram. O informante F1-M-EM reconheceu só a acepção buscada e apresentou duas variantes lexicais, a saber, "Que é intendiante será? Não, a gente fala intendiante, está cansativa, mas não fastidiosa. Essa palavra nunca ouvi". Os informantes F2-M-EF e F2-M-ES reconhecem a unidade e a acepção buscada. A diferença entre os dois, é que o primeiro emite indícios de que a unidade lexical e a acepção em estudo é de uso antigo, e não mais na atualidade, conforme ilustra o contexto de fala dele: "Minha avó falava... que minha avó era boliviana... assim que ela falava... uma coisa que ela não gostava ela falava assim". O informante F2-M-ES,

por sua vez, declara usar a unidade lexical: "Fastidioso é aquele que tem alguma coisa que tá ruim, que tá... Eu uso".

Todos os lexicógrafos registram a unidade e a acepção buscada 'enfadonho, maçante'.

Os dados apresentados sugerem que a unidade lexical *fastidioso* é um caso de **tendência ao desuso**, já que apenas dois informantes da faixa etária 2 reconheceram-na e a acepção buscada. O contexto de fala do único informante da faixa etária 1 que reconheceu a acepção buscada, insinua duas variantes concorrentes, 'intediante' (tédio) e 'cansativo'. A variante 'intediante' (tédio) encontra-se registrada nas obras de Morais Silva (tedioso); Freire (que produz fastio ou tédio); Ferreira (tedioso) como sinônimo de *fastidioso*.

inveterado (1); inveterados (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	Elles| com o certo risco de hum só homem nada empre=|hendem, sendo só a rapacidade, e a traiçaõ, quan=| to lhe inspiraõ os seus **inveterados** costumes (51r-9 a 12 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 239, grifo nosso).
Acepção buscada	antigo; arraigado
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Mais ou menos, já ouvi, mas não lembro do sentido. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** INVETERADO, se diz de um mal, de um achaque, de um peccado, de um mao costume arraigado. **Morais Silva (1813):** INVETERÁDO, adj. Envelhecido, mũi antigo. **Vieira (1871-1874): INVETERADO,** part. pass. de Inveterar. **Freire (1957): INVETERADO,** adj. Muito antigo. || 2. Radicado profundamente. **Ferreira (1975): Inveterado.** [Do lat. *inveteratu.*] 1. Muito antigo; de velha data. **Houaiss (2009): inveterado.** Datação: sXV. 1 bastante antigo; 3 que contém arraigado em si, por obra do tempo, determinada maneira de ser, determinado hábito (diz-se de pessoa).

Dos dezesseis entrevistados em Cáceres, apenas um (F2-H-EF) reconheceu ter ouvido unidade lexical *inveterado*, mas não se lembrou do sentido dela. Todos os lexicógrafos pesquisados registram-na com a acepção buscada 'antigo, arraigado'. Dessa forma, os dados em análise revelam que *inveterado* é um caso de **desuso semântico-lexical.**

lastimoso (2); lastimoza (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Sendo ainda mais **lastimoza** a urgentissima falta| de Artilharia, pois a que tem he pouca, e insigni=| ficante, e julgo que apenas chega, quanta há nes=| ta Capitania [...]" (37r-2 a 5 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 183, grifo nosso).
Acepção buscada	triste, lamentável
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Já ouvi fala, vi, mas não sei o que é. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Lastimoso é a pessoa que as pessoas elogiam. às vezes sim [uso]. Ah em coisas boas, perfeitas, aquela pessoa é lastimosa, certa. F1-H-EM: Já ouvi a palavra lástima. Não lembro direito em que sentido assim, mas me lembro de ter ouvido ela sim, já ouvi falar. F1-M-EM: Já ouvi bastante. Não uso. Em discussão, essa pessoa é muito... F1-H-ES: Lastimoso eu já ouvi mas não lembro o significado dela, usa eu não uso, eu já ouvi. F1-M-ES: Lastimoso eu já ouvi, de lástima, de tristeza, eu já ouvi assim como algo triste, uma lástima. Não uso. F2-H-EP: Lastimoso, não se os antigos eles fala certo, é quando estão lamentando uma coisa que perdeu, aconteceu. Não, é muito difícil. F2-M-EP: Pessoa que lastima. Eu uso, lastimar, chorar. F2-H-EF: Lastimoso vem de lástima. Quase não usa mais. Latismar não é a gente falar que a pessoa está elogiando a pessoa. F2-M-EF: Lastimoso a gente entende assim por uma coisa que ocê faz errado e depois fica lastimando, entendo assim. De primeiro a gente usava, agora não. F2-H-EM: Já ouvi essa palavra. Não, não uso. Eu acho que lastimoso é... quando a pessoa viu alguma coisa que não deu certo, o cara fala assim: mas que lástima. O fulano é uma lástima, triste. F2-M-EM: Lastimoso já. Não uso. Mais assim pra... lástima né... é vamos ver... lastimoso... não lembro pra quê. F2-H-ES: Lastimoso sim. Não uso, mas já ouvi muito né... lastimoso de lástima, de triste. F2-M-ES: Lastimoso é aquilo que você: nossa que triste, uma coisa triste, que pena. Esporadicamente uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** LASTIMOSO. Digno de compayxão. Cousa que faz lastima. **Morais Silva (1813):** LASTIMÒSO. Adj. Que causa lastima. LÁSTIMA. compaixão, pena, dor. **Vieira (1871-1874): LASTIMOSO, A,** adj. Que causa lastima. **Freire (1957): LASTIMOSO,** adj. De *lástima + oso.* Que causa dó, lástima; deplorável. || 2. Que se lastima; choroso. **Ferreira (1975): Lastimoso.** [De lástima + -oso.] 1. V. lamentável. 2. Próprio de quem se lastima; choroso, triste. **Houaiss (2009): lastimoso** *Datação:* 1706 **1** m.q. ***lastimável;*** **2** que se lastima, choroso; **3** que envolve lástima, lamentoso

Diante das respostas dos entrevistados, constata-se que dois informantes da faixa etária 1 (F1-H-EP; F1-H-EF) declararam não conhecer a unidade lexical *lastimoso.* Cinco informantes, sendo quatro da faixa etária 1 (F1-M-EP; F1-H-EM; F1-M-EM; F1-H-ES) e um da faixa etária dois (F2-M-EM) reconheceram-na, mas não souberam expressar o sentido dela. Dois informantes (F1-M-EF; F2-H-EF) reconheceram a unidade com o valor semântico de 'elogio', acepção diferente da buscada. No que concerne ao reconhecimento da acepção em estudo, 'triste, lamentável', oito informantes o fizeram, sendo um da faixa etária

1 (F1-M-ES), e sete da faixa etária 2 (F2-H-EP; F2-M-EP; F2-H-EF; F2-M-EF; F2-H-EM; F2-H-ES; F2-M-ES). Embora esses oito informantes tenham reconhecido o valor semântico-lexical de *lastimoso*, apenas um confirmou o uso; dois disseram não usar com frequência: "Não, é muito difícil"; "Esporadicamente uso"; e cinco declararam não usar.

Em todas as obras lexicográficas consultadas constam o registro da unidade e a acepção investigada.

Devido ao fato de os oito informantes, que reconheceram a unidade e a acepção buscada, serem a maior parte pertencente à faixa etária 2, e só um ter declarado usá-la, infere-se que *lastimoso* seja um caso de **tendência ao desuso.**

módico (3); modicas (2); modicos (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Pelo que, este General| comprou, e estabeleceo Fazendas de Gado para S*ua* Ma-| gestade, que lhe não tem deixado de serem uteis. Man=| dou fornecer os Armazaens com fazendas propri=| as para se darem aos Soldados em descontos dos| seus Soldos, no que a Real Fazenda, com **modicos**| lucros, supre as Tropas do necessario [...]" (65r-2 a 8 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p.193, grifo nosso, p. 295, grifo nosso).
Acepção buscada	modesto, de pouco valor
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Módico não. Já ouvi mas nem lembro o que que é.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** MÔDICO. Cousa pequena, & de pouca consideração. **Morais Silva (1813):** MÓDICO, adj. Pequeno, de pouco momento. **Vieira (1871-1874): MODICO, A,** adj. Que é de um valor moderado. - Pequeno, de pouco valor. **Freire (1957): MÓDICO,** adj. Lat. *modicus.* Exíguo, pequeno, insignificante. || 2. Modesto. **Ferreira (1975): Módico.** [Do lat. modicu.] 1. Exíguo, pequeno, reduzido, modesto. 3. Moderado, limitado, restrito. **Houaiss (2009): módico.** Datação: 1680. 1 que é pouco, escasso; cujo valor é baixo. 2 não exagerado; moderado, comedido, modesto.

Há registro em todas as obras lexicográficas pesquisadas da entrada *módico* com a mesma acepção buscada 'modesto, de pouco valor'. No entanto, em contexto de uso, a unidade lexical *módico* foi reconhecida por um único informante da faixa etária dois (F2-

M-ES), o qual declarou não se lembrar do sentido dela. Assim, devido a não ocorrência de *módico* com o sentido da acepção em estudo por quase 100% dos informantes cacerenses, supõe-se ser um caso de **desuso semântico-lexical.**

pingue (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Vantagens que naõ concorrem de forma| alguma nas outras duas Fronteiras; as| quaes se naõ podem communicar se naõ| pelo vasto centro da America Meridio=| nal, sem que dellas possaõ transportar| quantos efeitos der a mais **pingue** agricul=| tura [...]" (55r-11 a 17 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 255).
Acepção buscada	fértil, produtivo
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PINGUE. Gordo. **Morais Silva (1813):** PÍNGUE, adj. Gordo, grosso, fértil, abundante **Vieira (1871-1874): PINGUE,** adj. 2 gen. Gordo, fertil, abundante. - terra pingue; terra productiva, fertil. **Freire (1957): PINGUE,** adj. Lat. *pinguis.* Gordo. || 2. Produtivo, fértil, abundante. **Ferreira (1975): Pingue.** [Do lat. *pingue, 'gordo'*.] 2. Fértil, fecundo; produtivo; rendoso, lucrativo. **Houaiss (2009): pingue.** Datação: 1660. 2 que tem fertilidade; fecundo, produtivo. 3 que é abundante, farto.
Verifica-se que todos os lexicógrafos pesquisados trazem o registro da entrada *pingue* com o mesmo sentido da acepção em estudo 'fértil, produtivo'. No que diz respeito ao contexto de uso dessa unidade entre os dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecê-la, revelando, assim, um caso de **desuso semântico-lexical.**	

plácido (2); placida (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"[...] he hum ponto importante para fechar a| sua **placida** navegaçaõ delle para cima [...]" (14r-22 a 23 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 91, grifo nosso).
Acepção buscada	tranquilo, socegado
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece.

	F1-M-EF: Quando uma coisa é bastante claro quando está em dificuldade. Não uso só já ouvi. F1-H-EM: Já ouvi, mas não uso. Para mim é no sentido de transparência. F1-M-EM: Pracido, já ouvi, mas não lembro em que sentido usaram. F1-H-ES: Na verdade eu já vi no hino. No sentido de tranquilo. Não uso. F1-M-ES: Plácido também não conheço, só ouvi falar no hino nacional e um tio meu que se chamava Plácido. Dá para imaginar [o sentido] pelo hino, margem plácida. F2-H-EP: Lembro, mas não uso. F2-M-EP: Uhn do hino, tá certo. Não uso. F2-H-EF: Só lembro de um rapaz que tinha esse nome. Nome de pessoa. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Também não sei o significado, já vi como nome de pessoa que chamava Plácido. F2-M-EM: Pracido já ouvi e já li o hino. Não uso. Ouvi só no hino, mas as pessoas usando não. F2-H-ES: Plácido eu lembro do hino né. Não... não uso ela no dia a dia, muito difícil. F2-M-ES: Plácido é uma coisa clara, é uma coisa boa, grande, sei lá. Não uso, só quando canto o hino nacional.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PLÂCIDO. Quieto, socegado. **Morais Silva (1813):** PLÁCIDO, adj. Quieto, manso. **Vieira (1871-1874): PLACIDO,** adj. Quieto, socegado, manso. **Freire (1957): PLÁCIDO,** adj. Lat. *placidus.* Tranqüilo, sereno. || 2. Pacífico. **Ferreira (1975): Plácido.** [Do lat. *placidu.*] 1. Sereno, tranquilo. 3. Pacífico, brando. **Houaiss (2009): plácido** Datação: 1567. 1 em que há sossego, serenidade, tranquilidade. 3 que tem ou revela paz; pacífico.

Dos dezesseis informantes, quatro declararam não conhecer a unidade lexical *plácido* (F1-H-EP; F1-M-EP; F1-H-EF; F2-M-EF); e doze disseram que já a ouviu por intermédio do hino nacional brasileiro, como nome de pessoa ou só ouviu (F1-M-EF; F1-H-EM; F1-M-EM; F1-H-ES; F1-M-ES; F2-H-EP; F2-M-EP; F2-H-EF; F2-H-EM; F2-M-EM; F2-H-ES; F2-M-ES). Apesar de a maioria dos informantes reconhecer a unidade a partir do hino nacional, apenas um, F1-H-ES, informou a acepção em estudo e do contexto do hino 'tranquilo, socegado', a saber "Na verdade eu já vi no hino. No sentido de tranquilo". Além disso, é importante dizer ainda que três dos doze informantes associaram *plácido* com o valor semântico do 'que é claro': F1-M-EF - "Quando uma coisa é bastante claro quando está em dificuldade"; F1-H-EM - "Para mim é no sentido de transparência"; F2-M-ES - "Plácido é uma coisa clara, é uma coisa boa, grande, sei lá".

Plácido encontra-se registrada em todas as obras lexicográficas pesquisadas e com a acepção buscada. Quanto às acepções do 'que é claro' e 'nome de pessoa', não há registro em nenhuma das obras.

Considerando que os doze informantes conhecem a unidade mas não a usam e que entre as respostas deles há uma única ocorrência da acepção documentada no *corpus* escrito, supõe-se, por um lado, que *plácido* seja um caso de **tendência ao desuso** no contexto de uso dos informantes cacerenses. Por outro, infere-se a manutenção semântico-lexical da unidade, exclusivamente, no contexto de escrita do hino nacional brasileiro e no

contexto de oralidade em que o hino é cantado em atos solenes. Também mantém-se a forma *plácido* para nomear pessoas.

providente (2); providentes (2)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"E lançando as suas| **providentes** vistas sobre o Paraguai, quis fazer| hum Estabelecimento no Rio Ipane aonde| annos depois fundaraõ os Espanhoes Villa Re=| al [...]" (64r-19 a 23, ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 291, grifo nosso).
Acepção buscada	cauteloso, prudente
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: É a pessoa certa. Uso. F1-H-EM: Já ouvi, mas não uso. Dá sentido de seguro, ele é seguro nas ações dele. F1-M-EM: Já ouvi, mas não uso, mas não sei em que sentido ouvi. F1-H-ES: Se eu não me engano eu já vi essa palavra quando estava estudando, eu gosto muito de ler livros sobre leis. Não uso. F1-M-ES: Eu conheço mas não uso. No sentido de providenciar. F2-H-EP: Já ouvi [sentido de cauteloso] mas não uso. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Já ouvi falar. A gente usa não essa palavra mas a outra cauteloso. F2-M-EF: Não é que fala tomá uma providência? A gente sempre fala vamos tomar uma providência nisso, alguma coisa que vê que não tá certo, vamos cuidar. Não uso [providente], só providência. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Já ouvi. É mais providência... assim a pessoa é vamos dizer cauteloso. F2-H-ES: Providente é uma pessoa que está pronta, nossa você é tão providente. Não... não uso. F2-M-ES: É aquele que prevê alguma coisa que vai acontecer, providenciar alguma coisa que vai acontecer. Não uso.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PROVIDENTE. Que tem providencia. Avisado. Prudente. **Morais Silva (1813):** PROVIDÈNTE, adj. Que provè **Vieira (1871-1874): PROVIDENTE,** adj. 2. gen. (Do latim *providens*). Que provê. **Freire (1957): PROVIDENTE,** adj. Que provê. || 2. Providencial. || 3. Cuidadoso, prudente. **Ferreira (1975): Providente**. [Do lat. *providente.*] 2. Prudente, cauteloso, cuidadoso. **Houaiss (2009): providente**. Datação: a1580. 2 que é cauteloso; prudente, previdente. 3 relativo a providência; providencial.

A unidade lexical *providente* foi reconhecida por onze informantes (cinco da faixa etária 1 e seis da faixa 2) com vários sentidos: "pessoa certa"; "dá sentido de seguro, ele é seguro nas ações dele"; "no sentido de providenciar"; "providência"; "providente é uma pessoa que está pronta". Entre os onze informantes, apenas um afirmou usá-la.

As acepções registradas pelos lexicógrafos referem-se à mesma acepção em estudo 'cauteloso, prudente'. No que diz respeito às diferentes acepções apresentadas pelos informantes da pesquisa, somente Houaiss traz o registro de "relativo a providência".

Analisando o contexto de uso da unidade na fala dos cacerenses, constata-se que apesar de onze informantes reconhecerem-na, apenas um afirmou usá-la e com diferente

valor da acepção buscada. Nesse sentido, há indícios de que *providente*, no contexto de oralidade dos informantes da pesquisa, seja um caso de **tendência ao desuso.** Nota-se, também, que entre os informantes da faixa 2 há certa preferência pelas variantes, 'cauteloso, providência', a saber, F2-H-EP - "Já ouvi [sentido de cauteloso]; F2-H-EF - "A gente usa não essa palavra mas a outra cauteloso"; F2-M-EF - "Não uso [providente], só providência"; F2-M-EM - "É mais providência... assim a pessoa é vamos dizer cauteloso".

pusilânime (1); pussilanimes (1)	
Acepção da unidade lexical por meio de abonação	"Estes homens cazados fora do| seu Domicilio saõ na maior parte **pussi=| lanimes**, e maos servidores com a constante| lembrança na mulher, filhos, [...]" (58r-22 a 25 - ANDRADE; SANTIAGO-ALMEIDA; BARONAS, 2012, p. 267, grifo nosso).
Acepção buscada	covarde; indivíduo fraco de ânimo
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: Não conhece. F1-M-EP: Não conhece. F1-H-EF: Não conhece. F1-M-EF: Não conhece. F1-H-EM: Não conhece. F1-M-EM: Não conhece. F1-H-ES: Não conhece. F1-M-ES: Não conhece. F2-H-EP: Não conhece. F2-M-EP: Não conhece. F2-H-EF: Não conhece. F2-M-EF: Não conhece. F2-H-EM: Não conhece. F2-M-EM: Não conhece. F2-H-ES: Não conhece. F2-M-ES: Não conhece.
Acepções registradas no dicionário	**Bluteau (1712-1728):** PUSILLANIME. Homem pusillanime que não tem valor, nem resolução para cousa alguma. **Morais Silva (1813):** PUSILLÀNIME, adj. De pouco animo, de poucos espiritos **Vieira (1871-1874): PUSILLANIME,** adj. 2 gen. Que tem o espirito fraco e timido, que não tem coragem, fallando das pessoas. **Freire (1957): PUSILÂNIME, OU OU PUSILLANIME,** adj. Lat. *pusillanimis.* Que tem ânimo fraco; tímido, covarde. || 2. Que mostra farqueza de ânimo. **Ferreira (1975): Pusilânime.** [Do lat. *pusillanime. 'de alma pequenina'.*] 1. Fraco de ânimo; falta de energia. 3. Medroso, covarde, poltrão. **Houaiss (2009): pusilânime.** Datação: c1543. 2 diz-se de ou indivíduo fraco de ânimo, de energia, de firmeza, de decisão. 3 diz-se de ou indivíduo medroso, covarde, poltrão.

Dos dezesseis informantes, todos disseram não conhecer a unidade lexical *pusilânime.* No que diz respeito ao registro da unidade nas obras lexicográficas pesquisadas, todas as obras apresentam-na, inclusive com a mesma acepção buscada, 'covarde, indivíduo fraco de ânimo'.

Considerando que *pusilânime* não faz parte do acervo lexical dos informantes de Cáceres, presumi-se que seja um caso de **desuso semântico-lexical.**

Levando em conta a análise semântico-lexical apreendida acima, resumimos, no Quadro 7 a seguir, as realizações das trinta e nove unidades lexicais analisadas a partir das categorias e critérios mobilizados nesta tese.

Categorias	Critérios	Unidade lexical	Total
1 Manutenção		*Substantivo*	
1.1 Manutenção semântico-lexical	conhece a forma e acepção buscada	embaraço	01
1.2 Manutenção da forma e desuso semântico	conhece apenas a forma e usa-a com acepção diferente da buscada	alma corrupção cultura faculdade gastador padrasto rebate sítio	08
2 Tendência à manutenção	maior conhecimento da forma e|ou da acepção buscada entre os informantes da faixa etária 1	*Substantivo* fartura mantimento ordenado	03
3 Neologismo Semântico	conhece a forma e usa-a com significado distinto da acepção buscada	*Substantivo* carreira *Adjetivo* cômodo copioso	03
4 Tendência ao desuso	maior conhecimento da forma e|ou da acepção buscada entre os informantes da faixa etária 2; conhece a forma e|ou acepção em estudo mas não a usa.	*Substantivo* animosidade intento moléstia penúria *Adjetivo* altivo avultado ditoso excelso fastidioso lastimoso plácido providente	12
5 Desuso semântico-lexical	não conhece a forma e a acepção buscada	*Substantivo* Avidez Embuste Emolumento Rapacidade Rédito Viso *Adjetivo* Abjeto Cálido Inveterado Módico Pingue Pusilânime	12

Quadro 7 - Distribuição das unidades lexicais de acordo com o uso dos informantes

Diante dos dados apresentados acerca de cada categoria mobilizada, verifica-se que *embaraço* foi a única unidade lexical em que o contexto de uso da maioria dos falantes cacerenses apresenta indícios de que conhece a forma e acepção buscada, configurando como **manutenção semântico-lexical**. E isso ocorre com a atualização de sentido da unidade a partir da experiência de vida, cotidiano dos informantes, remetendo à 'complicação'.

Entre as oito unidades lexicais (*alma; corrupção; cultura; faculdade; gastador; padrasto; rebate; sítio*) categorizadas como **manutenção da forma e desuso semântico,** estão os casos em que a forma permanece no contexto de uso dos falantes, no entanto, com acepção diferente da buscada. A realidade semântico-lexical apresentada pelos informantes vem ao encontro da observação feita por Biderman (1998a, p. 11), quando diz que "os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência", ou seja, os falantes estão não só conservando como reorganizando esses dados de acordo com a necessidade e as mudanças sociais e culturais que os circundam nos dias atuais.

Nas unidades lexicais *fartura, mantimento e ordenado,* casos de **tendência à manutenção** semântico-lexical, vislumbramos, por um lado, que os falantes apontam as diferenças geracionais, o fator diacrônico, portanto, como aquele que os levam a conhecerem as unidades e a fazerem as associações semânticas evocadas pela sua memória linguística, sobretudo, atualizada constantemente devido ao uso comum das unidades entre pessoas mais velhas e próximas a eles, conforme demonstram os contextos de uso apresentados acima, e alguns reapresentados a seguir: F1-H-EP: "Fartura... já vi fala. Eu mesmo não chego usa não, minha vó fala fartura quando farta as coisa ela fala farta outra farta fartura, tá fartando as coisa ela fala"; F1-M-EM: "Acho que é alimento, os antigos falavam, mantimento que é alimento. Não uso, mas já ouvi vários, o pessoal antigo, meu tio do sítio direto fala"; F2-M-EP: "Eu conheço assim como pagamento. De primeiro as pessoas falavam: meu ordenado é tanto".

Por outro, os informantes apontam algumas variantes lexicais concorrentes às unidades *fartura, mantimento e ordenado,* evidenciando que o referente de cada uma delas ainda faz parte da prática sóciocultural da comunidade cacerense.

Outra categoria revelada nos dados diz respeito às unidades lexicais em que a forma continua no uso do informante cacerense porém com acepção diferente da empregada no manuscrito *Memoria* - **neologismo semântico**. No caso específico das unidades lexicais *carreira, cômodo* e *copioso,* ao receber um novo significado de uso dos informantes cujo registro nas obras lexicograficas pesquisadas só consta após a datação do *corpus* de língua

escrita, há indicação de tratar-se de um fato linguístico oriundo de processo neológico semântico.

Realizar estudo que vislumbre dados de natureza neológica lexical de um língua, é visto como importante por Alves (2007, p. 88) por permitir analisar a evolução da sociedade que se utiliza da língua em estudo, "pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade".

No que diz respeito às unidades classificadas como **tendência ao desuso,** temos dois critérios distintos utilizados para classificação de tal categoria. O primeio critério revela provável tendência das unidades *animosidade, intento, penúria, altivo, avultado, ditoso* e *fastidioso* entrarem em desuso devido à baixa frequência de uso da forma e|ou acepção buscada delas entre os informantes da faixa etária dois. O segundo, verifica-se o reconhecimento da forma e|ou acepção em estudo das unidades *moléstia, excelso, lastimoso, plácido, providente*, contudo, pela razão de a maioria dos informantes declarar o não uso da unidade, dizemos que as unidades também apresentam tendência ao desuso.

Os casos de **desuso semântico-lexical,** por sua vez, ocorreu entre as unidades *avidez; embuste; emolumento; rapacidade; rédito; viso; abjeto; cálido; inveterado; módico; pingue; pusilânime* devido ao não reconhecido da forma e acepção buscada pelos informantes da pesquisa.

Finalizamos o capítulo, assegurando que não é prioridade deste estudo enfatizar um sentido específico para cada unidade lexical analisada, ou de explicar e relembrar a "evolução da forma e/ou da acepção", mas o de evidenciar que o uso semântico-lexical da língua portuguesa resulta de um desenvolvimento passado que pode ser conservado e/ou inovado ao mesmo tempo no presente a partir da construção, deslocamento, avaliação e ressemantização realizada pelos falantes. Nesse sentido, corrobora a afirmação de Isquerdo:

> O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade. Nessa perspectiva, as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. (ISQUERDO, 2009, p. 43).

Dessa forma, o "léxico de uma língua não é, mas está" (HINTZE, 2010, p.58), ou seja, a análise permitiu vislumbrar o universo léxico como o lugar de equilíbrio dinâmico, a partir da conservação de parte do léxico oitocentista, o surgimento de variantes lexicais concorrentes e, o desaparecimento de unidades lexicais.

CONCLUSÃO

A pesquisa efetuada teve como objetivo principal realizar um estudo do léxico no município de Cáceres-MT, com base em uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico de unidades lexicais extraídas do manuscrito oitocentista *Memoria*, produzido no Brasil, no período colonial. A partir desse propósito o estudo diacrônico ocorreu com dois *corpora.*

O primeiro mobilizado na pesquisa foi o manuscrito *Memoria sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da Capitania de Mato Grosso,* e com ele a constituição do *corpus* de língua escrita composto por trinta e nove unidades lexicais - substantivos e adjetivos, que permitiram conhecer o conjunto lexical contextualizado no documento oitocentista e com isso efetuar uma reconstrução histórica e descrição do português escrito em Mato Grosso; compreender a história social da Capitania de Mato Grosso e do município de Cáceres, e aspectos que envolvem as condições de produção do documento; além de informações biográficas acerca de Ricardo Franco.

Com relação ao outro *corpus*, a pesquisa oral, buscamos na metodologia da Geolinguística, Projeto ALIB (2001), procedimentos para sistematizarmos e efetuarmos a pesquisa de campo com falantes do município de Cáceres, Mato Grosso. Realizada a pesquisa de campo por meio de aplicação de questionário semântico-lexical a dezesseis informantes cacerenses, e a transcrição grafemática das respostas, constituiu-se o *corpus* de língua oral. Essa etapa da pesquisa possibilitou o registro e o conhecimento científico pela língua portuguesa da comunidade linguística em estudo, no caso deste trabalho, o da comunidade cacerense, juntamente com seus saberes culturais, sociais, históricos; bem como a oportunidade de interação e contato com a comunidade cacerense, compreendida não como mero informante da pesquisa, mas sim aquele que se utiliza da língua nas suas diversas atividades de trabalho, lazer, etc., colocando-a em funcionamento, e, sobretudo, como parte de grande importância para o conhecimento do desenvolvimento e estado de uma língua.

Constituídos os *corpora,* procedemos com a sua análise semântico-lexical com o auxílio lexicográfico abrangendo dicionários gerais de língua portuguesa dos séculos XVIII ao XXI. Nos dicionários consultados, foi possível identificar algumas informações como variantes, abonações, usos e acepções, dentre outras, que contribuíram para que pudéssemos delinear, no limite dos dados aqui descritos, os movimentos de manutenção, desuso e inovação na região oeste de Mato Grosso.

Levando em conta a análise semântico-lexical efetuada em torno de trinta e nove unidades lexicais, sistematizamos a quantidade percentual das categorias mobilizadas no gráfico que segue:

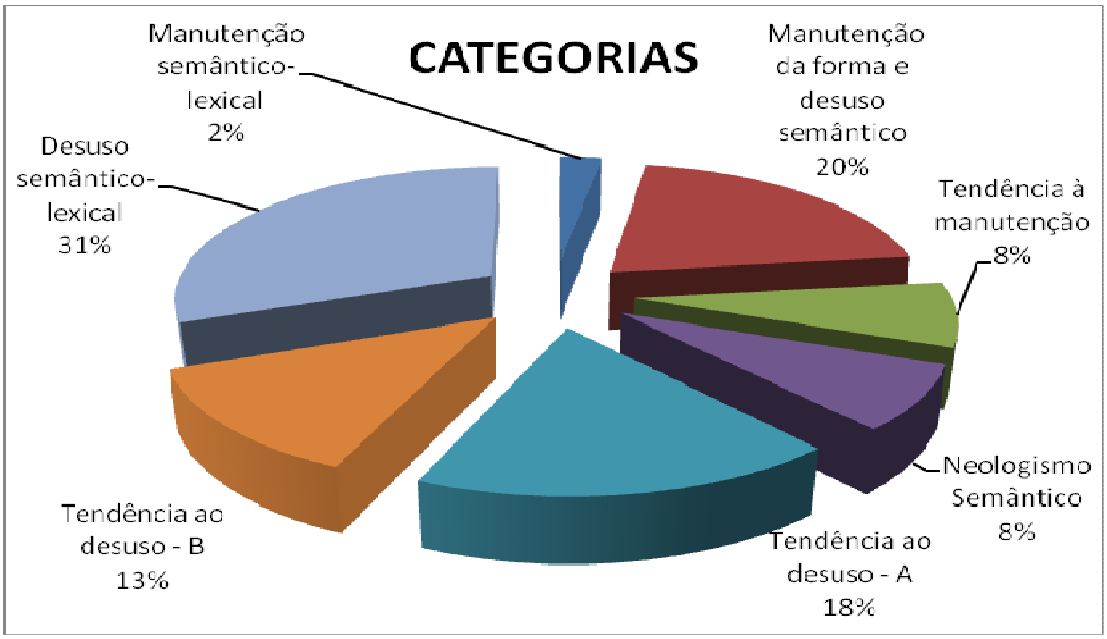

Gráfico 1 - Distribuição percentual das categorias mobilizadas

Nota-se que a categoria **tendência ao desuso** foi dividida em A e B no Gráfico 1, e está de acordo com os dois critérios selecionados como parâmetro para a classificação das unidades nessa categoria, a saber, **tendência ao desuso A -** devido à baixa frequência de uso da forma e/ou acepção buscada delas entre os informantes da faixa etária dois; **tendência ao desuso B -** reconhecimento da forma e/ou acepção em estudo da unidade, contudo a maioria dos informantes declara o não uso dela. Tal divisão ocorreu, neste momento, por compreendermos que as unidades que se encontram classificadas como **tendência ao desuso B,** apesar de terem perspectivas para entrarem em desuso, ainda se mantêm no cotididiano linguístico do cacerense, portanto, serão contabilizadas junto às unidades que remetem à manutenção.

O Gráfico 1 demonstra, então, que, entre as categorias mobilizadas que remetem ao desuso, considerando 31% de desuso semântico-lexical + 18% de tendência ao desuso A, totaliza 49%. Com relação às categorias e subcategorias que remetem à manutenção, 2% de manutenção semântico-lexical + 20% de manutenção da forma e desuso semântico + 8% de tendência à manutenção + 8% de neologismo semântico + 13% de tendência ao desuso B, totaliza 51% .

Diante da percentagem acerca das categorias mobilizadas, apesar de haver mais de dois séculos de diferença entre os *corpora* deste estudo, o nível linguístico *léxico* continua de conhecimento e uso do cacerense, o que nos permite dizer que o documento pode ser compreendido na atualidade por um cacerense; ou seja, há ecos da língua escrita no período oitocentista na variedade portuguesa falada em Cáceres.

Corroboram essa afirmação dois fatos já apresentados na tese. O primeiro deles é o cotejo e a seleção no manuscrito *Memoria* à pesquisa de campo realizada em que em um universo de 9053 substantivos e adjetivos extraídos do *corpus* de língua escrita, apenas quarenta e seis foram selecionadas, partindo do princípio de que não eram de uso comum com o uso atual, e, hipoteticamente, estariam em desuso, por se desconhecer a forma e/ou a acepção empregada no manuscrito; e ao submeter as quarenta e seis unidades em duas contraprovas, conforme relatado no Capítulo 2, sete delas permanecem em uso. Dessa forma, o método proposto conduziu a pesquisa com trinta e nove unidades lexicais que estavam hipoteticamente em desuso, porém foi revelado que 51% delas ainda mantêm-se em uso.

O segundo fato diz respeito ao número pequeno de casos em que a unidade lexical em análise não se encontra registrada nas obras lexicográficas escolhidas como fonte de consulta neste trabalho, a saber: *avidez* (obras de Bluteau e Morais Silva); *rédito* (obra de Vieira); *abjeto* (obra de Bluteau); *avultado* (obra de Bluteau).

Assim, a análise semântico-lexical e os fatos arrolados confirmam a nossa hipótese inicial de que na realidade linguística do informante cacerense encontram-se unidades que já integravam o léxico geral da língua portuguesa oitocentista, ou seja, há uma memória semântico-lexical que permanece no sistema lexical, provavelmente, devido às condições sócioculturais principalmente em regiões interioranas.

Conforme dados apresentados por Mendes (2009) e explicitados na seção 1.5 do Capítulo 1, até 1970, dos 86.552 habitantes de Cáceres, 69.421 deles residiam na zona rural. E ao comporarmos com o censo apresentado pelo IBGE (2010), de que o município de Cáceres possui 87.942 habitantes, sendo 11.374 residentes na zona rural e 76.568 na urbana, verifica-se que o município vivenciou entre os seus 237 anos, a contar da data de sua criação oficial - 1778, pelo menos 192 anos de predomínio da população na área rural.

Dessa forma, evidenciamos a estreita relação entre o léxico presente no contexto de uso dos cacerenses com os aspectos sociais e históricos do município de Cáceres, sobretudo, no que diz respeito ao retardamento do "patriarcalismo urbano" (CUNHA, 1986), bem como do Estado de Mato Grosso, conforme apresentado pelo IBGE (2000) que traz a distribuição da população desse Estado nos Censos Demográficos de 1950 / 2000. Tais fatores, então, são

favoráveis à recorrência do léxico oitocentista no contexto de fala do cacerense, conforme resultados alicerçados em observações tratadas e comprovadas cientificamente nesta tese.

Com este resultado, todavia, não estamos negando a dinâmica léxica do português contemporâneo, sobretudo afirmando que o sistema lexical esteja inerte, não precisou alterar, acompanhar as transformações políticas, econômicas e sociais de uma sociedade, para desempenhar um papel essencial na comunicação de qualquer indivíduo. Na verdade, concebemos a manutenção também como um processo inerente à língua e não uma ameaça à sua continuidade.

O presente estudo contribuiu para a constatação não só da memória linguística preservada do português oitocentista, no acervo lexical do cacerense, como também, por extensão, dos usos lexicais que refletem o dinamismo que é inerente ao léxico da língua portuguesa no Brasil, sobretudo na reutilização de unidades lexicais com inserção e extensão de significados, demonstrando o caráter polissêmico da língua que caracteriza o enriquecimento do léxico e a condição essencial da sua existência (ULLMANN, 1964-1973). Dessa forma, observar a polissemia enriqueceu a descrição e ofereceu mais dados para compreender a circulação, evolução do léxico da língua portuguesa falada no município de Cáceres-MT.

Os resultados obtidos revelam-se, assim, no caso das unidades classificadas como "manutenção da forma e desuso semântico" e "neologismo semântico", a criatividade lexical como sinal evidente da vitalidade da língua, contribuindo à ampliação e|ou à renovação do léxico para atender às inovações do mundo, isto é, à evolução e necessidade da comunidade, consequentemente evolui também seu sistema linguístico.

Vejamos, a partir de Biderman (1998b) que

> [...] seja qual for o momento histórico em que focalizarmos o idioma, a língua evidencia-se sempre como uma herança de épocas anteriores. [...] estamos diante de um paradoxo. De um lado, parece que o falante tem total liberdade de escolha do signo lingüístico, podendo categorizar e recategorizar os dados da realidade livremente, embora use modelos de categorização prontos que a educação lingüística introjetou em sua mente. De outro lado, o vocabulário da língua manifesta-se como um acervo cultural – um produto herdado das gerações precedentes. (BIDERMAN, 1998b, p. 106).

Há de se reconhecer, então, a constante expansão do léxico realizada pelos usuários da língua, porém em um processo concomitante de conservação e inovação, convivendo de forma harmoniosa no uso da língua, sem impedir a eficácia da comunicação. Dito de outro modo, as informações traçam o panorama linguístico atual do município de Cáceres, evidenciando um certo equilíbrio entre a manutenção do léxico oitocentista sem deixar de lado a inovação e o mecanismo polissêmico constitutivo do léxico.

Por tudo isso, com os resultados alcançados e apresentados no presente estudo, pretendemos fazer avançar qualitativamente as pesquisas realizadas na região oeste mato-grossense que têm o português diacrônico como objeto de estudo, sobretudo, no que diz respeito ao nível linguístico *léxico* na perspectiva da lexicologia e lexicografia*;* em especial com projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na Universidade do Estado de Mato Grosso; orientação de trabalhos científicos; e filiação ao Programa de Mestrado Acadêmico em Linguística dessa instituição, com proposta de linha de pesquisa que eleja o estudo do léxico em seus aspectos morfológicos e semânticos.

Ademais, junto aos cursos de Letras de graduação, busca-se contribuir para a formação do professor de português, por meio de análise do tratamento dado ao ensino-aprendizagem do léxico e de proposta de metodologias de abordagem do léxico na escola, por meio de dicionários escolares e livros didáticos de língua portuguesa de ensino fundamental e médio. Com isso, evidenciar a importância de abordar o estudo do léxico em aulas de língua portuguesa, de modo a possibilitar ao aluno o domínio linguístico e o aprimoramento da criticidade na leitura e na escrita.

Encerra-se, por hora, metaforizando as nossas reflexões à esteira de Manoel de Barros (2008, p. 77), citado na epígrafe, de que "Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas. As palavras continuam com seus deslimites" e, com isso, oportuniza-nos mobilizarmos dados importantes para a constituição histórica do português na sociedade mato-grossense, e, por extensão, no Brasil.

REFERÊNCIAS[45]

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil.** Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005.

ALVES, Ieda Maria. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, Margarida. **A delimitação de unidades lexicais.** Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 69-80.

_____. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filológicas da língua portuguesa. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro.** 2002, p. 203-221.

_____. **Neologismo:** criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Aspectos da neologia lexical do português brasileiro contemporâneo. In: BERLINCK, R. A; HATTNHER, M. M. A; IAGALLO, P. O. (orgs.). **Estudos linguísticos: níveis de análise.** Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 33-55.

AMARAL, Amadeu do. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1955. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7381>. Acesso em: 3 mar. 2013.

ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser. **Plano de guerra da Capitania de Matto Grosso**: janeiro de 1800. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização. (**Tradução: Eni Puccinelli Orlandi). 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do Português Colonial:** aspectos linguísticos em cartas de comércio. 1999. 484 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Recorde, 1998.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática do português**. 37. ed. rev. e ampl. 16. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

[45] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria lingüística:** lingüística quantitativa e computacional. Rio de janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. (Org.). **Alfa**. **Revista de Linguística. Lexicologia e lexicografia**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 28 (Suplemento), 1984.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998a, p. 11-20.

_____. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998b. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: out. 2015.

_____. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). **A delimitação de unidades lexicais.** Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 81-97.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquiteturas, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Edufms, 2001. p.131-144.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüisticas em Cáceres-MT:** efeitos do processo migratório. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario português & latino:** aulico, anatomico, architectonicco... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguistica no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Decreto n. 94.445, de 12 de junho de 1987. Dispõe sobre a instituição como Patrono do Quadro de Engenheiros Militares o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/1985-1987/D94445.htm. Acesso em: 25 out. 2013.

BRASIL. Decreto n. 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica:** ciência das significações. Tradução de Aída Ferras et.al. São Paulo: Pontes|Educ, 1992.

CABRÉ, M. T. **La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones.** Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** 47 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHAVES, Otávio Ribeiro. Império português: o marco de Jauru e a povoação fronteiriça de Vila Maria do Paraguai, século XVIII. In: _____; ARRUDA, Elmar Figueiredo de. **História e Memória Cáceres.** Editora Unemat, 2011. p. 11-35.

_____; ARRUDA, Elmar Figueiredo de. **História e Memória Cáceres**. Editora Unemat, 2011.

CARDOSO, Suzana A. M. **Dialetologia:** trilhas seguidas, caminhos a perseguir. DELTA, vol. 17, 2001, p. 25-44.

_____. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa**. Lisboa: Novo Horizonte, 1986.

CHAVES, Otávio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo de (orgs.). **História e memória de Cáceres**. Cáceres - MT: UNEMAT, 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. Atlas Linguístico do Brasil. Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

CORRÊA FILHO, Vergílio. Ricardo Franco de Almeida Serra. **Revista trimestral do Instituo Histórico e Geográfico Brasileiro.** volume 243, abril-junho, 1959. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, 1959. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1959volume0243c.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2014.

COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente:** o pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

COSTA e SILVA, Paulo Pitaluga; FREITAS, Moacyr. **Quadros históricos de Mato Grosso:** período colonial. Cuiabá: [s.n.], 2000.

CUNHA, Celso Ferreira da. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda** 5. p. 199-230, 1986. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/CELSOCUNHA.pdf>. Acesso em: set. 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal:** variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso . Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. Edição revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1995.

FÁVERO, Leonor Lopes. **As concepções lingüísticas no século XVIII -** a gramática portuguesa. Campinas: UNICAMP, 1996.

FEIJO, João de Moraes Madureira. **Orthographia, ou Arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza**. Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734. Disponível em: <http://purl.pt/13>. Acesso em: out. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Carlota. ; CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FONSECA, Pedro José da. **Rudimentos da grammatica portugueza, cómmodos á instrucção da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons autores.** Lisboa: Oficcina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957. 5 vol.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GONÇALVES, Maria Filomena. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII:** para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/>. Acesso em: nov. 2013.

_____. **As ideias ortográficas em Portugal:** de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GONÇALVES VIANA, A. R. **Ortografia Nacional:** Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger. Contribuições das pesquisas diacrônicas para os estudos do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. V. 5. Campo Grande, MS, 2010, p. 49-62.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O extremo oeste**. São Paulo: Ed. Brasiliense e Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA 2000. Sinopse preliminar do censo demográfico 2000. Volume 7. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/sinopse_preliminar/Censo2000sinopse.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2014.

_____2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ISQUERDO, A. N. De Nascente ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolingüísticas no Brasil. In: **Anais do II Encontro Nacional do GELCO**: integração, lingüística, ética e social. Goiânia-GO, 2004, p. 390-398.

_____. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa.; COSTA, Sônia Bastos Borba.; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). **Dos sons às palavras:** nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: Edufba, 2009. p. 42-59.

KRIEGER, M. da G. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. **Ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 161-176.

LEI SOBRE OS ESTILOS DE FALAR E ESCREVER. S. L.: s. n. , depois de 16 de Setembro de 1597. [2] f. Cota do exemplar digitalizado: res-2312-v. Disponível em: <http://purl.pt/15187/4/res-2312-v_PDF/res-2312-v_PDF_24-C-R0150/res-2312-v_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf >. Acesso em: 2 jun. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. (Tradução: Freda Indursky). 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. (Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-Silva e Décio Rocha). São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Gênese dos discursos.** (Tradução: Sírio Possenti). Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____.A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A R; SALGADO, L. **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008 b. p. 11-29.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. (Tradução: Sírio Possenti; Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz). São Paulo: Contexto, 2008c. p. 69-92.

MARQUILHAS, Rita. **Norma gráfica setecentista:** do autógrafo ao impresso, Lisboa: INIC – CLUL, 1991.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da lingüística histórica –** ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Estevão de. **Datas mato-grossenses**. v 2. Nichteroi: Escola Typ. Salesiana, 1919.

MENDES, Natalino Ferreira. **Cáceres:** origem, evolução e presença da força armada. Cuiabá, Diário Oficial- suplemento de cultura, 1992.

_____. **História de Cáceres:** história da administração municipal. 2. ed. revisão e atualização pelo autor. Cáceres, MT: editora UNEMAT, 2009.

MONTE, Vanessa Martins do. **Correspondências paulistas:** as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775) 2013. 653 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MORAIS SILVA, Antonio de. **Diccionario da lingua portugueza**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: < http: //www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/2>.

MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima de. **Vila Maria do Paraguai:** um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste 1778 - 1801. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003. Disponível em: <http: //www.ppghis.com/dissertacao_lista.php>.

MOREL PINTO, Rolando. **História da Língua Portuguesa**. IV. Século XVIII. São Paulo: Ática, 1988.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958-1961.

OESTERREICHER, Wulf. Progressos recentes no campo da linguística diacrônica de - A historicidade da linguagem: idiomas, variedades e tradições discursivas no marco de uma semiótica social. In: SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; LIMA FERNANDES, Maria Célia. **História do português paulista: modelos e análises.** Campinas, SP: UNICAMP|Publicações: IEL, 2012. p. 73-88. (Série Estudos; vol. 3).

POTTIER, Bernard. **Linguistique Générale**: théorie et description. Paris: Klincksiek, 1874.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, 1839 a 2001. Disponível em: <http: //www.ihgb.org.br/rihgb.php>.

SABLAYROLLES, Jean-François. Le sentiment néologique : une compétence qui s’acquiert et s’affine. In: AlVES, Ieda Maria et al (orgs.). **Os estudos lexicais em diferentes**

perspectivas. São Paulo: FFLCH|USP, 2013, p. 6-20. Disponível em: <http: //www.usp.br/gmhp/publ/VICOLOQUIO.pdf>.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana:** traços de língua antiga preservados no Brasil. 2000. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

_____. Memória fonológica do português no Brasil Colônia**.** **Revista Ecos**. edição n. 003. junho 2005. p. 89-97.

_____. Fontes manuscritas e impressas: reflexos da nossa base cultural e linguística. In: DIAS, Marieta Prata de Lima (org.). **Língua e literatura:** discurso pedagógico. São Paulo: Ensino Profissional, 2007. p. 131-140.

_____. **Vogais do falar ribeirinho cuiabano.** São Paulo, 2009. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2009.

_____. Sobre o Falar Cuiabano e o Dialeto Caipira. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística:** uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 272-286.

_____. Desde antes do português brasileiro. **Revista de Letras Norte@mentos Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, p. 16-30, jul.|dez. 2013. p. 16-30.

SANTOS, I. P. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, V. de A; MILANI, G. A; MOTA, J. A. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil -** ALIB. Salvador: ILUFBA: EDUFBAA, 2003. p. 125-137.

_____. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüístico regionais brasileiros. In: CUNHA, C. de S. (org.). **Estudos sócio-geolinguísticos.** Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. 2006. p. 83-97.

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. **Memoria:** sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da capitania de Matto Grosso. Janeiro de 1800.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

_____. A contribuição de Mato Grosso na constituição da nacionalidade brasileira. Revista **Instituto Geográfico e Histórico de Mato Grosso.** Cuiabá, vol 58. 2000, p. 9-32. Disponível em: <http:||www.ihgmt.org.br|revistas|REVISTA%2053.pdf>.

_____. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1997.

SPINA, Segismundo (Org.). **História da língua portuguesa**.Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. (Tradução: J. A. Osório Mateus). Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973.

VASCONCELOS, Celciane Alves. **Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranaguá**. 2013. 409 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa.** Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1873. 5. vol.

ZATTAR, Neuza Benedita da Silva. **Do IESC à UNEMAT:** uma história plural. 1978-2008. Cáceres: editora Unemat, 2008.

Termo de Fundação de Vila Maria. Documentos Avulsos sobre Mato Grosso. Caixa18, n. 1162. Microficha 273 NDIHR/UFMT.

Páginas consultadas:

http://bndigital.bn.br/acervo-digital

http: //people.ufpr.br/~lgeraldo/mapas.html

https: //twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome

http: //www.jornalcorreiocacerense.com.br/

http: //www.jornaloeste.com.br

ANEXO

ANEXO A - Ficha do Informante

<table>
<tr><td colspan="4">DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</td></tr>
<tr><td colspan="2">1. NOME:</td><td colspan="2">2. ALCUNHA:</td></tr>
<tr><td colspan="2">3. DATA DE NASCIMENTO:</td><td>4. SEXO:
( ) M ( ) F</td><td>5. IDADE:</td></tr>
<tr><td colspan="4">6. ENDEREÇO:</td></tr>
<tr><td colspan="4">7. ESTADO CIVIL: ( ) solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outro</td></tr>
<tr><td colspan="2">8. NATURALIDADE:</td><td colspan="2">9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DE CÁCERES):</td></tr>
<tr><td colspan="2">10. ESCOLARIDADE:</td><td colspan="2">11. OUTROS CURSOS:
( ) especialização ( ) profissionalizante ( ) outros</td></tr>
<tr><td colspan="2" rowspan="2">12. NATURALIDADE:
a. da mãe:
b. do pai:
c. do cônjuge:</td><td colspan="2">13. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?
( ) sim ( ) não</td></tr>
<tr><td colspan="2">14. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?
NATURALIDADE: a. da mãe adotiva:
b. do pai adotivo:</td></tr>
<tr><td colspan="4">15. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO:</td></tr>
<tr><td colspan="2">16. OUTRAS PROFISSÕES|OCUPAÇÕES:</td><td colspan="2">17. PROFISSÃO:
a. do pai:
b. da mãe:
c. do cônjuge:</td></tr>
</table>

Data da entrevista: **Duração:**

APÊNDICE

APÊNDICE A - Lista completa de formas extraídas do manuscrito *Memoria* por meio do Programa de Estatística Textual "Léxico 3".

216[46]	2070[47]	e[48]
1157	1775	de
802	957	a
773	3543	que
542	2037	do
457	3115	o
339	1753	da
317	3188	os
316	3722	se
313	3215	para
265	2094	em
254	1220	as
247	1499	com
244	3355	por
181	3029	naõ
177	2881	mais
[49]173	824	Rio
159	3026	na
158	707	Paraguai
157	2829	legoas
157	3087	no

127	2054	dos
125	1772	das
119	2621	huma
113	945	Villa
105	2620	hum
101	2215	esta
98	403	Espanhoes
98	3849	sua
92	1239	ate
88	1525	como
88	3265	pela
86	2606	he
85	3930	tem
84	260	Capitania
83	2914	margem
77	3850	suas
76	3268	pelo
72	2878	maior
72	3785	seus
71	3811	só
70	497	Guaporé
70	1071	ainda
69	607	Matto
69	3047	navegaçaõ
67	2563	grande
67	2842	lhe
66	491	Grosso
64	296	Coimbra
63	222	Bella
62	1918	deste

62	2247	estes
61	790	Provincia
61	3190	ou
60	826	Rios
60	3719	saõ
59	144	A
59	2588	guerra
57	2240	este
56	3228	parte
54	3329	pode
51	881	Sul
50	842	Saõ
50	2951	mesmo
50	3700	s
49	454	Forte
47	1158	ao
47	3195	outros
46	289	Cidade
46	3331	podem
45	762	Portuguezes
45	3269	pelos
44	2875	lugar
43	2055	dous
42	857	Serras
42	2510	fronteira
42	3091	nos
42	3938	tempo
41	3751	sendo
40	1912	desta
40	2876	lugares

40	3525	qual
40	3766	ser
39	645	Moxos
38	1145	annos
38	2723	inimigo
38	3815	sobre
37	529	Indios
37	624	Miranda
37	2057	duas
37	2916	mas
37	3924	taõ
36	840	Santa
35	337	Cuiabá
35	584	Mamoré
35	1425	centro
35	1919	destes
35	1960	dias
35	2158	entre
35	3745	sem
35	3784	seu
34	2826	latitude
34	3978	todo
33	2473	forças
33	3979	todos
33	4020	tres
32	485	Governo
32	782	Principe
32	2564	grandes
32	2948	mesma
32	2957	mil

[46] A primeira coluna indica a frequência da forma no texto.
[47] A segunda coluna diz respeito ao número total da forma.
[48] A terceira coluna apresenta a Forma.
[49] O destaque feito em sombreamento indica que a forma é um substantivo ou um adjetivo.

32	3034	nas
32	3524	quaes
31	621	Minas
31	2237	estas
31	3010	muitos
31	3193	outras
30	677	O
30	693	Oriental
30	1160	aos
30	3541	quatro
29	1015	acima
29	3385	pouco
29	3959	terra
28	287	Chiquitos
28	577	Madeira
28	1376	cada
28	2323	extensaõ
28	2396	fazer
27	159	Albuquerque
27	378	E
27	923	Tropas
27	3750	sempre
26	1231	assim
26	1883	desde
25	335	Cruz
25	672	Norte
25	696	Os
25	2808	lado
25	3529	quando
25	3977	todas
24	2391	faz
24	2477	forma
24	2549	geral
24	2633	igualmente
24	3008	muitas
24	3340	pois
24	3961	terreno
23	256	Canoas
23	778	Prezidio

23	2646	importante
23	3962	terrenos
22	628	Missaõ
22	1144	anno
22	1348	boca
22	2423	fica
22	2915	margens
22	3730	segundo
21	158	Aires
21	237	Buenos
21	678	Occidental
21	1393	campos
21	1916	destas
21	2008	distante
21	2369	falta
21	2611	homens
21	2796	já
21	2866	logo
21	3349	populaçaõ
21	3921	tanto
21	3940	tendo
21	4162	vinte
20	412	Estabelecimentos
20	767	Povoaçaõ
20	1935	deve
20	2435	fim
20	2498	foz
20	3192	outra
19	409	Esta
19	461	Fronteira
19	516	Iaurû
19	805	Real
19	958	á
19	3387	poucos
19	3976	toda
19	4036	tudo
18	259	Capital
18	960	abaixo

18	1084	alguns
18	1389	caminho
18	1904	despezas
18	1943	dez
18	2015	dita
18	2093	elles
18	2216	está
18	2843	lhes
18	2943	menos
18	3072	nem
18	3077	nesta
18	3370	posse
18	3740	seis
17	192	Artilharia
17	304	Comercio
17	633	Mondego
17	702	Paiz
17	742	Poente
17	855	Serra
17	891	Taquari
17	1079	alem
17	1104	alto
17	1190	aquella
17	1341	bem
17	3698	rumo
17	3960	terras
16	219	Baures
16	280	Cazal
16	437	Fazenda
16	505	Guerra
16	651	Naçaõ
16	1064	agoas
16	1465	cima
16	2337	extrema
16	2929	meio
16	3090	nome
16	3191	ouro
16	3280	pequeno
16	4080	valor

16	4198	º
15	336	Cuiaba
15	371	Dominio
15	405	Espanhola
15	630	Missoens
15	937	Vasco
15	1108	ambas
15	1798	defensiva
15	2090	ella
15	2196	espaço
15	2904	mantimentos
15	2921	me
15	3009	muito
15	3169	opposta
15	3267	pelas
15	3769	serem
15	3796	sinco
14	475	General
14	760	Portugueza
14	1194	aquelle
14	1821	delle
14	2009	distantes
14	2091	ellas
14	2480	formaõ
14	2647	importantes
14	3194	outro
14	3324	plano
14	3333	podendo
14	3532	quanto
14	3918	talvez
13	196	As
13	221	Beira
13	542	Itonamas
13	719	Paulo
13	759	Portuguez
13	1195	aquelles
13	1350	bocas
13	1903	despeza
13	2006	distancia

13	2017	dito
13	2230	estado
13	2395	fazendo
13	2425	ficaõ
13	2534	fundo
13	2793	isto
13	2860	linha
13	3053	navegaõ
13	3079	neste
13	3146	offensiva
13	3368	possa
13	3535	quarenta
13	3548	quem
13	3573	razaõ
13	3742	seja
13	3782	sete
13	3886	superior
12	261	Capitanias
12	418	Este
12	791	Provincias
12	1068	agricultura
12	1082	alguma
12	1162	apenas
12	1423	centos
12	1599	confluencia
12	1936	devem
12	2150	entra
12	2232	estaõ
12	2253	estrada
12	2392	fazem
12	2625	huns
12	2956	mezes
12	3070	nelle
12	3109	numero
12	3283	perda
12	3528	qualquer
12	3542	quazi
12	4143	vezes
11	252	Campos

11	404	Espanhol
11	429	Excellentissimo
11	609	Mattos
11	629	Misso
11	640	Morro
11	658	Nascente
11	705	Pará
11	749	Porem
11	779	Prezidios
11	942	Verde
11	1063	agoa
11	1097	almas
11	1193	aquellas
11	1360	braços
11	1364	breve
11	1626	consequencia
11	1860	desagoa
11	1938	devendo
11	2288	existe
11	2394	fazendas
11	2461	foi
11	2547	generos
11	2592	há
11	2598	habitantes
11	2691	indispensavel
11	2821	largos
11	2952	mesmos
11	3107	novos
11	3224	parece
11	3369	possaõ
11	3691	risco
11	3919	tambem
11	3945	ter
11	4037	ultima
10	162	Alegre
10	243	Cachoeiras

10	356	Destacamentos
10	385	Em
10	518	Igatimy
10	564	Leste
10	710	Paraná
10	772	Praça
10	851	Senhor
10	1159	aonde
10	1221	ás
10	1228	assaz
10	1477	circunstancias
10	1519	communicaçaõ
10	1763	daõ
10	1766	daquelle
10	1792	defender
10	1822	delles
10	2470	força
10	2872	longitude
10	2879	maiores
10	3052	navegando
10	3068	nella
10	3240	passar
10	3449	primeira
10	3663	respeito
10	3733	segurança
10	3787	si
10	3996	total
10	4030	trinta
9	227	Borbon
9	236	Brazil
9	308	Commercio
9	411	Estabelecimento
9	481	Goiaz
9	544	Janeiro

9	582	Magestade
9	605	Mattaria
9	679	Occidente
9	724	Pedras
9	729	Pelo
9	748	Por
9	841	Santo
9	873	Soldados
9	878	Sua
9	949	Vossa
9	1281	austral
9	1316	baixo
9	1420	cem
9	1450	chega
9	1488	cobre
9	1729	cuja
9	1736	cultura
9	1764	daquella
9	1765	daquellas
9	1802	defensores
9	1819	della
9	1820	dellas
9	1964	differença
9	2004	dista
9	2092	elle
9	2151	entrada
9	2322	extensa
9	2437	finalmente
9	2488	fortes
9	2806	la
9	2909	marcha
9	3059	necessariamente
9	3103	novas
9	3160	oito
9	3187	origens
9	3226	parecer
9	3238	passando
9	3252	paz

9	3315	pezar
9	3347	ponto
9	3395	povoada
9	3603	recta
9	3731	segura
9	4113	vem
9	4146	via
8	175	Andes
8	199	Assumpçaõ
8	214	Barcos
8	274	Cavalgaduras
8	293	Cochabamba
8	310	Conceiçaõ
8	401	Espanha
8	466	Gado
8	474	Generaes
8	548	Joaõ
8	574	Lourenço
8	634	Monte
8	681	Oeste
8	754	Portugal
8	850	Sendo
8	852	Senhores
8	880	Sud
8	1081	algum
8	1124	amplas
8	1207	armas
8	1262	attaque
8	1264	attaques
8	1844	depois
8	1986	diminuta
8	2312	expostos
8	2347	face
8	2397	fazerem
8	2486	forte
8	2536	furo
8	2591	ha

8	2690	indispensaveis
8	3069	nellas
8	3080	nestes
8	3092	nossa
8	3095	nossos
8	3383	pouca
8	3433	preço
8	3683	ricas
8	3922	tantos
8	4042	uniaõ
8	4063	uteis
8	4064	util
8	4084	vantagem
8	4142	vez
8	4174	vivem
8	4181	vizinhos
7	0	000
7	33	1777
7	179	Anna
7	224	Beny
7	232	Botes
7	247	Camapuaã
7	343	Da
7	414	Estacada
7	415	Estado
7	420	Estes
7	427	Excellencia
7	453	Fortaleza
7	469	Gaîba
7	486	Governos
7	489	Grande
7	684	Officiaes
7	733	Perû
7	764	Potosi
7	866	Sierra
7	919	Tratado
7	1030	actual
7	1099	alta

7	1112	ambos
7	1260	attacar
7	1277	augmento
7	1452	chegaõ
7	1453	chegar
7	1486	coberto
7	1597	confinantes
7	1623	conseguir
7	1671	contra
7	1686	corre
7	1733	cujos
7	1780	decadencia
7	1809	deixar
7	1834	densa
7	2027	diversos
7	2109	empenhos
7	2146	entaõ
7	2152	entradas
7	2448	fizeraõ
7	2481	formar
7	2506	frente
7	2603	havendo
7	2800	julgo
7	2823	largura
7	2862	livre
7	2892	mandou
7	2925	medidas
7	2941	menor
7	2966	mirim
7	3002	mudança
7	3013	multiplicados
7	3031	naquella
7	3033	naquelle
7	3042	natural
7	3116	objecto
7	3236	passagem
7	3281	pequenos
7	3323	planicies

7	3490	propria
7	3507	proximas
7	3531	quantidade
7	3662	respeitavel
7	3770	seria
7	3806	situaçaõ
7	3887	superiores
7	3897	supposto
7	4022	trez
7	4056	urgente
7	4065	utilidade
7	4085	vantagens
7	4102	vastos
7	4172	visto
7	4178	vizinha
6	117	50
6	191	Artigo
6	372	Dominios
6	417	Estas
6	425	Europa
6	430	Excellentissimos
6	462	Fronteiras
6	527	Illustrissimo
6	690	Ordem
6	706	Paragaú
6	816	Remeiros
6	1029	actuaes
6	1240	até
6	1437	chamado
6	1586	conduzidos
6	1588	conduzir
6	1663	contiguos
6	1695	correspondentes
6	1703	cortando
6	1731	cujas
6	1737	cume

6	1745	custa
6	1757	dalli
6	1952	dia
6	1968	difficuldades
6	2018	ditos
6	2032	dividir
6	2056	doze
6	2068	duzentas
6	2289	existem
6	2359	facilmente
6	2379	fará
6	2426	ficar
6	2469	foraõ
6	2484	fornecer
6	2511	fronteiras
6	2585	guarniçaõ
6	2753	interesse
6	2811	lagoas
6	2817	larga
6	2820	largo
6	2828	legoa
6	2949	mesmas
6	3000	movimentos
6	3028	nada
6	3030	não
6	3039	nascimentos
6	3044	natureza
6	3054	navegar
6	3093	nossas
6	3106	novo
6	3112	numerozas
6	3229	partes
6	3381	posto
6	3405	povos
6	3455	principalmente
6	3576	real

6	3626	regularmente
6	3627	reis
6	3665	resto
6	3768	seraõ
6	3808	situada
6	3824	socorros
6	3885	superficie
6	3920	tantas
6	4038	ultimo
6	4075	vai
6	4088	vaõ
6	4155	vigoroza
6	4170	vista
5	17	15
5	22	16
5	49	19
5	74	26
5	81	30
5	137	800
5	211	Barbados
5	242	Cachoeira
5	288	Chuquisaca
5	319	Coroa
5	355	Destacamento
5	367	Do
5	406	Espanholas
5	421	Estrada
5	449	Finalmente
5	467	Gados
5	506	He
5	511	Hum
5	587	Mandioré
5	599	Maritimos
5	601	Mas
5	608	Mattogrosso
5	622	Mineiros
5	655	Naõ
5	726	Pedro
5	746	Populaçaõ

5	773	Praças
5	774	Prata
5	860	Sertoens
5	874	Soldo
5	924	Tucuman
5	931	Uberava
5	968	aberta
5	991	acçaõ
5	1031	acudir
5	1153	antiga
5	1247	atravessando
5	1273	augmentar
5	1369	buscar
5	1410	carreira
5	1417	cazo
5	1435	chamada
5	1555	concentrada
5	1565	conciderar
5	1627	consequentemente
5	1640	constante
5	1723	cruzados
5	1742	curso
5	1743	curta
5	1768	dar
5	1804	defronte
5	1941	devia
5	1982	digo
5	1995	direito
5	2078	effeitos
5	2098	embaraçar
5	2100	embaraços
5	2291	existindo
5	2340	extremidade
5	2348	faceis
5	2351	facil
5	2388	favor
5	2424	ficando
5	2442	fins

5	2459	fogo
5	2465	fontes
5	2479	formando
5	2529	fundar
5	2535	fundos
5	2582	guarnecer
5	2706	inferior
5	2751	interessante
5	2754	interesses
5	2809	lados
5	2977	molestias
5	2998	motivos
5	3078	nestas
5	3147	offensivamente
5	3150	offerece
5	3151	offerecem
5	3222	parciaes
5	3278	pequena
5	3279	pequenas
5	3313	pessoas
5	3316	pezo
5	3345	ponta
5	3348	pontos
5	3399	povoados
5	3416	praticar
5	3430	precizo
5	3671	retirada
5	3685	ricos
5	3710	sahir
5	3790	sim
5	3797	sincoenta
5	3819	soccorros
5	3937	temivel
5	4101	vasto
5	4196	’
4	6	12
4	20	1500
4	24	16º

4 54 20
4 57 21
4 69 25
4 165 Almeida
4 172 America
4 205 Azambuja
4 225 Bestas
4 251 Campanhas
4 279 Caza
4 300 Com
4 312 Conde
4 317 Coraçaõ
4 321 Corpo
4 349 Demarcaçaõ
4 397 Escalvado
4 398 Escravatura
4 402 Espanho
4 424 Eu
4 477 Geografica
4 499 Guarajuz
4 515 Iaurú
4 540 Ipané
4 568 Limitrofe
4 638 Montuozo
4 652 Naço
4 686 Officios
4 723 Pedestres
4 798 Rabicho
4 811 Registo
4 814 Reis
4 844 Sararé
4 859 Sertaõ
4 872 Soldado
4 875 Soldos
4 917 Torres
4 943 Vice
4 983 abundante
4 984 abundantes
4 1008 achaõ

4 1075 ajuntar
4 1078 alcance
4 1083 algumas
4 1095 alli
4 1128 amplo
4 1152 antes
4 1185 aproveitar
4 1225 aspera
4 1289 auxilio
4 1290 auxilios
4 1298 avançados
4 1300 avançar
4 1328 bastante
4 1358 braças
4 1359 braço
4 1403 carga
4 1421 centas
4 1429 certa
4 1432 certo
4 1458 cheia
4 1459 cheias
4 1506 combinado
4 1513 commercio
4 1578 conducçaõ
4 1594 confina
4 1615 conhecimento
4 1629 conservaçaõ
4 1638 consta
4 1674 contrario
4 1684 corpo
4 1689 correndo
4 1690 corrente
4 1735 cultivados
4 1754 dá
4 1767 daquelles
4 1790 defende
4 1838 dentro
4 1862 desagoar
4 2024 diversas

4 2069 duzentos
4 2132 encontraõ
4 2155 entrar
4 2227 estabelecimentos
4 2231 estagnaçaõ
4 2244 estendem
4 2263 eu
4 2319 extençaõ
4 2350 faces
4 2352 facilidade
4 2370 faltando
4 2378 famozo
4 2427 ficará
4 2430 ficaria
4 2466 for
4 2468 fora
4 2503 franquea
4 2512 fronteiro
4 2513 fronteiros
4 2530 fundaraõ
4 2561 graças
4 2573 guarda
4 2587 guarniçoens
4 2595 habitada
4 2604 haver
4 2609 hoje
4 2622 humas
4 2630 igual
4 2676 inda
4 2724 inimigos
4 2752 interessantes
4 2765 intervalo
4 2770 inundaçaõ
4 2801 juncçaõ
4 2857 limites
4 2905 maõ
4 2910 marchas
4 2930 meios

4 2942 menores
4 2963 minas
4 2992 mostra
4 3049 navegado
4 3058 necessaria
4 3060 necessarias
4 3100 notoria
4 3111 numeroza
4 3114 nunca
4 3117 objectos
4 3128 obstar
4 3163 onde
4 3180 ordenados
4 3233 passa
4* 3244 passo
* 2 - substantivos
* 2 - verbos
4 3309 pertenderaõ
4 * 3334 poder
* 2 - substantivos
* 2 - verbos
4 3342 ponderadas
4 3359 porem
4 3364 porto
4 3372 possesso
4 3384 poucas
4 3393 povo
4 3413 prata
4 3419 praticos
4 3432 precizos
4 3452 primeiros
4 3462 privativa
4 3475 projecto
4 3484 proporçaõ
4 3493 proprio
4 3505 proxima
4 3530 quanta
4 3682 rica
4 3697 ruina

4	3702	sabem
4	3735	segurar
4	3767	será
4	3783	setenta
4	3810	situado
4	3823	socorro
4	3848	sou
4	3916	tal
4	3936	temiveis
4	4044	unicamente
4	4046	único
4	4087	vantajozamente
4	4147	viagem
4	4167	viraõ
4	4171	vistas
4	4187	volta
4	4191	volume
3	10	13
3	14	14
3	25	17
3	42	1797
3	52	2
3	53	2’
3	55	20’
3	60	22
3	63	23
3	86	31
3	99	35’
3	101	36
3	126	60
3	145	Abaixo
3	147	Acampamento
3	155	Aguapehi
3	166	Alqueire
3	171	Amazonas
3	188	Arraiaes
3	254	Canal
3	262	Capitaõ

3	269	Carreira
3	275	Cavallar
3	276	Cavallaria
3	278	Cavallos
3	290	Cidades
3	297	Colonia
3	298	Colonias
3	318	Cordova
3	320	Coronel
3	322	Corpos
3	324	Correntes
3	326	Cortes
3	341	Curuguati
3	368	Doirados
3	376	Dragoens
3	383	Elles
3	394	Erva
3	399	Escravos
3	410	Estabelecidos
3	468	Gaiba
3	480	Geraes
3	483	Governador
3	512	Iacumá
3	525	Ilhas
3	535	Insua
3	536	Intendencia
3	552	Junho
3	553	Justiça
3	571	Lisboa
3	589	Mantimentos
3	596	Maria
3	598	Maritimo
3	636	Montes
3	668	No
3	694	Oriente
3	721	Paz
3	731	Pereciz
3	736	Pinto

3	738	Plano
3	741	Podendo
3	771	Povos
3	783	Privilegios
3	796	Quatro
3	799	Rafael
3	822	Rica
3	828	Rondas
3	836	Salto
3	865	Sexos
3	876	Soma
3	894	Tem
3	901	Theatro
3	904	Thezouros
3	906	Tiago
3	928	Uaicurûs
3	929	Uaicuruz
3	946	VillaBella
3	947	Villas
3	950	Xamicocos
3	959	à
3	969	abertas
3	978	abrindo
3	979	abrir
3	1035	adiante
3	1038	adjacentes
3	1088	allaga
3	1090	allagadas
3	1096	alliados
3	1100	altas
3	1121	amollar
3	1123	ampla
3	1132	angulo
3	1133	ângulo
3	1142	annexos
3	1147	annual
3	1154	antigas
3	1156	antigos
3	1186	aproximando

3	1197	aqui
3	1210	arroba
3	1211	arrobas
3	1272	augmentando
3	1279	auriferos
3	1311	avultadas
3	1339	bellissimos
3	1343	beneficio
3	1344	beneficios
3	1392	campanhas
3	1398	canoas
3	1422	cento
3	1428	cercaõ
3	1440	chamaõ
3	1451	chegando
3	1455	chegarem
3	1460	cheio
3	1476	circunstancia
3	1484	coberta
3	1516	commodo
3	1517	commodos
3	1522	communicaõ
3	1572	concorrem
3	1589	confiança
3	1596	confinante
3	1601	confluentes
3	1630	conservar
3	1646	construcçaõ
3	1648	construido
3	1654	contar
3	1667	continuaçaõ
3	1679	copia
3	1715	couzas
3	1732	cujo
3	1738	cumes
3	1748	custo
3	1752	d’onde
3	1758	damno
3	1778	debeis

3	1785	decimo
3	1794	defenderem
3	1797	defensaõ
3	1800	defensivel
3	1801	defensivo
3	1803	defeza
3	1807	deixando
3	1811	deixaraõ
3	1824	demandando
3	1867	descer
3	1913	destacados
3	1920	destinaõ
3	1931	determinado
3	1949	dezerto
3	1957	diariamente
3	1962	diferença
3	1969	difficulta
3	1971	difficultoza
3	1999	dirigir
3	2014	districto
3	2033	dividirem
3	2035	dizer
3	2036	dizimos
3	2044	doentio
3	2046	dois
3	2059	duraçaõ
3	2087	elevado
3	2134	encostando
3	2182	escarpas
3	2185	escoantes
3	2193	esforço
3	2204	esperados
3	2207	esperanças
3	2214	essenciaes
3	2233	estar
3	2255	estragos
3	2260	estreitos
3	2281	excepçaõ
3	2292	existir

3	2297	expediçoens
3	2301	experiencia
3	2309	exposta
3	2310	expostas
3	2320	extende
3	2326	extensos
3	2328	externos
3	2341	extremidades
3	2345	fabricas
3	2353	facilita
3	2389	favoravel
3	2401	fecha
3	2402	fechado
3	2404	fecho
3	2408	feita
3	2417	ferramentas
3	2431	figura
3	2460	fogos
3	2496	fossem
3	2524	fundaçaõ
3	2566	graos
3	2567	gráos
3	2618	houve
3	2619	houver
3	2629	iguaes
3	2685	indicado
3	2692	indispensavelmente
3	2695	indo
3	2707	inferiores
3	2713	informaçaõ
3	2721	inherentes
3	2785	investirem
3	2791	irá
3	2810	lagoa
3	2813	lançando
3	2825	lateraes
3	2883	mal
3	2886	manda

3	2889	mandar
3	2896	manifesto
3	2919	maxima
3	2928	meia
3	2961	milho
3	2973	moeda
3	2982	montuoza
3	2983	montuozo
3	3032	naquellas
3	3043	naturalmente
3	3061	necessario
3	3063	necessidade
3	3071	nelles
3	3081	nevadas
3	3098	notavel
3	3104	nove
3	3121	obrigando
3	3132	occaziaõ
3	3136	occupa
3	3140	ocultando
3	3212	pantanos
3	3220	parallelo
3	3237	passagens
3	3272	penedia
3	3290	perdidos
3	3312	perto
3	3338	podiaõ
3	3358	porçaõ
3	3362	portas
3	3365	portos
3	3376	possivel
3	3400	povoaõ
3	3407	poziçaõ
3	3409	pozitivo
3	3415	praticada
3	3417	praticaveis
3	3418	praticavel
3	3434	preços

3	3450	primeiras
3	3451	primeiro
3	3454	principal
3	3460	principios
3	3464	privativos
3	3491	propriamente
3	3498	prosperidade
3	3510	proximos
3	3522	quadrado
3	3533	quantos
3	3550	querendo
3	3584	recebendo
3	3585	receber
3	3632	remo
3	3636	remotas
3	3637	remotos
3	3639	rendimentos
3	3655	respectivas
3	3672	retirando
3	3678	rezidencia
3	3681	rezulta
3	3687	rios
3	3726	secenta
3	3736	seguras
3	3747	semelhante
3	3749	semelhantes
3	3771	seriaõ
3	3773	serve
3	3789	signaes
3	3813	sobem
3	3837	solidamente
3	3840	solidos
3	3843	soma
3	3854	subida
3	3869	succede
3	3878	sufficiente
3	3899	suppoziçaõ
3	3910	susceptivel

3	3946	terá
3	3947	terceira
3	3963	terror
3	3975	toca
3	3981	tomadas
3	3984	tomar
3	4001	trabalho
3	4025	trezentos
3	4050	unidos
3	4070	utilmente
3	4095	varios
3	4096	vasta
3	4128	ventagem
3	4136	verem
3	4163	vintens
3	4166	vir
3	4179	vizinhas
3	4190	voltas
2	2	1
2	3	11
2	7	120
2	11	130
2	16	14º
2	18	15’
2	21	15º
2	29	1763
2	30	1766
2	39	1792
2	43	17º
2	46	1800
2	64	24
2	73	25º
2	85	3000
2	102	36’
2	108	40
2	109	43’
2	112	450
2	118	500
2	120	52

2	123	55’
2	125	6
2	132	700
2	133	748
2	135	8
2	136	80
2	152	Africa
2	163	Alem
2	167	Alqueires
2	182	Ao
2	183	Apa
2	197	Assim
2	200	Atalaia
2	204	Auxiliares
2	207	Bahia
2	215	Barreira
2	231	Bosques
2	244	Caetano
2	246	Calibre
2	250	Campanha
2	253	Canaes
2	265	Captiveiro
2	266	Carlos
2	277	Cavallo
2	303	Comerciantes
2	325	Corte
2	332	Coxipó
2	338	Cultivadores
2	340	Curityba
2	351	Departamentos
2	357	Devendo
2	359	Diamantinos
2	373	Dos
2	377	Duas
2	381	Eis
2	382	Ella
2	386	Embarcaço

2	389	Engenheiro
2	396	Escalada
2	416	Estancia
2	438	Fazendas
2	441	Fé
2	443	Feijaõ
2	460	Franco
2	473	Gastadores
2	478	Geografico
2	502	Guarniçaõ
2	503	Guarniço
2	510	Homens
2	517	Igatemy
2	519	Ignacio
2	521	Iguaçû
2	523	Ilha
2	531	Inglaterra
2	532	Inglezes
2	534	Inimigo
2	550	Jose
2	562	Leitos
2	567	Limites
2	569	Limitrofes
2	575	Luiz
2	583	Mamore
2	603	Mato
2	604	MatoGrosso
2	606	Matte
2	615	Meridional
2	617	Miguel
2	635	Montenegro
2	637	Montuoza
2	641	Mosquete
2	647	Mulheres
2	650	Na
2	653	Naçoens
2	676	Novembro
2	689	Ora
2	698	Outras

2	713	Pardo
2	722	Peças
2	727	Pela
2	728	Pelas
2	730	Pelos
2	732	Perú
2	745	Ponte
2	750	Porrudos
2	753	Portos
2	757	Portuguesa
2	761	Portuguezas
2	766	Povo
2	775	Preliminar
2	794	Quarenta
2	800	Raia
2	801	Rapazes
2	812	Rei
2	817	Resta
2	823	Ricardo
2	834	Salinas
2	835	Salta
2	849	Semelhantemente
2	856	Serrania
2	858	Sertanistas
2	863	Serviço
2	869	Sitios
2	882	Sulapaõ
2	883	Suppondo
2	890	Tapajóz
2	895	Tenente
2	898	Terrenos
2	911	Tipuani
2	915	Todos
2	920	Tribus
2	922	Tropa
2	934	Vacum
2	940	Velhos
2	954	Xexuy

2	956	Zona
2	966	abeira
2	970	aberto
2	971	abertos
2	976	abre
2	982	abundancia
2	985	abuzo
2	1004	acertadas
2	1005	acha
2	1014	achou
2	1026	activas
2	1028	acto
2	1040	administraçaõ
2	1046	adquisiçaõ
2	1053	afastando
2	1065	agora
2	1073	ajudar
2	1086	ali
2	1089	allagaçaõ
2	1093	allagados
2	1098	alqueire
2	1103	altivos
2	1106	altura
2	1120	amizade
2	1129	amplos
2	1131	andaõ
2	1134	anima
2	1135	animaes
2	1137	animar
2	1138	animem
2	1140	animozidade
2	1146	annuaes
2	1148	annualmente
2	1149	antecedente
2	1155	antigo
2	1167	apoio
2	1177	aprehendendo

2	1178	apressadamente
2	1188	aquaticas
2	1189	aque
2	1198	arbitrio
2	1200	ardente
2	1204	armada
2	1213	arruinada
2	1216	arte
2	1217	artigo
2	1218	artilharia
2	1246	atravessa
2	1253	atrocidades
2	1256	attacando
2	1261	attacarem
2	1265	attençaõ
2	1267	attendiveis
2	1268	attendivel
2	1278	aurifero
2	1283	auxiliada
2	1286	auxiliar
2	1296	avançadas
2	1297	avançado
2	1299	avançando
2	1312	avultado
2	1323	barcos
2	1324	barranco
2	1326	barreira
2	1329	bastaõ
2	1337	bellas
2	1338	bellicos
2	1346	boa
2	1353	bom
2	1368	buscaõ
2	1374	cabeço
2	1375	cabedal
2	1384	calculando
2	1385	calibre
2	1394	canal

2	1404	cargas
2	1412	castigo
2	1413	caudalozo
2	1414	cauza
2	1415	cazados
2	1419	cede
2	1424	central
2	1426	cercado
2	1431	certeza
2	1433	certos
2	1443	chamaraõ
2	1445	chame
2	1446	chaparé
2	1448	chave
2	1471	circuito
2	1481	classe
2	1485	cobertas
2	1489	cobrem
2	1500	combatentes
2	1502	combinaçaõ
2	1505	combinadas
2	1510	comercio
2	1511	cometiaõ
2	1514	commoda
2	1518	commum
2	1521	communicaçoens
2	1523	communicar
2	1526	comparaçaõ
2	1531	compensar
2	1533	competente
2	1540	compra
2	1541	compraõ
2	1542	comprehende
2	1544	comprehender
2	1546	comprido
2	1560	concentrar
2	1573	concorrencia
2	1574	concorrendo

2	1575	concorrer
2	1595	confinando
2	1598	conflue
2	1608	conhecem
2	1611	conhecida
2	1612	conhecidas
2	1614	conhecidos
2	1616	conhecimentos
2	1620	conquista
2	1628	conserva
2	1633	consiste
2	1636	consistia
2	1639	constando
2	1650	construir
2	1651	conta
2	1655	contem
2	1666	continua
2	1668	continuando
2	1669	continuaõ
2	1670	continuar
2	1673	contraria
2	1677	contribuir
2	1685	corpos
2	1688	correm
2	1691	correnteza
2	1692	corresponde
2	1700	cortada
2	1701	cortado
2	1705	cortar
2	1707	cortarem
2	1711	costumados
2	1725	cuidados
2	1739	curar
2	1759	danno
2	1760	dannos
2	1789	defendaõ
2	1796	defensa
2	1806	deixado

2	1808	deixaõ
2	1828	demora
2	1839	deo
2	1841	dependencia
2	1852	derramadas
2	1858	des
2	1864	desce
2	1865	descem
2	1866	descendo
2	1868	descerem
2	1869	descida
2	1870	descoberta
2	1875	desconhecido
2	1881	descuido
2	1894	desigual
2	1895	desigualdade
2	1898	desordem
2	1915	destacamentos
2	1923	destinos
2	1924	destributiva
2	1939	dever
2	1940	deverá
2	1948	dezerta
2	1951	dezoito
2	1956	diaria
2	1959	diarios
2	1975	dificulta
2	1980	digno
2	1981	dignou
2	1983	diligencias
2	1992	directamente
2	1996	direitos
2	2007	distando
2	2016	ditas
2	2021	ditto
2	2025	diverso

2	2026	diversoens
2	2030	divide
2	2031	dividido
2	2039	dobradas
2	2042	doentia
2	2064	durou
2	2077	effeito
2	2083	ele
2	2088	elevados
2	2106	empenhada
2	2113	empregadas
2	2116	empregaõ
2	2117	empregar
2	2125	enchendo
2	2126	encher
2	2127	enchutas
2	2129	enchutos
2	2130	encontra
2	2136	energia
2	2144	enorme
2	2145	enormes
2	2147	entende
2	2162	entregue
2	2166	equidade
2	2171	equivalente
2	2174	era
2	2175	erros
2	2176	ervas
2	2181	escarpadas
2	2194	esforços
2	2195	esgotaõ
2	2197	espaços
2	2219	estabelecer
2	2222	estabelecerem
2	2225	estabelecidos
2	2226	estabelecimento

2	2229	estaçaõ
2	2242	estejaõ
2	2243	estende
2	2250	estipulado
2	2256	estranhas
2	2257	estranho
2	2262	etecetera
2	2271	evitar
2	2277	excellencia
2	2286	exercicio
2	2300	expendido
2	2305	expôr
2	2311	exposto
2	2313	expressadas
2	2331	extracçaõ
2	2334	extrahir
2	2339	extremas
2	2346	façaõ
2	2356	facilitaõ
2	2363	fadigas
2	2377	fama
2	2381	faria
2	2382	fariaõ
2	2393	fazenda
2	2398	fazia
2	2410	feito
2	2412	feliz
2	2413	felizmente
2	2418	ferteis
2	2419	fertilissima
2	2421	fez
2	2428	ficaraõ
2	2434	filhos
2	2439	findaõ
2	2453	flanco
2	2475	forçozos
2	2476	forem
2	2489	fortificaçaõ
2	2492	fortificar

2	2495	fosse
2	2499	fóz
2	2525	fundada
2	2528	fundamentos
2	2531	fundarem
2	2533	fundiraõ
2	2537	furos
2	2542	ganhaõ
2	2545	gastaõ
2	2548	gente
2	2550	geralmente
2	2565	grandeza
2	2569	gravidade
2	2571	grosso
2	2572	grossos
2	2576	guardar
2	2586	guarniço
2	2589	guerras
2	2596	habitadas
2	2599	habitaõ
2	2608	hirem
2	2610	homem
2	2616	hostilidades
2	2627	idades
2	2632	igualdade
2	2657	inadmissivel
2	2661	incerteza
2	2665	inclinando
2	2668	incomparavelmente
2	2671	inconstancia
2	2675	incursoens
2	2677	indagaçoens
2	2679	indefeza
2	2680	indefezas
2	2715	informaõ
2	2718	ingreme
2	2719	ingremes
2	2732	

insignificante		
2	2746	intentarem
2	2748	intento
2	2749	intentos
2	2759	intermitentes
2*	2762	interrompida 1 - adjetivo 1 - verbo
2*	2763	interrompidos 1 - adjetivo 1 - verbo
2	2766	intervalos
2	2772	inundada
2	2776	invadida
2	2777	invadir
2	2783	investido
2	2792	isso
2	2799	julgaõ
2	2803	junto
2	2805	justo
2	2812	lagos
2	2814	lançar
2	2819	largas
2	2824	lastimoza
2	2847	licença
2	2858	limitrofe
2	2870	longa
2	2874	lucros
2	2887	mandados
2	2888	mandando
2	2898	manobrar
2	2903	mantimento
2	2918	mattos
2	2920	maximo
2	2946	mergulhados
2	2953	meu
2	2965	minutos
2	2968	miuda
2	2970	modicas
2	2978	momento
2	2985	moradores
2	2987	mortaes
2	2990	mortiferas
2	2991	mortos
2	2997	motivo
2	3001	muares
2	3003	mudando
2	3004	mudar
2	3006	mudem
2	3007	muita
2	3012	mulheres
2	3015	municiamento
2	3016	municiamentos
2	3020	muralhas
2	3023	mutuamente
2	3036	nascendo
2	3041	naturaes
2	3046	naval
2	3056	navegaveis
2	3057	navegavel
2	3064	necessita
2	3065	necessitaõ
2	3094	nosso
2	3102	novamente
2	3105	noventa
2	3138	occupavaõ
2	3164	onze
2	3168	oppor
2	3172	oppostos
2	3178	ordenada
2	3182	ordinariamente
2	3198	pagando
2	3200	pagar
2	3201	pagas
2	3206	palmos
2	3208	panico
2	3209	pannos
2	3211	pantanaes
2	3213	pantanoza
2	3214	pantanozo
2	3218	paralelo
2	3231	particular
2	3234	passada
2	3239	passaõ
2	3241	passarem
2	3245	passos
2	3248	patentes
2	3250	patrulha
2	3251	patrulhas
2	3255	peças
2	3256	pede
2	3261	pedras
2	3270	penas
2	3273	penetrando
2	3275	penetrar
2	3284	perde
2	3285	perdem
2	3287	perder
2	3320	placida
2	3327	plenitude
2	3328	pobre
2	3332	podemos
2	3335	poderá
2	3336	poderaõ
2	3339	podres
2	3350	população
2	3354	populozos
2	3356	pôr
2	3366	portuguezes
2	3379	postar
2	3397	povoado
2	3404	povoarem
2	3414	pratica
2	3421	precario
2	3422	precipicios
2	3425	preciza
2	3431	precizoens
2	3441	preparos
2	3446	previa
2	3448	prezentemente
2	3453	principaes
2	3456	principia
2	3465	privilegios
2	3469	productos
2	3476	projectos
2	3479	prompta
2	3480	promptamente
2	3483	promptos
2	3485	proporcionada
2	3492	proprias
2	3494	proprios
2	3497	prospere
2	3504	providentes
2	3509	proximo
2	3513	prumo
2	3514	publica
2	3515	publico
2	3516	publicos
2	3518	pungentes
2	3523	quadro
2	3539	quase
2	3549	querem
2	3556	quinhentos
2	3558	quinto
2	3560	quinze
2	3563	quizerem
2	3565	ramo

2	3571	raras
2	3574	razo
2	3582	recebe
2	3583	recebem
2	3594	recinto
2	3604	recto
2	3607	recursos
2	3610	reduzida
2	3612	reduzidos
2	3615	referidas
2	3635	remota
2	3648	representa
2	3654	respectiva
2	3657	respectivos
2	3661	respeitaveis
2	3673	retirar
2	3684	rico
2	3686	rio
2	3689	riquezas
2	3690	riquissimos
2	3701	sabe
2	3704	sabia
2	3706	sabidos
2	3709	sahindo
2	3712	sal
2	3717	salvar
2	3720	saudavel
2	3723	seca
2	3728	seguinte
2	3729	segunda
2	3732	seguramente
2	3744	sejaõ
2	3746	semblante
2	3754	sensiveis
2	3758	sentidos
2	3759	sentimentos
2	3761	separada
2	3772	sertoens

2	3793	simples
2	3802	sita
2	3809	situadas
2	3825	sofrem
2	3830	soldos
2	3836	solida
2	3839	solido
2	3847	sorte
2	3856	subir
2	3860	submergindo
2	3865	substancia
2	3870	succedida
2	3875	successo
2	3888	superioridade
2	3891	supondo
2	3892	suposto
2	3895	supporem
2	3900	suppunha
2	3905	suprir
2	3912	sustentar
2	3913	susto
2	3925	taõbem
2	3928	te
2	3933	temendo
2	3935	temeridade
2	3942	tenhaõ
2	3943	tenho
2	3949	terço
2	3950	terem
2	3953	termina
2	3965	timidez
2	3967	tinha
2	3968	tinhaõ
2	3973	tiros
2	3983	tomaõ
2	3987	tomou
2	3993	torrida
2	3995	tostoens

2	3997	totalmente
2	4003	trabalhoza
2	4012	transportar
2	4023	treze
2	4027	trilhado
2	4033	troncos
2	4034	tropas
2	4039	ultimos
2	4041	uma
2	4045	unico
2	4048	unidas
2	4051	unindo
2	4052	unir
2	4058	urgentissima
2	4066	utilidades
2	4086	vantajoza
2	4094	varias
2	4100	vastissimos
2	4118	vencerem
2	4122	vendem
2	4126	vendo
2	4129	ventagens
2	4133	verdadeiro
2	4134	vereda
2	4141	vestuario
2	4145	vezinhos
2	4150	vida
2	4153	vigiar
2	4154	vigilante
2	4160	vindos
2	4176	viveres
2	4180	vizinho
2	4189	voltarem
2	4200	Época
1	1 088	
1	4 113	
1	5 116	
1	8 1200	
1	9 12º	

1	12	1350
1	13	13º
1	15	1400
1	19	150
1	23	160
1	26	1750
1	27	1754
1	28	1762
1	31	1769
1	32	1775
1	34	1779
1	35	1780
1	36	1787
1	37	1789
1	38	1790
1	40	1793
1	41	1796
1	44	18
1	45	18’
1	47	189
1	48	18º
1	50	190
1	51	19º
1	56	200
1	58	21’
1	59	211
1	61	22’
1	62	220
1	65	24’
1	66	240
1	67	2400
1	68	245
1	70	25’
1	71	250
1	72	255
1	75	27
1	76	270
1	77	27º
1	78	28

1	79	3
1	80	3’
1	82	30’
1	83	30”
1	84	300
1	87	312
1	88	312º
1	89	314
1	90	317
1	91	318
1	92	319º
1	93	32’
1	94	320
1	95	320º
1	96	321º
1	97	323º
1	98	35
1	100	3500
1	103	3600
1	104	37
1	105	37’
1	106	39’
1	107	4
1	110	44
1	111	45
1	113	48’
1	114	480
1	115	4º
1	116	5
1	119	51’
1	121	52’
1	122	55
1	124	57’
1	127	616
1	128	62
1	129	640
1	130	664
1	131	70
1	134	750

1	138	840
1	139	880
1	140	884
1	141	900
1	142	92
1	143	96
1	146	Abrio
1	148	Accresce
1	149	Accrescendo
1	150	Acontecimento
1	151	Acresce
1	153	Agoa
1	154	Aguapechi
1	156	Aguarahis
1	157	Aimeric
1	160	Aldea
1	161	Aldodaõ
1	164	Almas
1	168	Altar
1	169	Altissimas
1	170	Amambay
1	173	Americanos
1	174	Amollar
1	176	Angeja
1	177	Angola
1	178	Animando
1	180	Antes
1	181	Antonio
1	184	Aquidavan
1	185	Ardente
1	186	Arinos
1	187	Armazaens
1	189	Arroz
1	190	Artifices
1	193	Artilheiros
1	194	Artilhria
1	195	Arvoredo
1	198	Assucar

1	201	Atilharia
1	202	Attendiveis
1	203	Auriferos
1	206	Baetas
1	208	Bahias
1	209	Balças
1	210	Baluarte
1	212	Barbara
1	213	Barbaros
1	216	Bater
1	217	Bateria
1	218	Battaria
1	220	Baurés
1	223	Benavente
1	226	Bonata
1	228	Boreal
1	229	Borja
1	230	Bosque
1	233	Bottes
1	234	Braga
1	235	Branco
1	238	Cabeças
1	239	Cabo
1	240	Cabos
1	241	Cacáo
1	245	Caixeiros
1	248	Camara
1	249	Camaradas
1	255	Canoa
1	257	Capaõ
1	258	Capitaçaõ
1	263	Capittania
1	264	Capote
1	267	Carpinteiros
1	268	Carregaço
1	270	Cassadores
1	271	Castello
1	272	Castellos
1	273	Catholica

1	281	CazalVasco
1	282	Cazamentos
1	283	Cazas
1	284	Chaco
1	285	Cheriguanes
1	286	Chili
1	291	Classes
1	292	Climas
1	294	Cochamamba
1	295	Cochim
1	299	Colonos
1	301	Comarca
1	302	Combates
1	305	Commandados
1	306	Commandante
1	307	Commandantes
1	309	Commissarios
1	311	Conçeiçaõ
1	313	Conhecidos
1	314	Continuando
1	315	Contratos
1	316	Cook
1	323	Correcçaõ
1	327	Corumbá
1	328	Costas
1	329	Cota
1	330	Couros
1	331	Coutinho
1	333	Credores
1	334	Crimes
1	339	Cunha
1	342	Curumbá
1	344	Das
1	345	De
1	346	Defensiva

1	347	Deffensiva
1	348	Deixando
1	350	Demarcaçoens
1	352	Deseseis
1	353	Destacadas
1	354	Destacados
1	358	Diamantina
1	360	Diarios
1	361	Difinitivo
1	362	Digo
1	363	Directores
1	364	Dista
1	365	Distando
1	366	Dizimos
1	369	Dom
1	370	Domicilio
1	374	Dourados
1	375	Drago
1	379	Eclesiasticas
1	380	Effeitos
1	384	Elvas
1	387	Embarcaçoens
1	388	Embeteteû
1	390	Engenho
1	391	Entrando
1	392	Episcopal
1	393	Erario
1	395	Escala
1	400	Escultores
1	407	Espingardas
1	408	Espinola
1	413	EStabelecimentos
1	419	Esteios
1	422	Estradas
1	423	Etecetera
1	426	Exaltaçaõ
1	428	Excellência

1	431	Excelso
1	432	Expediçaõ
1	433	Exporta
1	434	Extrema
1	435	Famozo
1	436	Farinha
1	439	Fazendeiros
1	440	Fazendo
1	442	Febres
1	444	Feitores
1	445	Ferreiros
1	446	Fevereiro
1	447	Ficando
1	448	Filozofica
1	450	Finanças
1	451	Findo
1	452	Foi
1	455	Fortes
1	456	Fortificado
1	457	Fortim
1	458	Franceza
1	459	Francezes
1	463	Fundiçaõ
1	464	Fundidores
1	465	Fundou
1	470	Galegaõ
1	471	Galinhas
1	472	Gallera
1	476	Gente
1	479	Geograficos
1	482	Governa
1	484	Governava
1	487	Gram
1	488	Gran
1	490	Graõ
1	492	Guachupas
1	493	Guanás
1	494	Guanãs
1	495	Guapey

1	496	Guapore
1	498	Guarajûs
1	500	Guardadas
1	501	Guardas
1	504	Guarniçoens
1	507	Hiate
1	508	História
1	509	Holandezes
1	513	Iamû
1	514	Iauru
1	520	Iguaçu
1	522	Igual
1	524	Ilhadas
1	526	Illuminado
1	528	Indias
1	530	Inferior
1	533	Ingnacio
1	537	Intendencias
1	538	Intendente
1	539	Ipane
1	541	Irmaõ
1	543	Itonomas
1	545	Jaurú
1	546	Jaurû
1	547	Jesuitas
1	549	Joaquim
1	551	José
1	554	La
1	555	Labirinto
1	556	Lago
1	557	Lagoas
1	558	Lapa
1	559	Lavradores
1	560	Legoa
1	561	Leito
1	563	Lenços
1	565	Ley
1	566	Lima
1	570	Linha

1	572	Localidade
1	573	Loreto
1	576	Luzia
1	578	Madre
1	579	Madrid
1	580	Magalhaens
1	581	Magdalena
1	585	Manda
1	586	Mandiore
1	588	Mandou
1	590	Mappas
1	591	Mar
1	592	Marchas
1	593	Marciaes
1	594	Marco
1	595	Margem
1	597	Maritima
1	600	Marquez
1	602	Mate
1	610	Mayor
1	611	Meia
1	612	Meio
1	613	Mel
1	614	Memoria
1	616	Meza
1	618	Milhaõ
1	619	Militar
1	620	Militares
1	623	Ministro
1	625	Miridiano
1	626	Miridional
1	627	Misque
1	631	Missoes
1	632	Misssaõ
1	639	Montuozos
1	642	Mosquiteiro
1	643	Mossambique
1	644	Movimentos
1	646	Muares

1	648	Muratorias
1	649	Muxicos
1	654	Naçoeñs
1	656	Náo
1	657	Nas
1	659	Nasçoens
1	660	Natural
1	661	Navegaçaõ
1	662	Navegando
1	663	Negros
1	664	Nem
1	665	Nestas
1	666	Neste
1	667	Nestes
1	669	Noçaõ
1	670	Noçoens
1	671	Nod
1	673	Nota
1	674	Nova
1	675	Nove
1	680	Ocultem
1	682	Offensiva
1	683	Offerecida
1	685	Officinas
1	687	Oficios
1	688	Oito
1	691	Ordenados
1	692	Orientaes
1	695	Origem
1	697	Ouro
1	699	Outubro
1	700	Pacifico
1	701	Padrasto
1	703	Pantanos
1	704	Para
1	708	Paráguai
1	709	Paraguay
1	711	Paranâ
1	712	Paray

1	714	Pariz
1	715	Partes
1	716	Paternaes
1	717	Patrulhas
1	718	Paulistas
1	720	Payaguâs
1	725	Pedrestes
1	734	Pihomaio
1	735	Pilotos
1	737	Pioens
1	739	Plata
1	740	Pocona
1	743	Pois
1	744	Ponta
1	747	População
1	751	Portgueses
1	752	Porto
1	755	Portugual
1	756	Portugueguezes
1	758	Portugueses
1	763	POrtguezes
1	765	Pouco
1	768	Povoaço
1	769	Povoaçoens
1	770	Povoadores
1	776	Prezentemente
1	777	Prezidente
1	780	Primeira
1	781	Primeiro
1	784	Projecto
1	785	Proncipe
1	786	Prospecto
1	787	Provedor
1	788	Provedoria
1	789	Providencias
1	792	Provindencias
1	793	Quanto

1	795	Quartel
1	797	Quazi
1	802	Raya
1	803	Reaes
1	804	Reais
1	806	Recebe
1	807	Receitoria
1	808	Recursos
1	809	Regia
1	810	Regias
1	813	Reinado
1	815	Religiaõ
1	818	Revoluçaõ
1	819	Rey
1	820	Rezidencia
1	821	Riba
1	825	RioIauru
1	827	Ronda
1	829	Roqueiras
1	830	Rosseiros
1	831	Sacramento
1	832	Sal
1	833	Salados
1	837	Salvaterra
1	838	Samora
1	839	Sangradouros
1	843	São
1	845	Sargaço
1	846	Seculos
1	847	Seguem
1	848	Segunda
1	853	Septembro
1	854	Serem
1	861	Serttoens
1	862	Servico
1	864	Setenta
1	867	Silvestres
1	868	Sipotuba
1	870	Sobre

1	871	Soldadados
1	877	Souza
1	879	Sucessor
1	884	Tabaco
1	885	Taiti
1	886	Tambem
1	887	Tantos
1	888	Taõ
1	889	Tapajoz
1	892	Tarata
1	893	Tejo
1	896	Terceira
1	897	Terreno
1	899	Territorio
1	900	Tezouros
1	902	Thezoiros
1	903	Thezouro
1	905	Thiago
1	907	Tiamuchy
1	908	Tibagi
1	909	Tieté
1	910	Tipoyas
1	912	Toda
1	913	Todas
1	914	Todo
1	916	Torneiros
1	918	Total
1	921	Trindade
1	925	Tupuani
1	926	Uaicurû
1	927	Uaicurús
1	930	Ubaz
1	932	Vaca
1	933	Vacaria
1	935	Vaminho
1	936	Vantagens
1	938	Vazco
1	939	Vedio
1	941	Vencidas

1	944	Vicente
1	948	Vinte
1	951	Xarayes
1	952	Xavier
1	953	Xerês
1	955	Yapislaga
1	961	abandonadas
1	962	abandonar
1	963	abandonaraõ
1	964	abatido
1	965	abatidos
1	967	abeirando
1	972	abismos
1	973	abjecta
1	974	abragem
1	975	abranger
1	977	abrem
1	980	abriraõ
1	981	absorver
1	986	acabando
1	987	acampamento
1	988	acantoado
1	989	acantonada
1	990	acantonado
1	992	acção
1	993	accessivel
1	994	accesso
1	995	accessorio
1	996	accidentes
1	997	acço
1	998	acçoens
1	999	accomodado
1	1000	accomulando
1	1001	accontecimentos
1	1002	accrescendo
1	1003	acendessem
1	1006	achado
1	1007	achando

1	1009	achar
1	1010	acharaõ
1	1011	achavaõ
1	1012	ache
1	1013	acho
1	1016	acolhem
1	1017	acolhido
1	1018	acomodadas
1	1019	acompanhados
1	1020	acompanhando
1	1021	acompanhaõ
1	1022	acontecendo
1	1023	acresceraõ
1	1024	acrescimo
1	1025	activa
1	1027	actividade
1	1032	acumulariaõ
1	1033	adequadas
1	1034	adiantados
1	1036	adjacencias
1	1037	adjacente
1	1039	adjunctos
1	1041	admite
1	1042	admitindo
1	1043	admitte
1	1044	admittirem
1	1045	adquiridas
1	1047	adquiziçoens
1	1048	aeguidos
1	1049	afadigadas
1	1050	afadigado
1	1051	afasta
1	1052	afastadas
1	1054	afasto
1	1055	affeiçoados
1	1056	afirmar
1	1057	afluencia

1	1058	afluentes
1	1059	afrontarem
1	1060	afrouxaõ
1	1061	agentes
1	1062	agigantados
1	1066	agregando
1	1067	agressores
1	1069	aguarda
1	1070	agudo
1	1072	ajudados
1	1074	ajuncçaõ
1	1076	ajustes
1	1077	alagados
1	1080	algodaõ
1	1085	alheio
1	1087	aliados
1	1091	allagadiços
1	1092	allagado
1	1094	allegar
1	1101	alternativa
1	1102	altissima
1	1105	altos
1	1107	alveo
1	1109	ambiciozas
1	1110	ambiciozos
1	1111	ambito
1	1113	ambriaõ
1	1114	ameaça
1	1115	amigavelmente
1	1116	amigos
1	1117	amiudadamente
1	1118	amiudadas
1	1119	amiudados
1	1122	amor
1	1125	ampleando
1	1126	amplissimo
1	1127	amplissimos

1	1130	anda
1	1136	animaõ
1	1139	animo
1	1141	annexa
1	1143	annimozidade
1	1150	antecedentes
1	1151	antecipadamente
1	1157	antipatia
1	1161	aparece
1	1163	apendix
1	1164	apertado
1	1165	apezar
1	1166	aplicaveis
1	1168	apontado
1	1169	apontando
1	1170	apossaraõ
1	1171	apostar
1	1172	appareceo
1	1173	apparente
1	1174	applicaçaõ
1	1175	applicar
1	1176	apreçada
1	1179	apressadas
1	1180	apressado
1	1181	aprestar
1	1182	aprezionados
1	1183	apromptar
1	1184	aproveitaõ
1	1187	aproximaõ
1	1191	áquella
1	1192	àquella
1	1196	áquelles
1	1199	ardendo
1	1201	arêa
1	1202	arenozas
1	1203	ares
1	1205	armadas

1	1206	armados
1	1208	armonia
1	1209	arriscada
1	1212	arroz
1	1214	arruinado
1	1215	arruinaõ
1	1219	arvores
1	1222	às
1	1223	asaz
1	1224	asombrando
1	1226	asperos
1	1227	asperrima
1	1229	assentadas
1	1230	assignalaraõ
1	1232	assistencia
1	1233	assistencias
1	1234	assombraõ
1	1235	assuas
1	1236	assucar
1	1237	assusta
1	1238	atacadas
1	1241	atenuado
1	1242	atractivo
1	1243	atractivos
1	1244	atrahe
1	1245	atrahir
1	1248	atravessaõ
1	1249	atravessar
1	1250	atraz
1	1251	atrazamento
1	1252	atrazando
1	1254	atropelando
1	1255	attaca
1	1257	attacantes
1	1258	attacaõ
1	1259	attaçaõ
1	1263	attaquem
1	1266	attendendo
1	1269	attento

1	1270	atuaes
1	1271	augmenta
1	1274	augmentará
1	1275	augmente
1	1276	augmentem
1	1280	ausencia
1	1282	authorizado
1	1284	auxiliado
1	1285	auxiliando
1	1287	auxiliares
1	1288	auxiliem
1	1291	auxiliou
1	1292	auzencia
1	1293	avança
1	1294	avançada
1	1295	avancadas
1	1301	avançarem
1	1302	avancem
1	1303	aventureiros
1	1304	averiguados
1	1305	aversaõ
1	1306	avidez
1	1307	avisos
1	1308	avivando
1	1309	avizo
1	1310	avultada
1	1313	avultados
1	1314	avultaõ
1	1315	bahias
1	1317	baliza
1	1318	balizas
1	1319	ballizou
1	1320	barata
1	1321	barateza
1	1322	barbaros
1	1325	barras
1	1327	basta
1	1330	bastariaõ
1	1331	bastavaõ

1	1332	bastou
1	1333	batido
1	1334	baze
1	1335	beira
1	1336	belissimos
1	1340	bellos
1	1342	beneficientes
1	1345	bloqueio
1	1347	boas
1	1349	bôca
1	1351	bocca
1	1352	boja
1	1354	bordando
1	1355	bordo
1	1356	botes
1	1357	braça
1	1361	branca
1	1362	brancas
1	1363	brecha
1	1365	breves
1	1366	brio
1	1367	brotou
1	1370	buscarem
1	1371	busquem
1	1372	cabeça
1	1373	cabeceiras
1	1377	cahia
1	1378	cahidos
1	1379	cahirá
1	1380	caiaõ
1	1381	calando
1	1382	calçado
1	1383	calcaria
1	1386	calida
1	1387	calor
1	1388	caminhando
1	1390	caminhos
1	1391	camiza

1	1395	cançadas
1	1396	cançaõ
1	1397	cance
1	1399	capazes
1	1400	carece
1	1401	carencia
1	1402	carestia
1	1405	carissima
1	1406	carissimos
1	1407	carlos
1	1408	carregaõ
1	1409	carregar
1	1411	casco
1	1416	cazas
1	1418	cazos
1	1427	cercados
1	1430	certas
1	1434	chama
1	1436	chamadas
1	1438	chamalos
1	1439	chamando
1	1441	chamar
1	1442	chamará
1	1444	chamaria
1	1447	chapeos
1	1449	chefe
1	1454	chegará
1	1456	chegarema
1	1457	chegue
1	1461	cheios
1	1462	chocolate
1	1463	chuva
1	1464	cigindo
1	1466	cincoenta
1	1467	cingindo
1	1468	cingir
1	1469	cinzas
1	1470	cir
1	1472	circular

1	1473	circumferencia
1	1474	circundada
1	1475	circunspecçaõ
1	1478	clandestinas
1	1479	clara
1	1480	clarissimo
1	1482	cncorrer
1	1483	coberbo
1	1487	cobranças
1	1490	cobrir
1	1491	cobrirem
1	1492	cohibaõ
1	1493	cohibir
1	1494	colheita
1	1495	colhem
1	1496	colhido
1	1497	collocada
1	1498	collocou
1	1501	combates
1	1503	combinaço
1	1504	combinada
1	1507	combinados
1	1508	combinar
1	1509	comduzidas
1	1512	commando
1	1515	commodamente
1	1520	communicaço
1	1524	communicarem
1	1527	comparadas
1	1528	comparando
1	1529	comparar
1	1530	compensaçaõ
1	1532	compensaria
1	1534	competentemente
1	1535	competentes
1	1536	compoem
1	1537	compondo
1	1538	compos
1	1539	composta
1	1543	comprehendendo
1	1545	comprem
1	1547	comprimento
1	1548	comprindo
1	1549	comprou
1	1550	comunicaço
1	1551	con
1	1552	conceberaõ
1	1553	concedidos
1	1554	conceito
1	1556	concentradas
1	1557	concentrados
1	1558	concentramento
1	1559	concentrando
1	1561	concerto
1	1562	concideraçaõ
1	1563	concideradas
1	1564	conciderado
1	1566	concideravel
1	1567	concideravelmente
1	1568	concizamente
1	1569	concluindo
1	1570	concordes
1	1571	concorre
1	1576	condiçaõ
1	1577	conduçaõ
1	1579	conducta
1	1580	conductores
1	1581	condutas
1	1582	conduz
1	1583	conduzaõ
1	1584	conduzem
1	1585	conduzido
1	1587	conduzindo
1	1590	confiando
1	1591	confiar
1	1592	configuraçaõ
1	1593	configuraraõ
1	1600	confluente
1	1602	confluir
1	1603	conformidade
1	1604	confundindo
1	1605	confuzaõ
1	1606	conheçaõ
1	1607	conhece
1	1609	conhecendo
1	1610	conhecer
1	1613	conhecido
1	1617	conheço
1	1618	conjuncta
1	1619	conjuncturas
1	1621	conquistas
1	1622	conseguida
1	1624	conseguiria
1	1625	conseguissem
1	1631	consideravel
1	1632	consigaõ
1	1634	consistem
1	1635	consistencia
1	1637	consome
1	1641	constantes
1	1642	constituem
1	1643	constituhio
1	1644	constituindo
1	1645	constituir
1	1647	construhido
1	1649	construidos
1	1652	contados
1	1653	contando
1	1656	contendo
1	1657	contentes
1	1658	conter
1	1659	contestaçaõ
1	1660	contestaraõ
1	1661	contiguas
1	1662	contiguo
1	1664	continente
1	1665	contingencias
1	1672	contrahir
1	1675	contrarios
1	1676	contravertentes
1	1678	convidando
1	1680	copiosa
1	1681	copiozas
1	1682	cordaõ
1	1683	cordilheira
1	1687	correlaçoens
1	1693	correspondencia
1	1694	correspondente
1	1696	corria
1	1697	corrido
1	1698	corrupçaõ
1	1699	corta
1	1702	cortados
1	1704	cortaõ
1	1706	cortaraõ
1	1708	cortaria
1	1709	corte
1	1710	costa
1	1712	costumaõ
1	1713	costumem
1	1714	costumes
1	1716	creio
1	1717	crescer

1	1718	crescerem
1	1719	criaçaõ
1	1720	criticas
1	1721	crivel
1	1722	cruzado
1	1724	cubraõ
1	1726	cuidadoza
1	1727	cuidadozamente
1	1728	cuidadozo
1	1730	cujá
1	1734	cultivadores
1	1740	cursando
1	1741	cursar
1	1744	curvidade
1	1746	custando
1	1747	custaõ
1	1749	custou
1	1750	d'agoa
1	1751	d'Assumpçaõ
1	1755	dados
1	1756	dahi
1	1761	dannozas
1	1762	dannozo
1	1769	dará
1	1770	darem
1	1771	daria
1	1773	dattas
1	1774	dava
1	1776	dê
1	1777	debaixo
1	1779	debil
1	1781	decadente
1	1782	decedida
1	1783	decidem
1	1784	decidida
1	1786	declinando
1	1787	defectivo

1	1788	defenda
1	1791	defendem
1	1793	defenderaõ
1	1795	defendida
1	1799	defensiveis
1	1805	deixa
1	1810	deixará
1	1812	deixaráõ
1	1813	deixarem
1	1814	deixaria
1	1815	deixariaõ
1	1816	deixavaõ
1	1817	deixou
1	1818	deliberaçaõ
1	1823	demanda
1	1825	demandaõ
1	1826	demonstra
1	1827	demonstrando
1	1829	demostraõ
1	1830	deMoxos
1	1831	denominadas
1	1832	denominados
1	1833	denominaõ
1	1835	densidade
1	1836	denso
1	1837	densos
1	1840	departamentos
1	1842	dependencias
1	1843	dependendo
1	1845	deposito
1	1846	depositos
1	1847	deprimindo
1	1848	der
1	1849	deraõ
1	1850	derem
1	1851	derrama
1	1853	derramados
1	1854	derramando

1	1855	derramar
1	1856	derramará
1	1857	derramarem
1	1859	desagaõ
1	1861	desagoaõ
1	1863	desçaõ
1	1871	descoberto
1	1872	descobertos
1	1873	descobrio
1	1874	desconcerta
1	1876	descontos
1	1877	descortina
1	1878	descripçaõ
1	1879	descriptos
1	1880	descubraõ
1	1882	desculpa
1	1884	desegoar
1	1885	deserçoens
1	1886	deserto
1	1887	desfalcar
1	1888	desfalece
1	1889	desgraçadamente
1	1890	desguarnecendo
1	1891	desguarnecido
1	1892	desguarnecidos
1	1893	desiguaes
1	1896	desinteresse
1	1897	desmantelada
1	1899	desordenada
1	1900	despendem
1	1901	despendiozo
1	1902	despendiozos
1	1905	despois
1	1906	despotismo
1	1907	despovoada

1	1908	despovoados
1	1909	despovoar
1	1910	desse
1	1911	dessipado
1	1914	destacamento
1	1917	destaso
1	1921	destinjados
1	1922	destino
1	1925	destroi
1	1926	destruhiraõ
1	1927	destruhirem
1	1928	desvaneçaõ
1	1929	detalhada
1	1930	determinadas
1	1932	determinaraõ
1	1933	deva
1	1934	devastou
1	1937	devemos
1	1942	devida
1	1944	dezejada
1	1945	dezejaõ
1	1946	dezejo
1	1947	dezerçoens
1	1950	dezesete
1	1953	diametralmente
1	1954	diametro
1	1955	diante
1	1958	diarias
1	1961	diaschegaõ
1	1963	diferentes
1	1965	differentes
1	1966	difficil
1	1967	difficuldade
1	1970	difficultar
1	1972	difficultozamente
1	1973	difficultozo
1	1974	dificil

1	1976	dificultado
1	1977	dificultaõ
1	1978	dificultar
1	1979	difuzamente
1	1984	diminue
1	1985	diminuirem
1	1987	diminutas
1	1988	diminuto
1	1989	diminutos
1	1990	direcçaõ
1	1991	direcço
1	1993	direita
1	1994	direitamente
1	1997	dirigem
1	1998	dirigindo
1	2000	dispensaria
1	2001	dissipa
1	2002	dissipando
1	2003	dissipar
1	2005	distaem
1	2010	distaõ
1	2011	distarem
1	2012	disto
1	2013	distribuindo
1	2019	ditoza
1	020	dittas
1	2022	diversamente
1	2023	diversaõ
1	2028	diviaõ
1	2029	dividas
1	2034	divizaõ
1	2038	dobrada
1	2040	doenças
1	2041	doentes
1	2043	doentias
1	2045	doentios
1	2047	domestica
1	2048	domina
1	2049	dominado

1	2050	dominaõ
1	2051	dominio
1	2052	donde
1	2053	dons
1	2058	duplicadas
1	2060	durando
1	2061	duraraõ
1	2062	duraveis
1	2063	duro
1	2065	duvidoso
1	2066	duvidozo
1	2067	duvidozos
1	2071	ecessivo
1	2072	edificados
1	2073	efeitos
1	2074	effectiva
1	2075	effectivamente
1	2076	effectivos
1	2079	efficaz
1	2080	efficazmente
1	2081	eficazes
1	2082	ela
1	2084	eles
1	2085	elevaçaõ
1	2086	elevadas
1	2089	elevaõ
1	2095	emanar
1	2096	embaraçada
1	2097	embaraçando
1	2099	embaraço
1	2101	embarcadas
1	2102	embarcaõ
1	2103	emboscadas
1	2104	embuste
1	2105	emolumentos
1	2107	empenhara
1	2108	empenho
1	2110	empilhado

1	2111	emportante
1	2112	emprega
1	2114	empregados
1	2115	empregando
1	2118	empregos
1	2119	emprehendem
1	2120	emprehender
1	2121	emprehendesse
1	2122	emprehendida
1	2123	encaminharaõ
1	2124	encarecendo
1	2128	enchuto
1	2131	encontrando
1	2133	encontrassem
1	2135	encostaõ
1	2137	enextiguivel
1	2138	enfermidades
1	2139	enfraquecendo
1	2140	enfraquecer
1	2141	enlaçada
1	2142	enlaçaõ
1	2143	enlaçou
1	2148	enter
1	2149	entestar
1	2153	entrado
1	2154	entrando
1	2156	entrarem
1	2157	entravaõ
1	2159	entrega
1	2160	entregar
1	2161	entregou
1	2163	entrem
1	2164	entrou
1	2165	enumeraçaõ
1	2167	equilibrando

1	2168	equilibrar
1	2169	equilibraria
1	2170	equilibre
1	2172	equivalentes
1	2173	equivocos
1	2177	es´paços
1	2178	escabroza
1	2179	escabrozo
1	2180	escarpa
1	2183	escavado
1	2184	escavando
1	2186	escolher
1	2187	escolhida
1	2188	escolhidos
1	2189	escrevendo
1	2190	escuentes
1	2191	escuza
1	2192	escuzalos
1	2198	espalhados
1	2199	espalhar
1	2200	especie
1	2201	espectador
1	2202	espectativa
1	2203	espediçaõ
1	2205	esperança
1	2206	esperançados
1	2208	esperava
1	2209	espingarda
1	2210	espinhozos
1	2211	espostas
1	2212	esquerda
1	2213	esquerdo
1	2217	estabeleçaõ
1	2218	estabeleceo
1	2220	estabelecerá
1	2221	estabeleceraõ
1	2223	estabelecida
1	2224	estabelecidas

1	2228	estacada
1	2234	estará
1	2235	estarem
1	2236	estariaõ
1	2238	estavaõ
1	2239	estavel
1	2241	esteja
1	2245	estenderem
1	2246	estensaõ
1	2248	estimado
1	2249	estimulo
1	2251	estiroens
1	2252	estopenta
1	2254	estradas
1	2258	estranhos
1	2259	estreita
1	2261	estrepito
1	2264	evacuada
1	2265	evacuar
1	2266	evacuaraõ
1	2267	evidente
1	2268	evidentemente
1	2269	evidentes
1	2270	evitaõ
1	2272	evitará
1	2273	evitaria
1	2274	evite
1	2275	excede
1	2276	excedente
1	2278	excellentes
1	2279	excellentissimo
1	2280	excelso
1	2282	excessivo
1	2283	excesso
1	2284	execuçaõ
1	2285	exemplar
1	2287	exige

1	2290	existentes
1	2293	existirem
1	2294	exito
1	2295	expectaçaõ
1	2296	expediço
1	2298	expediente
1	2299	expendidas
1	2302	experimentar
1	2303	expertissimos
1	2304	expondo
1	2306	exportaçaõ
1	2307	exportar
1	2308	exportarem
1	2314	expressamente
1	2315	expressiva
1	2316	expressivo
1	2317	expugnaveis
1	2318	expulsar
1	2321	extendem
1	2324	extensas
1	2325	extenso
1	2327	externa
1	2329	extinguindo
1	2330	extinguio
1	2332	extraçoens
1	2333	extraem
1	2335	extraordinarias
1	2336	extraordinario
1	2338	extremando
1	2342	extremos
1	2343	fabrica
1	2344	fabricaõ
1	2349	facelitará
1	2354	facilitada
1	2355	facilitando

1	2357	facilitará
1	2358	facilite
1	2360	faço
1	2361	faculdade
1	2362	faculdades
1	2364	falando
1	2365	falconetes
1	2366	fallar
1	2367	falo
1	2368	falsos
1	2371	faltandolhe
1	2372	faltar
1	2373	faltas
1	2374	faltasse
1	2375	falte
1	2376	falto
1	2380	faraõ
1	2383	farinha
1	2384	fartura
1	2385	fastidiozo
1	2386	fatal
1	2387	fatalidade
1	2390	faxa
1	2399	faziaõ
1	2400	febres
1	2403	fechar
1	2405	fêcho
1	2406	fechos
1	2407	fecunda
1	2409	feitas
1	2411	feitos
1	2414	feridos
1	2415	fermentaçaõ
1	2416	fermentado
1	2420	fertilizaõ
1	2422	fibra
1	2429	ficarem
1	2432	figuraõ
1	2433	filhas

1	2436	final
1	2438	finda
1	2440	findar
1	2441	fingem
1	2443	firmando
1	2444	firmaõ
1	2445	firmar
1	2446	firme
1	2447	fitas
1	2449	fizica
1	2450	fizico
1	2451	flagelando
1	2452	flagelava
1	2454	flanqueado
1	2455	flanqueando
1	2456	flor
1	2457	floreceo
1	2458	florescente
1	2462	folhas
1	2463	fome
1	2464	fonte
1	2467	fôr
1	2471	forçada
1	2472	forçados
1	2474	forçoza
1	2478	formado
1	2482	formavaõ
1	2483	fornecem
1	2485	fortaleza
1	2487	fortefique
1	2490	fortificaço
1	2491	fortificada
1	2493	fortificarem
1	2494	fortuna
1	2497	fosso
1	2500	fraca
1	2501	fraco
1	2502	fracos
1	2504	franqueaõ

1	2505	frasco
1	2507	frequentada
1	2508	frescas
1	2509	frontearem
1	2514	fronterira
1	2515	frustrar
1	2516	frustraraõ
1	2517	frustrou
1	2518	fuga
1	2519	fugas
1	2520	fugindo
1	2521	fugiraõ
1	2522	fui
1	2523	fumo
1	2526	fundado
1	2527	fundados
1	2532	fundassem
1	2538	furtivamente
1	2539	futura
1	2540	gado
1	2541	gados
1	2543	ganhavaõ
1	2544	gastando
1	2546	gasto
1	2551	giraõ
1	2552	golpe
1	2553	golpes
1	2554	gostozamente
1	2555	governando
1	2556	gozaraõ
1	2557	gozasse
1	2558	gozava
1	2559	gozem
1	2560	graça
1	2562	gradualmente
1	2568	gratuita
1	2570	grossa

1	2574	guardando
1	2575	guardaõ
1	2577	guardarem
1	2578	guardas
1	2579	guardem
1	2580	guarneçaõ
1	2581	guarnece
1	2583	guarnecerem
1	2584	guarnecida
1	2590	h
1	2593	habeis
1	2594	habilmente
1	2597	habitados
1	2600	hade
1	2601	haja
1	2602	haõ
1	2605	havido
1	2607	hido
1	2612	honrada
1	2613	horas
1	2614	horror
1	2615	horros
1	2617	hostis
1	2623	humida
1	2624	humidade
1	2626	ida
1	2628	ignorados
1	2631	igualaõ
1	2634	illudindo
1	2635	imagens
1	2636	imcompativel
1	2637	imediata
1	2638	immedianta
1	2639	immensa
1	2640	immunidade
1	2641	imparciaes
1	2642	imparcial
1	2643	implicatoria
1	2644	importancia

1	2645	importande
1	2648	importantissimo
1	2649	impossibilita
1	2650	impossibilitarem
1	2651	impraticaveis
1	2652	impraticavel
1	2653	imprevista
1	2654	improprio
1	2655	imprudencia
1	2656	inacçaõ
1	2658	inalicia
1	2659	incalculaveis
1	2660	incapaz
1	2662	incidente
1	2663	incidentes
1	2664	inclinaçaõ
1	2666	incluir
1	2667	incommodos
1	2669	incompativeis
1	2670	incompativel
1	2672	inconveniente
1	2673	incultas
1	2674	inculto
1	2678	indefectivel
1	2681	indefezo
1	2682	independencia
1	2683	indeterminado
1	2684	indeterminavel
1	2686	indicados
1	2687	indiferentemente

1	2688	indique
1	2689	indirectas
1	2693	indispenssaveis
1	2694	individualmente
1	2696	indolente
1	2697	indomadas
1	2698	industria
1	2699	inefficazes
1	2700	ineficaz
1	2701	ineficazes
1	2702	inerme
1	2703	inesperada
1	2704	inevitaveis
1	2705	infelizmente
1	2708	inferiormente
1	2709	inficionados
1	2710	influencia
1	2711	influencias
1	2712	influindo
1	2714	informação
1	2716	infudir
1	2717	ingratos
1	2720	inherente
1	2722	inimigas
1	2725	innundaçaõ
1	2726	innundados
1	2727	innundaõ
1	2728	inpassavel
1	2729	insaciavel
1	2730	insectos
1	2731	inservivel
1	2733	insignificantes
1	2734	insondaveis
1	2735	inspira
1	2736	inspirada
1	2737	inspiraõ

1	2738	instantemente
1	2739	insulto
1	2740	insultos
1	2741	inteirar
1	2742	inteiro
1	2743	inteligencia
1	2744	intempestivamente
1	2745	intençoens
1	2747	intentavaõ
1	2750	interceptar
1	2755	interior
1	2756	interiores
1	2757	intermedia
1	2758	intermedio
1	2760	internas
1	2761	internos
1	2764	intervallo
1	2767	intrigas
1	2768	intrincadas
1	2769	inunda
1	2771	inundações
1	2773	inundado
1	2774	inutilmente
1	2775	invadi
1	2778	invasaõ
1	2779	invazaõ
1	2780	invazo
1	2781	inversa
1	2782	investidas
1	2784	investir
1	2786	inveterados
1	2787	invictos
1	2788	involver
1	2789	involverá
1	2790	ir
1	2794	isulado
1	2795	isulados

1	2797	jornaes
1	2798	julgando
1	2802	juntas
1	2804	justiça
1	2807	laçarem
1	2815	lançaraõ
1	2816	lançou
1	2818	largando
1	2822	larguissimo
1	2827	lavada
1	2830	leito
1	2831	lembrança
1	2832	lemites
1	2833	levando
1	2834	levaõ
1	2835	levará
1	2836	levaraõ
1	2837	levaria
1	2838	levariaõ
1	2839	levavaõ
1	2840	lha
1	2841	lhas
1	2844	lhos
1	2845	liberdade
1	2846	libras
1	2848	ligaçoens
1	2849	ligados
1	2850	ligitima
1	2851	limita
1	2852	limitada
1	2853	limitados
1	2854	limitando
1	2855	limitaõ
1	2856	limite
1	2859	lingoa
1	2861	litteral
1	2863	livres
1	2864	local
1	2865	localidade

1	2867	logrado
1	2868	lograõ
1	2869	logrem
1	2871	longas
1	2873	lucrativo
1	2877	magoa
1	2880	maiormente
1	2882	maisvigoroza
1	2884	mamoré
1	2885	manchando
1	2890	mandaraõ
1	2891	mandava
1	2893	maneira
1	2894	mangas
1	2895	manifesta
1	2897	manifestos
1	2899	manobras
1	2900	manobre
1	2901	manter
1	2902	mantido
1	2906	maos
1	2907	maõs
1	2908	mar
1	2911	marciaes
1	2912	marcial
1	2913	marcos
1	2917	mataraõ
1	2922	mecanicos
1	2923	medeaõ
1	2924	medeo
1	2926	médio
1	2927	medo
1	2931	melhor
1	2932	melhora
1	2933	melhorado
1	2934	melhorando
1	2935	melhoraõ
1	2936	melhorar
1	2937	melhore

1	2938	melhores
1	2939	mem
1	2940	mencionados
1	2944	mente
1	2945	mereceo
1	2947	meridiano
1	2950	mesmasorte
1	2954	meus
1	2955	mez
1	2958	milarrobas
1	2959	milha
1	2960	milhas
1	2962	mimoza
1	2964	minha
1	2967	misteres
1	2969	moderna
1	2971	modicos
1	2972	modos
1	2974	moios
1	2975	moldar
1	2976	molestia
1	2979	montado
1	2980	monte
1	2981	montes
1	2984	moradas
1	2986	morro
1	2988	mortal
1	2989	mortandades
1	2993	mostrado
1	2994	mostraõ
1	2995	mostraraõ
1	2996	motivando
1	2999	movedissa
1	3005	mudará
1	3011	mulher
1	3014	muniçaõ
1	3017	muniço
1	3018	muniçoens
1	3019	murado

1	3021	muro
1	3022	mutualmente
1	3024	mutuas
1	3025	mutuos
1	3027	naçoens
1	3035	nasce
1	3037	nascente
1	3038	nasciaõ
1	3040	nassú
1	3045	navagadas
1	3048	navegadas
1	3050	navegados
1	3051	navegamos
1	3055	navegarem
1	3062	necessarios
1	3066	negativas
1	3067	negocio
1	3073	nenhuma
1	3074	nervo
1	3075	nervosa
1	3076	nesse
1	3082	neve
1	3083	nevegaçaõ
1	3084	nevegaõ
1	3085	nimiamente
1	3086	nimio
1	3088	nocturnos
1	3089	noite
1	3096	notaõ
1	3097	notaveis
1	3099	noticia
1	3101	nova
1	3108	numaro
1	3110	numerosas
1	3113	numerozo
1	3118	objecttos
1	3119	obra
1	3120	obrigado
1	3122	obrigandoos

1	3123	obrigará
1	3124	observaçoens
1	3125	obstaculo
1	3126	obstaculos
1	3127	obstaõ
1	3129	obstarem
1	3130	obvio
1	3131	occasina
1	3133	occazionou
1	3134	occulta
1	3135	occultos
1	3137	occupar
1	3139	oculta
1	3141	ofensiva
1	3142	offencivamente
1	3143	offenda
1	3144	offender
1	3145	offendido
1	3148	offensores
1	3149	offereça
1	3152	offerecer
1	3153	official
1	3154	officinas
1	3155	officios
1	3156	oiro
1	3157	oitava
1	3158	oitavas
1	3159	oitenta
1	3161	olha
1	3162	olhem
1	3165	operando
1	3166	operarem
1	3167	opozitivo
1	3170	oppostas
1	3171	opposto
1	3173	oppressores
1	3174	opulentas
1	3175	opulento

1	3176	ora
1	3177	ordem
1	3179	ordenado
1	3181	ordinaria
1	3183	ordinarias
1	3184	ordinarios
1	3185	oriental
1	3186	origem
1	3189	ot
1	3196	padecem
1	3197	paga
1	3199	pagaõ
1	3202	pague
1	3203	paiz
1	3204	palmito
1	3205	palmo
1	3207	paludozos
1	3210	pano
1	3216	paradas
1	3217	paraguai
1	3219	parallelas
1	3221	parallelos
1	3223	pareça
1	3225	pareceo
1	3227	parocismo
1	3230	participar
1	3232	partido
1	3235	passado
1	3242	passem
1	3243	passivas
1	3246	pataca
1	3247	patentea
1	3249	paternaes
1	3253	pé
1	3254	peça
1	3257	pedem
1	3258	pedir
1	3259	pedirem
1	3260	pedra

1	3262	pedro
1	3263	pega
1	3264	pegar
1	3266	pelado
1	3271	pencionados
1	3274	penetraõ
1	3276	penetraraõ
1	3277	penurias
1	3282	percizo
1	3286	perdendo
1	3288	perderem
1	3289	perdidas
1	3291	perfeitamente
1	3292	perigo
1	3293	perigos
1	3294	perigosas
1	3295	perigoza
1	3296	perigozo
1	3297	periodo
1	3298	perlonga
1	3299	permite
1	3300	permittem
1	3301	permutaçaõ
1	3302	perpendicularmente
1	3303	perspectiva
1	3304	persuaço
1	3305	persuadem
1	3306	persuadido
1	3307	persuado
1	3308	pertenço
1	3310	pertenderem
1	3311	pertensente
1	3314	pezados
1	3317	pilado
1	3318	pingue
1	3319	pipa
1	3321	placidamente
1	3322	plamos

1	3325	planos
1	3326	plena
1	3330	póde
1	3337	podia
1	3341	policia
1	3343	ponderado
1	3344	pondo
1	3346	pontas
1	3351	populoza
1	3352	populozas
1	3353	populozo
1	3357	poraõ
1	3360	poria
1	3361	porque
1	3363	porte
1	3367	positivo
1	3371	possessaõ
1	3373	possessoens
1	3374	possibilidades
1	3375	possiveis
1	3377	possue
1	3378	postados
1	3380	postaraõ
1	3382	postos
1	3386	poucoas
1	3388	poupa
1	3389	poupaõ
1	3390	poupar
1	3391	pouparem
1	3392	pouzo
1	3394	povoa
1	3396	povoadas
1	3398	povoadores
1	3401	povoar
1	3402	povoaraõ
1	3403	povoaraõse
1	3406	poz
1	3408	pozitiva
1	3410	practicada

1	3411	practicar
1	3412	practicaveis
1	3420	prazer
1	3423	precipitadas
1	3424	precipitaõ
1	3426	precizaõ
1	3427	precizas
1	3428	precizassem
1	3429	precizissimo
1	3435	preferivel
1	3436	preferivelmente
1	3437	preguiça
1	3438	premedita
1	3439	premeditem
1	3440	premio
1	3442	prevençoens
1	3443	prevenidos
1	3444	prevenir
1	3445	prevenirem
1	3447	previnir
1	3457	principiando
1	3458	principiaraõ
1	3459	principio
1	3461	privando
1	3463	privativo
1	3466	producço
1	3467	producções
1	3468	producto
1	3470	produtivas
1	3471	progressaõ
1	3472	progressivas
1	3473	projectadas
1	3474	projectem
1	3477	prolongando
1	3478	prometiaõ
1	3481	promptidaõ
1	3482	prompto
1	3486	proporcionadamente
1	3487	proporcionado
1	3488	proporcionalmente
1	3489	proporcionamente
1	3495	prosperar
1	3496	prosperava
1	3499	prostituidas
1	3500	protestos
1	3501	providencia
1	3502	providencias
1	3503	providentemente
1	3506	proximamente
1	3508	proximidade
1	3511	prudencia
1	3512	prudentemente
1	3517	pungente
1	3519	pussilanimes
1	3520	putrefacçaõ
1	3521	quadradas
1	3526	qualidade
1	3527	qualidades
1	3534	quantto
1	3536	quarta
1	3537	quartamento
1	3538	quartou
1	3540	quatorze
1	3544	quebra
1	3545	quebras
1	3546	quedas
1	3547	queiraõ
1	3551	querer
1	3552	quererem
1	3553	queriaõ

1	3554	quilates
1	3555	quinhentas
1	3557	quinhetas
1	3559	quintos
1	3561	quis
1	3562	quizeraõ
1	3564	raio
1	3566	rancor
1	3567	rapacidade
1	3568	rapadura
1	3569	rapida
1	3570	rapido
1	3572	raros
1	3575	razoens
1	3577	realiza
1	3578	realmente
1	3579	rebaixa
1	3580	rebates
1	3581	recear
1	3586	recebera
1	3587	receberaõ
1	3588	receberem
1	3589	recebido
1	3590	receie
1	3591	receio
1	3592	receita
1	3593	receozos
1	3595	recintos
1	3596	recolher
1	3597	recomendadamente
1	3598	reconciliaçaõ
1	3599	reconhecer
1	3600	reconhecerem
1	3601	reconhecidos
1	3602	reconhecimento
1	3605	recuarmos
1	3606	recurso

1	3608	redditos
1	3609	reditos
1	3611	reduzidas
1	3613	reedificada
1	3614	reencher
1	3616	referido
1	3617	reflexoens
1	3618	reforçada
1	3619	reforçar
1	3620	reforcos
1	3621	regaço
1	3622	regaõ
1	3623	regra
1	3624	regras
1	3625	regular
1	3628	relativo
1	3629	relativos
1	3630	remete
1	3631	remetem
1	3633	remontando
1	3634	remontaõ
1	3638	rendaõ
1	3640	renuncia
1	3641	reparaçaõ
1	3642	repelir
1	3643	repentina
1	3644	repentinos
1	3645	repetidas
1	3646	repetidissimos
1	3647	repetidos
1	3649	representaçoens
1	3650	reputo
1	3651	requer
1	3652	resiste
1	3653	resistencia
1	3656	respectivo
1	3658	respeita

1	3659	respeitada
1	3660	respeitando
1	3664	responsavel
1	3666	resulta
1	3667	resultaria
1	3668	retaguarda
1	3669	retalha
1	3670	retalhadas
1	3674	retirata
1	3675	retorno
1	3676	reunir
1	3677	rezerva
1	3679	rezidisse
1	3680	rezistir
1	3688	riqueza
1	3692	rocha
1	3693	roda
1	3694	roubos
1	3695	roupa
1	3696	ruidosos
1	3699	rumos
1	3703	saber
1	3705	sabias
1	3707	sadias
1	3708	sahidas
1	3711	sahirem
1	3713	salda
1	3714	saltando
1	3715	saltar
1	3716	salvando
1	3718	sangradouros
1	3721	saudozos
1	3724	secas
1	3725	sêcas
1	3727	seculos
1	3734	seguranças
1	3737	seguros
1	3738	sei
1	3739	seios

1	3741	seixozas
1	3743	sejamos
1	3748	semelhantemente
1	3752	senhorea
1	3753	senhoriando
1	3755	sensivel
1	3756	sensível
1	3757	sentido
1	3760	sentro
1	3762	separado
1	3763	separados
1	3764	sepulta
1	3765	sepultura
1	3774	servem
1	3775	serventuarios
1	3776	serviço
1	3777	servido
1	3778	servidores
1	3779	servindo
1	3780	servir
1	3781	sessenta
1	3786	sezo
1	3788	sido
1	3791	simicirculo
1	3792	similhantemente
1	3794	simuladamente
1	3795	simulados
1	3798	sinistras
1	3799	sinistro
1	3800	sinistros
1	3801	sirvaõ
1	3803	sitiada
1	3804	sitiar
1	3805	sitiarem
1	3807	situaçoens

1	3812	sobe
1	3814	sobra
1	3816	soccorrer
1	3817	soccorria
1	3818	soccorro
1	3820	sociedade
1	3821	socorraõ
1	3822	socorrer
1	3826	sofrendo
1	3827	sofrerem
1	3828	sogeito
1	3829	soldados
1	3831	solemnes
1	3832	solicita
1	3833	solicitaçoens
1	3834	solicitalos
1	3835	solicitaõ
1	3838	solidas
1	3841	solo
1	3842	sôlo
1	3844	somas
1	3845	sombra
1	3846	some
1	3851	subalternas
1	3852	subalternos
1	3853	subditos
1	3855	subidos
1	3857	subiria
1	3858	subitituir
1	3859	sublevados
1	3861	subsidio
1	3862	subsista
1	3863	subsistencia
1	3864	subsistir
1	3866	substituido
1	3867	substituindo
1	3868	substituir
1	3871	succedido
1	3872	successaõ

1	3873	successivamente
1	3874	successivos
1	3876	successos
1	3877	sucesso
1	3879	sufficientes
1	3880	suficientemente
1	3881	suficientes
1	3882	sugeita
1	3883	sul
1	3884	summa
1	3889	superiormente
1	3890	supoem
1	3893	suppoem
1	3894	suppor
1	3896	supposta
1	3898	suppostos
1	3901	suppunhaõ
1	3902	supre
1	3903	suprem
1	3904	suprindo
1	3906	suprisse
1	3907	surpreender
1	3908	surprender
1	3909	surprezas
1	3911	suspendeo
1	3914	suto
1	3915	taes
1	3917	talentos
1	3923	taó
1	3926	tarifas
1	3927	taxada
1	3929	tecem
1	3931	teme
1	3932	temem
1	3934	temer
1	3939	tendentes

1	3941	tenha
1	3944	tentado
1	3948	terceiro
1	3951	teria
1	3952	teriamos
1	3954	terminando
1	3955	terminante
1	3956	terminaõ
1	3957	terminar
1	3958	termo
1	3964	teve
1	3966	timidos
1	3969	tiraõ
1	3970	tirar
1	3971	tirarmos
1	3972	tirem
1	3974	tivesse
1	3980	toma
1	3982	tomando
1	3985	tomarem
1	3986	tome
1	3988	tornando
1	3989	tornaõ
1	3990	tornaraõ
1	3991	torraõ
1	3992	torrente
1	3994	tortuozo
1	3998	toucinho
1	3999	trabalhaõ
1	4000	trabalhar
1	4002	trabalhos
1	4004	trabalhozas
1	4005	traficantes
1	4006	traiçaõ
1	4007	traiço
1	4008	trajetos
1	4009	transferida
1	4010	transplantar
1	4011	transporta

1	4013	tranzitaveis
1	4014	tranzito
1	4015	tranzitos
1	4016	trasbordamento
1	4017	traspassa
1	4018	travessia
1	4019	traz
1	4021	tresentas
1	4024	trezentas
1	4026	trilhada
1	4028	trilhaõ
1	4029	trilharaõ
1	4031	triumphos
1	4032	trivial
1	4035	trouxe
1	4040	um
1	4043	única
1	4047	unida
1	4049	unido
1	4053	uniraõ
1	4054	uniria
1	4055	unstancias
1	4057	urgentes
1	4059	urgentissimamente
1	4060	urgentissimos
1	4061	usar
1	4062	uso
1	4067	utilissimas
1	4068	utilissimo
1	4069	utilizar
1	4071	uzaõ
1	4072	vacilar
1	4073	vacum
1	4074	vagarozamente
1	4076	vale

1	4077	valendo
1	4078	valente
1	4079	valido
1	4081	valores
1	4082	valoroza
1	4083	valorozas
1	4089	váos
1	4090	vapores
1	4091	vara
1	4092	varar
1	4093	variamente
1	4097	vastas
1	4098	vastissima
1	4099	vastissimo
1	4103	vazante
1	4104	vecerem
1	4105	vedadas
1	4106	vedados
1	4107	vedalos
1	4108	vegia
1	4109	vela
1	4110	velha
1	4111	vella
1	4112	vélla
1	4114	vença
1	4115	vence
1	4116	vencem
1	4117	vencendo
1	4119	vencido
1	4120	vencidos
1	4121	vende
1	4123	vender
1	4124	venderem
1	4125	vendidos
1	4127	venhaõ
1	4130	ventos
1	4131	ventura
1	4132	verdade
1	4135	veredas

1	4137	vergonhoza
1	4138	verperas
1	4139	verte
1	4140	vertem
1	4144	vezinhança
1	4148	vias
1	4149	viçozas
1	4151	vidas
1	4152	vigia
1	4156	vigorozamente
1	4157	vigorozas
1	4158	vil
1	4159	vindo
1	4161	vinho
1	4164	violando
1	4165	violento
1	4168	virem
1	4169	virtudes
1	4173	viveiro
1	4175	vivendo
1	4177	vivifica
1	4182	vizitados
1	4183	vizitaraõ
1	4184	vizitou
1	4185	vizivel
1	4186	vizos
1	4188	voltaõ
1	4192	volumes
1	4193	volumozo
1	4194	vou
1	4195	zelo
1	4197	”
1	4199	Á
5	4201	(
5	4202	)
2999	4203	,
87	4204	-
623	4205	.

103	4206	:
305	4207	;
52	4208	?
1	4209	\